

ONDE MORA A

Felicidade

Drikka Silva





ONDE MORA A

Felicidade

Drikka Silva



Contents

[Capitulo 01](#)

[Capitulo 02](#)

[Capitulo 03](#)

[Capitulo 04](#)

[Capitulo 05](#)

[Capitulo 06](#)

[Capitulo 07](#)

[Capitulo 08](#)

[Capitulo 09](#)

[Capitulo 10](#)

[Capitulo 11](#)

[Capitulo 12](#)

[Capitulo 13](#)

[Capitulo 14](#)

[Capitulo 15](#)

[Capitulo 16](#)

[Capitulo 17](#)

[Capitulo 18](#)

[Capitulo 19](#)

[Capitulo 20](#)

[Capitulo 21](#)

[Capitulo 22](#)

[Capitulo 23](#)

[Capitulo 24](#)

[Capitulo 25](#)

[Capitulo 26](#)

[Capitulo 27](#)

[Capitulo 28](#)

[Capitulo 29](#)

[Capitulo 30](#)

[Capitulo 31](#)

[Capitulo 32](#)

[Capitulo 33](#)

[Capitulo 34](#)

[Capitulo 35](#)

[Capitulo 36](#)

[Capitulo 37](#)

Capítulo 01

Marcela despertou com o celular tocando ao seu lado. Levou a mão ao rosto em uma vã tentativa de bloquear a claridade que invadia o quarto. Se mexeu devagar esbarrando no corpo quente ao seu lado. Se virou para enxergar a ruiva que dormia profundamente. Levantou devagar para não acordá-la e foi para o banheiro. Parou na frente do imenso espelho analisando sua aparência: os cabelos curtos estavam bagunçados e os olhos cinzas exibiam profundas olheiras, resultado de uma noite de balada seguida por um sexo quente com a mulher no quarto. Tomou um banho demorado antes de voltar ao aposento. A ruiva tinha se mexido, porém continuava em um sono profundo. Recolheu as roupas e se vestiu, olhando a bela mulher. Quando terminou de se arrumar, se aproximou da cama para despertá-la.

— Baby – chamou tocando seu rosto. – Eu já estou indo.

— Oi... Já? – perguntou sonolenta. – Que horas é agora?

— Quase nove da manhã.

— Tá cedo. Por que está indo agora?

— Eu tenho uma reunião com Kathy, se lembra?

— Vocês conversam na segunda. Hoje é sábado.

— Não posso. Me liga mais tarde. Ah... não. Droga! Hoje vai chegar a mulher que vai trabalhar lá em casa. Podemos sair à noite.

— Pode ser. Eu te ligo. Até mais delícia!

— Até Baby.

Marcela pegou o celular e a chave do carro. Deu um beijo na ruiva e saiu do apartamento. Desceu de elevador até a garagem e pegou o carro guiando-o para a saída. Antes de entrar na avenida, parou, colocou os óculos escuros e ligou o rádio. Guiou o automóvel, batucando o volante acompanhando a música eletrônica que invadia o interior do veículo; com o humor renovado, pegou o caminho do escritório.

— Bom dia Patrícia – cumprimentou a secretária. – Kathy te colocou para trabalhar hoje também?

— Ainda bem que essas reuniões urgentes só acontecem uma vez por mês – riu a mulher na casa dos quarenta anos. – Kathy está na sala de

reuniões com o Fábio.

— Obrigada – agradeceu indo para a sua sala pegar os projetos. – Faz tempo que eles chegaram? – tornou a perguntar para Patrícia.

— Não muito. Uns quinze minutos. Eu já levo um café para você.

— Obrigada! – agradeceu com um beijo nos seus cabelos. – Só você que cuida de mim aqui.

Marcela caminhou para a sala de reuniões e antes que entrasse, seu celular tocou indicando uma ligação de Kathy.

— Oi minha loira!

— Vai demorar para chegar? Fábio e eu podemos começar sem você? Depois eu te passo o que conversamos.

— Vou chegar em um segundo – respondeu Marcela com a mão na maçaneta. – Cheguei! Bom dia, desculpem o atraso.

— Bom dia, que bom que já trouxe os projetos – falou Fábio olhando para as suas mãos. – Preciso mandar isso para Tracy esse final de semana.

— Não vamos entregar no final de semana – falou Kathy – por isso que marquei a reunião. Charlotte quer incluir uma nova área no prédio. Eu falei com a minha mãe e elas querem um espaço de convivência na parte detrás.

— A ideia era colocar no último andar – lembrou Marcela ao mesmo tempo que abria os projetos. – Aqui nesse espaço. Um jardim, o deck, a área de jogos e o espaço de confraternizações.

— Você sabe como é Charlotte. Qualidade de vida é fundamental para os funcionários.

— Eu vou ter que refazer todo o térreo – suspirou Marcela ao passar as mãos no cabelo. – Lá se foi minha foda da noite.

— Você encontra Lilian depois.

— Não estou mais saindo com Lilian. Conheci uma garota na quinta. Tatiane.

— Depois quero saber dessa nova iludida – riu Kathy. – Depois da alteração da planta, você passa para Fábio finalizar tudo.

— Tranquilo. Vou ficar esperando o projeto final e torcendo para que Charlotte aprove. Esta na hora de partirmos para a ação.

— Eu vou fazer as alterações hoje. Começo agora a tarde e, acredito, que consiga terminar no fim de semana. Charlotte passou exatamente o que quer?

— Sim, mas eu vou jantar com elas essa noite. Vamos? Você pode

conversar com ela pessoalmente.

— E seus irmãozinhos gêmeos? – perguntou Marcela exibindo uma careta. – Não mesmo. Você me liga e fala o que elas querem.

— Ela já me falou e disse que é a última mudança – falou Kathy se levantando para esticar o projeto na mesa. – Aqui ela quer um lago com uma cascata. Fundo o suficiente que dê para criar peixes. Nesse canto...

Marcela passou a hora seguinte reunida com os sócios analisando o projeto de construção de um prédio de dez andares para as mães de Kathy. Anotou tudo o que tinha que ser mudado e o assunto se concentrou em uma construção no interior. Iria adiantar o prédio comercial no final de semana para viajar tranquila na segunda. Quando terminaram de ver as pautas, o relógio já marcava uma hora da tarde.

— Vamos almoçar? – chamou Kathy depois de dispensar Patrícia.

— Eu vou pra casa. Vou almoçar com a mulher e, talvez, descer para o litoral, já que eu não tenho que trabalhar no final de semana – se esquivou Fábio.

— Eu tenho – suspirou Marcela. – Eu vou contigo. Você paga a conta.

Kathy deu um soquinho no ombro da amiga antes de sair para o elevador e depois o carro no estacionamento. Depois do restaurante, deixaria Marcela de volta no prédio para que ela pudesse pegar o próprio veículo.

— E a Nanda? – perguntou Marcela puxando assunto.

— Ela chega de Nova York amanhã à noite. Não vejo a hora.

— Duas semanas passaram tão rápido.

— Pra mim, parece dois anos. Estou contando os minutos. E o que aconteceu com Lilian?

— Ficou pegajosa demais – suspirou olhando pela janela. – Não suporto mimimi.

— Não sei quando você vai criar juízo. Lilian é tão bacana! Estudiosa, dedicada. Parecia ser carinhosa.

— Quando sua mãe ficar solteira novamente eu crio juízo.

— Vai aguentar Max e Jason?

— Não mesmo. Charlotte fica com eles.

— Você é uma figura. Sabia que já tem vinte e nove anos? Está na hora de se dar uma chance de ter algo concreto com alguém.

— Ah, falou a voz da experiência! Fala sério Kathy!

— O que você vai fazer hoje à tarde?

— Vou mexer no projeto. Quero terminar isso o quanto antes.

— Você tem que buscar a menina que vai trabalhar na sua casa, não tem? Pelo que tinha me dito, ela chega às quatro da tarde.

— E tem mais essa. Não é uma menina. É uma senhora. Eu não sei o que minha mãe pretende com isso.

— Te vigiar. Acho que ela não entendeu que você não tem mais jeito.

— É só me deixar quieta. Simples, não é?

— Mãe é mãe.

— É. Só a sua que é uma senhora mãe.

— Vai se foder, Marcela!

Perto das dezesseis horas, Kathy guiou para o aeroporto encontrar a nova empregada de Marcela. O voo, marcado para aterrissar as dezesseis estava com atraso. Teriam que aguardar por alguns minutos.

— Você já a viu? – Kathy perguntou para Marcela ao seu lado.

— Não. Não faço ideia de como ela seja, mas vai ser fácil de identificar: uma senhora de cinquenta anos, cara de solteirona e o cabelo preso em um coque horroroso!

— Acho melhor marcar o nome dela em um papel – concluiu Kathy. Olhou ao redor até avistar uma loja. – Isso você sabe, não sabe?

— Sei. Angélica Soares.

Após ouvir o nome, Kathy seguiu para a loja e retornou minutos depois com uma folha de sulfite nas mãos.

— Pronto. Agora ela vai te identificar. É só segurar isso.

— Eu não segurar essa folha, Kathy. Ela já deve ter visto minha foto. Minha mãe já deve ter mostrado, afinal é ela quem está armando tudo isso. Por mim continuava com minha diarista uma vez por semana e está ótimo. Sabe o quanto minha privacidade será violada com uma senhora lá vinte e quatro horas por dia?!

— Custa segurar? Deixa pra lá. Eu seguro. Ela está vindo de Goiânia, é isso?

— É.

— Por que de tão longe?

— Minha tia quem arrumou. Ela mora numa cidadezinha perto de Rio Verde. Parece que o marido batia nela e a trocou por outra mulher mais jovem. Não quis ouvir a história. Não me interessa o problema dos outros.

— Ela não vai te causar problemas?

— Espero que não. Já estão saindo.

Marcela ficou olhando as pessoas saírem do portão de desembarque em grande quantidade. O fluxo de passageiros diminuiu sem que a tal mulher aparecesse. Seria um problema perder a velha no primeiro dia.

— Será que ela já saiu? – perguntou para Kathy.

— Acho que não. Se ela já tiver saído, fudeu tudo.

— Vamos esperar mais um pouco – falou voltando os olhos para o portão. Uma garota saía olhando para os lados e carregava uma mala pequena na mão. Onde será que a mulher tinha ido parar?

Angélica saiu pelo portão que um funcionário do aeroporto havia indicado. Ficou olhando ao redor, admirada com o tamanho do lugar. Nunca antes tinha saído do centro-oeste e tudo era uma grande novidade. Desviou os olhos da construção para as poucas pessoas que estavam ali. Laura tinha dito que a sobrinha Marcela ia busca-la. De imediato, enxergou seu nome em uma plaquinha. A mulher que a segurava tinha cabelos curtos e loiros, um olho azul de uma tonalidade impressionante. A outra, a seu lado, também tinha cabelos curtos e bagunçados de um jeito bem moderno. Esta tinha o braço esquerdo coberto de tatuagens e o direito tatuado até o cotovelo. Ela também possuía olhos claros, mas em um tom cinzento que nunca tinha visto antes.

— Boa tarde – cumprimentou tímida. – Você deve ser a dona Marcela.

— Boa tarde – respondeu Kathy. – Meu nome é Katherine. Essa é a Marcela.

— Boa tarde, dona Marcela.

— Se me chamar de dona de novo, te coloco no próximo voo para Goiás – respondeu Marcela com um sorriso – é só Marcela.

— Desculpe – pediu Angélica corando. – É o costume.

— Melhor mudar o costume – falou trocando um olhar com Kathy. – Eu pensei que fosse mais velha. Que idade você tem?

— Vinte e quatro anos. Isso é um problema? – perguntou Angélica preocupada. – Eu tenho carta de referência dos meus empregos anteriores...

— Não, não – se apressou em cortar. – Não se preocupe com isso. É que aparenta menos e... Deixa pra lá. Vamos?

Angélica anuiu em concordância e seguiu as duas mulheres, em direção à saída, em silêncio. Andaram por alguns minutos pelo imenso estacionamento até um carro preto. A loira foi para o banco do motorista e Marcela se acomodou ao seu lado, no carona. Angélica se sentou no banco atrás e colocou a bolsa com os seus pertences de lado. Olhou pela janela,

admirada com as paisagens que via. Só tinha visto São Paulo pela televisão e agora que testemunhava a grandeza daquela cidade estava encantada. Pela primeira vez, em meses, esquecia a dor que sentia por causa da traição de Andréia.

Marcela olhou para Angélica discretamente pelo espelho retrovisor lateral. Estava claro que ela nunca havia estado em São Paulo antes. Cutucou Kathy e fez um sinal discreto para que ela olhasse para a morena. A loira deu uma rápida olhada e abriu um sorriso para a amiga. Seja lá o que a mãe de Marcela quisesse com aquilo, certamente o tiro seria no pé, concluiu.

— Você consegue terminar o projeto da minha mãe esse final de semana? – perguntou Kathy para quebrar o silêncio instaurado no interior do veículo. – Eu posso pedir um prazo maior pra ela, se for o caso.

— Consigo. Só tenho que refazer a planta do térreo – falou Marcela ao desviar os olhos do espelho retrovisor. – Quero ir viajar despreocupada. Segunda eu tenho que ir para Piracicaba.

— Na quarta, iremos visitar a obra de Santana. O mestre de obras está com algumas dúvidas sobre a planta que fez.

— Eu já estou ficando de saco cheio do Arlindo! Tudo o que assino, ele fica em dúvida! Volto na terça à noite e na quarta vamos.

— Ok. Segunda, Fábio e eu vamos nos reunir com Cássia do City. Torça para que tudo dê certo.

— Já estou com pensamento positivo. Vai nos propiciar um bom fundo de caixa. Já tive muitas ideias para aquele terreno. Dependendo das condições do solo, conseguimos...

Angélica manteve sua atenção nas ruas, enquanto as duas mulheres à frente conversavam sobre trabalho. Imaginou, por alguns minutos, que elas fossem um casal, mas só a loira usava uma aliança dourada na mão esquerda. Não tinha dúvidas de que as duas se relacionavam com mulheres, mas aquilo também não era do seu interesse. Tinha trancado seu coração e jogado a chave fora.

O carro parou, depois de meia hora, na frente de um prédio em uma movimentada avenida. Olhou ao redor para conhecer o local e pegou a bolsa para sair em seguida.

— Meu carro é aquele Corolla prata – falou Marcela apontando o veículo estacionado há alguns metros. Destravou o alarme enquanto concluía. – Me espera nele. Eu só vou pegar um projeto no escritório e já iremos para casa.

— Tá bom – concordou a morena. – Tchau Kathy.

— Nos vemos em breve, Angélica – se despediu a loira ao dar um beijo no seu rosto. – Foi um prazer te conhecer!

— O prazer foi meu – respondeu com um sorriso, se afastando em seguida.

Marcela esperou a morena entrar no carro e só depois se virou para Kathy. Seguiram para a portaria e, depois, o elevador.

— Uau! – exclamou Kathy quebrando o silêncio instaurado. – Tem certeza que sua mãe mandou essa mulher pra você?

— Isso vai me trazer problemas – concordou Marcela sorrindo. – Como vou explicar para alguma garota que ela é só minha empregada?

— Complicado. Ela é muito gata!

— Não exagera Kathy. Ela é bonitinha.

— Se ela é bonitinha, eu não sei mesmo o que é uma mulher gata!

— Ela não faz meu estilo.

— Não mesmo. Você só curte garotas fúteis e ela não me parece do tipo.

— É sério?

— É. Se controla, ok? – pediu saindo do elevador. – Ela não me parece do tipo que curte uma brincadeira e aparentemente precisa desse trabalho.

— Relaxa. Não vou zuar com ela.

— É bom mesmo. Ela é alta! Deve ter um metro e setenta e cinco de altura, ou mais.

— Se empolgou com a minha empregada, é isso mesmo? – inquireu Marcela indo para a sala onde tinha deixado os projetos. – Eu vou contar pra Nanda.

— Se eu não fosse muito bem casada, investiria, sem dúvida. Será que ela gosta de mulher?

— Não. Lembra do que eu lhe disse? O marido trocou ela por outra.

— Deve ser um cara muito otário.

— Dá pra esquecer minha *Angel Secrets*? É minha funcionária, mandada por minha mãe e escolhida por minha tia.

— Estou escutando muito a palavra “minha” na sua frase.

— Vai se fuder, Kathy! Vai pegar alguma coisa aqui?

— Não. Daqui vou direto pra casa do meu pai e depois o jantar com Tracy. Que horas vai sair na segunda?

— De madrugada. Quero chegar em Piracicaba umas oito da manhã.
— Certo. Deixa os projetos com a Angel. Eu passo lá para pegar.
— É sério mesmo? – perguntou Marcela parando na porta do escritório. – Vou ter uma conversa séria com Nanda.
— Só quero facilitar a sua vida – respondeu Kathy com um riso.
— Eu vou deixar com Fábio amanhã à noite.
— Estraga prazeres. Amanhã à noite não quero saber de ninguém.
Vou buscar Nanda e me desligar do mundo.
— Isso aí. Essa é a minha amiga!

Kathy riu com deboche e, já na calçada, acenou para a morena dentro do carro de Marcela. A amiga novamente fechou a cara e entrou no veículo, deu partida e saiu guiando devagar. Tinha ficado curiosa com o ciúme repentino de Marcela.

Capítulo 02

Marcela entrou no carro e saiu em silêncio. Não sabia o que falar com a garota ao seu lado, que era uma completa estranha. Não se considerava uma pessoa tímida, mas algo na postura de Angélica a inibia. Resolveu ligar o som, deixando no volume baixo, para quebrar o silêncio instaurado.

— Gosta de música? – perguntou ao parar em um farol.

Angélica desviou a atenção da janela para olhar a morena ao seu lado.

— Gosto.

— Que tipo de música?

— Não sei. Daquela que eu gosto – riu. – Só tenho que entender a letra.

— Essa você não vai entender. Minhas músicas preferidas são eletrônicas. Uma batida e ritmos perfeitos. A letra, na maioria das vezes, não é boa.

— Acho que te entendo.

— Como foi a viagem?

— Foi boa. Eu fiquei com um pouco de medo, mas a vontade de andar de avião foi maior.

— Nunca tinha andado antes?

— Não.

— Você se acostuma. Não nos conhecemos muito bem, pra não dizer que não conhecemos nada uma da outra, e já que vai morar comigo, precisamos colocar algumas coisas às claras.

— Claro, pode falar – concordou Angélica.

— Primeiro, eu não curto cigarros e nenhum tipo de drogas.

— Não fumo, detesto o cheiro. E nunca usei drogas na minha vida.

— Ótimo. Segundo, não leve ninguém para casa. Não quero

homens dentro do meu apartamento.

— Não se preocupe com isso também. Não conheço ninguém aqui.

— Mas pode conhecer.

— Essa será sua última preocupação. Não pretendo me envolver com ninguém e não sou do tipo de mulher que vai pra cama com qualquer um.

— Ótimo. Entenda que sou muito metódica com algumas coisas.

— Eu entendo. E a terceira?

— Eu viajo bastante. Tenho alguns projetos no interior. Segunda mesmo eu já vou pra lá. Vai ter que aprender a se virar sozinha em São Paulo.

— Pode deixar. Eu sou sua empregada doméstica, não um problema.

— Não fala assim. É esquisito – corrigiu Marcela ostentando um sorriso. – Minha funcionária, é bem melhor. De resto vamos nos entendendo. Eu também nunca tive alguém trabalhando em casa todos os dias. Só uma faxineira que ia toda sexta. Não sei bem como isso funciona.

— Espero que a gente se entenda. Algo mais? – perguntou encarando os olhos cinzentos.

— Você deve ter alguma coisa para me falar, algum pedido ou algo assim.

— Não. Por agora não. Só quero ficar quieta no meu canto e fazer um bom trabalho. Mais pra frente eu queria retomar meus estudos, se isso não for um problema.

— Você estudou até que série?

— Tranquei o curso de pedagogia no quarto semestre.

— Claro. É importante estudar. Não será problema algum. Já estamos perto. Aqui é o bairro da Mooca. Me mudei pra cá têm três anos. Antes eu morava no Tatuapé, um bairro perto daqui.

— Parece ser bem legal.

— Eu amo São Paulo. Não troco por nenhum lugar do mundo.

Angélica sorriu em resposta para, depois, baixar os olhos para as mãos. Parecia um déjà vu, mas em um lugar totalmente diferente. Voltou os olhos para a morena sentada ao seu lado. Marcela tinha um ar despojado, rebelde, do tipo que devia curtir festas a todo momento, mas

ao mesmo tempo transparecia ser uma pessoa de responsabilidade. Os olhos foram para os cabelos curtos e rebeldes. O rosto bem desenhado, exibia uma pele bem cuidada. A inspeção desceu para os braços cobertos de tatuagens. O direto era tatuado até o cotovelo e exibia uma mulher com quatro braços sentada sobre uma flor. As mãos seguravam flores e o rosto era sereno, de uma beleza incomum. Se inclinou prestando atenção nos pequenos detalhes: uma luz parecia sair detrás da mulher e um lago dava a impressão de que ela estava flutuando.

— Gostou? – perguntou Marcela atenta a toda a análise de Angélica.

— É linda! Têm tantos detalhes e cores em tão pouco espaço!

— O tatuador fez um bom trabalho mesmo. Ele é o melhor nesse estilo.

— O outro braço é o que?

— Um dragão oriental – explicou ao mesmo tempo em que esticava o braço para que Angélica pudesse ver uma parte.

— São lindas! Eu acho tatuagens muito bonitas!

— Você tem alguma?

— Não. Não sei se tenho coragem de passar por uma sessão com agulhas me furando. Também moro em uma cidade onde as pessoas não costumam fazer isso.

— Você mora em São Paulo agora – riu Marcela fazendo o carro embicar na garagem do prédio. – Aqui as pessoas não se incomodam com isso.

— Verdade – concordou Angélica. Tinha que aprender a olhar São Paulo como sua casa, se o trabalho com Marcela desse certo. – É aqui?

— Sim. Bem vinda ao seu novo lar.

— Obrigada.

Angélica tirou o cinto de segurança e se virou para o banco detrás para pegar a bolsa. Marcela ficou observando seu corpo enquanto ela fazia isso. Podia apostar o lucro inteiro de uma obra, que a morena ao seu lado possuía as medidas de uma modelo. Angélica parecia um diamante bruto. Só precisava lapida-lo.

“Só precisa lapida-lo? Mas no que estou pensando?” Se questionou. Desviou os olhos quando Angélica tornou a se virar para a frente. Suspirou profundamente ao pegar a carteira no porta luvas e

guardou os óculos escuros. Desceu do automóvel e se juntou a Angélica, já de pé, segurando a bolsa.

— Eu moro no apartamento cento e vinte e dois – falou Marcela ao apertar o botão do elevador. – Depois eu te passo o endereço daqui e tudo o que precisa saber.

— Ta bom.

— Você trouxe pouca bagagem – observou Marcela entrando, assim que o elevador abriu as portas.

— É o suficiente – respondeu Angélica. Estava atenta aos movimentos que Marcela fazia para aprender.

— Ah, droga! Esqueci os projetos no carro. Eu vou te deixar no apartamento e desço de novo.

— Ta bom – concordou Angélica. Desceu no décimo segundo andar e seguiu Marcela até a porta do apartamento. A morena abriu e deu passagem para que pudesse entrar.

— Vai ser rápido.

Angélica anuiu em concordância e se virou. A primeira coisa que viu foi a mesa de jantar a frente. Olhou com atenção os detalhes da mesa em vidro com pés de madeira e cadeiras forradas em um tecido branco. Um quadro todo colorido estava na parede trazendo um ar descontraído para aquele espaço. Mais à frente, a sala se destacava com um sofá em couro branco e duas poltronas do mesmo material. À frente, uma rack igualmente em tons pastéis, mas o grande destaque ali era a parede do lado direito toda grafitada. Adentrou a sala para enxergar o corredor que certamente levava aos quartos e do lado contrário, a cozinha ligada a sala. A única coisa que delimitava os ambientes era o balcão de mármore.

Deixou a bolsa no chão, em um canto, e deu uma volta pelo lugar. Na outra extremidade da sala tinha uma varanda de tamanho médio. Se aproximou das portas de vidro e enxergou mais uma espécie de sala e uma pequena churrasqueira no canto esquerdo. Seus olhos foram puxados para a paisagem ao redor. Vários prédios e casas saltavam à visão a se perder de vista. A famosa floresta de concreto. Talvez, perdida entre aquelas ruas e avenidas, cercada de pessoas que ela desconhecia, pudesse esquecer Andréia.

— Angel? – chamou Marcela. – Está tudo bem? – perguntou ao ver ela enxugar uma lágrima discretamente.

Angélica respirou fundo antes de se virar.

— Sim. Estava admirando a paisagem. Do que você me chamou?

— Angel – respondeu Marcela com um sorriso maroto. – Espero que não se importe.

— Tudo bem.

— Vem, vou te mostrar o apartamento. Do lado direito tem a cozinha e a área de serviço onde guardo minhas coisas. Na verdade, era um quarto de empregada, mas não uso com essa finalidade. Aqui do outro lado tem os quartos. Aqui é o meu. Está meio bagunçado, mas foi pra isso que você veio, não é? Ali naquela porta é o banheiro. Desse lado fica o meu escritório. Era outro quarto, mas coloquei alguns aparelhos de ginástica e meu material de trabalho. Por último, esse será seu quarto. Ali é o seu banheiro.

— Sua casa é linda! – exclamou Angélica com sinceridade.

— Obrigada. Qual a sua altura?

— Um metro e setenta e sete.

— Você é bem alta. Ou, talvez, eu que seja muito baixa. Tenho um metro e sessenta e quatro. Quanto você pesa?

— Sessenta e nove quilos – respondeu Angélica, com estranhamento, acerca das perguntas. – Mas desde a última vez que pesei, há uns dois meses, emagreci mais um pouco.

— Hum – respondeu Marcela, distraída, analisando seu rosto. O tom de pele moreno, olhos castanhos claros, mandíbulas arredondadas combinando com o queixo delicado. Mas o que chamou mais sua atenção foi sua boca bem desenhada, lábios grossos. Como alguém podia trocar uma mulher como ela por outra? Tinha que concordar com Kathy. O cara devia ser muito otário. – Ah... Bom, fique à vontade. Eu vou começar a mexer nas plantas agora.

— Que plantas? Não vi nenhuma.

— Ah, não. São plantas de construção. É o desenho de um prédio para a construtora.

— Ah tá. Os projetos – riu Angélica sem graça.

— Isso. Eu vou deixar você se instalar e descansar. Vou pedir alguma coisa pra gente comer. Fique à vontade. Qualquer coisa, basta me pedir.

— Eu quero ligar pra casa. Avisar que cheguei bem. Tem algum orelhão por aqui que eu possa ir sem me perder?

— Orelhão? – estranhou Marcela. – Não faço ideia. Pode usar o telefone aqui de casa, sem problema. Inclusive pode passar o número para sua família entrar em contato com você. Ah... Família, ok?

— Sim, não se preocupe – respondeu Angélica seguindo a morena até a sala.

— Aqui. Só apertar esse botão verde e discar. Eu vou anotar o número em um papel.

Angélica agradeceu e pegou o aparelho. Discou o número de casa e viu Marcela escrevendo em um papel para esticar na sua direção em seguida.

— Oi mãe... Cheguei... Estou bem... Não, tudo bem....

Marcela se afastou até a mesa de jantar e limpou o espaço para receber o material de trabalho. Tirou as cadeiras para que tivesse uma melhor circulação e, só depois, pegou os projetos os espalhando sobre o tampo de vidro. Saiu da sala por alguns instantes, indo resgatar o notebook no quarto. De volta a sala, pegou o celular identificando duas chamadas perdidas de Tatiane, uma de Kathy e algumas mensagens de whatsapp.

— Obrigada Marcela – agradeceu Angélica estendendo o telefone fixo na sua direção. – Eu vou levar minhas coisas para o quarto. Você quer que eu faça algo de imediato?

— Não. Você começa na segunda – respondeu ao pegar o aparelho. – Senta aqui, vamos tratar de assuntos práticos.

— Tá.

Angélica se sentou na cadeira que Marcela apontava. A morena se acomodou na sua frente e pigarreou antes de começar.

— Minha tia já te falou sobre o salário que é de mil e oitocentos. Isso inclui todo o serviço da casa, inclusive cozinhar, mas será mais pra você mesmo.

— Sim, ela tinha me dito mesmo que era todo o trabalho da casa, mas ela passou outro valor de salário. De mil e trezentos.

— Tecnicamente seria isso, mas como não vou pagar sua condução, cesta básica ou alimentação, eu coloquei esses valores, que você tem direito, no salário.

— Tá bom. Melhor – riu timidamente.

— Com certeza. Eu vou pedir para a Patrícia te incluir no plano médico e odontológico da construtora. Preciso dos seus documentos

para te registrar.

— Tá bom. Eu vou separar e te entrego. Tem que ser a xerox, ne?

— Sim, mas eu tiro pra você. Tem uma multifuncional aqui em casa. Outra coisa, quando eu te pedir para trabalhar a noite, o que será muito raro, você ganha adicional noturno e os finais de semana será sua folga.

— Certo.

— Outra coisa, eu recebo algumas garotas aqui e geralmente não é a mesma por vez, se é que me entende, então... Descrição é a alma do negócio.

— Tá bom.

— Bom, acho que é isso. Eu vou te passar a lista com os documentos necessários para me entregar e até segunda você providência. Estamos de acordo?

— Estamos – anuiu Angélica com um sorriso. – Obrigada pela oportunidade.

— Agradeça a minha mãe – riu Marcela se levantando. – Eu vou pedir um japa pra nós. Gosta?

— Nunca comi.

— Você vai provar comida japonesa hoje. Tenho certeza que vai gostar.

Angélica concordou com a cabeça e andou até o canto onde tinha deixado sua bolsa. Pegou e levou para o quarto que Marcela tinha indicado que seria seu. Colocou em cima da cama e deu uma olhada ao redor. Aquele era seu novo lar temporário. Faria de tudo para que se saísse bem no seu novo emprego. Abriu as portas do guarda roupas e colocou a bolsa dentro. Arrumaria tudo com calma depois.

Marcela olhou para o corredor vazio por um longo tempo. Soltou um suspiro alto ao voltar sua atenção para o computador. Buscou o telefone de um restaurante e pediu a refeição. Depois de desligar, olhou mais uma vez para o corredor e passou a mão no cabelo. Será que aquela convivência daria certo? A atenção se desviou para o projeto de Tracy, mãe de Kathy. Abriu o programa no computador e começou a comparar com a planta, pensando onde poderia fazer alterações. O celular ao lado começou a tocar, indicando uma ligação de Kathy.

— Fala Kathy. O que manda?

— Não mando nada. Como está sendo sua adaptação com sua nova empregada?

— Normal. Você acertou. Ela tem um metro e setenta e sete e sessenta e nove quilos.

— Bem distribuídos – observou Kathy. – Você perguntou pra ela?

— E qual o problema?

— Nenhum. Marcela eu te conheço. Você já pegou até a minha mãe. Essa menina precisa do trabalho. Não vai bagunçar com ela.

— Relaxa. Não vou fazer nada. Você tem a lista dos documentos necessários para a contratação do pessoal?

— Tenho no e-mail. Depois eu te mando. Além dos documentos, ela precisa do exame médico. Tem que falar com Patrícia para marcar na clínica.

— Putz, o exame! Tinha esquecido disso.

— Tem que fazer, é importante. Eu falo com Patrícia na segunda de manhã. Qualquer coisa eu levo a Angel na parte da tarde na clínica, eles encaixam ela.

— Qual é Kathy? Está afim de zoar mesmo?

— Você estará em São Paulo na segunda?

— Não, mas eu deixo o dinheiro do táxi e o endereço. Ela não vai se perder.

— Por que gastar dinheiro com táxi se eu posso fazer isso? Está com ciúmes?

— Não. Só estou de olho em você para Nanda. E, depois, eu posso pedir isso para Fábio ou então algum funcionário do escritório.

— Se eu fosse você não ficava fazendo propaganda desse anjo.

— É sério, Kathy? Eu vou com você no aeroporto buscar Nanda. Pode ficar tranquila.

— Vai zoando! Mas falando sério agora. Nanda não vai trabalhar segunda. Ela pode fazer isso para te ajudar. Só vou confirmar com ela amanhã.

— Não quero incomodar. Eu deixo o dinheiro do táxi. Não tem erro.

— Eu vejo com ela. Amanhã eu te ligo.

— Certo, mas Nanda, ok?! Não vem bancar a louca.

— Relaxa ciumenta. Até amanhã!

Marcela desligou o celular e voltou os olhos para o corredor

novamente. Soltou outro suspiro antes de puxar o computador e tentar se concentrar no trabalho.

Angélica tirou a roupa de viagem e colocou um short jeans e uma blusinha leve para encarar o calor. Olhou ao redor para se habituar com o seu novo quarto. Ele era bem maior do que tinha em Goiás. Foi até a janela e se inclinou para olhar para baixo. Se afastou em seguida com uma leve vertigem. Poucas vezes tinha ido até àquela altura em prédios. Viver a doze andares do chão seria um desafio para sua fobia de altura.

Depois de prender o cabelo em um rabo de cavalo, saiu para o corredor novamente. Marcela continuava na mesa, concentrada no trabalho. Seguiu reto para a cozinha e parou no meio para se familiarizar com o ambiente. Tudo era bem diferente do que tivera acesso na fazenda e mais ainda em casa. Moveis planejados e bem distribuídos, maquinário moderno que, possivelmente, precisaria de algumas explicações para o manuseio. Aprenderia tudo rápido. Tinha certeza.

Marcela levantou a cabeça do computador para enxergar a morena no meio da sua cozinha. A olhou por um longo tempo analisando-a. Ainda custava a acreditar que um cara trocava uma mulher como ela por outra. A não ser que a outra fosse perfeita, o que certamente não era; ou pior das hipóteses: Angel era um pé no saco e frígida, o que, definitivamente, não parecia ser o caso.

— Quer ajuda? – ofereceu Marcela chamando a atenção da morena.

— Não. Obrigada. Estou fazendo um reconhecimento. Fica mais fácil de se adaptar.

— Está certa. *Mi casa, su casa*. Quero que fique à vontade.

Angélica agradeceu com um aceno de cabeça ao mesmo tempo em que encarava os olhos cinzentos. Queria, com todas as suas forças, se sentir realmente encaixada ali. Precisava daquilo mais que tudo naquele momento. Era o seu recomeço.

Capítulo 03

Angélica almoçou com Marcela e depois passou o resto da tarde e começo da noite no quarto. Desfez a bolsa e guardou, com cuidado, as poucas roupas que levava. Deitou na cama olhando para o teto por um longo tempo. A mente se concentrou em tudo o que tinha passado até chegar ali. Tinha sido uma virada e tanto em seis meses. Se alguém perguntasse, há um ano, jamais poderia prever que estaria em São Paulo, longe dos pais, separada da mulher que amava. Sozinha

Abraçou o travesseiro e chorou baixinho.

Marcela terminou de refazer o projeto de Tracy e resgatou o celular conferindo as horas. Já era quase oito da noite. Guardou o material de trabalho e ligou para Tatiane para combinar a balada daquela noite. Marcaram de se encontrarem às onze da noite no apartamento da ruiva, tempo suficiente para que pudesse comer uma pizza, mas não podia mais decidir sozinha. Agora tinha Angélica.

Bateu na porta do quarto da morena e esperou que ela aparecesse.

— Vou pedir uma pizza pra gente jantar. Gosta do que? – perguntou ao ver a morena aparecer. Notou os olhos vermelhos, mas optou por ser discreta.

— Obrigada Marcela, mas estou sem fome nenhuma.

— Uma hora você vai comer – insistiu. – Eu geralmente peço de mozzarella e calabresa. Se quiser de outro...

— Calabresa é bom.

Marcela encarou seus olhos por um breve segundo. Obviamente aquela seria sua única resposta. Anuiu em concordância e voltou para a sala atrás do telefone.

Enquanto esperava a pizza, resgatou o celular e entrou no whatsapp para conversar com alguém que estivesse disponível. Tinha bons amigos que podia contar quando o assunto era farra. Antes de casarem, fazia isso com Kathy e Nanda, mas depois do casamento,

quatro anos antes, as duas tinham entrado em uma fase mais tranquila, evitando as baladas e raves. Coube a Marcela encontrar outra turma que gostasse da farra o tanto quanto ela. Não foi difícil de encontrar. Tinha aos montes em São Paulo.

Meia hora depois o telefone indicou a entrega da pizza. Desceu para receber e voltou para o apartamento. Pensou em chamar Angélica, mas mudou de ideia. Obviamente ela queria um tempo sozinha. Devia estar com medo da mudança, triste por ficar longe de quem amava. De qualquer forma, não importava os motivos, não era da sua conta.

Uma hora depois estava pronta para a balada. Se olhou no espelho para conferir se os curtos fios negros continuavam no lugar, antes de sair do quarto. A porta do quarto de Angélica estava aberta, indicando que ela não estava ali. Seguiu adiante e a encontrou na cozinha, com um copo de água na mão. Deu uma pigarreada para chamar sua atenção.

— Angel, eu vou sair. Qualquer coisa que precisar é só procurar por aqui.

— Tá bom – respondeu a morena a encarando.

— Eh... Não saia do prédio porque ainda não te autorizei na portaria. Se sair não vai conseguir voltar sem que eu esteja aqui.

— Tudo bem.

— Boa noite.

— Boa noite.

Marcela deu um passo para trás ainda a encarando. Alguns segundos depois, se virou para a mesa na sala de jantar e pegou as chaves do carro e a carteira. Ainda acenou em despedida antes de cruzar a porta de saída. Andou até o elevador com uma estranha sensação. Era como se estivesse esquecendo de algo importante dentro do apartamento. Conferiu a carteira em um bolso, o celular em outro. “Não estou esquecendo nada” suspirou.

O encontro com Tatiane, em seu apartamento, foi exatamente como esperava. Ela estava linda em um conjunto de saia curta e top cropped, os cabelos ruivos e ondulados caindo pelas costas, a maquiagem perfeita. Se adiantou para beijá-la, mas foi repelida.

— Acabei de passar o batom, Baby – explicou a ruiva tocando seu rosto. – Espera secar e aí poderá me beijar a noite inteira.

— É o que quero – concordou com o seu melhor sorriso cafajeste.

Meia hora depois saíram em direção a casa noturna encontrar os outros amigos. Assim que entraram na boate, foi atrás de uma garrafinha de

água com gás, ao passo que Tatiane pediu um coquetel alcoólico. Se jogou na pista de dança com a ruiva, curtindo a *vibe* que música eletrônica sempre lhe proporcionara. Pouco tempo depois, fitou uma loira que jogava charme para o seu lado. Com um discreto sorriso indicou o banheiro para ela. Voltou a atenção para Tatiane que continuava dançando com um dos seus amigos.

— Vou no banheiro! Já volto! – gritou para ser ouvida com a música alta.

A ruiva concordou e voltou a concentrar sua atenção na dança. A loira continuava a olha-la e indicou para onde estava indo. A mulher seguiu na frente e foi atrás dela. Antes que chegassem perto da saída, alcançou sua mão. Assim que saíram da pista de dança, puxou-a para enxerga-la melhor.

— Oi linda – falou em seu ouvido de modo sedutor. – Qual o seu nome?

— Viviane – sussurrou a loira ao passar a mão em seu rosto.

— Sou a Marcela – respondeu afundando o rosto no seu pescoço para um beijo.

— Muito prazer, Marcela – gemeu ao mesmo tempo em que passava as unhas nas omoplatas a mostra na regata.

— Eu espero que sim.

Marcela levantou os olhos apenas para enxergar o vão escuro entre a pista de dança e o hall do banheiro. Levou a loira para o canto, ao mesmo tempo em que suas bocas se encontravam em um beijo lascivo. Apertou a mulher em seus braços e deixou as mãos correrem livremente por suas costas, pernas, bumbum. Encaixou uma perna no meio das suas e a prensou contra a parede. Enfiou a mão por dentro da barra do curto short jeans forçando o corpo contra o seu, em um atrito ritmado. As bocas se separaram para que a língua pudesse correr para o seu pescoço entre beijos e mordidas. Uma mão abandonou o quadril e subiu por dentro da blusinha para encontrar um seio. O acariciou com força e teria descido a cabeça para chupa-lo se não fosse interrompida por Viviane, que cortou o trajeto em meio a um gemido.

— Não. Alguém pode ver.

Marcela voltou para a boca, retomando o beijo cheio de luxúria. A mão desceu, do seio para o fecho do short jeans, e o abriu com a agilidade conquistada pela experiência de trepadas rápidas em baladas. Antes que Viviane pudesse protestar, mergulhou sua mão em seu sexo, ensopado pelo tesão. Aprofundou o beijo enquanto a penetrava com dois dedos. O ritmo da batida eletrônica acompanhou os movimentos ágeis da mão. As pessoas ao

redor, a ponto de vê-las, aumentou sua excitação e em pouco tempo, Viviane se contraía em seus braços em um gozo.

Angélica ficou no mesmo lugar durante um longo tempo, mesmo depois de Marcela sair. A morena era uma mulher muito bonita e, certamente, devia fazer muito sucesso com a mulherada. Ainda com a imagem gravada na cabeça, se lembrou do seu rosto simétrico, os cabelos arrepiados, as tatuagens à mostra na regata preta combinando com a calça também preta e tênis esportivo. Linda com aquela produção.

Abriu um sorriso ao mesmo tempo que afastava a lembrança da sua patroa. Foi até a caixa de pizza e a abriu para resgatar um pedaço. Com uma generosa mordida na fatia, foi até a geladeira atrás de uma bebida. Pegou o refrigerante e abriu os armários em busca de um copo. Comeu ainda encostada na pia. A mente voou para Goiás, para as pessoas que tinha deixado para trás, uma especificamente: Andréia.

As lembranças a invadiram instantaneamente. A primeira vez que a vira em um rodeio em Caiapônia. Tinha ficado babando pela morena, seu jeito rustico, modos contidos. A partir daquele dia tinha passado a acompanhar tudo sobre ela. Descobrira a fazenda onde trabalhava e morava, os rodeios que competia. Sempre que podia, ia vê-la montar. Quando conseguiu o emprego na fazenda, tinha provado uma alegria que não conseguia conter. Menos ainda quando viu Andreia em um rodeio na cidade. A seguiu até o brete e arrumou qualquer baboseira para puxar conversa.

— Oi, vim te dar um beijo de boa sorte – falou, tremendo da cabeça aos pés.

— Obrigada – agradeceu a morena com um aceno de cabeça ao mesmo tempo que segurava o chapéu.

Angélica ainda ficou olhando para ela por alguns segundos, e, tomada de uma coragem desconhecida, levou as mãos para o seu rosto, puxando-a para um beijo.

Angélica suspirou fundo e secou a lágrima que escorria pelo seu rosto. Outra já tinha ido parar nos seus lábios e sentia o sabor salgado, amargo, cruel do que tinha se sucedido. Não precisava ficar remoendo aquilo, mas não conseguia, não podia evitar de pensar que se Márcia não tivesse aparecido, ainda estaria na fazenda, com seus pais, com Andréia.

Vivendo uma mentira.

Não duvidava que Andréia gostasse dela, mas o amor que verbalizava não era o mesmo que levava no seu coração. Não se conformava com o fato de ter sido traída, trocada em pouco mais de um mês. Talvez, se tivesse se imposto mais, ainda estivesse com Andréia, mas ao pensar nisso, caía no pronto onde o amor dito não era o mesmo sentido. Queria ser amada por inteiro. De corpo e alma.

Tentou deixar os pensamentos de lado e se concentrou na pouca louça que tinha na pia. Lavou tudo e guardou, antes de ir se deitar. O relógio já marcava meia noite. O sono não apareceu pela hora seguinte. Resgatou o caderno de dentro do armário e uma caneta na sala. Voltou a escrever do ponto em que parara em Goiás.

O relógio do celular marcava quatro da manhã quando ouviu passos no corredor e risadas. Marcela tentava fazer a outra mulher falar baixo, mas ela não lhe deu ouvidos. A porta bateu e as vozes diminuíram um tom. Voltou a se concentrar no que estava escrevendo quando ouviu o barulho do chuveiro ser ligado. Aos poucos a atenção foi desviada para o som de gemidos. Ficou pior quando o chuveiro desligou e barulho se aproximou, informando que tinham ido para a cama.

Durante as duas horas seguintes praguejou, em silêncio, não ter um fone de ouvido. Os gemidos no quarto ao lado não cessavam. Somente quando a cidade começou a clarear é que foram dormir. Suspirou fundo e se ajeitou na cama, resvalando para um cochilo.

Angélica acordou assustada. Resgatou o celular ao lado e conferiu as horas. Nove e meia da manhã. Levantou e foi até o banheiro. Depois de escovar os dentes, voltou para o quarto e se arrumou para sair em seguida. Na cozinha, começou a preparar o café da manhã para as três.

Estava quase finalizando quando escutou uma voz as suas costas.

— Quem é você?

— Bom dia – desejou ao se virar para a mulher ruiva que usava somente uma camiseta. – Meu nome é Angélica. Trabalho na casa.

— Desde quando? – inquiriu Tatiane ignorando o bom dia.

— Cheguei ontem.

— Está servindo o café na cama também?

— A Marcela não me pediu – respondeu inocente, sem entender a ironia da pergunta.

— Você está dando pra ela?

— O quê?

— Deixa pra lá. Seu intelecto não é muito bom – debochou Tatiane. – Quero café fraco e pães fresquinhos. Vou pegar o dinheiro.

Angélica suspirou fundo e voltou sua atenção ao que estava fazendo. Não podia mandar a mulher ruiva à merda, pois não sabia se ela era namorada de Marcela e precisava daquele trabalho. Logo a ruiva voltou e deixou o dinheiro em cima da bancada da cozinha para sumir em seguida.

Angélica pegou o dinheiro e saiu pela porta. Foi até o elevador pensando no que Marcela tinha dito na noite anterior, que não tinha sido autorizada no prédio ainda. Assim que saiu no térreo, se perdeu por alguns segundos até encontrar a saída. Alcançou a portaria e chamou o porteiro.

— Bom dia. Eu to trabalhando no apartamento da Marcela, comecei ontem, mas ela não me autorizou ainda no prédio. Eu preciso sair pra comprar pão, mas volto logo. O senhor abre pra mim?

— Claro. Seja bem vinda ao prédio. Só que a saída de empregados é aquela ali do lado. Dá a volta nesse canteiro e sai por ela. O elevador de serviços é ali no corredor, tá?

— Obrigada.

Angélica fez conforme o orientado e saiu para a rua. Olhou ao redor procurando algum comercio, mas não avistou nenhum. O porteiro, percebendo sua confusão, a chamou:

— Tem uma padaria aqui na rua detrás. É só seguir essa calçada e descer. Já vai sair de frente.

Angélica agradeceu e andou na direção indicada. Olhava tudo ao redor, admirada com tudo o que via. Encontrou a padaria e dez minutos depois estava de volta ao prédio. Entrou pelo portão reservado aos empregados e depois o elevador de serviço. Assim que saiu no andar de Marcela, olhou confusa. Não era o mesmo lugar onde tinha saído. Não sabia qual porta dava para o apartamento. Suspirou fundo e voltou para o elevador, voltando ao térreo. Andou, apressada para que o porteiro não a visse, até o elevador social e, minutos depois, entrava no apartamento.

Deixou o pão sobre a mesa e terminou o que estava fazendo. Arrumou a bancada com o café da manhã e pegou o seu, indo comer no quarto.

— Hey, Baby – chamou Tatiane dando leves beijos no pescoço de Marcela. – Acorda.

— Hoje é domingo, linda...

— Eu sei. Quem é essa garota no seu apartamento?

A pergunta teve efeito imediato. Logo Marcela sentou, totalmente desperta.

— O que tem a Angel?

— Angel? – repetiu Tatiane com uma careta. – Apelidinho carinhoso?

— Relaxa Baby. Ela está trabalhando aqui em casa.

— Está me chamando de idiota, Marcela? Hoje é domingo! Não é dia de ter empregada em casa! Ainda mais uma empregada como ela!

— Ela está morando aqui. Chegou de Goiás ontem.

— Ela vai morar com você? Aquela garota sem sal, na sua cozinha, vai morar com você? Eu vou embora.

— Quer que eu te leve? – perguntou Marcela séria.

— Quero que vá a merda!

Marcela observou, em silêncio, a ruiva se vestir. Sabia que Angel ia dar trabalho nos seus relacionamentos.

Capítulo 04

Marcela saiu do quarto muito tempo depois da ruiva ter batido a porta da sala. Angélica, provavelmente, estava no quarto, pois não a encontrou pela sala e cozinha. Olhou a mesa posta com o café da manhã e abriu um sorriso. Talvez não fosse tão má ideia ter alguém trabalhando em casa. Se sentou para comer e, depois de satisfeita, foi até o quarto de Angélica. Bateu na porta e esperou que a morena aparecesse.

— Bom dia, Angel – falou com um sorriso. – Não vai tomar café?

— Bom dia, Marcela. Já tomei aqui no quarto. Não quero atrapalhar você e sua namorada.

— Tatiane não é minha namorada e você não atrapalha. Eu vou sair daqui a pouco e preciso que separe os documentos para tirar a cópia.

— Claro. Você tem a lista?

— Está aqui – respondeu Marcela se virando para a porta de frente. Abriu e seguiu até o computador. – Como passou a noite?

— Foi boa – mentiu. – Dormi bem.

— Espero não ter te acordado quando cheguei de manhã.

— Não ouvi. Tenho um sono pesado.

— Isso é bom. Me sentiria culpada se te acordasse. Aqui – disse Marcela mandando a lista para a impressora. – Você precisa me entregar esses documentos.

— Eu vou separar eles. Você tira a cópia pra mim?

— Sabe mexer em uma multifuncional?

— Não.

— Vem aqui, eu vou te mostrar como se faz, assim você mesma pode tirar essas cópias e qualquer outra que queira. Melhor do que fazer por você, é te mostrar como fazer para que não dependa de ninguém no futuro.

— Tá certo – concordou Angélica com um sorriso.

— Esse é o botão que liga – começou Marcela se colocando ao seu lado. – Aqui você seleciona a função que quer. Impressão, cópia. Vamos ficar com

a cópia. Nesse seleciona a quantidade de folhas que quer. Coloca o papel aqui. Essa marca aqui determina a posição da folha. É só posicionar assim e está pronto. Só apertar esse botão e ele vai tirar a cópia.

— É fácil.

— É sim. Faz você.

Angélica repetiu todo o processo que Marcela tinha lhe mostrado com um sorriso no rosto. Marcela não prestou atenção no que ela fazia na máquina, completamente fascinada por sua beleza e seu jeito delicado. A morena levantou os olhos da multifuncional e a encarou por alguns segundos.

— Consegui.

— Conseguiu – concordou Marcela distraída. Ainda sustentou seu olhar por alguns segundos antes de se desviar e ir para a porta. – Eh, já tira suas cópias então. Eu vou falar com Kathy e a mulher dela, Nanda, vai te levar amanhã na clínica para fazer o exame médico admissional.

— Tá bom.

Angélica olhou para a porta onde a patroa havia passado rapidamente. Baixou os olhos e deu um baixo suspiro. Esperava que Marcela não confundisse as coisas. “Que bobagem! Quando uma mulher como ela vai olhar pra mim?” Pensou. Se lembrava bem da ruiva que havia saído do apartamento naquela manhã, linda, bem cuidada, mesmo nível social. Mesmo se quisesse, o que não era o caso, não teria a menor chance.

Marcela passou o restante do domingo na companhia de alguns amigos em um churrasco. Quando voltou ao apartamento, depois das vinte e três horas, Angélica já estava dormindo. Foi para o quarto e preparou a bolsa que levaria na viagem no dia seguinte.

Angélica acordou às sete da manhã. Saiu para a sala e encontrou um bilhete de Marcela informando que já tinha viajado e que retornaria somente na terça à noite. Informava também que tinha deixado dinheiro em cima do balcão da cozinha para usar durante os dias que ficaria fora e um lembrete de que Nanda ia busca-la às onze da manhã.

Preparou um café rápido e prendeu o cabelo antes de ir para a lavanderia procurar os produtos de limpeza. Munida de um balde e vassoura, foi para o quarto de Marcela. Olhou para a bagunça que estava no lugar e abriu um sorriso. Realmente ela precisava de uma boa faxineira.

Kathy acordou lentamente antes de buscar o corpo da esposa ao seu lado. Ficou a admirando por alguns minutos antes de começar a desperta-la com

delicados beijos. Nanda abriu um sorriso em resposta, antes de abrir os olhos e fitá-la.

— Bom dia linda – murmurou Nanda.

— Bom dia – respondeu a loira beijando seus lábios. – Tenho que ir para a construtora agora. Queria tanto ficar aqui com você.

— Vem embora mais cedo. Vou ficar te esperando só de lingerie.

— Melhor nem sair então – riu Kathy rolando por cima de Nanda.

— Bem melhor – confirmou a morena ao passar a mão pelo seu corpo. – Que horas eu tenho que ir buscar a menina que está trabalhando com Marcela?

— Onze, mas quero propor uma coisa. Marcela está com ciúmes dela.

— Ciúmes? Por que?

— Angélica é muito bonita e eu acho que ela ficou arriada. Mesmo que não assuma.

— E no que está pensando?

— Eu vou levar Angélica para a clínica. Quero ver a reação dela.

— E você não ficou arriada por ela também? – perguntou Nanda com um leve aperto na sua cintura.

— Ela é bonita sim, mas eu já tenho a mulher mais linda e incrível do mundo.

— Xavequeira! – riu Nanda buscando sua boca em um beijo. – Acho que entendo onde quer chegar.

— Quero testar a Marcela. Se ela ficar extremamente irritada, vai confirmar minhas suspeitas. Quem sabe não podemos juntar as duas?

— Muito recente para pensar isso, não?

— Com a Marcela tem que agir rápido. Ela pode dar alguma mancada em questão de segundos.

— Pior é que sei disso. Quantas vezes já não vimos isso acontecer?

— Pois é. Vou sondar Angélica, ver se vale a pena também. Pode ser que eu esteja viajando, mas tenho certeza que, por parte da Marcela, ali vira.

— Tem o meu consentimento – riu Nanda antes de beijar seus lábios. – Quero conhece-la no final de semana.

— Podemos marcar um jantar na Marcela ou uma balada.

— Perfeito. Agora vamos esquecer a funcionária gata da Marcela. Tenho ideias mais interessantes.

— Quais ideias? – perguntou Kathy dando uma mordida no seu pescoço.

Nanda não respondeu. Gemeu no ouvido da esposa ao mesmo tempo em

que abria as pernas para que Kathy pudesse se encaixar com perfeição.

As onze horas, Angélica ouviu a campainha tocar. Se adiantou para abrir a porta para receber Nanda.

— Oi Kathy – falou escondendo a surpresa por ver a mesma loira que fora busca-la no aeroporto com Marcela. – Entra.

— Oi Angel – respondeu Kathy dando um beijo no seu rosto. – Já está pronta? Nanda teve um problema e eu vim busca-la.

— Tá bom. Já estou pronta. Só vou pegar minha bolsa.

Kathy assentiu e ficou olhando enquanto a morena ia para o quarto. Ela usava um jeans e uma blusinha colados ao corpo, delineando todas as suas curvas. Estava ainda mais alta com uma sandália de salto médio nos pés. Sorte de Marcela que era completamente louca por Nanda, ou ela teria concorrência acirrada. Logo Angélica voltou para a sala.

— Podemos ir.

— Esses são os seus documentos? Já passamos no escritório para pegar a guia e deixa-los lá.

— Sim. Marcela me passou a lista ontem. Só não tenho a foto.

— Nós passamos em algum lugar para tirar. Não tem problema.

— Tá bom.

— Vamos?

— Tenho que ir pelo elevador de serviço...

— Você tá comigo – cortou Kathy. – Não precisa dessas baboseiras de condomínio.

— Tá bom.

Kathy sorriu e abriu a porta para que Angélica pudesse passar. Entraram no elevador em silêncio e, no hall, a morena fez menção de ir para a saída de funcionários. Pegou na sua mão e a guiou para a saída social. Já na calçada seguiram para o carro parado na lateral do prédio.

Angélica entrou ao lado da loira e colocou o cinto de segurança, antes de se virar para encara-la. Kathy fazia a manobra para sair.

— Você acha que demora lá na clínica? – perguntou puxando assunto.

— Creio que não. Você tem algum compromisso depois? – devolveu Kathy a sondando.

— Não. Quero terminar a faxina do apartamento hoje.

— Você terá tempo. Marcela só volta amanhã à noite. – respondeu a loira com um sorriso. – Como está sendo a adaptação de vocês?

— Ela é legal. Me deixou à vontade. Acho que vamos nos dar bem.

— Marcela é gente fina. Um pouco instável em alguns aspectos, mas só precisa de um bom motivo para se centrar também.

— Não entendi.

— Espero que entenda com o tempo – esclareceu com uma piscadinha. – Perto do escritório tem um lugar onde tira fotos. Passamos lá primeiro.

— Tá bom. Você tem um sotaque diferente. De onde você é?

— Sou americana. Vim para o Brasil quando tinha dez anos.

— Que legal! De onde lá?

— Nova York.

— Não tem vontade de voltar?

— Não. Minha vida é aqui.

— Seus pais se mudaram pra cá?

— É um pouco mais complicado que isso. Meu pai é brasileiro. Ele passou um tempo na adolescência estudando lá. Conheceu minha mãe que ficou grávida, mas os dois eram adolescentes. Não tinham como cuidar de mim. Ele voltou para o Brasil e eu fui cuidada pelos meus avós. Quando comecei a ter um contato maior com ele, pedi para conhece-lo, até então só tinha visto suas fotos. Desde então estou aqui.

— Entendi. E sua mãe?

— Ela se divide entre Nova York e São Paulo. Ela e a esposa estão montando uma empresa de consultoria financeira aqui. Uma filial na verdade. Já possuem um escritório em *Wall Street*.

— Sua mãe é casada com uma mulher?

— É.

— Que legal! É diferente.

— É. Ela se assumiu pra mim e não eu pra ela, como é a “regra” – riu Kathy. – Me fala de você um pouco.

— Não tenho muita coisa pra falar. Nasci e cresci em uma cidade do interior de Goiás. Perto de Rio Verde. Já ouviu falar?

— Não.

— É a primeira vez que venho pra essas bandas.

— Essas bandas – repetiu Kathy com um sorriso. – Tem algum namorado lá?

— Tinha – respondeu Angélica baixando os olhos. Quando voltou a encara-la, Kathy pode ver a tristeza que se apoderou deles.

— Não precisamos falar disso.

Angélica assentiu e tornou a olhar para o trânsito a frente. Não precisava

e nem queria falar de Andreia naquele momento. Tinha que deixá-la no passado.

Seguiram o resto da curta viagem em silêncio. Kathy estacionou o carro no prédio onde funcionava o escritório da construtora e a guiou para fora do prédio. Na quadra atrás encontraram o local para Angélica tirar as fotos. Ficou observando enquanto a morena falava com um funcionário. Depois de algumas palavras, ela soltou os cabelos negros, fazendo ele cair em ondas pelas suas costas até acima da cintura. Ela mirou no espelho no fundo da loja e o ajeitou sem se dar conta do quanto aquele singelo gesto denotava uma sensualidade tentadora.

— Eu seguro a bolsa para você – falou Kathy ao mesmo tempo que sorria. Marcela estava perdida.

Kathy ficou a admirando enquanto ela tirava a foto três por quatro. Os olhos cor de mel grandes, adornados com longos cílios, eram curiosos e observavam tudo ao redor. A morena voltou para o seu lado fazendo menção de prender o cabelo.

— Não prende – pediu Kathy. – Você fica linda com o cabelo solto.

Angélica levantou os olhos e apenas sorriu na sua direção antes de tirar o prendedor do braço e colocar no cabelo, fazendo um rabo de cavalo.

— Teimosa – suspirou Kathy.

— Tá calor – riu Angélica. – Não dá pra deixar ele solto.

— Devia usá-lo mais solto. Ele tem uma beleza natural que casa muito bem com seu rosto.

— Obrigada – respondeu Angélica sem saber o que dizer.

Ficaram em silêncio por um longo tempo. Kathy tratou de quebrar o clima ao puxar assunto.

— O que acha de irmos almoçar depois? – sugeriu. – Tem o Anália Franco aqui perto. Podemos ir no Outback.

— Eu não sei o que é nenhum dos dois – falou Angélica sem graça. – E também não tenho dinheiro para almoçar fora.

— Anália Franco é um Shopping e o Outback, um restaurante. Quanto ao dinheiro, eu estou te convidando.

— Não sei se é apropriado. Sua esposa pode não gostar – respondeu Angélica. Jamais faria algo para fazer alguém passar pelo que estava passando.

— Não estou te pedindo em casamento, Angel – riu Kathy. – É só um almoço e tenho certeza que Nanda não vai se importar. Ela é segura do amor

que tenho por ela e sabe que eu jamais faria algo para magoa-la.

“Eu também acreditava nisso” Suspirou.

— Tudo bem – respondeu em voz alta. – Mas depois eu tenho, realmente, que voltar para o apartamento.

— Prometo que te levo – concordou Kathy mantendo um sorriso no rosto.

Assim que voltaram ao prédio onde funcionava o escritório da construtora, Kathy a conduziu para a recepção. Angélica olhou ao redor com estranhamento. O ambiente era todo decorado com tons escuros e sisudos. Móveis rústicos espalhados estrategicamente denotando a seriedade do lugar. Uma senhora bem arrumada, em um terninho preto, veio ao encontro delas.

— Então você deve ser Angélica. Meu nome é Patrícia, prazer em conhece-la. Trouxe os documentos?

— Muito prazer, Patrícia. Estão aqui.

— Ótimo. Eu vou conferir. Sente aqui.

Angélica sentou na cadeira indicada. A mulher deu a volta na mesa e se sentou atrás do computador.

— Eu vou falar com Fábio. Ele ainda está aqui? – perguntou Kathy.

— Na sala dele – respondeu a mulher sem desviar os olhos da tela.

— Já volto, Angel.

Angélica concordou com a cabeça e ficou olhando Kathy se afastar pelo corredor. Voltou os olhos para a mulher que a encarava.

— Angel?

— Marcela e Kathy inventaram de me chamar assim – falou com um riso tímido.

— Imagino o porquê – suspirou Patrícia.

— Por que?

— Eu trabalho com essas meninas já tem quatro anos, desde que abriram essa construtora. Aprendi alguma das manias delas.

— E onde eu me encaixo nessa mania?

— *Angel Secrets*. São umas modelos escolhidas por uma marca de lingerie, magras demais para o meu gosto, porém lindas.

Angélica não pode deixar de rir.

— Achei que era um diminutivo do meu nome.

— Com o tempo você se acostuma. Essas meninas valem ouro. Seus documentos estão ok. Esse é o papel que vai entregar na clínica para fazer o exame médico. Eles funcionam entre uma e quatro da tarde.

— Tá bom.

Kathy voltou depois de dez minutos. Se despediram de Patrícia e saíram do prédio em direção ao carro. No caminho, Kathy começou a conversar coisas absolutamente banais apenas para soltar Angélica mais. Passaram na clínica e depois de uma hora saíram em direção ao shopping.

Angélica entrou no lugar encantada com o tamanho. Nunca antes tinha ido a um shopping daquele tamanho e não conseguiu disfarçar sua empolgação em conhece-lo. Kathy levou-a para um tour antes de irem para o restaurante.

— Que lugar incrível! – exclamou Angélica com admiração. – Nunca tinha entrado em um shopping desse tamanho.

— Esse nem é um dos maiores. Tem vários por aqui.

— Imagino que sim.

— O que vai beber?

— Um suco de laranja.

— Não bebe álcool?

— Não sou acostumada.

— Ok. Vou te acompanhar em um – piscou Kathy para acenar ao garçom. Ela fez o pedido enquanto Angélica dava uma olhada ao redor.

— Me sinto deslocada aqui – falou a morena. – As mulheres são tão sofisticadas.

— Você não precisa se incomodar com isso. Não destoa em nada do ambiente.

Angélica riu sem graça e deixou os olhos correr novamente pelo restaurante. A voz de Kathy a trouxe de volta.

— Não entendi.

— Você pretende ficar quanto tempo em São Paulo? – perguntou a loira se encostando na cadeira.

— Se tudo der certo com Marcela, dois anos. É o tempo de terminar meu curso. Ai consigo emprego mais fácil em Goiás.

— Estuda o que?

— Pedagogia.

— Professora.

— É – concordou Angélica com um sorriso.

— Deve ter bastante coisa para ensinar.

Angélica riu sustentando seu olhar. Aquilo devia ser coisa da sua cabeça. Só isso. Kathy não estava passando uma cantada.

— Há quanto tempo é casada?

— Quatro anos – respondeu Kathy estreitando os olhos para analisa-la. Ela sabia cortar qualquer investida muito bem.

— Como ela é?

— O meu pedaço de paraíso na terra. A mulher mais linda que já encontrei até hoje. Você faz um bom páreo com ela.

— Kathy... Isso é...

— Não é uma cantada – riu a loira. – É uma realidade.

Angélica baixou os olhos para a mesa desconcertada. Se encostou na cadeira e olhou ao redor do restaurante pensando na resposta mais apropriada para dar a ela.

Kathy observou Angélica entrar em completa postura de defesa depois do seu comentário. Sua total negação às suas investidas deixava claro que ela não ia ceder por causa de uma posição econômica. Tinha acertado em seu julgamento. Angel não parecia ser qualquer uma.

— Ei, não precisa ficar encabulada – falou se inclinando sobre a mesa. – Não estou te cantando mesmo.

— É estranho esse tipo de atenção.

— Pode ir se acostumando. Minha mulher é bem pior – riu Kathy. O celular começou a tocar no bolso, impedindo que prosseguisse no esclarecimento com Angélica. Pegou o aparelho e conferiu o número na tela. – Sua patroa. Fala Marcela.

— Que porra é essa, Kathy? – perguntou Marcela nervosa. – Você disse que a Nanda iria levar a Angel na clínica!

— Já passamos lá. Deu tudo certo. Estamos em um restaurante aqui no Anália Franco.

— O que?! Você é uma filha da puta! Tá querendo o que? Me zoar é isso? Ou zoar com a Angel? Vai bancar a sacana com Nanda agora?

— Só um minuto e eu já volto, Angel – falou Kathy tirando o telefone da orelha. – Assunto de trabalho.

Angélica assentiu e ficou olhando enquanto a loira se afastava da mesa até a entrada do restaurante. O garçom apareceu com as bebidas que haviam pedido e tomou um gole de suco antes de voltar a olhar para Kathy. Onde será que tinha se metido?

— Relaxa ciumenta – falou Kathy ao telefone quando se afastou o suficiente da mesa para que Angélica não a escutasse. – Se continuar agindo assim vou achar que está caidinha pela Angel.

— Você me disse para não zoar com ela e agora a leva até a

restaurantes?! Queria só me manter afastada para que você investisse?

— Você acha que eu trairia Nanda? Marcela, você me conhece há mais de dez anos.

— É, e estou te desconhecendo agora. A próxima parada depois daí é o que? Um motel?

— Não seria uma má ideia. Angel tá uma delícia com um jeans apertadinho. As curvas do corpo dela são incríveis!

— Eu não acredito que você faria isso!

— Faria. Logico que faria. Ela é uma tremenda gostosa, mas não vou fazer porque amo Nanda e não a trairia. Nem a você.

— A mim?

— Com todo esse ataque de ciúmes, obviamente está de quatro por ela. Não vou estragar seu lance.

— Não é ciúmes! Não existe nenhum lance! A garota precisa do trabalho. Não quero que ela se envolva em problemas.

— Está certo, Marcela. Você finge que acredita nisso e eu finjo que acredito em você.

— Leva ela pra casa depois que terminarem ai. Ela está trabalhando. Não pago ela pra ficar indo em restaurantes com você.

— Pode deixar. Liga lá daqui duas horas. Prometo que já estará entregue em segurança.

— Eu vou ligar. Pode ter certeza.

Kathy desligou o telefone e deu um discreto riso. Em doze anos de amizade com Marcela, não se recordava da amiga ficar tão nervosa com ela por causa de alguma mulher.

Capítulo 05

Marcela estacionou o carro na garagem do prédio e suspirou fundo antes de descer. Tinha saído mais cedo de Piracicaba para chegar em São Paulo ainda com o dia claro. O trânsito na Bandeirantes tinha atrapalhado sua pretensão de chegar em casa antes do horário de pico. Pegou a bolsa de trabalho do banco atrás e desceu, indo para o porta malas. Pegou a pequena maleta e guiou para o elevador.

Estava ansiosa para chegar em casa por outro motivo. Depois que falara com Kathy no dia anterior, tinha ficado totalmente preocupada com o fato da amiga realmente estar afim de Angélica. Tinha gostado da menina, acreditava que elas se dariam bem, mas não podia permitir e nem encobrir qualquer envolvimento que ela tivesse com a amiga. Tinha levantando um tom de preocupação quando ligou para Nanda e ela disse que a mulher tinha dito que ia visitar uma obra. Isso não era função de Kathy. Era sempre ela e Fábio que faziam essas visitas. Depois de falar com Nanda, tentara o telefone de casa e ele apenas chamava e o da amiga, caixa postal. Iria matar Kathy se ela estivesse transando com Angélica.

O elevador parou no andar e entrou na sala. Um som baixo de música sertaneja vinha do quando de Angélica. Deixou a mala em um canto e seguiu devagar para o quarto da morena. Se Kathy estivesse ali, teria que colocar Angel no primeiro voo para Goiás.

No corredor, encontrou a porta do quarto de Angélica meio aberta. Parou na penumbra e olhou para dentro. A cama estava arrumada, o que não indicava alguma atividade naquela tarde. Não havia sinais também de que Kathy estivesse ali. Ia dar meia volta para a sala quando viu a porta do banheiro se abrir. Angélica saiu secando o cabelo com uma toalha enquanto acompanhava a música que tocava, totalmente alheia a qualquer coisa ao seu redor. Usava apenas uma calcinha, fazendo Marcela perder completamente a razão do que estava fazendo. A respiração ficou alterada enquanto os olhos passeavam pelos seios médios, do tipo que cabia perfeitamente na mão. As

aureolas amarronzadas, ouriçadas pelo frio. A inspeção desceu para a barriga e depois o baixo ventre, coxas. Mordeu o lábio e estreitou os olhos quando ela se virou para o guarda-roupas para pegar alguma peça. Os cabelos molhados caindo sobre as costas, a curva perfeita da cintura, o bumbum arredondado exibindo a minúscula peça. Deu um discreto sorriso sacana, antes de se dar conta do que estava fazendo. Voltou para a sala em silêncio se recriminando por ter espiado Angélica, violando sua privacidade.

Passou a mão no cabelo desconcertada, pegou um copo de água na pia e se encostou na bancada saboreando, mais uma vez, a visão que tivera minutos antes.

— Oi Marcela – falou Angélica com surpresa ao ver a patroa ali. – Achei que só chegaria a noite.

— Vim mais cedo.

Os olhos desceram para a camiseta que ela tinha escolhido: comprida o suficiente para esconder a calcinha, mas curta para indicar que não estava usando mais nada além das duas peças. Os cabelos molhados e bagunçados combinados com os grandes olhos cor de mel que ainda a encarava e os lábios entreabertos davam uma visão que não esperava da morena. Extremamente sexy.

— Eu vou colocar uma roupa descente. Me desculpe.

A reação que geralmente teria, seria ir ao seu encontro, toma-la nos braços e arrasta-la até o sofá se perdendo em tudo o que via. A verdadeira reação que teve foi continuar travada no mesmo lugar sem pronunciar nada. Angel era linda demais para ser maculada com seus desejos nada ortodoxos.

Angélica deu meia volta e praticamente correu para o quarto. Fechou a porta se recriminando por ter sido tão descuidada. Se Marcela estivesse com alguma garota, iria causar um transtorno desnecessário. Tirou a camiseta para colocar o sutiã e voltou a vesti-la. Pegou o primeiro short que encontrou na frente e o colocou. Voltou para a sala e encontrou Marcela no mesmo lugar de antes.

— Me desculpe mais uma vez, Marcela. Eu achei que ia chegar só a noite, por isso que sai do quarto daquele jeito. Eu vou tomar mais cuidado para que isso não se repita.

— Não precisa se desculpar, Angel – respondeu Marcela séria. – Não tem mais ninguém aqui.

— Sim, mas se tivesse chego com alguma mulher, ia te causar um problema desnecessário.

— Isso é verdade. Ou então Kathy.

— O que tem ela?

— Vocês estão bem próximas, não?

— Não. Quero dizer, a gente saiu ontem, fomos na clínica fazer o exame e depois almoçar, mas isso não quer dizer que estamos próximas.

— E se Kathy estiver afim de você?

— Ela é casada, Marcela. Isso não tem nem cabimento! – respondeu Angélica séria. – Não estou aqui para envolvimento emocional, muito menos com uma mulher comprometida!

— E se ela não fosse? Ou se ela não se importar com esse detalhe?

— Cada um escolhe a forma como quer viver, não sou ninguém para julgar, mas não aprovo esse tipo de relação. Não me inclua nessa – retrucou Angélica nervosa. Jamais seria leviana com os sentimentos de alguém como Marcela e Kathy pareciam ser. Como Andreia fora com os seus.

Marcela analisou a morena que sustentava seu olhar. Erroneamente, interpretou as palavras de Angélica como repulsa a homossexualidade.

— Creio que isso não será um problema, não é? A forma como vivemos? – perguntou Marcela ao cruzar os braços na frente do corpo.

— Nenhum. Mesmo não entendendo porque isso seja necessário, eu respeito a escolha de cada um porque isso não faz diferença pra mim. Tudo o que eu quero é fazer o meu trabalho direito e ficar quieta no meu canto.

— Tudo bem. Respeito já é o suficiente.

— Eu vou fazer o jantar. Quer alguma coisa específica? Pensei em fazer um stroganoff de frango – perguntou Angélica para mudar de assunto.

— Faça para você. Eu vou relaxar um pouco – respondeu Marcela saindo da posição que estava fazendo menção de ir para o quarto. Parou na entrada do corredor. – Isso não é uma escolha, Angélica. Cada um é o que é.

— Pode ser evitado. Ser verdadeiro com a pessoa com quem está, é o mínimo que se espera. Isso é uma escolha.

— Do que você está falando? – perguntou Marcela se virando para a morena. Não tinha entendido o contexto da sua resposta na conversa.

— De traição. Iludir alguém. Não era o que estava insinuando da Kathy?

— Caramba – riu Marcela. – Achei que estava falando sobre nossa orientação sexual.

— Não. O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Eu entendi tudo errado. Desculpe.

— Tudo bem.

— Me desculpe também por insinuar que teria alguma coisa com Kathy. Eu... Eu não sei o que deu em mim. Eu só realmente gostei pra caramba de ter você aqui e seria um problema ter que lhe despedir porque se tornou amante da minha amiga.

— Isso não vai acontecer. Não quero me relacionar com alguém por tão cedo. Menos ainda com uma mulher.

— Entendi – sorriu Marcela. – Strogonoff de frango me parece uma boa opção para o jantar. Tem batata palha aqui?

— Não. Eu ia dar um pulo lá na padaria, para buscar, depois de pronto.

— Eu vou tomar um banho e vou lá. Vamos provar seu tempero hoje – falou Marcela com uma piscadinha antes de sumir no corredor.

Angélica abriu um sorriso assim que a patroa saiu de suas vistas. Que ideia a dela de que tivesse algo com Kathy. Jamais ficaria com uma mulher casada, e mesmo se ela fosse solteira também não ficaria. Não queria e não iria se envolver com alguém por tão cedo. Ainda estava machucada e demoraria a cicatrizar.

Voltou sua atenção para o peito de frango que havia deixado sobre a pia. Percebera também que Marcela ainda não tinha notado que ela também era lésbica. Melhor assim. Se ela já estava cismada com uma possível relação entre ela e Kathy, saber que também gostava de mulheres ia somente fomentar ainda mais algo que não tinha cabimento algum. Não iria se tornar um escape de qualquer riquinha cheia de tesão.

Marcela entrou no chuveiro e repassou a conversa com Angélica. Ficou mais aliviada em saber que Kathy não teria chance nenhuma com ela. Melhor assim. O que dissera a Angélica era verdade. Gostava demais de Nanda para acobertar e manter uma amante de Kathy por perto.

Depois do banho, colocou uma bermuda e uma regata. Passou os dedos nos curtos fios apenas para bagunça-los e saiu do quarto. O cheiro do frango no fogo já tomava conta do apartamento. Pegou a carteira em cima da mesa e olhou para Angélica de costas no fogão fazendo alguma coisa. Automaticamente se lembrou da visão que tivera da morena no quarto. O sorriso foi involuntário.

— Por que está sorrindo? – perguntou Angélica ao se virar e dar de cara com Marcela olhando pra ela.

— Nada – respondeu apressada ao ser pega no flagra. – Um pensamento besta e machista que passou na minha cabeça. Nada que valha a pena ser compartilhado. Estou indo. Quer mais alguma coisa da padaria?

— Não. Já tem tudo aqui – sorriu Angélica.
— Gosta de sorvete do que?
— Não sendo chocolate, qualquer um.
— Não gosta de chocolate?
— Não sou muito chegada.
— Ainda tem refrigerante aqui?
— Fiz um suco natural do abacaxi que tava na geladeira. O refrigerante acabou.

— O suco está bom. Já volto.

Marcela saiu do prédio e andou apressada até a padaria. Depois de vinte minutos já estava de volta. Assim que o elevador abriu a porta no térreo, encontrou Cássia, uma garota que morava no nono andar.

— Oi Marcela – cumprimentou a morena. – Andou sumida, hein?!

— Estava em uma viagem a trabalho – respondeu ao apertar o botão do andar. – Chegando da faculdade?

— É. Meus pais estão na chácara. Por que não desce para jantar comigo?

— Hoje não dá. Vou jantar em casa.

— E por que não me convida? Já tem companhia?

— De certa forma – concordou.

— Ok. Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar – respondeu Cássia dando um selinho nos seus lábios antes de sair do elevador.

Marcela sorriu enquanto as portas se fechavam. Conhecia Cássia desde que tinham se mudado para o prédio. Ela tinha dezessete anos e ela vinte e sete na ocasião. Não tinha sido complicado arrasta-la para o seu apartamento. Desde então ela tinha se tornado sua transa mais fácil e sem cobranças, o que achava ótimo. Talvez, depois de jantar com Angel, podia ir fazer uma visita a vizinha.

O cheiro no apartamento estava mais tentador que antes. Angélica já tinha posto a mesa e pegava o suco na geladeira. Observou que ela tinha colocado apenas um prato.

— Não vai jantar comigo? – perguntou tentando não demonstrar seu desapontamento ao depositar as sacolas na parte vazia da mesa.

— Eu como no quarto.

— Quer ficar sozinha?

— Não quero te incomodar.

— Para de bobagem, Angel. Janta comigo? – convidou enquanto colocava o sorvete na geladeira.

Angélica abriu um sorriso e voltou para o armário pegar mais um prato. Quando voltou para a mesa, Marcela já tinha servido o suco e colocava sua refeição. Fez o mesmo e se sentou ao seu lado.

— Jesus amado! – exclamou Marcela depois de dar a primeira garfada. – Esquece o que eu falei de que você vai cozinhar pouco.

— Tá ruim? – perguntou Angélica, preocupada.

— Pelo contrário! Está muito bom! Nem minha mãe cozinha tão bem assim!

Angélica sorriu e começou a comer enquanto assistia, satisfeita, Marcela se concentrar no prato. A morena conversava sobre a pouca habilidade que tinha na cozinha, herança da mãe. Ela repetiu uma segunda vez antes de se encostar na cadeira ao mesmo tempo em que empurrava o prato.

— Não sobrou espaço para o sorvete – riu Marcela. – Eu vou vim almoçar em casa amanhã. Pode ter certeza.

— Já vou deixar pronto – concordou Angélica.

— Vou voltar para a academia o quanto antes. Não vai ter condição alguma de manter o corpo em forma com você aqui.

— Como se precisasse – riu Angélica. Se levantou e começou a tirar os pratos da mesa.

— Treinei durante dez anos – respondeu Marcela se levantando para ajudá-la. – Dos meus dezoito até os vinte oito anos. Se não cuidar, volto a ter barriguinha de novo.

— Pode deixar que eu faço isso – protestou ao ver Marcela carregando as coisas.

— Não vai cair minha mão se eu te ajudar na cozinha.

Angélica a olhou com um sorriso, sem conseguir evitar a rápida comparação que passou por sua cabeça. Tratou de afastar enquanto lavava os pratos e escutava Marcela falar sobre os anos na faculdade de engenharia. A morena secou e guardou a louça e só quando terminou de limpar a pia é que a chamou para ir assistir um filme. Se acomodou no sofá ao seu lado e Marcela escolheu uma comédia no Netflix. Pela primeira vez, em muito tempo, tinha uma noite descontraída, rindo com alguém. Quando o relógio marcou onze e meia da noite, se despediu e foi para o quarto dormir.

Marcela desligou a tevê e andou até a grande porta de vidro olhando para a cidade. Pensou, por um momento, em descer para o apartamento de Cássia, mas mudou de ideia. Iria para a cama com a lembrança daquela noite gostosa e corriqueira que passara ao lado de Angel.

O restante da semana passou sem que desse conta. Como tinha prometido, passou a ir almoçar e jantar em casa. Angel tinha se tornado uma companhia extremamente agradável e não via o tempo passar ao seu lado. Somente na sexta, quando Tatiane mandou mensagem pedindo desculpas pelo comportamento do domingo anterior, é que percebera que passara a semana inteira em casa e no trabalho. Não havia desejado estar com mais ninguém que não fosse a morena de belos olhos cor de mel.

Capítulo 06

Angélica acordou no sábado e rolou na cama por alguns minutos antes de se levantar e ir até a janela para abri-la. O sol já brilhava forte do lado de fora, apesar de ainda ser oito horas da manhã. Seguiu para o banheiro e cozinha preparar o café. Saiu para comprar pão e meia hora depois terminava de comer. Marcela apareceu em seguida.

— Bom dia, Angel – cumprimentou Marcela ao vê-la. – Dormiu bem?

— Dormi – assentiu sincera. Nos últimos dias tinha tido um sono tranquilo, como há tempos não tinha. – Bom dia. Eu vou sair depois. Como funciona o transporte público aqui?

— Pra onde você vai?

— Dar uma volta por aí. Conhecer o centro de São Paulo.

— Não te aconselho a ir sozinha. Você não conhece a cidade e, bom, ela é bem maior do que está acostumada e bem maliciosa. Pode se perder fácil ou te acontecer algo.

— Melhor se acostumar mais com aqui então?

— Se não se incomodar, eu posso ir com você.

— Imagina, Marcela. Não vou te atrapalhar com as suas coisas. Mais pra frente eu vou.

— Você não me atrapalha, Angel. Vou adorar fazer um tour com você.

Angélica concordou com um sorriso. Tinha cogitado fazer aquele passeio com Marcela, mas não imaginou que a morena ia aceitar, tampouco teria coragem de convidá-la. Foi para o quarto colocar um vestido leve e uma rasteirinha e meia hora depois se encontraram na sala novamente. Não pôde deixar de observar como Marcela estava linda aquele dia. Usava uma calça mais larga e uma blusinha colada no corpo. Tinha deixado os curtos fios arrumados de um jeito rebelde, um penteado bagunçado. Os óculos escuros, estilo aviador, deram um charme a mais, escondendo seus olhos.

Saíram do prédio as nove e meia da manhã. Da mesma forma que Kathy fizera, Marcela guiou-a pela mão para usarem o elevador social. Iriam de

ônibus, até mesmo para que Angélica se acostumasse com a condução.

A primeira parada foi no Parque Dom Pedro. Marcela segurou a mão de Angélica enquanto ia mostrando os prédios ao redor, falando da história do lugar. Não conseguiu esconder sua satisfação por estar em um lugar como aquele. Era incrível presenciar a mistura de sons e cheiros que chegavam até ela. O máximo que tinha ido até uma cidade grande foi Goiânia e nada se comparava com o tamanho de São Paulo. Entraram na Vinte e cinco de Março e depois subiram para a São Bento. Tiraram fotos em frente ao mosteiro e no viaduto Santa Efigênia antes de seguirem para o Vale do Anhangabaú.

A parada seguinte foi no Shopping Light onde comeram um rápido lanche. Seguiram o passeio passando pelo Teatro Municipal, Galeria do Rock até cair na São João. Subiram para a República e o Copam. Entraram no prédio e subiram até o terraço. Angélica ficou apavorada com a altura, mas se sentiu mais segura de chegar até a grade para olhar a cidade, quando Marcela envolveu suas mãos na sua cintura, abraçando-a por trás, e deu um beijo no seu ombro, demonstrando que estava ali, com ela. Olhou para a cidade a perder de vista, curtindo a inebriante sensação que tomava conta do seu corpo. Sentia, verdadeiramente, que estava vivendo um sonho.

O relógio já marcava oito da noite quando voltaram para casa. Depois da República, tinham passado pela consolação e por último Avenida Paulista. Angélica estava exausta, mas extremamente satisfeita ao entrar no apartamento.

— Obrigada por ter ido comigo, Marcela – agradeceu Angélica. – Foi muito bom!

— Foi excelente! Fazia muito tempo que não saia para fazer turismo por aqui. São Paulo sempre tem algo novo para se ver. Ainda tem os museus, o parque do Ibirapuera, Paranapiacaba, o Pico do Jaraguá. Sem contar a noite. Rua Augusta às duas da manhã é imperdível!

— Imagino que sim. E você tinha razão: ia me perder se tivesse ido sozinha. Não ia conseguir ver metade do que vimos.

— Ia – concordou Marcela. – Vai tomar um banho para descansar. Vou pedir uma comida pra gente.

— Imagina, eu faço.

— De maneira nenhuma, você está cansada. Eu peço uma pizza. É rápido.

— Tá bom.

Angélica saiu para o quarto e Marcela ficou na sala, ainda com um sorriso

estampando seu rosto. Olhou ao redor, se situando do que tinha que fazer ali, e se lembrou do celular. Ficara tão entretida com Angélica que tinha esquecido de tudo. Algumas ligações perdidas e mensagens no whatsapp convidando para a balada. Seguiu por prioridades. Primeiro sua mãe e depois Kathy.

— Fala minha loira!

— Estava iludindo quem o dia inteiro para não atender as minhas chamadas?

— Passei o dia com a Angel. Nem peguei no celular.

— Puta merda, Marcela! Já arrastou a garota para a cama? Eu disse pra você não zuar com ela!

— Não transei com ela, Kathy. Estávamos fazendo turismo. Levei ela para conhecer São Paulo.

— Só isso? Você e uma mulher gata, só fazendo turismo sem nenhum motel no meio do caminho?

— Vai se fuder, Kathy! O que você quer?

— Vamos na *A.F.A.I.R* hoje? Nanda e eu queremos uma baladinha boa.

— Podemos ir. Reserva um camarote pra gente. Estou bem cansada pra ficar em pé em uma pista de dança a noite toda.

— Tranquilo. Passamos aí pra fazer um esquentão e depois vamos.

— Fechado.

Marcela desligou o telefone e discou para a pizzaria. Seguiu para o quarto e depois banheiro em um banho rápido. Desligou o chuveiro e colocou uma roupa qualquer somente para receber a pizza. Quando Kathy e Nanda chegassem ia se arrumar para a noite.

De volta a sala, não encontrou Angélica. Ligou a tevê e se jogou no sofá, colocando os pés para cima. O telefone de casa começou a tocar e se adiantou acreditando que era a pizza que tinha chegado.

— Marcela.

— Boa noite, dona Marcela. Eu sou a mãe da Angélica. Eu posso falar com ela?

— Claro – concordou com um sorriso. – Qual o seu nome?

— É Amália.

— Só um momento que vou chama-la, dona Amália.

Marcela saiu para o corredor e bateu no quarto da morena para vê-la parecer enrolada na toalha no minuto seguinte. Os olhos passearam pelo seu rosto e cabelos molhados caindo sobre o ombro antes de descer para o tecido

felpudo que escondia o corpo moreno. A protuberância dos seios onde a toalha começava e o fim dela, acima do meio das coxas, fez sua mente viajar.

— Eh... Ah... Sua... Sua mãe no telefone.

— Obrigada Marcela – agradeceu Angélica estendendo a mão para pegar o aparelho.

Marcela ainda a fitou durante dois segundos antes de cair em si e entregar o aparelho para a morena. Voltou para a sala respirando fundo. “Ok, Angel me dá tesão. Um puta tesão, mas tenho que me controlar. Deve ser o tempo que estou sem sexo. Deve ser somente isso” se exortou. Precisava encontrar alguma garota nova naquela noite.

Dez minutos depois o interfone tocou. Desceu para pegar a pizza e encontrou Angélica na cozinha terminando de arrumar a bancada para comerem. Ela tinha afastado um pouco da imagem sexy que tinha tido minutos antes, ao colocar um short jeans com uma blusinha de alcinhas.

— Peguei de calabresa novamente – falou ao colocar a pizza na bancada.

– Vou guardar o folheto e da próxima vez você escolhe um sabor diferente.

— Pra mim tá ótimo assim, Marcela.

Comeram conversando sobre o dia agradável que tinham tido e Marcela se empolgou já marcando um novo passeio. Desta vez iriam para Paranapiacaba.

— Lá tem os museus, alguns trens antigos foram abertos para visitação pública. Podemos fazer trilhas também. Tem umas cachoeiras maravilhosas no caminho. Do pico da pra ver o mar. É uma visão imperdível.

— Nunca vi o mar pessoalmente – falou Angélica pensativa. – Só por tevê mesmo.

— Sério?!

— É. Eu sempre marcava com a... A... Menina que morava lá na fazenda onde eu trabalhava, mas nunca deu certo.

— Vou te levar qualquer final de semana desses. Podemos ir para Ubatuba no sábado de madrugada e voltar no domingo à noite. Aproveitamos o final de semana inteiro.

— Eu vou adorar – respondeu Angélica. Desviou sua atenção dos olhos cinzentos quando escutou a campainha tocar. – Eu vou abrir.

Marcela assentiu e se virou na banqueta do balcão para ver quem era. Angélica abriu a portar para enxergar Kathy e, provavelmente, Nanda.

— Oi Angel – cumprimentou Kathy ao dar um beijo no seu rosto. – Essa é Nanda, minha esposa. Essa é a Angel.

— Uau! – exclamou Nanda. – Você não estava exagerando, meu amor! Como você é bonita, Angel! Muito prazer em conhece-la.

— O prazer é meu – respondeu tímida retribuindo o beijo no rosto. – Marcela está ali na sala.

— Fala Marcela! Ainda não está pronta? – perguntou Kathy indo para a cozinha pegar um copo. Voltou para o balcão e se serviu do refrigerante que ainda estava ali.

— Está cedo. Fez a reserva do camarote?

— Fiz. Está me devendo uma grana. Quando a fatura do cartão chegar, eu te passo a sua parte.

— De boa. Acabamos de comer pizza, vocês querem?

— Eu vou aceitar um pedaço – se adiantou Nanda.

— Eu vou arrumar pra vocês. Só um minuto – falou Angélica indo para a cozinha.

— Não precisa, Angel – cortou Nanda. – Onde está o guardanapo, Marcela?

— Acho que no mesmo lugar de sempre – riu. – A dona da casa é a Angel agora.

— Está aqui dona Nanda.

— Não fala assim, Angel, fico parecendo uma jurássica. Só Nanda. Então você que está tomando conta da Marcela? Ela realmente precisava de alguém aqui. Olha esse apartamento! Está um luxo! Tudo limpo e organizado.

— Eu vou deixar vocês à vontade. Qualquer coisa que precisar é só me chamar.

— Preciso te fazer algumas perguntas, Angel – falou Nanda ao mesmo tempo que puxava uma cadeira da sala de jantar e equilibrava a pizza com a outra mão.

— Claro, dona... Quer dizer, Nanda.

— Quantas mulheres Marcela trouxe no apartamento nessa semana que está aqui?

— Não sei se isso é... – respondeu desconcertada olhando para Marcela.

— É sério, Nanda? – perguntou Marcela fechando a cara.

— É só um número – insistiu Kathy. – Pode responder.

— Uma no domingo passado.

— Ela foi rude ou indelicada com você? Se for, é só me falar, viu?!

— Não – riu Angélica. – Ela está sendo ótima.

— Última pergunta. Já pensou em fazer um book? Eu trabalho em uma

revista de moda, faço parte do editorial, e, mesmo que não tenha anos de experiência na área, sei reconhecer um rosto lindo!

Angélica não conseguiu segurar o riso.

— Imagina! Jamais! Não sou bonita pra isso. Você que é gentil.

— Não sei fazer gentilezas nesse sentido. Andou se olhando no espelho nos últimos dois anos? Tenho certeza que tem ideia da sua beleza.

— Obrigada, Nanda. Eu vou para o quarto.

— Vamos para a balada? Música boa, um monte de gatinho ao redor. A balada é HT. Você pode se dar bem lá.

— Não. Obrigada. Se precisarem de algo é só me chamar.

Marcela somente concordou com a cabeça e assistiu a morena se afastar pelo corredor. Assim que a porta bateu, voltou a olhar para as amigas que a encaravam.

— Vocês são umas filhas da puta! Tão querendo assustar minha funcionária?

— Como foi o passeio de vocês? – perguntou Kathy com um risinho.

— Eu vou me arrumar. Tem vodca e limão na geladeira. Quero uma boa caipirinha, Nanda.

— Eu faço – concordou a morena. – Tenta convencer a Angel de ir conosco.

— Não vamos misturar as coisas, ok? – pediu Marcela. — Eu vou ligar para Tatiane e chamar ela. Quero uma mulher que eu possa levar pra cama no final da noite.

Kathy observou a amiga sumir do seu ponto de vista. Se virou para a esposa que comia tranquilamente.

— Alguma chance de virar um romance aí?

— Creio que sim, mas é bom observar um pouco, não é? Mas eu gostei da Angélica. Bonita, simpática. Faria um bom par com Marcela. Quem sabe?

— Quem sabe – repetiu Kathy.

Capítulo 07

Angélica saiu do quarto somente depois que ficou sozinha no apartamento. Tinha ficado tentada em sair com elas, mas não podia aceitar. Primeiro porque Marcela não tinha feito o convite e mesmo se tivesse partido dela, não podia ir, pois não queria misturar as coisas. Marcela era sua patroa. Manter a relação profissional era fundamental para que tudo desse certo. Terminou de arrumar a pequena bagunça que elas haviam deixado e voltou para o quarto. Continuou escrevendo por um longo tempo até ser vencida pelo sono.

Despertou de manhã com os gemidos que vinha do quarto ao lado. Ficou um longo tempo olhando para o teto, se excitando com o barulho. Marcela devia ser muito boa de cama para a mulher gemer daquele jeito. Se lembrou do dia anterior, do seu abraço carinhoso no topo do prédio, o beijo depositado em seu ombro. A mão correu para um seio, apertando-o sobre o tecido da camiseta de dormir. O barulho da cama rangendo acompanhou a outra mão que desceu para o meio das pernas para encontrar a calcinha. A afastou para o lado e se acariciou, sentindo a umidade do sexo nos seus dedos. Fechou os olhos enquanto a respiração se alterava e a exploração continuava lentamente. Abriu as pernas para ter um melhor encaixe da mão. O clitóris inchado revelava o quanto estava excitada. O acariciou aumentando a pressão. O tesão aumentou quando se sentiu encharcar com o prazer que estava proporcionando ao próprio corpo. O barulho no quarto ao lado aumentou um tom e o acompanhou ao se penetrar com dois dedos. A mão que acariciava o seio, desceu para o clitóris e, mantendo um ritmo desconhecido a ela, gozou demoradamente enquanto a imagem de Marcela se fixava na sua cabeça.

Angélica ficou um tempo estática na cama, pensando no que tinha acabado de fazer. Os gemidos no quarto ao lado cessaram, mas o turbilhão que estava sua mente não. Como pudera se masturbar com tanta intensidade pensando em Marcela? Devia ser pelo tempo que estava sem sexo. Antes da traição de Andréia, tinha uma vida sexual ativa e agora já fazia meses que

não tinha uma mulher tocando o seu corpo. Os sons sensuais que ouvira, misturado com as imagens que possuía da morena tinham contribuído em cem por cento para o que tinha acontecido. Suspirou fundo e saiu da cama uma hora depois. Tomou um banho quase frio para relaxar o corpo.

Foi na padaria, preparou o café da manhã para as três e levou sua refeição para o quarto. Terminou de comer e ficou durante um longo tempo na janela olhando a paisagem. O barulho de descarga no quarto ao lado indicou que elas já tinham acordado. Saiu para a cozinha esquentar o leite antes que elas saíssem para a sala.

— Olha, uma funcionária sempre à disposição – falou Tatiane com um sorrisinho de deboche para chamar sua atenção. – Por que não levou café na cama pra gente? Estou bem cansada de passar a noite toda na atividade, se é que me entende.

— Bom dia – cumprimentou Angélica com enfado.

— Você não entende, não é? Você é de Goiás, não é? Está tão acostumada com a vida na roça, só cuidando de bichos que nem sabe ter alguma resposta.

— Talvez se cacarejar eu consiga te entender – respondeu Angélica de saco cheio.

— Que vadia! Escuta aqui, sua filha da puta...

— Que porra é essa, Tatiane? – perguntou Marcela nervosa ao aparecer na sala. – Perdeu a noção?!

— Você viu o que sua empregadinha disse? Vai defender ela agora por quê? Anda comendo ela também? Não quer perder a facilidade de ter uma buceta à sua disposição?!

— Vai embora da minha casa – falou Marcela tentando manter a voz controlada. – Pega as suas coisas e vai embora.

Angélica balançou a cabeça em sentido negativo, odiando aquela sessão deprimente. Fez menção de ir para o quarto, mas Marcela a impediu.

— Você fica aí, Angel. A única que tem que sair daqui é essa garota.

— Está certo, Marcela, eu vou. Espero que quando se enjoar dela não venha me procurar.

— Vou até anotar para não esquecer. Você tem cinco minutos para sair daqui.

Angélica permaneceu no mesmo lugar até que as duas mulheres sumiram do seu ponto de vista. As vozes alteradas indicavam que continuavam a discutir. Andou de um lado para o outro nervosa. Não era

possível que algo daquele tipo tivesse acontecido. Não podia perder o emprego, não podia voltar para Goiás ainda, não era o momento. Não podia ter seu recomeço destruído por causa de alguma garota mimada. O medo da reação de Marcela começou a tomar outra proporção quando a ruiva passou extremamente nervosa pela sala e bateu a porta do apartamento. Logo depois a morena apareceu, indo na sua direção. Não percebera que ainda andava de um lado para o outro.

— Angel...

— Me desculpa, Marcela, eu não devia ter respondido ela. Eu não devia ter falado nada, não achei que ela... – disparou em falar. Não percebera que lágrimas escorriam pelo seu rosto. – Não me manda embora, eu prometo que isso não vai se repetir. Eu não saio mais do quarto quando estiver com alguma mulher aqui, eu...

— Angel, para! – exclamou Marcela abraçando-a para fazê-la parar. – Eu não vou te mandar embora! De onde tirou isso?

— Eu sei que não tem nada a ver com isso, mas eu não posso voltar pra Goiás agora, eu preciso...

— Angel, você está muito nervosa! Vem aqui!

— Eu não...

— Para – cortou Marcela fazendo ela se sentar no sofá. Se abaixou na sua frente segurando seu rosto – Eu não vou te mandar embora! A errada foi Tatiane. Ela não pode te tratar assim, não pode tratar ninguém assim.

Angélica não respondeu nada. A abraçou com força enquanto desabava em seus braços. Chorou pelo medo que sentia de ser despedida, pela humilhação que tinha passado, pela dor que carregava, por ter sido forte até aquele momento, pela saudade que sentia dos pais e dos irmãos. Chorou por não conseguir mais manter a cabeça erguida.

Marcela a abraçou com força e a embalou em seus braços por um longo tempo. Não era possível que ela estivesse nervosa apenas pelo que Tatiane tinha dito. Esperou que ela se acalmasse e, aos poucos, o choro diminuiu para soluços. Continuou com a morena em seus braços, acariciando seus cabelos lentamente. O gesto só serviu para que o choro voltasse baixinho.

— Você está muito machucada – Marcela disse o obvio. – O que fizeram com você? Como alguém teve coragem de te machucar desse jeito?

— Me desculpa...

— Para de se desculpar. Põe pra fora. Pode te fazer bem. Quem te

magooou tanto assim?

— Eu tinha uma vida perfeita. Não era nada comparado com o que você tem aqui, mas era o suficiente pra mim – começou Angélica tentando secar as lágrimas. – Eu namorava com uma mulher linda. Eu amava ela tanto! Ai a filha do patrão chegou da Inglaterra. Ela é médica, ajudou meu pai com um tumor que nenhum outro médico tratava direito. Eu vi ela se jogando pra Deia e não podia falar nada. Eu tinha essa dívida com ela. Quando meu pai operou, elas ficaram juntas. Eu terminei com a Deia, mas no fundo acreditava que ela voltaria pra mim. Depois elas continuaram. Márcia decidiu que não ia mais voltar para a Inglaterra aí a Deia ficou com ela. A culpa foi minha porque eu fugi, não queria ver que ela estava apaixonada por outra. Aí eu tive que sair da fazenda. Com a operação, meu pai não pode trabalhar ainda e eu quem mantinha a casa. Mantenho. A sua tia me falou que tava precisando de alguém pra trabalhar aqui. Eu não ia aceitar, mas no dia que eu fui recusar a oferta que ela tinha me feito, eu ouvi os empregados da fazenda falando que elas iam noivar. Deia nunca colocou nem uma aliança de namoro no meu dedo e ia noivar com ela. Eu deixei tudo pra trás. Meus pais, meus irmãos, a faculdade, meu emprego. A Deia. Eu perdi tudo.

Marcela voltou a abraça-la quando as lágrimas voltaram em profusão. Subiu para o sofá e se encostou fazendo ela se debruçar sobre o seu corpo. Fez carinho em seus cabelos por um longo tempo até que ela se acalmasse. Então aquela era a história de Angélica. Era uma otária que tinha trocado ela por outra e não um otário. Deu um beijo na sua cabeça e a apertou levemente em seus braços. Jamais faria algo para fazê-la sofrer.

— Eu sei que isso não vale de nada agora, mas não vale a pena chorar por alguém que fez isso com você – falou com a voz baixa. – Com o tempo você vai aprender isso.

— Se Márcia não tivesse voltado da Inglaterra, eu ainda estaria lá, mas só bastou aparecer uma loirinha com o corpo perfeito pra ela jogar tudo pro alto...

— Você é linda, Angel. Não se sinta menos que ninguém.

— Obrigada por tentar me animar, Marcela, mas eu sei quem eu sou. Sei quem Márcia é.

— Não sabe. Não sabe mesmo. Eu já sai com muitas mulheres. Algumas lindas. Você não deixa em nada a desejar. Você ouviu Nanda ontem, ela trabalha com modelos, ela sabe reconhecer uma beleza como a sua a nível profissional. Você só precisa acreditar nisso. Sua autoestima está muito baixa

e é seu único defeito.

— Obrigada. Me desculpe por isso também – falou ao se sentar, saindo dos braços de Marcela. – É totalmente inapropriado essa reação. Eu vou me controlar...

— Angel, antes de ser a sua empregadora, quero que sejamos amigas. Você não tem que se desculpar por me mostrar que é humana. No que precisar, pode contar comigo.

Angélica agradeceu com um aceno e levantou do sofá. Marcela ficou observando ela ir para o quarto e sumir do seu ponto de vista. Nunca fora dada a violência, mas se encontrasse Andreia, enfiaria a mão na sua cara de bom grado.

O relógio do celular marcava dez horas da manhã. O sol já ia a pino do lado de fora. Voltou os olhos para o apartamento quando escutou o barulho de Angélica voltando para a sala para arrumar a louça do café da manhã.

— Deixa isso aí – sorriu. – Vamos almoçar fora.

— São dez horas da manhã, Marcela. Dá tempo de arrumar tudo até...

— Não dá não. Gosta de lagosta?

— Nunca comi.

— Tem um restaurante maravilhoso que, acredito que vá gostar. Coloque uma roupa confortável e seja rápida. Temos que sair em meia hora.

— Marcela, não precisa...

— Não discute, Angel. Vamos! Está me atrasando em dois minutos.

Angélica sorriu e balançou a cabeça em sinal negativo. Foi para o quarto e Marcela seguiu atrás indo para o seu próprio aposento. Colocou um short jeans e uma blusinha leve antes de soltar os cabelos e passar os dedos os ajeitando. Colocou uma sandália nos pés e por último passou gloss nos lábios. Saiu do quarto e já encontrou Marcela na sala de bermuda e regata. Juntas ganharam o elevador e depois a garagem.

— Pra onde vamos? – perguntou assim que entrou no carro.

— Uma surpresa – respondeu Marcela com uma piscadinha.

Angélica sorriu em resposta e se virou para colocar o cinto de segurança. Marcela puxou um assunto qualquer durante o trajeto. A música no rádio quebrava os minutos de silêncio que aconteciam entre um assunto e outro. Começou a estranhar quando alcançaram uma rodovia e Marcela pediu que separasse o valor do pedágio das moedas que tinha no descansa copos.

— Estamos indo pra praia? – perguntou desconfiada.

— Quer? – devolveu Marcela sorrindo. – Estou te levando em um

restaurante que eu adoro, mas podemos esticar até lá. É perto.

— E esse restaurante que você adora é no litoral? – voltou a perguntar ao mesmo tempo que apontava para a placa rodoviária.

— É. Só lá tem a melhor lagosta do estado de São Paulo.

— Você é incrível!

Angélica abriu um sorriso sincero ao fitar a morena ao seu lado. Respirou fundo para conter a emoção que aflorava lentamente. A mulher que conquistasse o coração de Marcela teria muita sorte.

A viagem até Santos durou cinquenta minutos. Não havia trânsito na rodovia e as ruas da cidade estavam livres. Marcela guiou até cair na avenida Saldanha da Gama olhando, satisfeita, Angélica ao seu lado fascinada com o mar. Parou o carro próximo ao restaurante e desceram. Puxou a morena pela mão até a murada para olhar para o mar de perto.

— Isso é lindo! – exclamou Angélica. – Nunca tinha visto nada parecido!

— Eu ainda vou te levar em um lugar realmente lindo. Podemos pegar a barca até o Guarujá depois do almoço. Lá é bem mais bonito, mas ainda não é lindo. Em algum feriado podemos marcar com a Kathy e Nanda de irmos para Paraty. Ai sim, lá é lindo mesmo.

— Eu vou adorar – respondeu Angélica sem conter a vontade que teve de abraça-la. – Obrigada por isso. Significa muito pra mim tá aqui hoje.

Marcela a abraçou com um sorriso satisfeito. Estava feliz por proporcionar aqueles momentos de distração para Angélica. Se afastaram com sorrisos permanentes nos lábios e seguiram para o restaurante, do outro lado da avenida, de mãos dadas. Marcela passou o tempo todo narrando sobre as praias que já tinha ido, empolgada pela total atenção que Angélica dava a ela. Depois do almoço voltaram para o carro e seguiram para a travessia. Esperaram o embarque por vinte minutos e, depois de parar o carro na barca, Marcela a chamou para fora do veículo. Angélica se encostou na lateral e deixou os olhos correr pela paisagem. Novamente a sensação de estar vivendo um sonho se apoderou da sua mente. Marcela não tinha lhe dado somente um emprego; tinha lhe dado a chance de voltar a sorrir.

Voltaram para o carro depois de quinze minutos. Já no Guarujá, Marcela guiou para a Miguel Estefano e parou o veículo no primeiro estacionamento que encontrou. Ganharam o calçadão e depois a areia. Angélica tirou a rasteirinha e foi para a orla, sentir as pequenas marolas que chegavam aos seus pés. Marcela ficou olhando-a de longe e não se conteve em tirar o celular do bolso e tirar várias fotos da morena. Sabia que aquele momento era

especial para ela. Foi naquele instante que sentiu uma coisa desconhecida: um frio no estômago, um carinho intenso pela morena que chegava a dar uma dorzinha gostosa no coração, a mandíbula que começava a reclamar do sorriso permanente no rosto ao admira-la. Foi ali, enquanto via ela ajeitar os cabelos bagunçados pelo vento, que sentiu, pela primeira vez, que seus dias de farra estavam contados.

Capítulo 08

Marcela parou o carro na frente da obra que a construtora estava realizando na Zona Norte e desceu já enxergando Kathy conversando com Arlindo, mestre de obras. Travou o veículo e seguiu até eles, cumprimentou-os, mas se manteve à margem na conversa. A cabeça ainda estava concentrada em Angélica, no dia anterior que passara ao seu lado. Tinham ficado todo o começo da noite no Guarujá e retornado para São Paulo quando o relógio já marcava dez horas da noite. Naquele dia, teve que admitir duas coisas: Angélica mexia com ela muito mais do que devia, muito rápido para que já tivesse essa consciência em dez dias de convivência. Havia também o emocional da morena que fora completamente destruído com a traição da ex namorada. Era obvio que Angélica ainda a amava e não era pouco. Não conseguia entender como ela ainda direcionava sentimentos tão nobres para alguém que não tinha agido com o mínimo de respeito por ela.

— Marcela, está aí? – perguntou Kathy passando a mão na frente do seu rosto. – Está tudo bem?

— Acho que sim. O que foi?

— Vamos entrar? Temos que fazer essa inspeção aqui e depois ir para o escritório. Minha mãe e Charlotte aprovaram o projeto. Temos que dar início nas liberações.

— Tudo bem – concordou. – Vamos?

Fez menção de entrar no prédio de quatro andares, mas a voz de Kathy novamente a impediu.

— Não está esquecendo nada? Onde estão seus equipamentos de segurança?

— Esqueci o capacete no carro. – respondeu evasiva.

Kathy observou a amiga ir para o veículo e seguiu atrás dela. Algo de muito errado estava acontecendo. Marcela era sempre a primeira a exortar sobre a segurança de se ter para entrar em um prédio em construção e agora esquecia um procedimento simples, mas ao mesmo tempo fundamental.

— Quer conversar?

— Eu fui para a praia com a Angel ontem. Passamos o dia no Guarujá.

— Uau! Ela usava um biquíni fio dental? Deve ter sido incrível.

— Ela não é qualquer garota Kathy. Ela se abriu comigo ontem, disse que namorava com uma mulher lá em Mato Grosso.

— Goiás.

— Isso. Enfim, ela namorava com essa imbecil e ela se encantou com a filha do dono fazenda onde trabalhavam. Ela traiu a Angel com essa garota. O pai dela tá operado recente, não pode trabalhar. Ela quem mantém a casa. Saiu do emprego na fazenda, trancou faculdade, não conseguiu outro emprego por lá. Quero nem pensar se não passaram alguma dificuldade.

— Puta merda! Que zuado!

— Nem me fala. Dia vinte vou adiantar uma parte do salário dela. Vou fazer uma retirada pequena do caixa da construtora. Se não concordar eu peço pra minha mãe. Andei gastando bastante esses dias.

— Tem que ver com o Fábio, mas acho que não tem problema. Charlotte vai transferir metade do pagamento até o dia trinta. O restante depois que entregar o prédio, mas até lá, Tracy disse que se precisar de dinheiro é só avisar.

— Obrigada. Ela está muito machucada, Kathy. Não foi só uma traição, foi a vida dela inteira que saiu dos eixos. Teve que mudar de estado, parar de estudar, ficar longe da família. Muita coisa.

— Você está com pena dela?

— Não. Pena, não. Estou sentida pelo que fizeram com ela. Mesmo que essa Andréia tenha se apaixonado pela Márcia, nenhuma das duas pensaram no que isso ia atingir a Angélica. No quanto ela ia ficar magoada, como está.

— Ela se abriu do nada com você?

— Não. A vaca da Tatiane destratou ela em casa. Ficou com ciúmes dela.

— E o que você fez?

— Coloquei ela pra fora de casa. A Angel ficou desesperada achando que eu ia demitir ela aí acabou contando tudo, mas foi pelo impulso do momento. Acredito que se ela não tivesse se abalado tanto, não teria se aberto comigo.

— E como você está nessa equação toda?

— Não sei. Ela nunca tinha visto o mar – respondeu com um sorriso pela lembrança. – Depois de tudo o que aconteceu de manhã, achei uma boa tirar ela do apartamento, da cidade. Ela é tão modesta! Não faz ideia da beleza que tem, do jeito menina, delicada. Inocente.

— Você está se apaixonando por ela?

— Eu não sei. É muito recente para gostar de alguém, não é? Não tem nem duas semanas que ela chegou.

— Eu precisei de cinco minutos para entender que quero a Nanda pelo resto da minha vida – respondeu Kathy suspirando fundo. – Você nunca sentiu isso, Marcela. Você sempre curtiu farra, várias mulheres, nenhum compromisso. Ela pode ser a sua mudança. Já está sendo. Você nunca faria uma viagem, do nada, apenas para agradar alguém.

— Eu tenho vontade de fazer tudo por ela. Cuidar dela, arrancar essa dor que ela sente por causa daquela babaca. Dar um direcionamento pra ela, mostrar que ela pode ser o que quiser. Fazer ela acreditar que é linda e que pode ter qualquer sapa dessa cidade.

— Eu sabia que estaria viva para te ouvir falar isso – riu Kathy. – Por que não investe mais?

— Porque, apesar de tudo, ela ainda gosta da babaca.

— Se ela a amava tanto, realmente não se esquece do dia para a noite, mas se uma morena tatuada de olhos cinzentos der toda a atenção pra ela, quem sabe não esquece a outra?

— Será? Isso é coisa de livros.

— Não. Essa é a vida real.

— Pelo que percebi, ela é muito intensa em relacionamentos. Não posso dar uma mancada com ela. Você me conhece, sabe que não sou de recusar uma boa diversão.

— O fato de você se preocupar em não querer dar mancada com ela já demonstra que vai pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa. Você tem que assumir primeiro que está apaixonada por ela.

— Vamos deixar as coisas evoluírem. Talvez eu esteja confundindo alguma coisa nesse processo. Nunca tinha encontrado uma mulher como ela. Pode ser apenas admiração.

— Já é um começo – concordou Kathy. – A hora que quiser conversar sobre isso é só me procurar.

— Vamos almoçar em casa? Angel vai fazer carne de panela com batata. O tempero dela é incrível! Acho que vai gostar.

— Demorou!

Novamente a semana passou enquanto Marcela contava as horas, torcendo para que o dia passasse rápido para ir para casa. A convivência com Angélica havia se estreitado ainda mais, depois dos momentos que passaram

juntas no final de semana anterior. Passava todo o tempo que podia conversando, procurando meios de fazê-la falar. Com a constante presença da morena, percebeu que ela sempre terminava o trabalho cedo e ficava uma boa parte da tarde no quarto. Tinha mórbida curiosidade de saber o que ela fazia, mas não podia invadir sua privacidade.

Na quinta à tarde, chegou mais cedo do trabalho. Angélica estava no quarto e seguiu direto para o escritório. Tinha um computador de mesa ali e já havia um bom tempo que não o ligava. Tirou todas as coisas de cima mesa e conectou os cabos, torcendo para que ele funcionasse. Ligou e começou a mexer, testando todos os comandos. Acessou os programas e depois a internet. Mesmo que tivesse passado tanto tempo desligado, ainda era uma boa máquina. Estava terminando de atualizar o antivírus quando Angélica apareceu na porta.

— Oi Marcela. Nem vi a hora que chegou.

— Não quis te incomodar no quarto – respondeu Marcela ao desviar os olhos da tela. – Vem aqui, estava testando esse computador pra você.

— Pra mim? – estranhou Angélica se sentando, ao seu lado, na cadeira que havia colocado ali.

— Sim. Percebi que tem bastante tempo livre à tarde. Pode usar esse tempo com algum curso online, leituras, não sei.

— Isso é legal. Tem alguns cursos bacanas de educação online. Até mesmo no Youtube. Não me enferrujo tanto enquanto não voltar para a faculdade.

— Quero que tenha alguma ocupação para não ficar com a mente vazia – riu Marcela. – Já dizia o ditado, mente vazia, oficina do diabo.

— Que horror, Marcela! – Angélica acompanhou o riso. – Eu me ocupo a tarde. Eu escrevo.

— Sério? Escreve o que?

— Um romance ficcional, mas é coisa boba. Escrevo em um caderno.

— Deixa eu ler?

— Não mesmo! Quando terminar, vou queimar. É só uma forma de colocar pra fora algumas coisas para não pirar.

— Interessante. É um tipo de terapia válida. Gosta de contar histórias?

— Gosto de criar. Um mundo onde todos possam ter um final feliz e que as circunstancias da vida sempre favorece quem merece. Gosto de pensar que eu posso ser quem eu quiser com uma caneta. Uma condessa do século dezoito. A salvadora com a típica jornada do herói em um mundo distópico.

A garota que atravessa o inferno, mas no final encontra um motivo, simples e singelo que a faça sorrir. São apenas ideias que nunca saem da cabeça.

— Você gosta de livros?

— Amo. Acho que li todos da biblioteca da cidade onde morava. Depois que comecei a trabalhar na fazenda e namorar com a Deia, eu deixei eles um pouco de lado. Com o computador agora vou conseguir baixar alguns PDFs.

— Tem uma livraria incrível na Paulista. Livraria Cultura. Ela é gigante! Toma um bom espaço do Conjunto Nacional. Você ia pirar lá dentro.

— Imagino que sim. Nunca fui em nenhuma livraria grande. Primeiro porque lá onde morava não tem, segundo porque não tenho dinheiro para comprar. Ir para passar vontade não adianta.

— Isso é verdade. Vou te levar lá qualquer dia. Você vai curtir.

— Depois do pagamento. Vou separar dinheiro para comprar, nem que seja, um livro.

— Quem tem muitos livros é Nanda. Vocês poderiam trocar figurinhas nesse sentido. Ela é uma viciada.

— Ela pode me passar indicação de alguns. Eu ando bem por fora do que tem lançado.

A noite caiu sem que nenhuma das duas dessem conta. Entraram em sites onde tinham acesso ao acervo de domínio público para baixarem alguns livros. Procuraram nas livrarias online os que estavam em lançamento para que Angélica pudesse escolher o título quando fossem a loja física. Conversaram sobre obras que ambas tinham lido, concordando com os pontos que haviam destacado, discordando de outros. A conversa fluía fácil, como se fossem amigas de longa data.

Angel desviou os olhos de Marcela quando o telefone da morena começou a tocar. Voltou a se concentrar na tela enquanto ela descartava algum convite. Quando prestou atenção na hora, tomou um susto. O relógio já marcava oito da noite. Levantou apressada saiu para fazer o jantar.

— Algum problema, Angel? – perguntou Marcela ao aparecer na cozinha, depois de cinco minutos.

— Esqueci completamente do jantar. Já são oito horas da noite.

— Ah tá – concordou Marcela com um sorriso. Havia cogitado que ela tinha saído do escritório por causa da ligação que recebera. – Eu vou te ajudar. O que eu faço?

— Melhor deixar que eu faço – riu Angélica. – Vai sair mais rápido.

Marcela balançou a cabeça em concordância e saiu pela porta do

apartamento. Seguiu até a garagem e guiou até uma adega. Depois de escolher um bom vinho, voltou para casa. Entrou na sala já sentindo o delicioso aroma que tomava conta do lugar. Angélica continuava a fazer alguma coisa na pia e só virou o rosto para enxerga-la antes de voltar a atenção para o que estava fazendo.

— Gosta de vinho? Fui buscar um pra nós – falou Marcela indo para o seu lado. Pegou o abridor na gaveta da pia e taças no armário.

— Eu gosto. Não daqueles secos, daqueles docinhos, sabe?

— Suave. Eu não gosto de vinho seco, prefiro demi, mas eu trouxe um suave. Parece mais com o seu gosto mesmo.

Angélica pegou a taça que a morena estendia na sua direção e aceitou o brinde que ela propunha em silêncio. Deu um gole, sentindo a bebida descer suavemente pela garganta.

— Que delícia!

— Muito bom mesmo. Meu favorito.

— O jantar está quase pronto. É só o tempo do frango terminar de cozinhar.

Marcela se aproximou do fogão para ver o que Angélica tinha dito. Ela se virou para a panela e a abriu para que Marcela pudesse ver. Sentiu a mão da morena na sua cintura enquanto ela colocava a taça de lado. A mão subiu para as costas em uma carícia lenta e voltou a descer até abaixo da cintura. Fechou os olhos se lembrando dos sons de gemidos que escutara, de como havia se masturbado pensando em Marcela. A boca da morena deu um beijo no seu braço e depois no ombro fazendo Angélica girar para ficar de frente a ela. Uma mão a enlaçou forte, fazendo seus corpos grudarem enquanto a outra subia para o seu rosto, o acarinhando com delicadeza. Inclinou a face para sentir mais daquele toque delicado e abriu os olhos para enxergar Marcela a fitando com intensidade. A mão do rosto correu para sua nuca, prendendo seus cabelos puxando-a para um beijo.

— Não – cortou Angélica com o coração acelerado ao mesmo tempo em que se afastava de Marcela. – Eu não posso fazer isso. Eu... Eu não... Não podemos.

— Por que? – perguntou Marcela ainda entorpecida pelo breve momento de intimidade.

— Eu não... Eu não fico com alguém por ficar. Não sou esse tipo de mulher.

— Me desculpe, eu não sei o que deu em mim... Eu não... Vamos

esquecer isso, ok? Me desculpe.

— Tudo bem, vamos esquecer isso. O jantar está pronto.

Marcela continuou travada no mesmo lugar enquanto Angélica desligava o fogo e saía da cozinha apressada em direção ao quarto. Se encostou na pia ao mesmo tempo em que passava as mãos nos cabelos. Torcia para que não tivesse feito um estrago muito grande na relação de amizade que possuíam.

Capítulo 09

Vamos esquecer isso.” Angélica repetiu, por várias vezes, como um mantra, mas a verdade é que ela não esqueceu: passou a noite inteira remoendo aqueles poucos segundos que tivera com Marcela. Por mais que tivesse consciência de que estava em um momento de abstenção de qualquer tipo de envolvimento, não podia negar que Marcela tinha mexido com ela, deixado transparecer que, apesar de tudo o que acontecera, era uma mulher que ainda possuía atrativos.

Na sexta, preparou o café da manhã como o de costume. Estava terminando de arrumar o balcão para comerem, quando Marcela apareceu já vestida para o trabalho. Deu um baixo bom dia e virou para a pia. Era a primeira vez que a via desde os acontecimentos da noite anterior.

— Angel, quero que me desculpe mais uma vez — falou Marcela olhando para ela. — Não quero que fique mal-entendidos entre nós.

Angélica baixou os olhos para a pia e suspirou fundo, antes de se virar para ela com um sorriso.

— Do que está falando, Marcela?

Marcela a analisou a morena que servia café em uma xícara.

— Acho que nada de suma importância.

— Tem que comprar algumas coisas — falou ao mesmo tempo em que separava um pedaço do pão. — O arroz está acabando e o feijão também, o sabão em pó vai acabar hoje e outros produtos de limpeza.

— Nossa, faz tanto tempo que não faço compras. Não tenho nem ideia do que tem aqui e o que não tem. Hoje eu venho mais cedo, lá pelas duas ou três da tarde. Já faz uma lista do que precisa e vamos no supermercado aqui perto.

— Tudo bem. Já deixo tudo anotado.

— Hoje Kathy, Nanda e eu vamos na Bubu. Topa ir?

— O que é Bubu?

— Uma casa noturna em Pinheiros. Um lugar excelente!

— Não sei se...

— Qual é Angel? Vai passar o resto da vida enfurnada nesse apartamento? Vamos? Será divertido.

— Não vou ficar o resto da vida com você – riu Angélica. – Eu não tenho dinheiro para ficar indo nesses lugares, Marcela. Não é justo também que você pague tudo.

— Eu tenho entradas VIPs – blefou. – E mesmo se não fosse, eu poderia descontar do seu pagamento depois. Não tem problema. Mesmo que não passe o resto da vida comigo, quero que se divirta também enquanto estiver por aqui.

— Se não pagar nada na entrada, eu vou então.

— Ótimo! Já vou deixar confirmado com as meninas. Tenha um excelente dia, linda Angel, e esteja disposta para virar uma noite na farra – falou Marcela dando a volta no balcão para depositar um beijo no seu rosto e se afastar em seguida com uma piscadinha na sua direção.

Angélica sorriu diante do gesto de Marcela. A morena recolheu a bolsa de trabalho de cima da mesa e saiu pela porta do apartamento. Ainda ficou um bom tempo sentada no balcão com o sorriso permeando seus lábios, enquanto pensava na sorte que tivera, de encontrar uma patroa como Marcela.

Terminou de comer e se concentrou no trabalho. Tinha certeza que até meio dia terminava a limpeza e ainda teria tempo de deixar o almoço pronto para almoçarem antes de ir ao mercado.

Marcela entrou no escritório da construtora e, depois de dar um beijo de bom dia em Patrícia, seguiu para a sala de Kathy. Sabia que a amiga já estava ali, visto que seu carro estava no estacionamento. Entrou na sala sem bater, mas saiu em seguida: Nanda estava sobre a mesa da amiga e viu apenas uma parte da cabeleira loira de Kathy no meio das suas pernas. Não era a primeira vez que as pegava transando no escritório, certamente não seria a última.

Voltou o caminho que fizera e foi para a própria sala em busca de um café. Quinze minutos depois Kathy apareceu com Nanda.

— Fala, empata foda.

— É sexta, nove da manhã – falou na defensiva. – Nem podia imaginar que estavam no cio assim.

— Vai se ferrar, Marcela – riu Nanda. – Tem que ter hora marcada pra transar com a mulher, é?

— Não vou nem entrar no mérito, mas é bom trancar a porta, evita coisas como essa.

— Ok, Marcela. Por que me procurou tão cedo? – perguntou Kathy se

sentando na cadeira de frente a mesa.

— Vamos na Bubu hoje.

— Bubu? Sério? Não estou afim. Você quer ir amor?

— Não. Estávamos pensando de ir ao cinema, um jantar depois – respondeu Nanda se acomodando no colo da esposa.

— Eu não estou convidando vocês. Eu disse que vamos na Bubu hoje – esclareceu. – Eu chamei a Angel e ela concordou. Disse que vocês iam.

— Opa! Bubu hoje! – exclamou Kathy. – Lembra que me disse que queria ir, amor?

— Claro! Imagina! Não vamos perder Bubu hoje por nada! – concordou Nanda. – Já deixei até o vestido separado.

— Suas vacas! – riu Marcela ao mesmo tempo que jogava uma bolinha de papel nas duas. – Alguém consegue entrada VIP?

— É só colocar o nome na lista, mas é melhor pagar a consumação, não?

— Ela só topou ir porque eu disse que a entrada é VIP. Não acha justo que eu fique pagando as coisas pra ela.

— Cada dia mais gosto dessa garota – riu Nanda. – E por que surgiu esse convite seu?

— Eu perdi o controle com ela ontem. Eu...

— Caralho, Marcela...

— Deixa eu terminar, Kathy! Passamos a tarde toda e começo da noite conversando sobre livros, depois ela foi fazer o jantar e eu comprei um vinho...

— Ain! Adoro! Isso é rotina de casamento, viu?! Detalhes! – pediu Nanda.

— Eu tentei beija-la, mas ela fugiu.

— Sério? – indagou Nanda decepcionada.

— Depois da história que me contou é até natural que ela fuja mesmo. Ela está machucada, Marcela, não vai querer outra pessoa tão rápido, ainda mais a empregadora. Ela vai pesar que se algo entre vocês não der certo, ela fica desempregada de novo e volta à estaca a zero.

— Nem pensei nesse ponto – refletiu Marcela. – Enfim, não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós, por isso chamei ela para sair, mas só comigo ela não iria, então, coloquei vocês no bolo.

— Fez bem. Nós vamos nos divertir muito essa noite.

— Será que ela me deixa maquia-la? – pensou Nanda em voz alta. – Ela tem uma tela perfeita.

— Isso é uma pergunta pra mim? – riu Marcela.

— Estou falando sozinha, me deixem. De qualquer forma, vou levar as coisas para o seu apartamento. Vou fazer uma maquiagem ultra sexy nela!

— Nanda, não se empolga! Meu Deus! Para de andar com Tracy! Você está ficando igualzinha a ela!

Marcela passou boa parte da manhã com as amigas. Repassou, com Kathy, todo o trabalho da construtora e, por último, foi para uma obra com Fábio. O relógio já marcava duas e meia quando se viu livre das obrigações para voltar para casa.

Angélica estava na varanda, escrevendo no caderno, quando escutou o barulho da porta indicando que Marcela tinha chegado. Abriu um sorriso quando viu a morena indo na direção da porta de vidro.

— Perdendo o medo da altura?

— Sentada aqui não me dá tanto pânico.

— Eu vou tomar um banho e depois vamos no mercado. Fez a lista de compras?

— Fiz. Não vai almoçar primeiro?

— Preciso. Não comi nada até agora.

— Vai tomar um banho enquanto esquento.

— Já comeu?

— Ainda não. Estava sem fome.

— Me acompanha?

— Sim.

— Então eu já volto. Nanda vai passar aqui mais cedo com Kathy antes de irmos para a balada.

— Por que?

— Ela quer te transformar em uma perua – riu Marcela. – Ela é pupila da Tracy e você vai se tornar a pupila dela.

— Como assim?

— Você vai entender com o tempo. Se sinta confortável em não aceitar, ok? Apesar de recomendar que sim, Nanda é uma pessoa incrível para se ter amizade, você não é obrigada.

— Aceitar o quê? – perguntou Angélica desconfiada.

— Fazer uma maquiagem mega sexy em você – riu Marcela da lembrança.

— Eu acho legal maquiagem. Não sou acostumada a fazer porque em Goiás é muito quente. Qualquer coisa que coloca no rosto derrete, mas me

arriscava com algumas coisinhas.

— Nanda manja muito dessas coisas. Aprendeu com Tracy, mãe da Kathy, que é uma perua de mão cheia. A primeira coisa que aquela mulher faz quando acorda é uma maquiagem.

— Essa é bem viciada.

— É. Já volto.

Angélica concordou e guardou o caderno no quarto antes de voltar para a cozinha. Meia hora depois, Marcela apareceu e almoçaram para saírem em seguida. No mercado, a morena deixou que Angélica escolhesse as coisas de acordo com o seu gosto, opinando apenas quando via, e entendia, que ela pegava algo de marca diferente somente por causa de preço. No corredor de higiene pessoal, escolheu os produtos conforme sua preferência e exortou para que a morena já pegasse também as coisas para o seu uso pessoal. Estavam na fila do caixa quando uma menininha de aproximadamente seis anos se juntou a elas.

— Moça, você é tão alta! – falou com um sorriso para Angélica.

— Se você comer tudo o que sua mãe falar, vai crescer tanto quando eu – respondeu se abaixando para tocar seu rosto em uma carícia.

— Por que sua namorada tem tanto desenho nos braços?

— Isso são tatuagens – quem respondeu foi Marcela.

— Vocês ficam bonitas juntas. A minha tia namora com uma mulher, mas elas não são bonitas juntas. Ela faz ela chorar de vez em quando e vocês estão sempre rindo. Eu vi lá na fila do açougue vocês rindo. É amor de verdade igual ao da minha mãe e do meu pai.

Marcela trocou um sorriso com Angélica e ia explicar a garota que eram apenas amigas quando o pai se aproximou.

— Espero que ela não esteja incomodando vocês – falou pegando a mão da filha. – Ela é uma danada!

— É muito esperta! É uma garota linda, parabéns! – respondeu Marcela.

— Ela não pode ver um casal que já vai dar conselhos amorosos. Adora um romance.

— Sinal de que ela tem um bom exemplo em casa.

— É sim. Já basta as tragédias do mundo, não é? Vamos linda? A mamãe está nos esperando ali. Dá tchau pras meninas.

— Tchau! Ah e não se pinta igual a sua namorada, dá trabalho depois pra tirar.

— Não vou me pintar igual a ela – riu Angélica. – Tchau linda!

Marcela riu enquanto empurrava o carrinho para o caixa que já havia sido liberado. Angélica também exibiu um sorriso encantador com as palavras da menina.

— Viu, ficamos bem como um casal – brincou Marcela. – Pelo menos já temos a benção de uma criança.

— Pelo menos isso – concordou Angélica acompanhando a brincadeira.

De volta ao apartamento, Angélica guardou toda a compra antes de ir tomar um banho. O relógio já marcava nove da noite quando voltou para a sala. Marcela já estava colocando o balcão para comerem o lanche que havia pedido. Já estava arrumada para a balada e não pode deixar de notar sua produção: usava uma calça branca bem folgada e uma regata apertada. O cabelo estava meticulosamente desconstruído. Um tênis moderno nos pés. Linda.

A campainha da porta desviou sua atenção da análise que fazia da morena. Abriu para receber Nanda e Kathy.

— Oi Angel! – cumprimentou Nanda dando um beijo no seu rosto. – Pronta para a balada mais águardada da década?

— Oi, é uma balada importante assim? – perguntou Angélica cumprimentando Kathy.

— Você não faz ideia! – respondeu Kathy. – Marcela, que gostosa você está! Quer matar quem do coração?

— Você, minha loira delícia! Pedi um lanche pra gente comer antes de sair.

— Tranquilo. Vamos sair lá pelas onze e meia, não é? Está cedo.

— Pra gente não está – falou Nanda pegando Angélica pela mão. – Eu trouxe um monte de coisas aqui. Vamos fazer uma maquiagem bafo!

— Tá bom – assentiu Angélica. – Deixa eu só terminar de arrumar aqui...

— Seja lá o que for, Marcela arruma. Não se preocupe. Vamos deixar nossas mulheres assistindo qualquer besteira enquanto ficamos lindas para elas babarem por nós.

Marcela riu, assistindo Nanda sumir com Angélica pelo corredor.

— É sério, Nanda está ficando igualzinha à sua mãe. É melhor deixar ela longe da Tracy por um tempo.

— Como se você não gostasse da Tracy, não é? – debochou Kathy. – Oh o interfone. Vai buscar o lanche que eu estou com fome.

Nanda fez Angélica sentar na ponta da cama e abriu a necessária

esparramando todo o seu conteúdo em busca dos produtos que caiam bem com a sua tonalidade de pele. As duas possuíam quase o mesmo tom, não seria complicado pensar em algo para ela. Conversaram durante um bom tempo sobre maquiagem, depois o trabalho de Nanda. Queria fazer com que Angélica falasse, mas ela parecia irredutível em se manter fechada. Marcela apareceu com os lanches para elas e depois de dispensá-la voltou a maquiá-la.

— Como você conheceu a Kathy?

— Na faculdade. Estava indo para o terceiro semestre em jornalismo e ela entrou no primeiro ano de engenharia. Até então nunca tinha ficado com nenhuma garota, mas quando a vi foi tão intenso. Ainda tentei fugir durante um tempo. Não queria assumir que estava gostando dela, mas não podia vê-la que acabávamos dentro do carro dela ou indo para algum motel. Quando dei por mim que não era algo passageiro, assumi pra mim, pra minha família que a amava. Completamos nove anos juntas.

— Uau! Uma vida.

— Minha vida. Sou completamente louca naquela mulher como se fosse o primeiro dia. Quando a vi pela primeira vez ela estava conversando com Marcela. Já conhecia ela de antes: Marcela já era veterana e o terror das garotas. Era incrível como toda mulher naquela faculdade queria ficar com ela.

— Você não?

— Sim – riu Nanda. – No primeiro ano, mas ela era cafajeste demais para o meu gosto. Só que, criando um contraste, ela como amiga era e é um ser humano incrível! Só vi isso depois que comecei a ficar com Kathy e soube que elas já eram amigas no ensino médio. Você não faz ideia do que ela aprontou com Tracy.

— O que foi?

— Quando conheci Tracy, ela tinha vindo de Nova York porque Kathy tinha sido presa no movimento estudantil contra o fechamento de algumas cotas e cursos da USP. O movimento parou a avenida Paulista, deu um rolo. Enfim, Tracy era extremamente preconceituosa, homofóbica. Um terror. Quando viu que Kathy era lésbica, a mulher surtou.

— Mas ela é casada com uma mulher, não é?

— É. Deixa eu te contar. Ela era uma babaca de mão cheia. Ai Marcela sacou que ela gostava de mulher, mas não queria assumir. Tracy ficava doidinha perto dela, toda ouriçada, Marcela se aproveitou disso e fispou a mulher.

— Marcela ficou com a mãe da Kathy?! – perguntou Angélica surpresa.

— Ficou. Esfregou na cara dela que todo o preconceito era tesão enrustido. Só depois da Marcela ficar com ela, que finalmente aceitou que gostava de mulher também. Acabamos nos tornando amigas depois. Quando terminei a faculdade, passei um ano morando em Nova York com ela para aprender o inglês.

— Foi uma maneira bem diferente de fazer ela enxergar o preconceito que tinha.

— Marcela sempre toma caminhos estranhos quando quer algo. É a primeira vez que a vejo sem uma ação cafajeste ou impetuosa. Estou bem curiosa com isso.

— Ela está afim de alguém?

— Sim e, pelo que conheço dela, não é pouco.

— Será que é a ruiva que veio aqui no domingo passado?

— Não. Tatiane é só um escape momentâneo. Quando ela quer sexo tem alguém disponível pra ela. Nem uma virgula de sentimento. Estou falando de algo mais profundo, puro, quase intocável.

— Seja quem for a mulher, ela vai ter muita sorte. Se a Marcela é super bacana comigo, quem dirá com a mulher que ela realmente gosta.

— Ela é uma mulher de sorte sim. Começou já tendo uma genética incrível! Olha como ficou essa maquiagem! Solta esse cabelo, vamos dar uma amassada nele assim. Um pouco de volume... Isso!

Angélica se olhou no espelho que Nanda segurava na sua frente ficou boquiaberta. Tocou o rosto lentamente para saber que a imagem refletida ali era real. Nunca antes tinha se visto daquela maneira, parecendo uma modelo de revista.

Marcela desviou os olhos da televisão assim que ouviu o barulho de Nanda e Angélica no corredor. Quando a morena apareceu, ficou por um longo tempo sem reação alguma. A maquiagem feita por Nanda somente destacou os pontos mais bonitos em Angélica, sua boca bem desenhada em um batom discreto, os olhos em destaque com uma cor mais quente, absolutamente linda.

— Pode elogiar meu trabalho, Marcela – debochou Nanda. – Está linda, não está?

— Sim... Claro que sim. Angel é linda, você nem teve tanto trabalho assim.

— Isso é verdade. Tenho que concordar com você.

— Obrigada – agradeceu Angélica, timidamente.

— Vamos então?

Com a concordância das três, ganharam o elevador e depois a rua. Iriam no carro de Kathy e depois ela as traria de volta. Marcela se acomodou no banco detrás com Angélica e, enquanto ela ia admirando as luzes da cidade, ia admirando a bela mulher que tinha ao seu lado.

Capítulo 10

A frente da Bubu estava cheia de pessoas, na maioria adolescentes, esperando a liberação da entrada. Kathy as guiou para a fila correta e, depois de esperarem por meia hora, conseguiram entrar na boate. Pararam no painel da casa e tiraram fotos. Nanda e Kathy fizeram questão de tirar várias de Marcela e Angélica, mandando no whatsapp da amiga em seguida.

Seguiram para o lounge e pararam no bar. Marcela pegou bebidas para todas e depois continuaram caminho para a pista principal. Angélica olhava tudo ao redor, admirada com o espaço, luzes, música, pessoas que circulavam se comprimindo umas nas outras. Nunca tinha estado em um lugar como aquele, o máximo tinha sido as festas de peões que ia com Andréia, mas nada se comparava com a magia que via, sentia. Nanda a arrastou para o meio da pista e começaram a dançar. A princípio desajeitada, mas, com o passar dos minutos, foi pegando os passos que Nanda ensinava. Se deixou levar pelo clima envolvente e não soube quanto tempo ficou ali, nem quantas músicas terminaram e recomeçaram. Voltou a atenção para a realidade quando Marcela se aproximou com outra bebida. Nem havia percebido que já tinha terminado a que segurava. A morena ficou um tempo com ela, dançando, rindo, tentando falar alguma coisa, mas não conseguia entender nada por causa do volume da música. Kathy e Nanda haviam sumido, mas voltaram depois de muitos minutos. Marcela gritou no seu ouvido que ia ao banheiro e se queria ir junto. Balançou a cabeça em negativa e ficou olhando enquanto a morena se afastava.

Marcela estava terminando de vencer a pista quando foi interceptada por uma morena. A olhou com um sorriso nos lábios. Sabia bem o que aquela abordagem significava.

— Eu estou acompanhada, linda – gritou no ouvido da garota para se afastar em seguida.

Depois de usar o banheiro, saiu para lavar as mãos e retornar para junto de Angélica. Assim que alcançou o corredor que a levaria para a pista,

enxergou a mesma morena encostada na parede.

— Sua namorada tá aí dentro? – perguntou a morena com um sorrisinho sacana.

— Não tenho namorada – esclareceu Marcela. – Mas estou acompanhada.

— Não agora. Meu nome é Michelle.

— Muito prazer, Michelle, eu sou a Marcela.

— Qual é vai, um beijo só. Ela nem vai saber.

Marcela a olhou demoradamente analisando a situação. Era a primeira vez, em muito tempo, que não tinha vontade de ficar com alguma garota em balada. O fato de ser comprometida nunca tinha atrapalhado seus momentos fugazes, mas não podia fazer aquilo, não era com ela que queria ficar naquela noite. Se beijasse alguma boca ali, seria a de Angélica, de ninguém mais.

Michelle interpretou seu momento de silêncio como aquiescência e se aproximou, levando-a para a parede. Deu um beijo no seu pescoço e depois queixo.

— Não posso – cortou Marcela desviando a boca. – Me desculpe – finalizou dando um beijo no seu rosto para se afastar em seguida.

De volta a pista encontrou Angélica dançando com um rapaz de aproximadamente vinte e cinco anos. Analisou os dois por poucos segundos e localizou Kathy e Nanda aos beijos mais afastadas.

— Caralho, é pra cuidar da Angel! – gritou no ouvido de Kathy.

— A garota está se divertindo, Marcela! Larga de ser ciumenta! Vai se divertir também.

Marcela coçou a cabeça e respirou fundo. Tinha que admitir que realmente estava enciumada com o cara que despejava atenções com Angélica. Resolveu interferir quando ele ofereceu um copo a ela.

— Vem cá, Angel – chamou, puxando-a pelo braço. – Valeu cara, ela não vai beber aí.

O rapaz apenas deu ombros e voltou a atenção para a própria bebida virando em seguida.

— Qual o problema, Marcela? – perguntou Angélica ao se juntar com Kathy e Nanda.

— Pode ter alguma droga na bebida. Lembre-se do que sua mãe lhe ensinava: nunca aceite nada de estranhos.

— Será? Ele não tem cara disso.

— Quem vê cara, não vê coração. Se lembre que não está mais em Goiás. Eu vou pegar algo pra gente, vamos lá no bar.

Marcela guiou Angélica até o bar e depois de pegarem bebidas, novamente se juntaram com Kathy e Nanda. Depois de uma hora, resolveram ir para a pista superior. O casal de amigas foi na frente e segurou firme na mão de Angélica, a puxando entre as pessoas. Se virou quando sentiu sua mão se soltar. O mesmo rapaz a segurava pelo braço. Voltou até ele extremamente irritada.

— Qual é otário?! Vai zuar mesmo?! – gritou ao mesmo tempo que empurrava o homem. – Sai fora! Vai procurar outra!

— Você é a namorada dela? – perguntou a enfrentando. – Tá miando o lance por que?

— Não te interessa! Se ela quisesse ficar com você, já tinha ficado!

— Quem disse que não ficou?

Marcela não pensou no que estava fazendo ao avançar sobre o homem. Kathy e Nanda surgiram na sua frente a segurando, antes que conseguisse alcançar o rosto do cara em um murro.

— Relaxa, relaxa! Ele tá bêbado, tá só provocando!

— É um filho da puta! Se chegar perto dela de novo eu te estouro, vacilão do caralho!

Angélica ficou assustada com a cena que se desenrolava. Nanda que percebeu primeiro seu estado e a puxou pelo braço para o lugar onde Kathy levava Marcela.

— Ele me segurou, eu não...

— Relaxa, Angel – cortou Nanda. – Tem uns caras que são uns filhos da puta mesmo.

— Desculpa Marcela, eu...

— Você ficou com ele? – perguntou Marcela irritada.

— É claro que não! Não ia beijar um homem, nem gosto!

— Desculpa – pediu Marcela. – Eu fiquei nervosa.

— Percebemos – concordou Nanda. – Segura sua onda. Você sabe que ela será assediada. Essa foi a primeira de muitas ainda.

— Eu sei, eu... Droga! Eu vou beber uma coca cola. Já bebi álcool demais pra minha cota.

— Eu estou só começando – riu Nanda pegando a comanda com Kathy. – Bora Angel! Vamos esquecer esse lamentável episódio e beber horrores! Nossas mulheres pagam!

Angélica riu e acompanhou Nanda que a arrastava para o bar superior. Kathy continuou com Marcela, olhando-a atentamente.

— Arrumando briga por causa de mulher. Uma que você nem está pegando. Novidade das grandes.

— Eu não quero ninguém zoando com ela, só isso.

— Ok, é só isso – concordou Kathy com um riso. – Relaxa Marcela. Angel não vai ficar com ninguém aqui. Ela não quer e mesmo se quisesse, duvido que alguém vai ter coragem de chegar nela depois dessa demonstração de posse que deu.

— Não é posse, é... Ah, sei lá, Kathy! Ela está me deixando doida!

— Ah amiga! Bem-vinda ao meu mundo! Vamos brindar a isso!

Marcela balançou a cabeça em sentido negativo antes de se juntar as garotas. Parou de beber álcool quando percebeu que Angélica já estava bem alta. Dançou com a morena todo o tempo, tendo o cuidado de manter sua mão abastecida com bebidas. Somente quando o relógio marcou quatro da manhã que resolveram ir embora.

Marcela entrou no apartamento rindo dos passos inseguros de Angélica. Ela estava bem bêbada e isso estava aparente na sua postura e voz. A morena parou no meio da sala para se situar de onde estava, estreitando os olhos para enxergar ao redor. Fez ela se sentar no sofá e foi atrás de um copo de água e um comprimido.

— Bebe isso. Vai te ajudar a não morrer de dor de cabeça amanhã.

— Obrigada.

Angélica pegou o copo e bebeu todo o conteúdo para engolir os dois comprimidos. O deixou de lado e encarou os olhos cinzentos. Marcela tinha o rosto tão bonito, tão simétrico. Esticou a mão para toca-la acariciando a pele quente. A morena permaneceu abaixada na sua frente, a encarando. A outra mão subiu pelo braço tatuado, lentamente, tocando delicadamente os desenhos.

Marcela sentiu a respiração se alterar com os carinhos que recebia de Angélica. Deixou as mãos correrem por suas pernas sem pensar no que estava fazendo. Se aproximou para alcançar o quadril e a puxar para a ponta do sofá. A morena envolveu as mãos no seu pescoço e deixou seu rosto ir roçar com o dela. A respiração tão perto fez seus pelinhos se arrepiarem por todo o corpo enquanto buscava sua boca para um beijo.

Angélica correspondeu com desejo o beijo que recebia. As bocas entraram em um sincronismo perfeito e se exploravam com pressa, luxúria. Uma mão desceu para a regata de Marcela erguendo-a para tocar a pele quente e macia. Fez ela subir até os seios para alcançar o sutiã.

— Não... – cortou Marcela. – Não podemos assim. Eu não posso assim. Eu quero você, e não tem ideia de quanto eu estou sendo forte agora, mas eu quero você sóbria. Eu quero você consciente de que está indo pra cama comigo.

— Eu estou – balbuciou Angélica avançando sobre seu corpo novamente. As bocas se encontraram em outro beijo lascivo.

Marcela a puxou para se levantarem e, trôpegas, pegaram o rumo do corredor. As bocas não se desgrudaram enquanto iam tateado a parede e móveis até chegarem na porta do quarto de Angélica. A morena a abriu e entraram para alcançarem a cama em segundos. Marcela abandonou a boca e desceu pelo seu pescoço enquanto as mãos subiam por suas coxas até o bumbum. Um gemido rouco de Angélica teve o poder de aumentar ainda mais o seu tesão, mas não estava bêbada como ela. Tinha ciência de que se prosseguisse, não seria com o devido consentimento consciente das duas.

— Eu vou te dar um banho e te colocar na cama para uma boa manhã de sono.

— Não quero dormir. Quero você!

— Não fala desse jeito, Angel, eu estou tentando ser descente com você, ok?! Me ajuda.

— A tirar a roupa? – perguntou antes de beijá-la novamente.

— É, a tirar a sua roupa – concordou Marcela se levantando para puxá-la pelas mãos.

Angélica a seguiu sem contestar, beijando-a sempre que conseguia alcançar sua boca. Marcela fez uma força sobre humana quando a morena ficou nua na sua frente. A levou para o box e abriu o chuveiro entrando com ela embaixo do jato de água. Mais uma vez sentiu a boca grudando na sua e se deixou levar por um longo tempo antes de se afastar e entregar o sabonete a ela. Angélica começou a passa-lo lentamente pelo corpo enquanto a encarava. Saiu de dentro do box quando a mão parou no sexo. Se encostou do lado de fora respirando fundo. Só voltou para dentro quando o chuveiro foi desligado. Ajudou a morena a se secar e a levou para o quarto novamente. Angélica fez menção de se deitar e se adiantou para puxar o cobertor. Mais uma vez sentiu as mãos de Angélica puxando-a para beijá-la.

— Dorme aqui comigo – pediu Angélica ao dar uma mordida no seu lábio inferior. – Quero que me faça gemer igual àquela ruiva que vem aqui.

— Você escutou?

— Você deve transar muito gostoso – sussurrou passando a língua nos

seus lábios. – Até me masturbei pensando em você me pegando gostoso, de quatro...

— Ok. Chega – cortou Marcela ao se afastar. – Eu vou tomar um banho porque estou toda molhada e você fica aqui. Deita e tenta dormir.

— Me dá um último beijo antes de ir? Promete que volta?

— Volto. – respondeu Marcela dando um selinho em seus lábios. – Boa noite, linda Angel. Dorme bastante, você está precisando.

— Vou dormir depois que voltar – anunciou Angélica se acomodando na coberta.

Marcela saiu para o corredor e se abaixou ao lado da porta respirando fundo. Nunca tinha passado por aquilo, ter que se controlar para não transar com alguém que estava muito afim, mas não podia fazer aquilo com Angélica, não podia ir pra cama com ela daquele jeito, se aproveitando do seu estado alcoólico. O corpo fervia ao pensar no seu corpo, na entrega da morena, nos beijos que haviam trocado. Passou as mãos pelo cabelo para conter a vontade insana que estava de entrar naquele quarto e toma-la nos braços, ama-la até amanhecer. Precisava de um banho gelado urgente.

Marcela saiu do chuveiro depois de quinze minutos. Colocou uma cueca e depois a regata e saiu para o corredor. Parou na porta do quarto de Angélica e espiou para dentro. A morena havia caído em um sono profundo. Abriu a porta devagar para não a acordar e a observou dormir por um longo tempo. Ajeitou sua coberta e deu um beijo na sua testa. Esperava que ela se lembrasse do que tinha acontecido naquela noite.

Angélica abriu os olhos, mas tornou a fecha-los em seguida. A súbita claridade que invadiu sua visão fez uma pontada de dor rodar por sua cabeça. Voltou o rosto para o travesseiro e ajeitou as cobertas. Uma faísca de consciência passou por sua mente quando se deu conta de que estava nua. Ergueu a coberta para constatar o obvio. Tornou a se cobrir antes de levar as mãos à cabeça. Não queria nem imaginar os transtornos que havia causado para Marcela e suas amigas.

Levantou-se devagar, tentando mover o mínimo a cabeça, e pegou o celular ao lado. Tomou um susto quando o relógio apontou que já era uma e meia da tarde. Esquecendo a dor por alguns minutos, se vestiu e saiu do quarto, praticamente se arrastando para a sala. Antes de entrar no ambiente, escutou o barulho da televisão, indicando que Marcela estava em casa. A vergonha do vexame, que certamente deveria ter dado, aumentou ainda mais.

— Bom dia, linda Angel – cumprimentou Marcela ao mesmo tempo que

sorria. – Preparei seu café da manhã.

— Me desculpa, Marcela! Eu não sou acostumada a beber...

— Não precisa pedir desculpas – cortou. – É válido perder a noção das coisas às vezes. Lava a alma.

— Eu dei muito vexame?

— Nenhum do tipo tentar dançar nua em cima de uma mesa ou vomitar caída na calçada.

— Menos mal.

— Só tentou transar comigo enquanto te dava banho, mas isso não é um mico.

— Meu Deus! Eu nunca mais coloco uma gota de álcool na boca. Me desculpa, Marcela! Eu devo ter sido péssima.

— Não lembra de nada?

— Não. Você me deu banho?

— Te ajudei a não ficar sentada no chão até o dia amanhecer.

— Prometo que não vou te dar mais esse tipo de trabalho! Eu estou completamente envergonhada.

— Não fique – tranquilizou Marcela se levantando. Andou até a morena e pegou sua mão a puxando para a cozinha. – Eu não sei fazer café muito bem, mas tentei dar uma improvisada. Seu coquetel pós balada e um café bem forte.

Angélica olhou para os comprimidos que Marcela apontava e depois o restante da mesa posta com cuidado. Sorriu na sua direção e agradeceu o cuidado. A morena entregou um copo com água e tomou junto com a medicação. O primeiro gole despertou a sede que só foi saciada depois do segundo copo de água.

— Você vai sentir um desconforto gigante o dia inteiro. Sugiro que fique em casa quietinha – falou Marcela ao se sentar ao seu lado.

— Fiquei bêbada assim uma única vez na vida. Acho que eu tinha uns quatorze anos. Meu pai comprou uma garrafa de cachaça e me empolguei a beber aquilo. Me arrepiava só de lembrar.

— Afe! Imagino. Eu nunca passei por isso, mas já cuidei muito da Kathy e de outras pessoas.

— Você não bebe muito, não é?

— Não sou muito chegada. Muito raro sair para beber. Primeiro porque na maioria das vezes eu estou dirigindo, segundo porque o álcool não me atrai muito.

— Não sou acostumada também, não sei o que deu em mim ontem.

— Você precisava disso. Como disse, as vezes é bom mandar tudo à merda.

— Você é incrível – disse Angélica com sinceridade. – Obrigada por tudo o que está fazendo por mim. Não só por ter cuidado da minha bebedeira, mas por tudo, por me proporcionar momentos tão inesquecíveis e conhecer tanta coisa nova. Tá me ajudando a esquecer muita coisa que preciso apagar da minha mente.

— Não quero que seu sentimento por mim seja de gratidão – respondeu Marcela tocando seu rosto lentamente. – Saiba que eu não sou uma pessoa tão legal assim, mas com você é automático. Eu quero sempre o seu melhor e vou fazer de tudo para que você consiga enxergar e desejar o melhor pra você também.

Angélica apenas deu um beijo na mão que estava no seu rosto e voltou a atenção para o café. Não estava só sentindo gratidão por Marcela. Cada gesto delicado que ela concebia na sua direção, fazia com que enxergasse mais do que cuidado por parte da morena, despertando sentimentos que não poderia nutrir por ela. Não podia substituir um amor por outro. Não podia usar Marcela para esquecer Andréia, não podia gostar da sua patroa porque ela poderia manda-la embora se confundisse as coisas. Não podia se machucar novamente. Eram vários os motivos que fazia com que matasse cada tentativa de nascer algum sentimento além da gratidão.

Capítulo 11

Depois do café da manhã/almoço, Marcela chamou Angélica para assistir a série que estava acompanhando. Antes de se ajeitar no sofá, fechou as cortinas para que a claridade não castigasse a morena mais ainda. Se esticou em um canto, assistindo Angel fazer o mesmo na outra ponta. Voltou para o primeiro episódio e, assim que ele terminou, deu uma pausa para pegar um pudim na padaria. Depois de meia hora já estavam acomodadas no sofá novamente, dividindo o prato do doce.

Marcela deu play no segundo episódio e, depois de comer, se acomodou novamente na sua ponta. Tentou concentrar a atenção na série, mas a todo momento os olhos corriam para Angélica. Abriu um sorriso quando ela se assustou com a explosão em uma das cenas.

— Vem aqui – chamou esticando um braço na sua direção.

Angélica olhou-a por poucos segundos, antes de aceitar a mão estendida na sua direção. Marcela se ajeitou no sofá para dar espaço para que pudesse se encostar nela. A mão da engenheira foi para a sua cintura em uma carícia delicada e lenta. Não era mais uma criança, sabia bem o que significava estar nos braços de Marcela de maneira tão íntima e afetiva, mas não quis se afastar, pelo contrário, se arrumou para ficar mais confortável, deliciando, em silêncio, a sensação de segurança e paz que ela transmitia.

Estavam no quarto episódio quando uma cena de sexo começou a mexer com o imaginário de Marcela. A mão que estava na cintura de Angélica automaticamente aumentou a pressão da carícia. Tentou, em vão, conter a respiração e a pulsação que se alteraram. Torceu, em silêncio, para que a cena acabasse logo, mas ela se prolongou, aumentando sua tortura.

Angélica fechou os olhos ao sentir os sinais que o corpo de Marcela dava, correspondendo aos seus mesmos sintomas de desejo. Passou a mão lentamente pela sua perna e depois barriga. Sentiu a pressão da carícia no seu corpo aumentando enquanto subia para os seios e depois colo. Olhou para a própria mão e a seguiu, enquanto a levava para o pescoço da morena.

Marcela desviou os olhos da tevê para encara-la. Se ajeitou para fita-la de frente, sem desviar do contato físico. A mão subiu para o seu rosto e passou os dedos lentamente pelos seus lábios. Suspirou fundo quando o celular da morena começou a tocar, mas Marcela não se moveu para atendê-lo, ao contrário, levou uma mão para o seu rosto, afastando o cabelo para detrás da orelha. Se aproximaram mutuamente, cortando os poucos centímetros de distância para que os rostos se encontrassem. Umedeceu os lábios ao sentir a respiração na sua pele, a mão de Marcela se alojando na sua nuca, segurando-a forte. Fechou os olhos para sentir o leve roçar de lábios. O braço da morena na sua cintura, envolveu-a com força, puxando-a para colarem os corpos. Os lábios se encontraram lentamente, se afastaram, se encontraram mais uma vez e delicadamente se exploraram.

Marcela apertou a morena em seus braços ao mesmo tempo que aprofundava o beijo. Deitou Angélica no sofá sem desgrudar da sua boca, saboreando o gosto que ela tinha, conhecendo, se entregando ao desejo insano que sentia em tê-la por completo. As línguas se encontraram com urgência em um bailar ritmado, acendendo os corpos de ambas. As mãos de Marcela correram para as pernas da morena e subiu explorando toda a pele, apertando, instigando.

Angélica voltou em si quando sentiu a mão de Marcela entrando na sua blusa, tocando sua pele de forma tão ardente. Não podia permitir aquele tipo de envolvimento, não estava preparada para se entregar para alguém.

— Não – cortou se afastando da sua boca. – Eu não posso, Marcela.

— Angel, não... – insistiu Marcela descendo para o seu pescoço.

— Não posso. Eu não... Não consigo.

Marcela deu um suspiro profundo antes de se afastar e se sentar no sofá. Fitou a morena que também se ajeitava, arrumando as próprias roupas.

— Me desculpe, eu...

— Não se desculpe, Angel – cortou. – Eu tenho paciência para esperar seu tempo.

Marcela passou as mãos nos cabelos ao mesmo tempo que fitava Angélica ao seu lado. Ela estava visivelmente constrangida, trêmula. Não a queria daquela forma.

— Ei – chamou indo se abaixar na sua frente. – Não precisa ficar assim. Eu vou te respeitar. Vou esperar seu tempo. Não vamos forçar nada. Se tiver que acontecer algo será de maneira natural.

— É errado, Marcela. Eu não posso me envolver com você. E é tão fácil

gostar de você. Eu não posso deixar isso acontecer, porque eu trabalho aqui e não podemos misturar as coisas. Não posso correr esse risco. Não posso me iludir com algo que não me pertence. Não posso me machucar mais.

— Eu não vou te machucar. Jamais faria isso. Tudo o que está acontecendo é uma novidade pra mim. Eu nunca fiquei assim por alguma mulher, eu não sei bem como conduzir isso, mas se tem uma coisa que eu tenho certeza, é que jamais faria algo para te machucar.

— Não vamos misturar as coisas. Eu trabalho pra você e é assim que devemos conduzir isso. Como diz o meu pai, onde ganha o pão, não se come a carne. Me desculpe se em algum momento eu te passei a impressão errada. Não quero... Quero me tornar o que aquela garota falou domingo passado.

— É assim que você vê? Que eu te quero só por diversão? Pela facilidade de morar comigo?

— E por qual outro motivo seria? Olha pra mim, Marcela, aquela ruiva é linda, as meninas que ficaram te olhando na balada são lindas. Não chego nem aos pés delas, por qual motivo você ficaria comigo?

Marcela segurou a resposta ríspida que veio na ponta da língua ao ver duas lágrimas rolando pelo rosto de Angélica.

— Quero te mostrar uma coisa, vem aqui – chamou puxando sua mão para que se levanta-se. A guiou até o próprio quarto e parou na frente do espelho no canto. – Esse é o motivo. É pelo o que vejo refletido aí. Angel você é uma mulher linda! Como não consegue ver isso?! Por que você acha que aquele filho da puta ficou te cercando na balada?

— Eu sei que você está tentando me ajudar e é tão bacana isso, mas...

— Vamos tentar outra abordagem. Senta aqui – cortou indo até o notebook.

O abriu para acessar o Facebook e depois o Icloud. Pegou uma das várias fotos que tinha tirado na praia e fez uma postagem em um grupo de lésbicas. Colocou a legenda que achava mais tosca: “Que nota você daria?”

— Em dez minutos, se sua foto não tiver mais de dez curtidas, eu retiro tudo o que disse e você pode acreditar no que quiser.

— Não vi essas fotos antes – observou Angélica.

— Tirei na praia – respondeu deixando o computador sobre a cama. – Você estava tão linda. Os cabelos ao vento, uma serenidade que, até então, nunca tinha visto. Tinha que registrar aquele momento. Deu um enquadro perfeito.

— Você acha mesmo que sou bonita?

— Não. Você é linda. Eu já sai com mulheres bonitas. Tatiane é bonita, você é linda. Por que você acha que ela ficou tão enciumada e insegura? Ela não teria dado a mínima se você fosse feia, desengonçada.

— Por que a Deia fez isso comigo? Por que ela...

Marcela a amparou enquanto Angélica se entregava as lágrimas novamente. Cada demonstração da dor que ela sentia era uma vontade a mais de esmurrar a babaca da ex da morena. Queria expor sua opinião do que pensava de Andréia, mas não podia fazer aquilo.

— Eu detesto ter que justifica-la, mas ela pode ter simplesmente se apaixonado pela outra garota. Não se manda no coração, Angel. O que ela fez foi muito errado, te trair dessa forma, mas talvez ela não soube controlar o que sentiu, não soube conduzir, não pensou em como te afetaria. Isso não tem nada a ver com beleza, são sentimentos. Coisas que não sabemos explicar. Resume apenas que ela foi uma babaca. Quem perdeu foi ela, não você.

Angélica secou as lágrimas em meio a um esboço de sorriso. Marcela pegou sua mão e começou a fazer carinho lentamente. A encarou com intensidade antes de voltar a atenção para o computador.

— Te disse – falou com um sorriso. – Olha, as meninas ficaram doidas! Elas não te conhecem Angel.

Angélica pegou o computador que ela oferecia e colocou no colo. A foto tinha sido curtida trinta e duas vezes e várias respostas ao post.

— Isso é um grupo de Facebook, Marcela – riu Angélica.

— É. Com um monte de garotas que olharam para sua foto e pensaram: nossa que gata! Acredita em mim, você é linda, gente boa, humilde. Só consigo enxergar qualidades em você.

Angélica deixou o computador de lado e a abraçou apertado. Deu um beijo demorado no seu rosto antes de se levantar e sair do quarto. Marcela apagou a postagem e fechou o computador para voltar para a sala. Olhou brevemente para o sofá, lembrando os momentos que tinha passado ali. Se lembrou do celular e o pegou para ver quem tinha ligado. Era Cássia. Além da ligação, tinha uma mensagem pedindo que descesse para o seu apartamento, pois precisava de uma ajuda.

— Angel, eu vou descer no apartamento de uma amiga aqui no prédio, já volto – gritou.

— Tá bom – recebeu em resposta.

Marcela saiu do apartamento e depois elevador. Em dois minutos já estava tocando no apartamento da vizinha. Logo Cassia apareceu com um

sorriso.

— Achei que não estava em casa – falou dando espaço para Marcela passar. – Não respondeu minha mensagem, não me atendeu.

— Não vi, desculpe. Seus pais ainda estão na chácara?

— Sim. Só voltam no início do mês.

A morena se adiantou e abraçou Marcela depositando um beijo nos seus lábios. Se afastou quando sentiu não ser correspondida.

— Algum problema?

— Eu acabei de ficar com uma mulher. Não é bacana te beijar em seguida.

— Qual é Marcela? Somos adultas. Desde quando isso é um problema? – insistiu dando um selinho nos seus lábios. – A não ser que esteja apaixonada, o que eu acho muito difícil.

— Você disse que queria ajuda com alguma coisa. O que é?

— Para abrir uma garrafa de Carbenet. Preciso ver se a curva das minhas costas ainda acomoda uma dose de vinho.

Marcela riu, fitando a garota na sua frente. Tinha acreditado que ela a chamara por algo sério. Encarou os olhos castanhos e se adiantou para beijá-la. Cássia começou a tirar a roupa com pressa, ao mesmo tempo que a guiava para a chaise long no canto. Fez Marcela se sentar e ficou em pé para tirar o short jeans e o sutiã. Se acomodou no colo da morena a beijando com voracidade.

Marcela deixou suas mãos correrem pelo corpo moreno a acariciando inteira enquanto as bocas se exploravam. Fez ela se deitar na chaise e subiu no seu corpo concentrando sua boca no seu pescoço e depois colo. A cabeça pedia para descer para o seio e chupa-lo, mas o coração insistia que a bela morena não era Angélica. Se afastou para fitar os olhos castanhos e depositou um beijo na sua testa antes de se sentar.

— Não posso. Me desculpe.

Cássia abriu um sorriso ao fitar a engenheira.

— Uau! Marcela broxando, pode isso produção?! – debochou com um riso.

— Se broxa quando quer muito transar e não consegue. Não é o caso.

— Você está apaixonada. Simples assim, linda – constatou recolhendo as roupas para vesti-las em seguida. – É a garota que está morando com você?

— Já viu ela?

— Já. No domingo passado, quando saíram de carro de manhã. Entendo

porque esteja apaixonada. É uma mulher linda.

— Eu não consigo desejar nenhuma outra mulher que não seja ela. Não é você, é eu que...

— Sou adulta, Marcela. É claro que não sou o problema. Sou gata, gostosa e o sonho de metade das sapas de São Paulo. O problema é que luxúria não se mistura com amor. E eu sei bem de que lado eu estou.

— Eu vou pra casa, me desculpe...

— Claro que não. Relaxa aí. Vamos beber o vinho e você me fala um pouco mais dela. Deve ser uma garota muito especial.

— Ela é. Angélica o nome dela. A chamo de Angel. Ela veio trabalhar pra mim, minha mãe na verdade que arrumou tudo. Pensei que era uma mulher mais velha, mas quando eu a vi no aeroporto, ali eu já sabia que estava encrencada.

— No aeroporto? De onde ela é?

— Goiás. Ela teve uns problemas lá e teve que sair. Vai fazer um mês que ela tá comigo.

— E vocês já ficam?

— Não, quer dizer, um beijo hoje. Ela está muito machucada pelo que passou lá na cidade dela. Está sem nenhuma autoestima, o emocional está muito fragilizado. Tiraram tudo dela, trabalho, faculdade, namorada, sonhos.

— Que merda! A ex fez isso?

— É. Não vou entrar em detalhes porque é a vida dela. Não me sinto no direito de compartilhar, mas ela foi muito afetada. Ela não acredita mais no seu potencial como mulher.

— Uma pessoa sem sonhos não é ninguém. Tem que ter algo em que se acreditar, algo a se conquistar.

— A vontade dela é ajudar a família, o pai está operado, terminar a faculdade de pedagogia e voltar para a cidade. Se tornar professora.

— Já é algum objetivo. Pra ela pode parecer inalcançável por causa do que está passando, mas já é alguma coisa. Observou algum quadro de depressão?

— Não. Ela é muito reservada, mas aparentemente não.

— Você sabe que estudo psicologia, não é? Minha mãe é psicóloga, talvez possamos ajudar de alguma forma.

— Você faria isso?

— Não sou apenas sua transa mais próxima, Marcela. Eu sou sua amiga também.

— Seria muito bacana se puder ajuda-la de alguma forma. Nem que seja um pouco. Ela fica o tempo todo no apartamento, só sai quando eu a chamo. Ajudaria muito.

— Me conta, o que você tem feito para anima-la?

Marcela passou a hora seguinte relatando os passeios que já tinha feito com Angélica, as conversas que tinham tido. Cássia sempre fora uma boa transa e tinha acabado de se tornar uma boa ouvinte.

Angélica saiu do quarto quando escutou a porta da sala batendo, anunciando a saída de Marcela. Foi para a cozinha atrás de algo que ela nem mesmo sabia o que era. Parou no meio do cômodo olhando as coisas ao redor. Já estava tão acostumada com aquele lugar, com a disposição dos móveis. Sabia onde estava cada coisa ali. Quando havia chegado no apartamento, quase um mês atrás, torcia para que se sentisse em casa e agora que tinha essa plena sensação, a achava perigosa demais. Estava em casa, e era uma certeza tão grande que tinha medo de ver o que aquilo realmente significava.

Andou até a sala e se sentou no sofá, passando a mão por ele. Fechou os olhos enquanto sentia novamente as mãos de Marcela em seu corpo, sua boca grudada na sua em um beijo exigente, macio, lascivo. As alternâncias da morena tirando toda a razão que julgava possuir, toda a barreira que havia criado ao seu redor. Se inclinou para sentir o perfume de Marcela que estava impregnado ali, entorpecendo seus sentidos. Talvez pudesse dar uma chance para si mesma, uma nova chance de se entregar a alguém. Apesar de conhecer todos os riscos que corria, poderia dar espaço para que o desejo que começava a germinar no seu peito, tivesse espaço para crescer.

Abriu a porta de vidro e se sentou na varanda. Olhou demoradamente para a cidade, curtindo a brisa amena que banhava seu corpo. Estava confusa, não sabia o que pensar ou ver com clareza o que estava sentindo. Não soube precisar quanto tempo ficou ali, analisando sua vida pregressa, tudo o que tinha acontecido para chegar naquele ponto, sentada na varanda de um prédio em São Paulo, avaliando a confusão que estava se criando na sua mente.

Estava tão distraída que não viu quando Marcela chegou. Tomou um susto quando ouviu sua voz nas suas costas.

— Não quis te assustar – falou a morena com um sorriso.

— Estava distraída – respondeu se refazendo.

— Sobre o que aconteceu mais cedo, não quero que mude comigo. Eu

vou saber me controlar, não quero que se sinta intimidada de maneira alguma – falou se abaixando na sua frente.

Angélica a observou em silêncio, suas belas feições reveladas pela luz da cidade. Junto com sua análise, chegou também o cheiro de vinho e de perfume feminino. Deu um suspiro esticando os olhos para a além da morena, para as construções a frente. Estava perdendo tempo nos seus pensamentos. Marcela tinha mulheres com facilidade. Não iria se tornar mais uma.

— Não vou mudar – respondeu ao voltar a encara-la. – Temos apenas que ter bem claro que sou sua empregada e você minha patroa. Temos uma amizade proveniente dessa relação. Apenas isso.

— Será assim – concordou Marcela se levantando para depositar um beijo na sua testa. – Por ora não vou discordar de você. Quero sempre que se sinta à vontade aqui.

Angélica concordou com um aceno de cabeça e observou Marcela se afastar. Como havia dito a morena, era fácil demais se apaixonar por ela. Não iria cometer esse erro.

Capítulo 12

No domingo, Angélica passou a maior parte do tempo no quarto. Marcela ainda a chamou para irem até a casa de Kathy, mas não estava com vontade de sair. A verdade era que não queria sair com Marcela. Se manter afastada da morena era o melhor que poderia fazer para não deixar nenhum sentimento por ela criar raiz. Tinha passado a noite inteira pensando sobre o que tinha acontecido e sempre chegava a conclusão de que o melhor era se manter o mais distante que conseguisse.

Marcela voltou para casa quando o relógio já marcava meia noite. Depois da casa de Kathy, tinha esticado um barzinho com alguns amigos do tempo da faculdade. Diferente de todas as outras vezes, tinha se limitado a beber e rir com amigos, ignorando a quantidade de mulheres ao redor.

No apartamento, encontrou tudo às escuras. Fez o mínimo de barulho até alcançar o corredor. Parou na frente da porta de Angélica e ficou olhando para a madeira por muitos minutos. Queria bater e chama-la para qualquer coisa, apenas para ver seu rosto, ouvir sua voz, mas não podia fazer aquilo. Primeiro porque era tarde da noite e segundo porque não fazia ideia do que falar com ela naquele momento, quando sua única vontade era de tê-la em seus braços. Suspirou fundo e seguiu para o próprio quarto, para se jogar em um banho.

Angélica levantou na segunda de manhã e seguiu a rotina matinal de preparar o café da manhã para Marcela. Estranhou o fato de não escutar o barulho do despertador da morena as sete da manhã, mais ainda quando o relógio marcou sete e meia e ela não deu nenhum sinal de vida. Talvez tivesse tirado o despertador e não iria trabalhar tão cedo. A preocupação aumentou quando terminou de comer às oito horas da manhã e nada de Marcela aparecer. Não queria invadir sua privacidade, mas estava realmente preocupada com o seu silêncio.

Seguiu para o quarto de Marcela e bateu na porta. Não teve uma resposta. Bateu uma segunda vez ao mesmo tempo que chamava seu nome. Na terceira

vez abriu um pouco da porta e colocou a cabeça para dentro. A penumbra permitiu ver apenas a silhueta do corpo enrolado no edredom.

— Marcela? – chamou se abaixando ao lado da sua cama. – Você não vai trabalhar agora de manhã?

A resposta que teve foi apenas um gemido ininteligível. Tocou seu rosto para desperta-la e o descobriu quente. Acendeu a luz do abajur ao lado para enxerga-la. Marcela estava toda enrolada no edredom e tremia de frio.

— Marcela – chamou mais alto ao mesmo tempo que testava sua temperatura com o dorso da mão. Ela estava queimando em febre.

— Oi Angel – respondeu a morena com a voz fraca. – Acho que não estou nada bem. Deixa eu dormir mais um pouco que melhoro.

— Não. Você está com muita febre. Você tem um termômetro aqui?

— Caixa de remédios no guarda roupa. Segunda porta. Está tudo vencido.

Angélica foi até o lugar indicado e pegou a caixa. Tirou o termômetro e tentou liga-lo sem sucesso. Marcela nunca deveria ter usado aquilo na vida. Obvio que nem funcionava mais. Deixou de lado e voltou sua atenção para a morena.

— Vamos tirar essa coberta. Temos que baixar essa febre.

— Não. Está frio.

— Vamos, eu te ajudo – insistiu Angélica puxando o edredom.

As roupas de Marcela estavam encharcadas de suor. Fez ela se levantar e a guiou para o banheiro. Quando os irmãos ficavam doentes, sempre vira sua mãe dar um banho gelado neles para ajudar a baixar a febre. Poderia não ser o suficiente para a morena, mas a ajudaria bastante.

Marcela estancou na porta do banheiro quando percebeu a intenção de Angélica.

— Eu não vou tomar banho gelado. Nem pensar – protestou.

— Vai sim. Eu vou te ajudar – insistiu Angélica. – Tem que baixar essa febre.

— Não, Angel. Eu tomo um comprimido qualquer. Vai passar.

— Vamos, Marcela, para de ser manhosa! Quanto antes fizer, mais rápido acaba.

— Então você espera aqui. Eu vou tomar banho e já volto.

— Não. Eu tenho irmãos de dez e treze anos. Eu sei bem como funciona esses truques.

— Se quer me ver nua, é só pedir que faço uma strip-tease com o maior prazer, mas não me tortura com um banho gelado nesse frio que estou

sentindo.

— Não é tortura, Marcela – riu Angélica. – É para o seu próprio bem, vai por mim. — Me ajuda a tirar a roupa?

— Não acho que precise de ajuda para isso.

— Eu te ajudei – respondeu Marcela com um sorrisinho. – Não acho justo que somente eu tenha uma vantagem.

— Vai ficar jogando na minha cara? – perguntou Angélica acompanhando o sorriso.

— Se realmente quer me ver embaixo da água gelada, terá que me ajudar.

Angélica sorriu em resposta e se adiantou para puxar a regata da morena. Marcela apenas ergueu os braços a olhando intensamente. Fez a peça subir pelo seu tronco e sair pela cabeça. Deu um leve suspiro ao tentar conter os olhos pra não descer para o corpo da morena. Era até errado sentir o arrepio que passou por sua pele ao vê-la quase nua na sua frente, dado o estado físico que ela apresentava, adoentada. Balançou a cabeça em sentido negativo para espantar o pensamento.

— Algum problema, Angel? – perguntou Marcela analisando-a.

— Tirando sua teimosia? Nenhum – respondeu com um riso.

Marcela a analisou criticamente, vendo sua pele corar. Deu um discreto sorriso malicioso ao perceber o estado da morena. Por mais incoerente que a situação parecesse, era bom saber que despertava algum tipo de sentimento nela, nem que, naquele momento, fosse sexual.

— Eu termino de fazer isso. Não vou força-la.

— Ficou tímida? – perguntou Angélica fitando seu rosto.

— Não, mas você está. Não vou te forçar a fazer algo que não quer – respondeu se adiantando para fazer carinho em seu rosto. – Enquanto eu pratico essa tortura, pega dinheiro na minha carteira e vai na farmácia aqui do lado. Compre um dipirona e até o meio dia já estarei boa.

— Não vai me enganar?

— Prometo que não.

Angélica anuiu e deu um beijo na mão de Marcela antes de sair do banheiro. Não estava em negação para ajuda-a, pelo contrário, queria vê-la bem o quanto antes, mas ter Marcela nua na sua frente, depois do que tinha acontecido, dois dias antes, depois de tudo o que imaginava da morena, era uma tortura gratuita para ela mesma. Já tinha decidido manter a distância segura da sua patroa, mas momentos como aquele, a troca de intimidade era algo muito perigoso, um verdadeiro risco para as barreiras que tinha

construído ao seu redor. Quando saíra de Goiás, tinha trancado seu coração e jogado a chave fora. Marcela não podia encontra-la com tanta facilidade.

Vinte minutos depois estava de volta ao apartamento. Levou a sacola de compras para o quarto de Marcela e a encontrou no telefone e novamente enrolada no edredom. Deixou em cima da cômoda e saiu para buscar água.

— Não, Kathy. Vê com Fábio se dá para segurar essa visita para amanhã. Tem que dar prioridade para o novo. O City é um empreendimento grande, se ele me passar as medidas do terreno até a tarde e me mandar as fotos, já começo a desenhar alguma coisa.

Marcela se concentrou na ligação com Kathy enquanto Angélica abria um pacote e ia na sua direção.

— Vou medir sua temperatura – falou a morena baixinho ao apontar para o termômetro novo na mão.

Marcela concordou com a cabeça e tirou uma parte do edredom para pegar o termômetro em seguida e colocar embaixo do braço.

— Não, não é tão grave. Estou com uma febre idiota, mas a Angel comprou um Dipirona. Daqui uma hora estou inteira de novo. Eu posso ir à tarde em Santana.

Angélica voltou para a sacola e tirou a caixa de remédio de dentro. Contou algumas gotas em um copo e voltou para a cama se sentando ao lado de Marcela. Assim que o termômetro apitou, o pediu apenas apontando. Marcela o esticou na sua direção e fez uma careta para o pequeno aparelho. Trinta e oito graus.

— Ok, Kathy, daqui a pouco eu estarei melhor, não se preocupe. Não será uma febre à toa que vai me impedir de trabalhar. Eu te ligo. Beijos – Marcela deixou o aparelho de lado fitando Angélica que voltava com o copo. – Quanto de febre?

— Trinta e oito. Está sentindo algum incomodo na garganta?

— Meio dolorida só. Deve ter sido a cerveja de ontem. Não sou acostumada a beber e ainda estava muito gelada.

— Deve ta inflamando, por isso a febre. Toma o remédio que vai baixar.

— Você comprou em gotas?! – deduziu Marcela com uma careta. – Isso é horrível, Angel! Por que você está fazendo isso comigo? Primeiro banho gelado, agora esse remédio ruim do caramba!

— Marcela, para de drama. Você tem quase trinta anos! Bebe isso!

— O fato de eu ter quase trinta anos não muda o gosto do remédio.

Angélica riu enquanto Marcela virava o medicamento exibindo uma

careta. Não pode deixar de se divertir com toda a manha que ela estava fazendo, como uma criança de dez anos.

— Traz açúcar, por favor.

— Eu vou pegar alguma coisa.

— Tem chocolate na geladeira, não tem? É melhor.

Angélica apenas concordou com um sorriso e saiu. Foi até a cozinha e preparou uma bandeja com o café da manhã da morena e levou de volta ao quarto. Marcela tinha se enrolado no edredom novamente e mexia no celular. Deu um discreto riso ao vê-la entrar.

— Não precisava me trazer o café na cama, Angel. Eu iria na cozinha, sem problemas.

— Poupe suas energias para ficar bem. É pra comer tudo, viu? Daqui a pouco eu venho buscar a bandeja.

— Não vai tomar café comigo?

— Já comi. Se alimente bem. Vai ajudar a se recuperar. Daqui a pouco eu volto.

Marcela concordou com a cabeça e em seguida Angélica saiu do quarto. Não queria abusar, mas estava adorando aquele mimo vindo da morena. Se concentrou na bandeja que ela havia preparado e comeu tudo o que tinha a disposição. A garganta doeu ainda mais com o esforço para engolir. Tinha dito a Angélica que era apenas uma besteira para não preocupa-la, mas a verdade era que o corpo todo estava dolorido, a cabeça também estava pesada e meio entorpecida. Raramente pegava alguma doença, mas conhecia bem seu corpo e os sintomas de uma forte gripe se aproximando.

Angélica voltou para a cozinha e a arrumou. Uma hora depois voltou para o quarto de Marcela pegar a bandeja e a morena estava descoberta e suava bastante, sinal de que a febre tinha cedido com o medicamento. Mediu novamente a temperatura apenas para confirmar o que já havia deduzido. Trinta e seis graus.

— A febre passou. Está sentindo mais alguma coisa? Como está a garganta?

— Eu vou sobreviver.

— Isso é uma boa notícia. Não posso perder minha patroa por tão cedo.

— É só por isso que me quer viva? Que absurdo! – Marcela fingiu indignação. – Falando nisso, amanhã eu vou acertar os dias desde que começou a trabalhar aqui. Vamos deixar seu pagamento para todo dia vinte.

— Obrigada, Marcela. Amanhã mesmo já mando um pouco pra minha

mãe. Os remédios do meu pai acabaram e o posto lá não tem para repor.

— Por que não me disse antes, Angel? Já teria te adiantado!

— Não quis te incomodar com os meus problemas. Ele não ia ficar muito tempo também sem eles.

— Pega meu computador ali. A conta da sua mãe é qual?

— Amanhã você vê isso...

— Angel, seus problemas são meus problemas também! Não é uma bolsa que quer comprar, é uma questão de saúde! Não posso deixar meu sogro ter um piripaque antes de te pedir em casamento para ele.

— Oi? – riu Angélica. — Aí sim você vai fazer meu velhinho ter um piripaque.

— Para de enrolar mocinha! Pega o computador ali e vai buscar a conta da sua mãe. Se for do mesmo banco, ela já consegue sacar hoje mesmo.

— Marcela...

— Você não vai me fazer levantar da cama e ir até o banco para sacar, não é?

— Não – respondeu Angélica com um suspiro. – Tudo bem. A conta dela é da Caixa. Eu vou pegar o número.

— Ótimo! Eu faço um TED e ela já consegue sacar hoje.

— Tá bom.

Angélica saiu do quarto e Marcela se concentrou em fazer as contas de quanto daria os dias trabalhados até aquela data. Acessou a conta e logo a morena voltou para o quarto e esticou um papel com os dados anotados.

— Transfere tudo ou uma parte?

— Uma parte. Quero ficar com alguma coisa pra mim aqui.

Marcela concordou com a cabeça e voltou a se concentrar no computador. Dois minutos depois já estava deixando-o de lado.

— Feito. Liga pra ela e avisa que já está disponível.

— Obrigada, Marcela. Agora eu vou cuidar das coisas e você trate de ficar quietinha aí. Como a febre já passou, daqui a pouco já tá boa.

— Sim senhora.

Angélica saiu do quarto e sua primeira providência foi ligar para a mãe. Depois se concentrou no trabalho doméstico e almoço. Quando voltou para o quarto de Marcela a encontrou novamente ardendo em febre. A fraqueza que ela apresentava era mais evidente. Voltou na farmácia e comprou mais medicação apropriado para gripes. Com o passar das horas, Marcela não apresentou nenhuma melhora, pelo contrário, a febre começou a oscilar e as

dores no corpo aumentaram.

Kathy tornou a ligação no período da tarde e Marcela dispensou todo o trabalho. Os sintomas só foram piorando com o avançar das horas, mas se negou a ir no médico. A noite passou, e Angélica ficou o tempo todo do seu lado, cuidando da sua saúde. Somente na manhã seguinte, quando até engolir a saliva era difícil, concordou em ir ao hospital. Pediu um táxi e duas horas depois estavam de volta ao apartamento. Além dos sintomas da gripe forte, ainda tinha a dor das injeções.

— Puta merda – reclamou Marcela. – Como essa porra dói!

— Dói, mas amanhã estará bem melhor. Eu fiz uma sopa leve pra você almoçar. Come e descansa. Daqui a pouco a dor da perna passa.

— Almoça aqui comigo? Estou mal-acostumada de fazer as refeições com você.

— Almoço, assim já te faço comer tudo!

— Prometo não deixar nada no prato.

Angélica concordou e saiu do quarto. Quinze minutos depois estavam assistindo série no computador de Marcela e almoçando na sua cama. Duas horas depois continuavam assistindo, agora, deitadas. Marcela se apoiou no corpo da morena e não viu a hora passar enquanto recebia carinhos no cabelo e braços. Quando a noite caiu, tomaram banho, jantaram e voltaram para a maratona. Quando o relógio marcou onze da noite, os carinhos cessaram. Ergueu a cabeça para ver o rosto de Angélica e a descobriu dormindo tranquilamente. Ajeitou-a na cama e puxou o edredom para cobri-la. Se aconchegou ao seu lado e resvalou para o sono profundo.

Marcela acordou com a leve claridade que invadiu o quarto. Seu braço esquerdo estava dormente, pois Angélica dormira a noite inteira em cima dele. Se mexeu devagar, ao mesmo tempo em que puxava o braço com calma para não acordá-la. Ela se virou na cama e pode, por fim, livrar o braço. O massageou admirando suas feições serenas enquanto a morena dormia profundamente. Não soube precisar quanto tempo ficou em contemplação. Só sabia que nunca seria tempo suficiente para gravar a serenidade que ela transparecia, em sua memória.

Marcela saiu da cama e foi escovar os dentes antes de voltar a se deitar ao lado da morena. Com o movimento, Angélica acordou e passou a mão no rosto, antes de fixar os olhos cinzentos que a encarava. A encarou de volta, sem conseguir despregar o olhar do de Marcela. A mão da engenheira subiu para o seu rosto em uma carícia. Os rostos se aproximaram lentamente, o

hálito de menta chegando as suas narinas de forma provocante.

— Bom... Bom dia – balbuciou.

— Bom dia – respondeu Marcela descendo a mão do rosto para o pescoço moreno.

— Eu... Eu vou...

— Não... Não vai. Chega de fugir. Chega de fingir que podemos controlar isso.

Não havia argumentos que pudesse usar naquele momento, naquele exato instante em que todos os seus muros estavam no chão. A única coisa que podia fazer era eliminar os poucos centímetros que as separavam, buscando a boca de Marcela em um beijo.

Capítulo 13

Angélica deixou as bocas se encontrarem lentamente, ainda receosa pelo que aquela entrega significava. Marcela a virou na cama, ao mesmo tempo que passava a mão em todo o seu corpo. A mente fervia de desejo pela morena, para se entregar aquele momento de prazer. O corpo ganhou vida própria ao se esfregar em Marcela, a excitação aumentando a cada segundo pelos toques ousados.

— Me dá cinco minutos? – pediu Angélica com a respiração alterada.

— Se sair dessa cama, você vai fugir novamente – respondeu Marcela dando uma leve mordida no seu pescoço, seguido de um chupão.

— Quero me sentir mais confortável – insistiu em meio a um gemido.

Marcela suspirou fundo e se ergueu para encarar os olhos castanhos. Se jogou ao lado da cama, assistindo Angélica levantar de um pulo e correr para fora do quarto. Colocou um braço ao redor da cabeça enquanto encarava o teto. Teria que ter muita paciência com Angélica, mas não sabia determinar até que ponto ia sua paciência. Em outros momentos da sua vida, com outras mulheres, já teria partido para outra, mas não conseguia nem pensar naquela possibilidade, mesmo com toda a resistência que a morena apresentava. Pegou o celular para conferir a hora e tornou a dispensa-lo de lado para se sentar em seguida. Teria que ir para a construtora naquela manhã. Passara dois dias foras e não podia sobrecarregar Kathy e Fábio com as suas funções.

Se sentou na cama e novamente conferiu as horas. Já tinha se passado dez minutos desde que Angélica tinha saído. Ela não voltaria. Tinha um fio de esperança que ela deixasse a insegurança de lado, mas era obvio que, o que iria sobrar para ela, era somente um banho gelado.

Marcela saiu da cama e estava se espreguiçando quando a porta abriu novamente. Deixou o corpo pausar no meio do ato ao enxergar Angélica fechando-a e se encostando na madeira, ao mesmo tempo em que encarava seus olhos. O simples fato de vê-la ali, fez seu corpo todo se acender novamente. Sabia bem o que aquele retorno significava. A respiração alterada

de Angélica e seu receio de se aproximar, já falavam por mais de mil palavras;

Andou até ela e a puxou pela cintura ao mesmo tempo em que buscava seus lábios para um beijo. As línguas se encontraram em um bailar ritmado, sedento e, pela primeira vez, completamente entregue. Puxou-a para a cama devagar, subiram ajoelhadas sem interromper o beijo, mãos se acariciando mutuamente, avidas em busca de prazer.

Marcela se sentou sobre o colchão e Angélica se encaixou no seu colo. As mãos subiram para os cabelos negros e se enroscaram nos curtos fios. Fez uma leve pressão para que Marcela se afastasse para enxergar seus olhos.

— É somente essa vez... Não... Não vai ter outra...

— Ok – concordou Marcela. Não iria perder tempo avaliando o que aquela informação significava.

Marcela enfiou as mãos por dentro da camisa de dormir de Angélica e fez ela sair pela cabeça. Passou a mão por toda a pele morena, quente, sedutora. Pela primeira vez podia ver, com o toque, suas curvas. Os seios desnudos e, já tesos, ficaram à mostra. Uma mão subiu para acaricia-los enquanto a boca descia para o seu pescoço, a língua passeando por sua pele, os baixos gemidos chegando aos seus ouvidos como música.

Angélica rebolou contra o corpo da morena para senti-la inteira grudada no seu corpo. Puxou a camiseta que ela usava e se afastaram o suficiente para sair pela cabeça. A boca voltou para a exploração no colo e se ergueu por poucos centímetros para que ela pudesse alcançar os seios. Gemeu alto quando o seio esquerdo foi tomado por beijos e chupões. Uma mão de Marcela desceu para dentro do short de malha se alojando no bumbum. A sincronia da exploração do seio com a mão que a apertava por dentro da calcinha, fez sua excitação aumentar um tom, e foi ali, naquele momento, que a mente apagou de todas as preocupações que a circulava e apenas o toque na mulher em seu corpo era importante.

Marcela virou Angélica na cama e tirou o próprio short antes de subir no corpo moreno e fazer as peças que Angélica ainda usava deslizar por suas pernas até sair pelos pés. Voltou para o seio e deu uma rápida atenção a eles antes de descer para o ventre, traçando um caminho com a língua até a virilha. Angélica se apoiou em um cotovelo e deixou a outra mão ir para a cabeça de Marcela, fazendo uma leve pressão para que ela descesse e parasse com a tortura. A morena deu uma leve mordida na sua coxa, e depois a boca tomou o sexo, rápida, precisa e, inegavelmente, exigente.

Os gemidos tomaram conta do quarto. Angélica abriu mais as pernas ao mesmo tempo que a cabeça pendia para trás. Sentir Marcela trabalhando em seu corpo, era bem melhor do que sua imaginação poderia criar. As mãos seguravam suas coxas enquanto a exploração aumentava, ora rápida, ora calma, beijando, sugando, lambendo para depois voltar a abocanha-la. Era uma mistura que não tinha como acompanhar, não queria acompanhar, apenas sentir com toda a intensidade as sensações que Marcela despertava em seu corpo. Segurou o máximo que conseguiu antes de se entregar ao gozo.

Marcela deu um discreto sorriso de encontro ao sexo, enquanto Angélica se entregava ao prazer. Voltou a chupa-la devagar, esperando que a morena se recuperasse. Tinha uma ideia de que ela era gostosa, de forma literal, mas não chegava perto do que tinha imaginado. Seu gosto viciante, sua entrega absoluta ao momento. Poderia passar o dia inteiro ali e não seria o suficiente. Se ergueu quando sentiu a mão de Angélica a puxando para beija-la. Novamente as línguas se encontraram afoitas, sedentas.

As bocas continuaram se explorando e uma mão de Marcela desceu para o meio das suas pernas. Angélica as abriu e com agilidade a penetrou com dois dedos. Outro gemido alto escapou dos lábios de Angélica enquanto curtia o vai e vem ritmado no sexo. As mãos seguravam Marcela com força e as bocas se encontravam e se separavam, deleitando-se com o momento de prazer. Encarou os olhos cinzentos que estavam fixos no seu rosto, um sorrisinho permeando os lábios corados. Voltou a beija-la, não somente com a luxúria, mas com o sentimento que finalmente germinava em seu coração. Marcela percebeu a alteração na morena e a mão no sexo correspondeu a mudança, voltando a investir com precisão, cuidado. Angélica deixou as mãos correrem por suas costas e, grudando na boca de Marcela, se entregou a um orgasmo.

Angélica fechou os olhos, saboreando a sensação de prazer que entorpecia sua mente. As mãos acariciavam a morena sobre si, seu peso confortavelmente instalado sobre seu corpo. A respiração de Marcela no seu pescoço, seus carinhos correndo por sua pele. Um momento de silêncio, uma avaliação do que aquele ato significava. Não tinham transado sem compromisso, sabia distinguir aquilo: já tivera sexo movida apenas pelo tesão em alguns momentos com Andreia. Tinha feito amor com Marcela, tinha sido tocada com carinho, cuidado. Ao pensar nisso, os braços apertaram a morena com delicadeza, um agradecimento silencioso pelo prazer vivido. Abriu os olhos e fitou o teto e depois o ombro destacado no seu ponto de visão. A mão

correu para o braço tatuado, percorrendo lentamente toda sua extensão. A morena se ergueu para enxerga-la e encarou os olhos cinzentos. Marcela se adiantou para beija-la com carinho, ternura. O ato se tornou mais intenso e, poucos momentos depois, novamente estavam entregues, sem pudores, uma a outra. Avançou receosa em tocar Marcela, dado a experiência do antigo relacionamento, mas ao contrário de Andreia, a morena se entregou as suas carícias, gemendo alto quando começou a fazer um oral, rebolando na sua boca, prendendo sua cabeça com as pernas.

— Vira pra mim – pediu Marcela erguendo a cabeça para enxerga-la.

Angélica apenas mordeu o lábio inferior e girou o corpo para subir na morena, deixando o sexo no seu rosto. Marcela a segurou pelo quadril e mergulhou na sua intimidade. Gemeu alto antes de voltar a chupa-la com pressa. Em questão de segundos, os dois corpos embalados pelo prazer se entregaram ao gozo.

A manhã passou sem darem conta. Impulsionadas pelo desejo mutuo, se amaram com toda a intensidade, desejo e tesão acumulados. Não atenderam telefones, interfone e a campainha da porta. O mundo poderia acabar fora daquelas paredes e nada mais era importante que aquele momento único que compartilhavam.

Angélica passou o dia nos braços de Marcela. Saíram da cama para se alimentarem e depois voltaram para o conforto do pequeno reduto particular que tinha virado o quarto da morena. Tiraram um cochilo no fim da tarde, tomaram banho juntas, se amando embaixo da água quente. Assistiram séries, se amaram uma última vez antes de se renderem ao sono.

A leve claridade despertou Angélica. Se virou para enxergar Marcela que dormia profundamente ao seu lado. Fez um leve carinho no seu rosto antes de depositar um leve beijo em seus lábios e saiu da cama. Seguiu para o próprio quarto e entrou no banheiro. Se encostou no toucador e encarou os próprios olhos. Estava se sentindo leve, como há muito tempo não se sentia, uma alegria que soava até incomum. Se sentia bem consigo mesma e, dando vazão ao ego, desejada por uma mulher linda como Marcela.

Suspirou fundo e se concentrou na sua higiene matinal. Enquanto escovava os dentes, analisava toda a situação. Não havia nada do que se arrepender, a não ser o fato de que tinha que voltar para a realidade, uma nova realidade na qual tinha desejos por sua patroa e era completamente correspondida, mas que não podia passar disso. Mais uma vez, pesava que podia criar novas feridas em cima das quais começava lentamente a

cicatrizar.

Depois de trocar de roupa, seguiu para a cozinha e começou a preparar o café da manhã. Foi até a padaria e, enquanto esperava o elevador, uma morena de cabelos cacheados, que não devia ter mais que vinte anos, parou ao seu lado. Ela usava roupas de ginástica, indicando que estava na academia do prédio.

— Bom dia – cumprimentou. – Meu nome é Cássia. Você deve ser Angélica, não é?

— Bom dia. Isso mesmo. Como sabe meu nome?

— Qualquer um que chega no prédio é sempre uma novidade – riu. – A Marcela me falou que está morando com ela.

— É. Trabalho pra ela tem um mês.

— Em breve isso muda.

— Como assim?

— Logo descobriremos. Eu moro no nono andar. Se precisar de alguma coisa, pode me procurar.

— Obrigada.

— Mais tarde eu vou tomar um banho de piscina, por que não vem junto? Não gosto de nadar sozinha.

— Não posso usar as dependências sociais do prédio. Mesmo se pudesse, não tenho um biquíni.

— Afe! Marcela não mudou isso ainda? Vou falar com ela. E quanto ao biquíni, eu tenho um novo, acho que te serve.

— Não precisa, Cássia. De qualquer forma, obrigada.

— Me agradeça não me deixando nadar sozinha mais tarde. Vou te esperar, viu?

Angélica apenas deu um discreto sorriso para a morena que saiu no nono andar. Seguiu até o apartamento curiosa com Cássia. Certamente devia ser a amiga que Marcela tinha dito que iria no apartamento no sábado. Se pudesse usar a piscina do prédio, iria sem dúvidas. Adorava nadar e, mesmo que não fosse um rio como estava acostumada em Goiás, ainda era uma atividade que gostava muito.

No apartamento já encontrou Marcela na sala, falando ao telefone. Levou a sacola para o balcão e se sentou em uma banqueta se servindo de café.

— Eu estou bem, Kathy. Não atendi telefone ontem porque estava fazendo outras coisas, enfim, passou. Eu não estava em casa quando veio. Angel também não. Ok, foi mal. Vou tomar café e já vou sair de casa.

Conversamos no escritório – Marcela desligou o celular e deixou sobre a mesa antes de ir para o balcão. – Bom dia, linda – falou buscando os lábios de Angélica para um beijo. – Por que não me acordou quando levantou?

— Estava dormindo tão bonitinha. Não quis interromper.

— Não ia interromper. Só um minuto – pediu quando escutou o celular tocar novamente. – Oi Cássia. Sei... Hum... Ok. Eu vou fazer isso. Aliás já tinha que ter feito. Sou extremamente desligada. Vou falar com o síndico e o zelador. Sério, Cassia? Nem vou falar nada. Você que vem com gracinhas... Não é ciúmes. Só te conheço bem... Ok. Vê lá hein? Ok. Beijos.

Angélica observou Marcela desligar o celular e voltar a colocá-lo na mesa antes de se sentar do seu lado.

— Eu vou terminar o café e vou te autorizar no prédio. Tenho que falar que é minha namorada.

— Por que?

— Porque eu já tinha te autorizado como minha funcionária. Não posso mais falar que é minha amiga, eles veriam isso como uma tentativa de burlar as normas. Quando há o envolvimento, você passa a usufruir de todas as dependências.

— Entendi. Não precisa fazer isso...

— Eu quero fazer isso. Em algum lugar, pelo menos, você será minha namorada.

Angélica riu antes de voltar a encarar os olhos cinzentos.

— Não vamos confundir nada, tá bom? Foi incrível o que tivemos, mas não temos...

— Não precisa falar nada – cortou Marcela. – Eu vou esperar e respeitar qualquer decisão que tome.

— Obrigada.

— Só não passe a agir como se nada aconteceu. É meu único pedido.

— Não vou.

— Ótimo. Me dá um beijo de bom dia.

— Ah! Isso não é muito bem manter o limite da relação patroa-funcionária – riu Angélica.

— Quem disse que não? A Nadir, minha antiga faxineira, me dava altos beijos de bom dia.

— Ah é?

— Não – riu Marcela com uma careta.

— Bom dia – falou Angélica se inclinando para buscar a boca de Marcela. A morena segurou sua nuca aprofundando o beijo, deixando que suas línguas se encontrassem. Enfiou as mãos nos cabelos negros, sentindo todo o corpo reagir ao contato.

Marcela se levantou para abraça-la sem desgrudar dos seus lábios. A puxou da baqueta e ganharam o sofá da sala enquanto tiravam as roupas com pressa. Fato que chegaria atrasadíssima na construtora.

Capítulo 14

Boa tarde, Marcela – falou Kathy ao ver a amiga entrar no escritório. – Você não me parece doente o suficiente para perder uma manhã de trabalho – observou.

— Boa tarde, minha loira linda! – respondeu com bom humor. – Estou doente. Fodidamente doente pela Angel.

— Ok. Me explica.

— Ficamos – revelou ao se jogar na cadeira na frente da mesa da amiga. – Eu estava em casa ontem. Passei o dia na cama com ela.

— Oi? Como assim, Marcela? Espera. Você e Angélica transaram?

— Ontem, hoje e quantas vezes mais ela quiser.

— Caralho! Me conta isso. Como aconteceu?

— Na terça eu fui no hospital, como tinha lhe falado, aí passamos o dia assistindo série. Ela acabou pegando no sono e dormiu comigo. Ontem, quando acordou, acabou rolando. Aí foi o dia todo. Que mulher incrível!

— Caraca! Vocês estão juntas, então?

— Não. Ela não quer ainda. Ontem disse que ia ser só uma vez, mas não apresentou nenhuma resistência hoje.

— Você é muito filha da puta! Conseguiu dobrar a garota!

— Estou achando que foi ela quem me dobrou. Nunca tinha feito amor com alguém com tanta entrega, intensidade. Simples, mas único sabe?

— Feito amor com alguém? – repetiu Kathy incrédula. – Quem é você? O que fez com a minha amiga piranha?

— Vai se fuder, Kathy! Estou falando algo sério com você!

— Me desculpe, mas é muito surreal te ver tão apaixonada assim! Você está suspirando!

— Não dá pra conversar com você sobre isso!

— Ih relaxa! Parei. Então pelo que entendi, ela não quer nada sério com você.

— Continua batendo na tecla de não misturar as coisas. Que não vamos

ter nada além de uma relação trabalhista.

— Sabe o que é interessante? Você está do outro lado. Eu vi essas palavras de algumas garotas que você saiu, elas falando que estavam apaixonadas por você e a única coisa que oferecia a elas era diversão. Hoje você está apaixonada e Angel não quer nada sério.

— Me fodi.

— Sim, você se fudeu – riu Kathy. – Ela vai ficar com você, isso é meio obvio, mas você tem que ter paciência para esperar o tempo dela, o tempo para ela se recuperar totalmente da palhaçada que a ex fez, o tempo de ter segurança que você não vai manda-la embora, caso se enjoje de transar com ela.

— Eu não faria isso. Sei separar as coisas.

— Você sabe, mas e o lado dela? Como ela se sentiria tendo que trabalhar pra você depois de um relacionamento falido? Como você acha que ela se sentiria te vendo levar outras mulheres para o apartamento? Se coloca no lugar dela: você também não iria continuar a trabalhar em um lugar assim.

— Droga! – suspirou Marcela ao passar as mãos nos cabelos. – Eu quero ela Kathy. Eu não sei como conduzir isso. A mulher que eu quero do meu lado está morando comigo e existe uma distância enorme pra chegar até ela.

— Seja paciente. Você sabe o que quer, ela ainda tem fantasmas que precisa exorcizar. A única coisa que pode fazer agora é não forçar, deixe claro que está ali pra ela, não apronte, isso é importante. O tempo dela pode ser de duas semanas ou pode ser de dois anos. Você decide o quanto vale a pena esperar por ela.

— O tempo que for necessário – suspirou. – Valeu Kathy!

— Valeu nada. Você tem que começar a fazer as plantas para o City. Tem que fazer a vistoria em Santana também. E tem o prédio de Piracicaba. Na próxima semana você tem que ir pra lá.

— Eu tenho que ver com o Fábio, acho que Piracicaba entrega em duas semanas. Tem o aniversário da minha vó passando domingo que vem, no outro. Toda a família se reúne. Vou até ligar pra tia Laura pra ver se ela virá. Vou levar Angel comigo.

— Já vai apresentar para a família?

— Tia Laura é a única pessoa que ela conhece a mais tempo que estará por perto. Se ela vier também, pode trazer alguma coisa que a mãe da Angel mandar.

— Você pode ver com o Fábio de ele ir na próxima semana, aí você vai

na sexta da semana seguinte.

— Isso aí, minha loira! Vou trabalhar porque quero chegar cedo em casa – falou Marcela se levantando. Se virou para a amiga antes de chegar a porta.

— Obrigada por terem segurado esses dias que faltei e por me escutar.

— Você sempre pode contar comigo, Marcela. Sabe disso.

— Eu sei. Valeu!

Angélica passou o final da manhã arrumando a casa enquanto a mente permanecia concentrada em Marcela. Não queria pensar no que aquele novo envolvimento significava. Não podia, de forma alguma, perder o foco do trabalho, das suas obrigações com a família, mas naquela manhã, depois de tudo que havia vivido com a morena, era impossível não pensar em nada que não fosse no seu toque, na sua boca na sua pele. O carinho e o cuidado com que ela a tratava. Já fazia muito tempo que não se sentia daquela maneira, especial, importante para alguém além da sua família.

O corpo levemente dolorido era um lembrete gostoso dos momentos que havia passado com a morena. O sorriso permanente nos lábios, tudo era perigoso demais. Não suportaria passar outra vez pelo que tinha passado com Andréia.

A campainha da porta tirou-a do momento de devaneio. Se adiantou para abrir e enxergou Cássia. A morena usava somente uma camisa e carregava uma bolsa de tecido.

— Vim te buscar para o nosso banho de piscina – falou com um sorriso. – Posso entrar?

— Claro, desculpe – respondeu dando passagem a ela.

— Imaginei que você não iria em casa, então tomei a liberdade de subir. Fiz mal?

— Não. E acertou. Não iria mesmo – riu tímida. – Não quero ser inconveniente.

— Eu te convidei, se lembra? Se tivesse algum tipo de inconveniente não teria te chamado. Uau! Que bela organizada deu aqui! Marcela precisava mesmo ter uma mulher mais delicada, já que ela mesma é uma ogra.

— Uma empregada – corrigiu Angélica.

— Uma mulher. Quando pegarmos mais intimidade você vai entender – respondeu Cassia encarando seus olhos. – Trouxe o biquíni. Acho que vai ficar certinho em você. Temos quase o mesmo biótipo.

— Eu vou aceitar. Adoro nadar e já faz tanto tempo que não entro em água.

— Maravilha! Vai se trocar, vamos ver como vai ficar. Ah, e tira as etiquetas.

Angélica aceitou o pacote que Cássia estendia na sua direção e saiu da sala com um sorriso. Se trocou no quarto e depois colocou um short e uma blusinha mais leve por cima. Pegou uma toalha do guarda-roupas, saiu novamente para a sala e encontrou a morena sentada no sofá, mexendo no celular.

— Pronto. Ficou certinho!

— Então ele é seu. O sol tá maravilhoso para dar aquela bronzeada na pele. Nossa melanina ajuda muito para dar aquela cor maravilhosa!

— Nossa, se ficar uma hora no sol, fico toda queimada. Pego cor rápido – falou ao sair pela porta e trancar a fechadura.

— Marcela pira em uma marquinha de biquíni, viu? Fica a dica.

Angélica a olhou com um meio sorriso. Será que Cássia já tinha ficado com Marcela? Pensou. Bem provável que sim.

— Não precisa ficar tímida – tornou a falar a morena, diante do seu silêncio. – Conheço aquela figura.

— Vocês já ficaram? – perguntou, curiosa, ao entrar no elevador.

— Ela foi minha primeira mulher. Tinha dezessete anos quando nos mudamos pra cá. Fiquei toda me sentindo, uma mulher como ela, engenheira, independente. Não pensei duas vezes, porém Marcela sempre deixou muito claro que tudo se resumia a sexo. Foi a primeira coisa que ela me falou. Também não queria me assumir na época ainda, tinha medo do que meus pais diriam. Ainda moro com eles, então é um pouco mais complicado. Enfim, ficamos assim, encontros ocasionais. É a primeira vez, em três anos, que vejo ela tão apaixonada a ponto de não conseguir ficar com mais ninguém.

— Ela está apaixonada?

— Não me subestime e não se subestime. Ela foi em casa no sábado à noite. Disse que não ia me beijar porque já tinha te beijado. Fui um pouco mais insistente e ela broxou. Ela está louca por você.

— Você é bem sincera.

— Não precisamos de meias palavras, não é?

— Não.

— Você é uma mulher linda e isso é aparente. Provavelmente deve ser gente boa, isso vamos descobrir com o tempo. Por que ela não se apaixonaria? Até eu, se gostasse de mulheres femininas como você, me apaixonaria.

Angélica riu e saiu do elevador no térreo. Cássia seguiu na frente, indicando o caminho. O espaço continha a piscina de dez metros de comprimento e três de largura. Ao redor arranjos de arecas, azaleias e grama preta compunham o cenário que, até então, Angélica só tinha visto em revistas.

— É tudo muito estranho o que estou vivendo no momento – falou Angélica se sentando em uma espreguiçadeira na frente de Cássia.

— Coloca pra fora, vai te fazer bem – orientou a morena tirando o camisão.

— Eu não posso me envolver com ninguém aqui. Vim para trabalhar, tenho que ajudar meus pais. Não posso me dar ao luxo de colocar tudo a perder.

— Não é só isso, não é?

— Não. Eu sai de uma relação muito machucada. E, pra ser sincera, não esqueci minha ex. Por tudo o que ela fez, já era nem pra lembrar do nome dela, mas eu a amei muito. Foi muito intenso.

— Quer falar sobre isso?

— Vamos dar um mergulho primeiro? – sorriu Angélica. Se levantou e tirou a blusinha e o short, os colocando na espreguiçadeira.

— Vamos. Não tem problema com água, não é? Marcela me mata se eu tiver que fazer uma respiração boca a boca em você.

Angélica riu antes de responder.

— Não, não tenho.

— Maravilha!

Cássia saiu na frente e pulou dentro da água. Angélica fez o mesmo e, por vários minutos, percorreu a piscina de ponta a ponta. Adorava a sensação da água banhando todo o seu corpo, lavando a alma. Depois de um bom tempo, se apoiou na borda com Cássia ao seu lado.

— A água tá uma delícia – exclamou feliz.

— Está mesmo. Só faltou uns coquetéis agora. Um Sex on the beach ou um Bloody Mary. Seria tudo!

— Não sei o que são essas bebidas.

— Um dia faremos em casa. Eu tenho uma caixa de isopor pequena, podemos deixar na coqueteleira e só colocar na taça aqui. Vou comprar os ingredientes, aí faremos.

— É fraco? Não sou acostumada a beber.

— Podemos deixar fraco pra você. Eu prefiro caprichar na vodca. Me fala

de você, já que é minha amiga e eu sou, provavelmente sua única amiga ainda no prédio, é legal nos conhecermos. Que idade você tem?

— Vinte e quatro. Faço vinte e cinco no final do mês que vem.

— Que dia de Julho?

— Vinte e três.

— Canceriana – riu. – Bem a sua cara.

— Não sou dramática – respondeu Angélica acompanhando o riso. – E você é de quando?

— Sou uma típica leonina. Faço aniversário dia sete de Agosto. Completo vinte e um.

— Quando é o aniversário da Marcela?

— Em Novembro. Dia quinze, se não me engano. Dia quinze ou dia treze. Sou péssima com datas. Você deu muita sorte. Uma escorpiana nata!

— Você fala como se eu estivesse com Marcela – observou Angélica com um sorriso. – Não estamos juntas. E não vamos ficar.

— Eu vou te dar duas respostas. A mais direta e simples: Não estão juntas porque é tonta. Uma escorpiana apaixonada deve fazer loucuras. Já faz quando não está. Imagina do jeito como ela está com você?! Posso nem imaginar! – suspirou.

— E a outra resposta?

— Eu te entendo. Eu entendo que esteja receosa, preocupada de que as coisas não deem certo entre vocês. Aí você perde o emprego e tudo o mais. Mas vou te falar uma coisa: você pode ir com calma, não precisam declarar amor eterno hoje, pode deixar as coisas acontecerem aos poucos. Só não fecha a possibilidade, entende?

— Sim. O problema é que ela é tão bacana comigo, não seria justo usa-la para esquecer a Deia.

— Não seria bem um usar. É um novo sentimento que está nascendo no lugar de um antigo. Ao meu ver, seria usar se não sentisse nada por ela, mas você sente, não sente?

— É perigoso gostar da Marcela. Pelo que eu pude perceber ela é muito desapegada com mulher. Você me disse isso, Nanda também, Kathy. Ela troca de uma hora para outra e eu não quero continuar trabalhando pra ela se não der certo. É nesse ponto onde eu voltaria à estaca a zero.

— Isso são conjecturas. É uma coisa que você imagina que pode acontecer. Não é um fato. E de verdade? Não consigo te ver como empregada doméstica. Não acredito que vá ficar trabalhando pra ela por muito tempo.

Você estuda, não estuda?

— Tranquei meu curso. Fazia pedagogia.

— Você pode encontrar outra coisa. Na área que escolheu, ou até mesmo alguma coisa provisória se não quiser ficar dependendo dela, para ajudar seus pais. Eu te conheço tão pouco e dá para perceber que você tem potencial de muito mais do que ficar limpando a casa para alguém. Não desmerecendo a profissão. Meus pais não nasceram bem de vida. Meu pai tinha um mercadinho no bairro onde ele morava. Minha mãe trabalhava de doméstica quando eles se conheceram. Aí começaram a namorar e trabalhar juntos no mercado, faziam algo diferenciado e depois já estavam com mais um mercado. Ampliaram o primeiro, depois investiram em um terceiro. Com vinte e oito anos ela entrou na faculdade, fez psicologia, que era o que ela realmente gostava. Hoje meu pai tem cinquenta e cinco anos, uma rede de supermercados, minha mãe tem quarenta e oito, tem o consultório dela, ajuda meu pai com a administração. Ela saiu de uma casa de família e construiu uma carreira de sucesso com meu pai porque acreditou no potencial que tinha. Ela acreditou que podia fazer diferente. Você tem potencial, você tem coragem. Enfrentou o desconhecido, uma nova cidade, sem pessoas que você conhece. Pra você pode parecer que foi uma fuga de Goiás, mas é preciso de coragem para saber a hora de sair de casa.

— Eu estou tão confusa. A única coisa que tenho certeza é que, nesse momento, meus pais dependem de mim. Meus irmãos que são pequenos. Eu não posso arriscar nada agora.

— Vamos sair da água. Estou enrugando – falou Cássia indo para a escada.

Angélica ainda deu mais um mergulho antes de se juntar a morena na espreguiçadeira. Cassia passava um bronzeador e esticou na sua direção. O pegou e espalhou pelo corpo e depois se deitou, curtindo o sol quente da tarde.

— Me responde com sinceridade: você está mexida com Marcela, não está?

— Muito. Marcela surgiu como um raio de luz em um momento escuro da minha vida.

— Soa até poético isso – riu Cássia. – Não deixe que essa escuridão engula a luz que viu nela, pelo contrário, se deixe iluminar. Mas tem uma coisa, se ilumine em tudo, na sua vida, trace um projeto de vida. Quem você quer ser daqui dez anos?

— Rica, famosa e em um carro importado – riu Angélica. – Ah e sofisticada, fina. E falando, no mínimo, duas línguas diferentes. Quanta bobagem!

— Por que bobagem? O que te impede de ser rica, famosa e com um carro importado? Existe um porém aí: nada cai do céu. Você terá que trabalhar arduamente para alcançar seu sonho. Quanto mais alto ele for, mais você terá que trabalhar para alcançá-lo.

— É bacana conversar com você. Obrigada. Precisava mesmo desabafar.

— Quero que sejamos amigas. Muita gente acha que sou metida e não tenho nada na cabeça só porque gosto de usar um *Louboutin*, mas meus pais me ensinaram valores que mantenho, me ensinaram o valor do trabalho, da amizade e do respeito. Sou meio maluquinha sim, mas quando o assunto é sério, eu sei ser séria. Tenho uma cabeça bem formada. Devo isso a criação que eles me deram.

— Isso é muito legal. Meus pais são minha riqueza na terra. São tudo pra mim.

— É. Que eles não nos escutem, ou ficarão se achando.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro!

— O que é um *Louboutin*?

— É uma marca de sapato maravilhosa! Custa o olho da cara, mas vale cada centavo investido. Minha mãe já sabe que meus presentes de aniversário, natal e qualquer outro que ela queira é sempre um *Louboutin*. Com a sua altura, ficaria perfeita em um deles.

— Ficaria uma girafa com mais de um metro e noventa e cinco de altura!

— Se destacando na multidão – riu. – Me fala mais da sua infância, de Goiás. Nunca fui pra lá. Sou super curiosa.

Angélica passou o restante da tarde conversando com Cássia, falando da sua vida. Pela primeira vez contou a alguém o que tinha acontecido entre ela e Andréia sem que derramasse lágrimas. A morena, por sua vez, pouco a interrompia. Depois de um tempo voltaram a nadar.

Marcela entrou no apartamento procurando por Angélica. Percorreu todos os cômodos chamando pela morena e com a ausência da resposta deduziu que ela ainda estava com Cássia na piscina. Pegou o celular e colocou no bolso, antes de sair pela porta e ganhar o elevador.

Na piscina encontrou Cássia apoiada na beirada. Voltou os olhos para a água, enxergando a silhueta de Angélica em um mergulho.

— Oi Cássia – cumprimentou para chamar sua atenção.

— Oi Marcela! Já em casa?

— Terminei uma visita cedo e vou começar a fazer os projetos em casa.

— Sua sereia aí. Ela nada muito bem. Nem deu pra fingir um boca a boca.

— Vai se lascar, Cássia. Espero que não tenha ficado de gracinhas pra cima dela.

— Ela me dispensou também. Prefere bofinhos tatuados e olhos cinzentos.

— Ela te falou?

— Não precisa falar, não é?

Marcela sorriu olhando para a água em estado de contemplação enquanto a morena vinha à tona, os cabelos boiando ao redor da sua cabeça. Recebeu um lindo sorriso de volta que fez valer o dia.

— Oi Marcela. Nossa, nem vi a hora passar, já é mais de cinco?

— Não. Eu que cheguei cedo. Vou trabalhar em casa à noite – respondeu se abaixando na beirada da água. – Continue se divertindo.

— Eu já vou subir...

— Relaxa Angel, Marcela consegue sobreviver sem você por mais meia hora – cortou Cássia. – Vamos dar um último mergulho.

— Vão sim. Eu vou subir. Preciso começar a desenhar as plantas. Até daqui a pouco.

— Até.

Cassia ficou olhando para Angélica que, por sua vez, olhava para Marcela se afastando. O brilho no olhar da nova amiga era tão evidente que só não via quem não quisesse. Não segurou o riso da constatação que Marcela nunca mais seria sua. Ela já tinha uma “dona”.

— O que foi? – perguntou Angélica desviando a visão quando Marcela sumiu do seu campo de visão.

— Vou deixar que você descubra que está se apaixonando por ela. É melhor do que eu te contar.

— Ai Cássia! O que eu faço?!

— Um jantar bem gostoso e depois mostre as marcas do sol pra Marcela. Coloca uma lingerie bem sexy e dança na frente dela. O restante é com você.

— Você é louca – riu Angélica antes de voltar a mergulhar.

Angélica entrou no apartamento e encontrou Marcela sentada a mesa, na frente do computador. Ela havia trocado de roupa e colocado uma regata

preta com uma bermuda jeans. Ficou pouco tempo a admirando antes que ela se virasse para enxerga-la.

— Tudo bem? – perguntou Marcela diante do seu silêncio.

Angélica não respondeu nada. Deu um discreto sorriso e caminhou até ela. Encaixou uma mão no seu pescoço, puxando-a para um beijo.

— Uau, pelo visto está tudo certo – sussurrou Marcela de encontro aos seus lábios.

— Sim. Eu vou tomar um banho e depois faço o jantar. Quero te mostrar uma coisa.

— O que? – perguntou Marcela, fazendo carinho na sua coxa.

— A marca do biquíni. Queimei bastante no sol.

Capítulo 15

Marcela deixou o corpo tombar ao lado de Angélica, respirando fundo. Virou o rosto para enxerga-la, quando a morena se aconchegou no seu corpo para apoiar a cabeça no seu ombro. As caricias leves por sua pele faziam seus pelinhos se arrepiarem.

— Passando o próximo domingo, no outro, é aniversário da minha avó. Toda a família se reúne na casa dela. Vamos?

— Uma reunião de família? Melhor não. Não tem sentido eu ir.

— Por que?

— Porque não se leva a empregada para uma reunião de família.

— Mas eu posso levar uma amiga, não posso? Uma amiga com benefícios – riu Marcela. – Tia Laura também virá de Goiás. Eu falei com ela hoje à tarde e já está confirmado. É uma oportunidade de você ter notícias da sua família, não sei. Ela me disse que ia falar com a sua mãe, caso ela queira mandar algo pra você, já aproveita a viagem.

— Será que seria incomodo ela levar alguma coisa? – perguntou Angélica apoiando o queixo acima do seio de Marcela. – Roupas aqui é bem mais barato do que lá. Ia comprar algumas camisetas pros meus irmãos. Aí minha mãe pega com ela lá no mercado.

— Imagina, não seria incomodo nenhum. Nanda conhece umas lojas bacanas para comprar roupas. Tem o Brás que tem uma variedade muito grande e com preços bem baixos e tem o Bom retiro. Nanda só compra roupas pra ela e pra Kathy lá.

— Será que ela me fala como chegar lá?

— Isso eu posso te falar. Ela vai com você, porque falou em compras a bicha fica alucinada.

— Você vê se ela vai comigo?

— Você mesma pode fazer isso. Ela vai gostar de receber uma ligação sua. Ela só não vai se já tiver algum compromisso. Você leva o meu cartão e...

— Nem continua – cortou Angélica. – Eu tenho o dinheiro do pagamento.

— E eu desconto do próximo mês – concluiu Marcela com um riso. – Por que não aceita? Encare como um bônus.

— Não, Marcela. Você não tem que ficar gastando comigo além do que já me paga.

— E se eu quiser dar um presente para os meus cunhados?

— Você não tem cunhados até onde eu sei – respondeu Angélica antes de dar uma mordidinha no queixo de Marcela – Ou tem?

— Oficialmente ainda não, mas estou doida pra conquistar a irmã de dois gurizinhos que ainda não conheço.

Angélica deu um sorriso enquanto fazia carinho no rosto de Marcela com a ponta dos dedos. “Tudo com ela seria tão mais simples”. Em voz alta sentiu a necessidade de situa-la do real cenário.

— Eu não quero te enganar, Marcela. Não quero que crie...

— Eu vou fazer trinta anos, linda, sei bem qual é a nossa relação hoje. Não precisa ficar me lembrando que você não quer nada sério.

— Me desculpe.

— Não se desculpe, você está sendo sincera. Não se pede desculpas por isso. Muito pelo contrário, é uma atitude bacana, mas você não pode me tirar a leve expectativa que crio quando te vejo. Mais ainda assim, nua na minha cama.

— Boba – riu Angélica ao buscar seus lábios para um beijo. – Você não ia trabalhar?

— Como? Não tem a mínima possibilidade de me concentrar em algo com você me mostrando as marcas do biquíni.

— Prometo que não farei mais isso.

— Então deixa eu decora-las – respondeu Marcela virando-a na cama.

Tirou o lençol que cobria o corpo moreno e se sentou sobre suas pernas a admirando. Os seios arredondados, a cintura desenhada, o umbigo se destacando na barriga esguia. Mais abaixo o quadril nem grande demais e nem pequeno, do tamanho perfeito para o seu gosto. A virilha destacada na marca que ficara do biquíni. Lisa, do jeito que curtia, grandes lábios escondendo o clitóris. Poucas vezes tinha visto alguém tão simétrica como ela, cada coisa em seu devido lugar. Por um segundo pensou em como devia ser Márcia. Com toda certeza Andreia tinha feito o que fez porque havia se apaixonado, jamais por alguma coisa que não gostasse em Angélica. Não tinha como não gostar de algo nela. Se Angel tivesse sido encontrada por

algum caça talentos, ainda na adolescência, ela teria tido uma bela carreira de modelo.

— Sua mãe tem o seu biótipo? – perguntou, curiosa com a genética de Angélica.

— Você não vai ficar com a minha mãe, pode parar – riu a morena.

— Como assim?

— Nanda me contou que tem uma certa tara pelas mães das suas amigas.

— Que filha da puta! – riu Marcela. – Quando conhecer Tracy você vai entender. Eu quero saber de onde veio tanta beleza em você. Se é herança da sua mãe.

— Sou bem parecida com ela. Cara de uma, fucinho da outra como costumam dizer.

— Você é linda. Já te disse isso?

— Já. Um pouco surreal.

— Por que? Já te mostrei onde fica os espelhos dessa casa.

— Porque... A pessoa que me dizia isso além da minha mãe...

— Schiii – cortou Marcela. – Não faz isso, não traz ela pra essa cama. Aqui é só nos duas.

— Você é incrível – falou Angélica se sentando para juntar o corpo ao de Marcela. – Já te disse isso?

— Uma vez. Anda em dívida comigo, mocinha.

— Boba.

Marcela buscou a boca de Angélica em um beijo delicado enquanto as mãos foram percorrer o corpo em uma carícia igualmente suave. Somente quando o relógio marcou oito da noite é que se levantaram. A morena foi preparar o jantar e ela retomou o trabalho no computador. Queria muito passar o restante da noite na cama com Angélica, mas tinha que fazer aqueles desenhos ou Kathy ficaria furiosa, no dia seguinte.

Angélica se encostou no sofá com o caderno depois do jantar e voltou a escrever de onde tinha parado. Marcela ficou na mesa concentrada no trabalho. Mas sempre desviava os olhos pra ver a atenção que a morena dispensava nas folhas a sua frente. Tinha mórbida curiosidade de ler, mas sabia que ela não mostraria tão facilmente.

Quando o relógio marcou onze da noite, Angélica se despediu e foi para o próprio quarto. Marcela finalizou parte do trabalho à uma da manhã. Entrou no próprio aposento com a impressão de que faltava algo ali. A bela

morena que, em apenas uma noite, tinha feito aquelas paredes mudarem completamente de sentido. Colocou o pijama e sentou na beirada da cama com o olhar fixo na porta. Não tinha a mínima condição de dormir sabendo que Angélica estava no quarto ao lado. Pegou o travesseiro e saiu para o corredor. Deu uma leve batida na porta para escutar a voz da morena autorizando sua entrada. Ela também estava sentada na cama. O edredom forrado indicava que nem havia se deitado.

— Posso dormir aqui? Estou com medo das trovoadas.

— Melhor então. Não quero que fique com medo dessa tempestade – respondeu Angélica com um sorriso.

Marcela se adiantou e jogou o travesseiro de lado enquanto deitava com Angélica em meio a um beijo. Através da janela aberta, a lua e as estrelas, foram as testemunhas de mais uma noite de amor.

Os dias seguintes foram uma nova descoberta a ambas. Marcela descobriu que não havia a menor possibilidade de trabalhar em casa e Angélica, por sua vez, descobriu que era completamente impossível manter sua palavra de não se entregar totalmente. A simples visão da engenheira já fazia seu corpo todo se acender. Como dissera Cássia, não estava fechando uma possibilidade, estava deixando as coisas acontecerem.

Na sexta ligou para Nanda chamando-a para ir comprar as roupas para os irmãos e a morena de imediato aceitou. No sábado de manhã ela passou no apartamento para pega-la. Iam no seu carro.

— Fiquei tão feliz que tenha me chamado – falou Nanda assim que entrou. – Estava precisando mesmo ir fazer umas compras, mas Kathy é muito chata pra isso. Paciência zero.

— Fiquei receosa de te chamar. Marcela que me falou para te ligar.

— Imagina! Por quê?

— Ah, sei lá. Podia tá ocupada.

— Jamais estarei ocupada para ir ao Bom retiro fazer compras – riu. – Quando quiser é só me falar.

— Agora eu já sei.

— E como estão as coisas?

— Vão bem. Eu... Ah, estou bem adaptada.

— Isso é bom. Eu estou pensando em fazer um jantar lá em casa. Estou contando com a sua presença.

— Alguma ocasião especial?

— Não. Só um encontro das pessoas mais chegadas mesmo. Tracy vai

para Nova Iorque no próximo mês. Um tipo de despedida. Ela ficará três meses por lá. Provavelmente vai alguns amigos mais chegados, o pai da Kathy e a mulher, Tracy com a esposa, será divertido.

— Se precisar de alguma ajuda basta me falar.

— Vou contratar um buffet. Mais fácil, não preciso cozinhar, não preciso limpar, o que é melhor ainda.

— Com certeza. Que ideia a minha de que você iria para a cozinha – falou Angélica constrangida.

— Se precisasse com toda a certeza iria, mas a minha sogra é rica e dá uma generosa mesada para minha esposa. Obviamente faço uso dele. E não conta pra Kathy que eu te disse que ainda recebe mesada. Ela fica extremamente constrangida.

— Será o nosso segredo – riu Angélica.

— Isso.

Angélica passou a manhã em companhia de Nanda, andando pela José Paulino. Como sempre acontecia quando ia a algum lugar novo, ficou encantada com a rua comercial. Não sabia para onde olhar, em qual loja entrar. A morena a guiou para todos os lugares onde podia encontrar as roupas para os irmãos que procurava. Munidas de várias sacolas, só retornaram ao carro quando o relógio marcou uma hora da tarde. Passaram ainda em um restaurante antes de darem por encerrado o dia de compras.

No apartamento, Kathy e Marcela trabalhavam em alguma coisa da construtora. Nanda a seguiu para o quarto e arrumou as roupas, embalando com cuidado. Durante todo o tempo conversavam sobre coisas banais. Mesmo que a conversa com ela fosse leve, Angélica não se sentiu confortável em falar sobre o que estava acontecendo com ela e Marcela. Talvez a amizade de longa data que possuíam, fazia com que ficasse constrangida, ao contrário de Cássia, por quem teve uma enorme afinidade logo de cara.

O restante do dia, passaram no apartamento. Com o cair da noite, decidiram ir ao cinema. Se sentou ao lado de Marcela e ela de imediato levantou o apoio de braço para que pudessem ficar mais próximas. Assistiu os primeiros trinta minutos do filme trocando discretas carícias com a morena. Nos outros sessenta minutos não soube dizer exatamente o que aconteceu na tela, pois estava mais entretida em namorar Marcela que assistir qualquer coisa. Kathy e Nanda foram discretas em não fazer nenhum tipo de comentário, mas sabia que elas tinham visto todos os beijos que haviam trocado.

No domingo, uma mudança no tempo fez com que passassem o tempo todo dentro do apartamento. Marcela informou que o almoço naquele dia seria por sua conta e, quando o relógio já marcava três da tarde, serviu a mesa. Angélica se forçou a comer um pouco da salgada refeição, mas Marcela acabou com a tortura, tirando tudo da mesa para jogar fora. A barriga chegava a doer do tanto que ria com a falsa indignação de Marcela. As quatro, receberam a comida que a morena tinha pedido por telefone, as cinco já estavam abraçadas na cama assistindo filme.

A semana passou rapidamente enquanto caíam em uma rotina nova para ambas. Pela primeira vez experimentavam como seria um casamento, mesmo que não tivessem um compromisso sério. Por duas vezes, Angélica voltou a ressaltar que não tinha nada que prendesse Marcela em casa, mas ela, por sua vez, não via motivos para sair de casa. Tudo o que estava vivendo era novo e extremamente prazeroso. Não havia mais nada que pudesse querer na rua.

Na sexta levantaram de madrugada e saíram antes do sol nascer. Na parte da manhã iam visitar a obra que estava praticamente finalizada e, depois, iriam para a casa dos pais de Marcela. Angélica estava extremamente nervosa em conhece-los. Não havia motivos para ficar tão tensa, mas estava, como se dependesse de algum tipo de aprovação deles.

Antes de chegarem a obra, pararam para tomar café. Somente quando o relógio marcou uma hora da tarde é que seguiram para o destino final.

Angélica ficou encantada com a bela propriedade. A frente da casa, exibia as paredes cobertas de unha de gato e o portão branco e vazado dava o destaque no meio do verde intenso. Marcela ligou para a mãe e ela já abriu o portão para que pudesse colocar o veículo na garagem. No quintal da frente, foi apresentada com a visão do jardim bem cuidado que circulava a passagem exibindo coqueiros e jogos de ixórias.

— Hora de conhecer sua sogra – falou Marcela ao se virar para Angélica.
– Não precisa ficar nervosa, tá? Minha mãe é super tranquila.

— Não tem como não ficar, ne? – respondeu com um meio sorriso. – É ela?

Marcela olhou para a porta que a morena indicava e enxergou a mãe que olhava para o carro com curiosidade.

— É. Fica tranquila.

Angélica concordou e respirou fundo antes de abrir a porta e sair. Marcela seguiu até a mãe e a abraçou para depois depositar um beijo no seu rosto. Se virou para a morena e esticou a mão puxando-a para mais perto.

— Essa é Angélica, mãe, a garota que você contratou com a tia Laura. Angel, essa é a Lúcia, minha mãe.

— É um prazer conhece-la, senhora – cumprimentou Angélica timidamente.

— O prazer é meu, Angélica. Você é bem diferente do que eu tinha imaginado. Laura não me disse que era tão nova.

— Tenho vinte quatro anos. Faço vinte e cinco no próximo mês.

— Continua sendo nova – observou Lúcia. – Vamos entrar. O almoço está pronto. Daqui a pouco seu pai chega.

— Eu vou colocar as bolsas no meu quarto e mostrar a casa pra Angel...

— Então, eu tinha separado o quarto de hóspedes pra ela, mas pelo visto não precisa, não é?

— Mãe...

— Vocês estão dormindo juntas, não estão?

— Mãe, não precisamos disso... Eu...

Angélica baixou os olhos para o chão, ao sentir o corpo inteiro se retesar. Não esperava que a mãe de Marcela já soubesse e menos que fosse tão direta. Se não tivesse a pele morena, certamente estaria vermelha como um pimentão.

— O fato de não negarem e ficarem constrangidas já me diz alguma coisa. Eu tinha falado para Laura ficar na casa do Luiz, mas eu deixo então o quarto de hóspedes pra ela e o Arthur e vocês ficam no seu quarto.

— Pelo bem da logística familiar! — riu Marcela.

— Vamos fingir que isso convence alguém, não é?

Marcela apenas trocou um olhar com Angélica e seguiu para dentro da casa atrás da mãe. Cumprimentou as duas mulheres que faziam uma faxina no lugar e depois subiram as escadas em direção ao quarto.

— As meninas estão terminando a faxina na sala e depois vai ficar somente a cozinha e o quintal – falou Lúcia parando na porta. – Se troquem e desçam para o almoço.

— Ok, já descemos.

Lúcia concordou com a cabeça antes de sair pelo corredor. Assim que chegou na sala, resgatou o celular e discou para a irmã.

— Oi Laura. Já estão na estrada? Até umas cinco já chegam. Não, liguei por outro motivo. Marcela chegou aqui com a menina que você arrumou para trabalhar no apartamento. Praticamente uma adolescente, Laura! Você falou que ia arrumar uma empregada doméstica para minha filha, não uma

namorada!

Capítulo 16

Foi um erro ter vindo – falou Angélica depois de se certificar que estava sozinha com Marcela. – Tua mãe não gostou nem um pouco...

— Relaxa, Angel. Ela é cismada com qualquer um que se aproxime de mim. Quando ela te conhecer melhor vai passar.

— Mesmo assim, Marcela, é totalmente...

— Não precisa se preocupar, ok? – pediu Marcela abraçando-a. – É só o primeiro contato, depois ela vai relaxar. Já tem muito tempo desde que levei alguma garota em casa, eles ainda moravam em São Paulo. Tem mais de dez anos isso. Querendo ou não, é uma novidade pra ela também, mas fica tranquila, porque se em algum momento forem desrespeitosos com você, coisa que acredito que não vá acontecer, nós vamos embora, tá bom?

Angélica concordou com a cabeça e correspondeu o beijo que Marcela dava em seus lábios antes de se afastar até a mochila deixada sobre a cama. Trocou de roupa, se livrando do jeans e do sapato fechado. Marcela também trocou para um estilo mais jovial e, só depois, saíram do quarto novamente. A mãe de Marcela estava em um canto falando ao celular e seguiram para os fundos da casa, mas não pode deixar de notar o olhar que ela lhe lançou. Não precisava ser um expert pra saber que a mulher morena não tinha gostado nem um pouco de ter ela ali.

Nos fundos da casa, Marcela mostrou o local onde passava a maior parte do tempo quando ia na casa dos pais. Uma piscina ao fundo, ladeada por um jardim e uma churrasqueira no canto. Toda a decoração era de muito bom gosto. Estava entretida ouvindo Marcela falando e olhando a paisagem quando escutou uma voz nas suas costas.

— Boa tarde! – cumprimentou o homem de aproximadamente sessenta anos.

— Oi pai! – respondeu Marcela indo abraça-lo. – Que bom que veio cedo da loja.

— Vim almoçar, mas provavelmente já fico direto aqui. Depois vou só

fazer o fechamento. Você deve ser Angélica – falou se dirigindo a morena visivelmente constrangida. – Muito prazer em conhece-la! Dessa vez Laura deu uma dentro, hein?!

Angélica deu um discreto sorriso ao mesmo tempo que era esmagada pelo abraço que o homem lhe dava. Ao contrário da mãe de Marcela, o pai era bem mais simpático.

— Meu nome é Paulo. Quero que se sinta à vontade aqui.

— Obrigada, senhor.

— Paulo somente. Nada de senhor – respondeu soltando-a. – Você está cuidando bem da minha filha? Fome tenho certeza que ela não passa. Se está fazendo jus à minha herança, deve estar se alimentando bem.

— Pai, sem essas piadas, pelo amor de Deus! – pediu Marcela revirando os olhos. – Meu pai é um farrista, Angel, não liga.

— Isso é para desanuviar o ambiente. Você é muito bonita Angélica, parabéns.

— Obrigada.

— Vamos almoçar que estou varado de fome. E como estão as coisas na construtora, Marcela? Soube que o prédio do Álvaro está quase pronto. Vão conseguir entregar antes do prazo.

— Passei lá de manhã antes de vim pra cá. Só falta finalizar a parte elétrica. Com mais uma semana já entregamos. A equipe de limpeza vai fazer a última geral na quinta, eu acho. Kathy que está em contato com eles – respondeu Marcela puxando Angélica pela mão para dentro da casa.

— Maravilha! Estou orgulhoso de você. Fiquei com medo de indica-los para o meu amigo, mas vocês se saíram muito bem. Ele só fez elogios à construtora.

— Obrigada pai. Se tiver mais algum amigo precisando de um prédio pode dar o meu cartão!

— Isso com certeza! Provavelmente quem vai precisar sou eu. Estou pensando em abrir uma loja em Campinas. Meu pessoal está estudando o mercado e, até o final do mês, finalizo a compra de um comercio deteriorado lá. Vai ter que jogar tudo no chão e recomeçar do zero.

— Opa! É só me dar carta branca. Passo para Kathy e Fábio e vamos fazer algo bem bacana para você lá. Prometo cobrar o dobro.

— Não vai me cobrar porra nenhuma. Você ainda está me devendo a grana que te dei para investir sua parte na construtora.

— Isso, joga na cara – riu Marcela. – Eu já te falei do pagamento, vocês

que não querem.

— Claro que não, Marcela – interferiu Lúcia aparecendo na sala. – Até parece que vai dar ouvidos ao seu pai. Vocês duas podem sentar aqui. Vou trazer as coisas.

— Eu ajudo a senhora – se prontificou Angélica.

— Não. Aqui você é nossa convidada. Marina me ajuda a trazer.

Angélica concordou com um aceno enquanto assistia a mulher sair da sala. Marcela e o pai engataram uma conversa sobre a construtora e ela ficou fazendo uma observação do ambiente, completamente deslocada ali. Minutos depois já estavam os quatro almoçando. Notou que seus anfitriões comiam e garfo e faca, de um jeito refinado que cabia a etiqueta. Marcela a acompanhou do mesmo jeito que comiam no apartamento, sem frescuras, mas se sentiu ainda mais desconfortável por não saber agir como eles.

— E você Angélica, fala tão pouco. Nos conte mais sobre você – pediu Lúcia antes de beber do suco.

— Não tenho muito o que falar. Nada que seja interessante.

— Como você ficou sabendo do trabalho na Marcela? – insistiu Lúcia.

— Eu estava procurando um emprego lá na minha cidade, a dona Laura sabia que eu estava precisando e me falou. Eu pensei em não aceitar, pela distância, ficar longe da minha família, mas como sou eu quem cuida deles por agora, acabei aceitando.

— Você quem sustenta a sua casa?

— Sim. Meu pai fez uma cirurgia tem seis meses. Ele está se recuperando bem, mas não pode fazer trabalho muito pesado na lavoura ainda, então a principal renda da casa é a minha.

— E sua mãe?

— Ela é costureira, faz uns bicos em casa, mas cidade pequena é mais complicado. Eu também tenho dois irmãos pequenos e ela tem que cuidar deles e do meu pai.

— Entendo. É uma tremenda responsabilidade – observou Paulo. – Você estuda?

— Tranquei meu curso de pedagogia. Lá eu trabalhava em uma fazenda aí dava pra pagar o curso, meu pai também trabalhava então não pesava nas contas.

— Por que saiu da fazenda? – perguntou Paulo.

— Eu já fiz a entrevista de contratação – interferiu Marcela. – Que tal falarmos de outra coisa?

— Não é uma entrevista – Lúcia respondeu. – É para conhece-la melhor, afinal ela mora com você, nossa única filha.

— Tudo bem, Marcela – amenizou Angélica com um sorriso. – Eu trabalhava na casa grande e me relacionava com uma pessoa que morava na fazenda. A filha do patrão chegou da Inglaterra e ficou com essa pessoa. Não tive estrutura para continuar trabalhando lá, servindo alguém que me traiu.

— Namorava com uma mulher também? – perguntou Paulo.

— Sim, senhor.

— É compreensível.

— É compreensível e o assunto é chato – tornou a interferir Marcela. – Não vamos falar disso.

— Vamos falar sobre o que? – perguntou Paulo.

— Sobre a surra que meu Corinthians deu no seu Palmeiras! Gostou?

— Ah, pronto. Vamos achar um assunto para nós Angélica. Esses dois quando começam a falar de futebol não param tão cedo.

— Imagino – riu Angélica trocando um olhar com Marcela.

A tarde passou com a família reunida na sala conversando amenidades. Angélica pouco participou, mas prestou atenção em cada palavra dita. O assunto girou entre a construtora, as lojas que os pais de Marcela possuíam e as aulas de piano de Lúcia. No fim do dia, foram até o escritório que Paulo possuía na loja mais próxima de casa, para que pudesse fechar o expediente. Enquanto ele trabalhava, Angélica e Marcela passearam pelo local. A loja de eletrônicos era enorme e passaram um bom tempo olhando todos os produtos. Quando o relógio marcou oito horas da noite, voltaram para casa.

Angélica desceu do carro já reconhecendo o veículo de Laura a frente. Seguiu ao lado de Marcela até a porta, ansiosa para encontrar a mulher que tinha sido seu bote salva vidas no momento em que mais precisara. Assim que passou da soleira da porta, avistou a mulher por quem tinha tanto carinho.

— Dona Laura! – exclamou feliz em vê-la indo abraça-la. Não conteve as lágrimas de alegria em rever alguém conhecido. – Tão bom ver a senhora!

— Oi Angélica! Como você está menina? – perguntou Laura correspondendo o abraço apertado. – Calma... Está tudo bem.

— Eu to tão feliz em te ver. Senti tanta falta de um rosto conhecido!

— É bom te ver com essa carinha mais alegre. Marcela tem cuidado bem de você?

— Sim, senhora. Ela tem sido ótima! Não tenho nem como te agradecer

pela ajuda que me deu...

— Já está me agradecendo. Essa sua carinha mais feliz, sem aquela apatia e tristeza já é um grande agradecimento.

— Oi tia – falou Marcela se aproximando. – Estou te devendo uma, viu?

— Você toma tento, viu, Marcela?! Angélica não é como essas meninas que você andava por aí.

— Eu sei que não, por isso estou te devendo uma – respondeu divertida. – Fizeram boa viagem?

— Sim. Sem nenhum problema no caminho – respondeu Laura voltando a atenção para Angélica. – Qualquer coisa você me liga, viu? Eu coloco Marcela nos eixos.

— Pode deixar. A senhora falou com a minha mãe?

— Falei. Ela te mandou umas coisas. Estão aqui.

Marcela ficou ao lado dos pais e do tio observando, enquanto Laura ia até uma bolsa no canto e retirava um pacote para Angélica. A morena o pegou e abriu. Dentro encontrou uma carta da mãe e um cachecol feito por ela.

— Me desculpe – pediu Angélica sem conter as lágrimas com o gesto da mãe. – Eu vou ali fora.

— Fica à vontade, menina – Paulo respondeu.

Laura ficou olhando a saída de Angélica e depois se virou para a irmã.

— Acha mesmo que isso é atitude de quem vai se aproveitar da sua filha, Lúcia? É bem mais fácil que Marcela se aproveite da sua fragilidade nesse momento. Ela é uma menina que foi obrigada a crescer cedo demais para cuidar dos irmãos e agora da família. Vocês não fazem ideia de como eu vi essa garota, destruída emocionalmente, mas tendo que ficar de pé e com o peso de toda a família nas costas. Ela está se sentindo sozinha e desamparada longe dos pais. O mínimo que você pode fazer é deixa-la à vontade.

Marcela apenas trocou um olhar com a tia e depois com a mãe antes de sair da sala e ir atrás de Angélica no quintal. Ela tinha ido se sentar no canto mais reservado e chorava baixinho lendo a carta que a mãe tinha enviado. Se abaixou na sua frente e passou a mão na sua perna antes de depositar um beijo na sua mão.

Angélica levantou os olhos para a morena na sua frente e abraçou-a com força, deixando todo o nó na garganta sair em um choro profundo e doloroso. Marcela a embalou lentamente, fazendo carinho nos seus cabelos e dando delicados beijos no seu rosto. Daria tudo para tirar a dor que Angélica sentia com as mãos, mas a única coisa que podia fazer naquele momento era dar

todo o seu amparo.

— Eu sinto tantas saudades deles – falou Angélica se afastando. – Eu nunca fiquei tanto tempo longe da minha família. Dói tanto, sabe?

— Eu não posso mensurar a dor que está sentindo, mas eu estou aqui. Pra qualquer coisa, eu sempre estarei aqui com você, pra você. A única coisa que precisa é me permitir isso.

Angélica concordou com um aceno de cabeça e voltou a abraça-la com força. Sentia-se segura com Marcela, sentia verdade nas suas palavras, mas já havia se sentindo assim com Andreia: ela também havia prometido que ficaria do seu lado e, de uma hora para outra, tinha jogado tudo ao vento. Como podia confiar em uma mulher que havia conhecido há menos de dois meses? Como podia confiar em alguém que, claramente, tratava relacionamentos como algo descartável? Se afastou para encarar os olhos cinzentos e deu um discreto sorriso.

— Ela me mandou um cachecol – falou acariciando a peça no colo. – Disse que São Paulo faz muito frio e não quer que eu passe frio. Tenho certeza que ela tricotou chorando também.

— Vocês se amam muito. Esse cuidado é muito lindo.

— Ela é meu porto. Nunca pensei que passaria tanto tempo longe deles. Por mais que eu ficava mais tempo na fazenda, eu via eles toda semana.

— Eu nunca tive essa afinidade com a minha mãe – comentou Marcela sentando-se ao seu lado. – Com meu pai as coisas sempre fluíram com mais naturalidade, mas mesmo assim, nada muito próximo. Quando eles decidiram morar aqui, eu fiquei muito feliz por viver em São Paulo sozinha, um apartamento só meu. Senti falta deles sim, mas compensava isso com outras coisas, valorizando a liberdade que eu tinha sem eles por perto. O fato de não sermos tão próximos ajudou bastante.

— Se eu pudesse, jamais sairia de perto deles. Se as coisas tivessem sido diferentes, jamais teria saído de Goiás, da fazenda...

Angélica voltou a chorar e Marcela voltou a ampara-la. Mais uma vez, a vontade que sentia de dar uns tapas em Andreia fez seu sangue ferver. Torcia fervorosamente nunca encontra-la, pois sabia que não ia segurar a vontade insana de dar um murro na cara da mulher que tinha feito aquilo com Angélica.

Depois de algum tempo, Angélica se acalmou e começaram a conversar. Marcela manteve o assunto leve, mas não pode deixar de observar que, mesmo que Angélica estivesse mais solta, ainda assim estava com fracas

estruturas emocionais. O presente da mãe tinha sido o gatilho para o abalo emocional. Ainda teria uma longa jornada para que ela se sentisse segura novamente.

Lúcia apareceu chamando-as para o jantar e seguiram para dentro da casa. Antes de irem para a mesa, foram até o quarto para que Angélica pudesse lavar o rosto e guardar o presente da mãe. No restante da noite, a morena permaneceu calada e Marcela respeitou o momento dela. Na hora de dormir, apenas a abraçou e ficou fazendo carinhos nos seus cabelos até que ela pegasse no sono.

No sábado, depois de tomarem café, saíram para conhecer a cidade junto com os tios. Marcela sugeriu um passeio de balão e, mesmo com medo, Angélica concordou. O que deu mais segurança de entrar na cesta, foi a companhia de Laura. Passou toda a subida agarrada em Marcela, com medo da altitude. Quando superou o medo, relaxou curtindo a paisagem ao redor. Laura e Marcela tiraram várias fotos, algumas exclusivas para a mãe. Depois de um tempo, a morena abraçou-a por trás e apoiou o queixo no seu ombro. Deixou a paz tomar conta do seu corpo, enquanto gravava aquele momento e aquelas sensações únicas. Laura cutucou Arthur e apontou para as duas mulheres apoiadas na beirada do cesto. Era obvio que a sobrinha estava completamente apaixonada pela garota em seus braços. Torcia, com fervor, que elas ficassem juntas. Tinha uma certeza enraizada que era ali, com Marcela, que Angélica encontraria a felicidade.

De volta a casa, encontraram os pais preparando um churrasco junto com o restante dos familiares. Luiz, irmão de Lúcia e Laura já estava presente com a esposa e os dois filhos, assim como Cibele, irmã de Paulo, com o marido e uma filha. Angélica foi apresentada a todos por Lúcia, que havia mudado completamente na forma como a tratava. Não sabia o que havia motivado a diferença de tratamento que a mãe de Marcela dispensava a ela, mas era evidente que a hostilidade surgida no dia anterior tinha se dissipado por completo. Fez amizade com os primos de Marcela e curtiu uma agradável noite ao lado da família reunida ao redor da piscina. Ajudou Lúcia com a arrumação da bagunça que haviam feito e, somente quando o relógio marcou duas da manhã, é que subiu para o quarto, acompanhada de Marcela.

— E aí? Gostou do pessoal? – perguntou Marcela ao fechar a porta.

— Eles são ótimos! Você tem uma família incrível.

— É raro nos encontrarmos assim, mas quando dá certo, é sempre muito divertido.

— Imagino. Obrigada. Foi muito bom ter vindo.

— Me agradeça tomando um banho comigo. Preciso de alguém para esfregar minhas costas.

— Na casa dos seus pais, não. Eles estão no quarto ao lado.

— Ainda bem que estão no quarto ao lado e não aqui dentro. Eu tranquei a porta, não se preocupe – respondeu Marcela abraçando-a para depois dar um beijo demorado nos seus lábios. As mãos foram percorrer as pernas e bumbum em uma carícia ousada. – Essa respiração alterada está me dizendo que está louquinha para esfregar minhas costas.

— Não só as costas, mas...

— Schiii, sem mas. Vem.

Angélica seguiu para o banheiro com Marcela se livrando das roupas durante o curto trajeto. Já embaixo da água, encostou no azulejo enquanto a morena explorava seu corpo com a maestria com a qual já estava acostumada. Depois de muitos minutos se jogaram na cama e desceu pelo corpo de Marcela, traçando uma trilha pela pele fazendo ela soltar gemidos abafados contra o próprio pulso. Acariciou os pelos pubianos antes de concentrar a boca no seu sexo e segurou firme suas coxas, apertando até sentir ela gozar demoradamente na sua boca. Ainda ficou a chupando lentamente antes que Marcela a puxasse para cima do seu corpo. As bocas se encontraram em um beijo demorado antes de ser, delicadamente, colocada de lado. Marcela se encaixou atrás do seu corpo e ficou dando beijos no pescoço e ombro enquanto a mão descia para o meio das suas pernas. Abriu-as para dar espaço a mão que penetrou seu sexo. Grudou o rosto no travesseiro para abafar os gemidos e embalada pelo prazer que Marcela provocava em seu corpo, chegou ao orgasmo.

No dia seguinte, a reunião aconteceu na casa da avó materna de Marcela. O restante da família se juntou ao grupo que já havia conhecido no dia anterior e passou um domingo divertido e leve junto com as pessoas igualmente divertidas. Marcela havia anunciado que voltariam para São Paulo naquele dia e quando deu sete horas da noite, voltaram para a casa dos pais da morena para pegar as bolsas. Se despediu de Lúcia e Paulo, deixando Laura por último.

— Obrigada por tudo. Você não tem ideia de como o que fez significou pra mim.

— Me agradeça superando essa fase ruim. Quando voltar para aquela cidade, quero que volte de cabeça erguida, dona de si – respondeu Laura

abraçando-a apertado. – Isso se voltar, não é?

— Eu vou voltar – riu Angélica. – Meu lugar é lá. Eu... Eu não quis perguntar antes, mas... A senhora tem notícias da Andreia?

— Segue sua vida. Você tem tudo para ser feliz aqui.

— Eu preciso saber dona Laura – insistiu Angélica.

— Ela praticamente assumiu a fazenda agora que o Zeca assumiu o namoro com a Susana. Pelo que fiquei sabendo, Susana deu entrada no divórcio semana passada, mas já está instalada na casa que Zeca tem na cidade. Maria me disse que ela praticamente se mudou para a casa grande, noivou com Márcia e estão querendo casar no próximo ano, depois que Zeca casar com Susana. Essas informações não vão fazer diferença nenhuma pra você a não ser te deixar chateada. Esquece Andreia. Esquece essas pessoas. Você está em outro momento da sua vida, com outras pessoas que só querem o seu bem. Aproveite essa nova oportunidade.

Angélica concordou com a cabeça, segurando a todo custo, as lágrimas que vieram aos olhos. Se virou para enxergar Marcela ao seu lado com o rosto impassível. Seguiu para o quintal enquanto a morena se despedia da tia. Entrou no carro e Marcela fez o mesmo no banco do motorista para sair em seguida. Quando o carro se afastou o suficiente da casa, se abaixou sobre o próprio colo, apoiando as mãos na cabeça enquanto dava vazão às lágrimas que havia segurado.

Marcela continuou dirigindo, tentando se concentrar no trânsito, mas era uma tarefa quase impossível ao ver Angélica chorando ao seu lado, chorando pelo amor que ainda nutria pela ex namorada. Parou o carro na calçada de um comércio e tirou o cinto de segurança de ambas. Puxou Angélica para abraçá-la enquanto deixava uma lágrima escapar. Não sabia determinar o que era pior, se era ver Angélica chorando por um amor não correspondido ou a própria lágrima derramada pela mulher que estava apaixonada, mas que, naquele momento, sofria por outra.

Capítulo 17

Marcela entrou no escritório e seguiu direto para a sala jogando a bolsa em um canto. Sentou na cadeira e baixou a cabeça sobre a mesa. A mente ainda continuava ligada em Angélica, em tudo o que tinham vivido no final de semana, mas principalmente no desfecho do dia anterior. Tinham saído da casa da mãe e passado praticamente o tempo todo em silêncio. Tinha sido a primeira vez, em duas semanas, que não tinham dividido a mesma cama.

— Algum problema, Marcela? – perguntou Kathy ao entrar na sua sala.

— Não dá Kathy. Simplesmente não dá.

— Não dá o que? – perguntou a loira desconfiada.

— Angélica! Passamos um final de semana incrível na casa dos meus pais e ontem, antes de voltar pra casa, ela tinha que perguntar da ex babaca.

— É normal que ela queira saber, ela ainda gosta dela...

— Kathy, desculpa, mas eu não sei até que ponto vai minha paciência! Ela veio de Piracicaba até o apartamento praticamente chorando. Como eu posso querer uma mulher assim? Que ama tanto outra? Que não me dá a mínima chance!

— Você tem que ter paciência, Marcela! É obvio que a Angel não vai esquecer de uma hora para outra. Não é um botão liga e desliga, ela não terminou porque não existia mais amor da parte dela, por ela, nada disso teria acontecido. Se não fosse pela babaca, ela nem estaria na sua casa hoje.

— Eu sou uma idiota! Minha agenda de telefone está cheia de contatos que eu posso ligar agora e estarão à minha disposição, eu não preciso passar por isso! Não preciso ficar secando as lágrimas dela por causa de outra pessoa!

— Então desiste ué. Simples. Chega em casa hoje e fala pra ela que não vão mais transar, que vão realmente restringir a relação que possuem somente a nível trabalhista e vai atrás dos seus contatos.

— Eu vou fazer isso. Pode ter certeza que vou.

— Ok. Já que já decidimos sua vida pessoal de forma tão simples,

podemos dar uma olhada nos projetos? O pessoal do City pediu algumas alterações nas plantas que fez.

— Vamos. Vamos trabalhar que ganho mais.

Angélica terminou o trabalho no apartamento e saiu para a sacada olhando a cidade. Tinha passado a noite inteira acordada, remoendo as palavras de Laura. Andreia e Marcia iam casar. Se tornaria dona da fazenda que amava tanto, se tornaria tudo o que sempre sonhou. A vida dela tinha continuado enquanto havia estacionado a própria, esperando, como uma boba ingênua, que as coisas mudassem de figura. Por mais que achasse a ideia remota, no fundo, ainda alimentava alguma esperança de que Andreia ao menos perguntasse como estava, onde estava, mas ela tinha apagado as lembranças do que viveram, tinha apagado, definitivamente, o que, um dia, significara para ela.

Voltou para o quarto e pegou o caderno. Se encostou na cama e voltou a escrever enquanto lágrimas banhavam seu rosto. Duas horas depois, a agonia ainda não havia passado. Marcela também não havia aparecido para o almoço. Precisava conversar com alguém, precisava desabafar com alguém. Deixou um bilhete na sala, caso Marcela aparecesse e desceu para o apartamento de Cássia.

— Oi Angel. O que aconteceu? – perguntou a morena preocupada ao ver a feição de Angélica.

— Eu preciso conversar com alguém. Qualquer coisa, qualquer besteira. Desculpa vim aqui, mas foi a primeira pessoa que pensei.

— Imagina, não precisa se desculpar. Entra.

— Obrigada.

— Eu vou pegar uma água com açúcar, vai te fazer bem.

Angélica concordou com a cabeça enquanto Cássia ia até a cozinha. Minutos depois, terminava de beber a água. Encarou a morena que a observava atenta.

— Eu sou uma completa imbecil... Eu... Droga!

— Está tudo bem. Coloca pra fora.

— Andreia vai casar com Marcia, ela... Ela realmente me esqueceu.

— Me conta tudo o que aconteceu.

Angélica passou a hora seguinte falando com Cássia sobre o final de semana que havia passado com a família de Marcela e depois as palavras de Laura. Colocou pra fora a dor que a notícia havia causado, a mudança no

comportamento de Marcela. Somado a tudo que estava sentindo, ainda tinha a saudades da família. Depois de receber o presente da mãe, tinha se tornado ainda mais latente a falta que eles faziam. Cássia ouviu-a durante todo o tempo, pouco interrompendo. Quando terminou a narrativa se encostou no sofá sentindo-se derrotada.

— Você precisa começar a trabalhar o desapego desse sentimento. Até então, você só tinha mascarado, escondido em algum lugar no seu coração, mas ele ainda está aí. Você precisa colocá-lo para fora.

— Como eu faço isso?

— Vamos descobrir isso tomando um açaí. Tem um lugar próximo da padaria que tem uns deliciosos.

Marcela entrou no apartamento e encontrou um bilhete de Angélica informando que estava na casa de Cássia. Era até melhor não encontrá-la naquele momento, pois a mágoa ainda estava presente. Seguiu para o corredor e parou, por poucos minutos, na frente da porta do quarto de Angélica. Olhou para dentro, e enxergou o caderno em que ela costumava escrever em cima da cama. Deu uma olhada para o corredor e entrou no quarto. Lutou contra seus princípios de não invadir a privacidade da morena, mas a curiosidade venceu a batalha. Abriu e leu a primeira página que só falava de Andreia. O conteúdo da segunda página não era diferente da primeira. Suspirou fundo e fechou indo para o próprio quarto. Tomou um banho demorado e trocou de roupa. Estava terminando de ajeitar o cabelo quando escutou a porta da frente se fechar, indicando que Angélica havia chegado. Saiu para a sala e enxergou a morena na cozinha.

— Oi Angel – cumprimentou para chamar sua atenção.

— Oi Marcela. Não achei que fosse chegar mais cedo hoje. Estava com Cássia.

— Tudo bem. Eu dei só uma passada, na verdade, eu vou sair, não vou jantar em casa e provavelmente não volto hoje. Qualquer problema que tenha, basta me ligar.

— Tudo bem.

— Tenha uma boa noite.

— Você também.

Angélica ficou olhando enquanto Marcela pegava a carteira e a chave do carro e colocava no bolso. Antes de sair, ela ainda a olhou demoradamente para depois caminhar até a porta.

— Marcela! – chamou indo atrás da morena. Ela parou com a porta

aberta, mas sem se virar. – Fica. Se não for assunto de trabalho ou algo importante que tenha que resolver, fica aqui.

— Pra que Angel? – perguntou se virando para encarar os olhos castanhos. – Pra que você quer que eu fique?

Angélica ficou olhando para Marcela, sem conseguir desviar dos olhos cinzentos. A resposta era tão simples, bastava dizer que queria ela em casa porque queria sua companhia, seu cuidado e seus beijos. Mas não podia dizer aquilo. Não soaria verdadeiro para ninguém depois das demonstrações do sentimento que ainda tinha por Andréia.

Diante do silêncio de Angélica, Marcela apenas passou uma mão no rosto para depois respirar fundo.

— Quando você souber essa resposta, eu fico – respondeu por fim. – E eu fico o tempo que você quiser, mas eu quero que você também fique aqui, de corpo e alma.

Angélica ficou parada no mesmo lugar, apenas olhando a porta se fechar depois da passagem de Marcela. Olhou ao redor, para o apartamento vazio e frio sentindo-se, pela primeira vez, deslocada ali dentro. O que tornava aquele lugar aconchegante e especial era a presença da morena que, com maestria absoluta, impedia a entrada na sua vida. Suspirou fundo para deixar o ar passar pelos pulmões, expandindo o peito apertado. Marcela estava indo encontrar outra e, por mais incomodada que estivesse, não podia e nem devia falar nada.

A noite se arrastou lentamente enquanto permanecia acordada, contando cada minuto. Prestou atenção em cada barulho do andar, atenta a qualquer indicio da chegada de Marcela, mas ela realmente havia passado a noite fora com alguém, na cama de alguém. Naquele momento descobriu um novo sentimento pela engenheira: ciúmes. Estava extremamente enciumada ao imaginar outra mulher tocando Marcela que não ela. Outra mulher se entregando ao prazer que ela sabia proporcionar como ninguém. O que tornava o sexo com a morena tão especial e único era a entrega de ambas, sem frescuras. Gostava de dar prazer na mesma proporção que recebia e tinha essa total liberdade com Marcela: a grande verdade era que tinha tudo com Marcela. Companheirismo, amizade, cumplicidade e, tudo isso, somado a uma incrível química sexual.

Angélica suspirou fundo quando o relógio marcou sete da manhã e escutou o barulho da porta. Saiu para o corredor enxergando a morena que vinha na sua direção.

— Bom dia, Angel – cumprimentou Marcela ao passar por ela.

— Bom dia – respondeu baixo.

— Eu vou dormir um pouco. Acordo para o almoço.

— Tá bom.

Angélica comparou o barulho da porta se fechando como um tapa dado. Tinha uma mulher incrível como Marcela apaixonada por ela e estava deliberadamente entregando para outra. Pegou o celular e saiu cabisbaixa para a cozinha, preparar o café. Estava quase terminando de comer quando recebeu uma ligação de Nanda.

— Oi Angel! – cumprimentou. – Como você está?

— Vou bem. E você?

— Ótima! Te liguei para confirmar o jantar aqui em casa na sexta. Não será mais uma despedida da Tracy, ela e Charlotte adiaram a viagem, mas de qualquer forma vamos fazer o jantar.

— Obrigada, Nanda, mas eu não vou.

— Como não? Estou contando com a sua presença. Tem outro compromisso? Desmarque.

— Não quero atrapalhar Marcela. Vai que ela queira levar alguma garota e não se sinta bem com o fato de eu ir também.

— Ciúmes, Angel? – riu Nanda. – Se Marcela quiser trazer qualquer garota ela pode, é uma mulher solteira, linda, independente. Tem vinte e nove anos e não tem nenhum compromisso porque a mulher que ela quer está presa ao passado.

— Ela contou o que aconteceu domingo?

— Marcela dormiu aqui, Angel. Não foi para nenhum motel ou casa de alguma peguete. Ela se enrolou com um lençol no meu sofá e passou a noite toda encolhida. Devia fazer uma massagem nela, provavelmente está com as costas travadas.

— Ela mal está falando comigo...

— Angel, ela é humana. É a primeira vez que vejo Marcela agindo desse por causa de alguma garota. Só que essa garota ainda alimenta esperança de voltar com a ex.

— Eu não quero voltar com Andreia, não mais.

— Então vire a página. Marcela não vai te esperar pelo resto da vida.

— Eu não quero que ela me espere. Não seria justo com ninguém. Só que não posso oferecer tão pouco a alguém que me dá tanto.

— Pra ela pode ser o suficiente por enquanto. Ela entende a sua situação,

seus medos. O que ela não entende é a necessidade de saber informações da sua ex.

— Eu fui uma idiota.

— Você foi. Ainda dá tempo de corrigir.

— Eu... Eu não posso...

— Ok. Eu estou te esperando na sexta, viu?! Na quinta vou passar aí na parte da tarde e vamos comprar umas roupas bafo para o jantar.

— Nanda...

— Sem mais mocinha. Eu tenho que desligar agora. Nos vemos na quinta.

Angélica desligou o celular com um sorriso surgindo lentamente na face. Então Marcela tinha ido para a casa de Kathy. Suspirou aliviada, como se um grande peso fosse tirado das suas costas. Deixou o celular em cima do balcão na cozinha e seguiu para o quarto de Marcela. Abriu a porta devagar para enxergar a morena sentada na cama enquanto mexia no celular.

— Algum problema, Angel? – perguntou Marcela sem desviar os olhos do aparelho.

— Não. Me desculpe abrir a porta sem bater. Não queria te acordar se estivesse dormindo.

— Não estou – respondeu somente.

— Eu quero conversar com você.

— Diga.

— Me desculpa. Eu agi como uma idiota e não pensei no que isso podia te magoar.

Marcela deixou o aparelho de lado para encarar a morena na sua frente.

— Eu vou ficar bem. Você nunca mentiu pra mim e nem me prometeu nada.

— Eu sei, mas eu vi o quanto ficou magoada.

— Como disse, vai passar.

— Tá bom.

— Mais alguma coisa?

— Não. Me desculpe mais uma vez.

Marcela ficou olhando para Angélica que saía do quarto. Desviou a atenção da porta somente quando ela se fechou e fitou a parede vazia. Tinha tentando ficar com outra mulher na noite anterior. Havia ligado para uma antiga ficante e tinham saído para jantar. Depois de um bom tempo no restaurante, foram direto para a casa dela, mas não tivera coragem de entrar. Não tivera coragem, vontade, tesão de estar com outra pessoa que não fosse

Angélica. Por mais estranho que lhe soasse, havia uma incomum necessidade de ser fiel a ela. Ter essa consciência era totalmente arbitrário, uma vez que, nem quando estava em relacionamentos, levava a fidelidade a sério. Com Angélica não possuía absolutamente nada, o que não caracterizaria uma traição, mas se tivesse ficado com alguém, certamente se sentiria como se tivesse traído a morena. A verdade, que não queria admitir para si mesma, era que não conseguia se ver com nenhuma outra mulher que não fosse sua Angel.

O relógio já marcava uma e meia da tarde quando finalmente saiu do quarto. Angélica estava na lavanderia passando roupas e ficou por um longo tempo admirando-a. Por mais que tivesse se irritado pelo que tinha acontecido, depois de todas as divagações possíveis, só conseguia enxergar uma única resposta. Era ela.

— Angel – falou para chamar sua atenção.

— Oi Marcela. O almoço está pronto. Eu vou...

— Quero te falar uma coisa.

— O que foi?

— Eu estou apaixonada por você. Não consigo enxergar nenhuma outra mulher que não seja você. Eu tentei ficar com outras garotas, mas você minou meu desejo por outras, como se tivesse colocado um repelente. Eu não vou te procurar mais. Vou deixar que você tome essa decisão, mas quando vier, e se vier, quero que seja inteira. Quero que saiba que eu estou aqui e aguardando ansiosa o dia que você consiga me enxergar da forma como eu quero ser vista, da mesma forma como eu vejo você.

— Marcela... Eu...

Marcela não deu espaço para uma resposta, puxando-a para um beijo.

— Tenha uma excelente tarde, linda Angel. Volto às sete da noite para o jantar.

Angélica ficou olhando a morena se afastar até sair do seu ponto de visão. Foi para a sala a tempo de ver Marcela pegar a bolsa de trabalho e se dirigir para a porta. O coração batia descompassado dentro do peito. Mordeu o lábio inferior enquanto um sorrisinho lutava por espaço nos seus lábios. Estava na hora de parar de agir como uma idiota.

Capítulo 18

Oi Angel – cumprimentou Cássia ao ver a morena parada na sua porta. – Está mais tranquila?

— Bem mais – respondeu com um sorriso. – Marcela se declarou pra mim.

— O que?! – praticamente gritou Cássia. – Ah mentira! Marcela se declarando?! Gente! Eu morreria pra ver isso! Me conta, como foi?

— Ela tá chateada comigo por causa de tudo o que te contei ontem. Ela dormiu na casa da Kathy, aí hoje de manhã, na hora que chegou, eu pedi desculpas pela burrice que fiz. Quando saiu de casa agora, para ir trabalhar, ela disse que está apaixonada por mim.

— Mas isso era mais que óbvio, só não acreditava que um dia ela seria capaz de se declarar assim. Me conta, quero saber palavra por palavra.

— Conto. Que cheiro é esse? – perguntou Angélica com uma careta. – Estava cortando cebolas?

— Não. Estou usando no cabelo.

— Como assim?

— Um tônico capilar natural. Depois o cheiro sai. Me conta da Marcela. Como ela falou? – pediu Cássia se sentando no sofá com Angélica ao seu lado.

— Ela disse que está apaixonada por mim, que tentou ficar com outras garotas, mas não conseguiu, que vai me esperar.

— E você?

— Não respondi nada.

— Porra Angel! – exclamou Cássia dando um tapa na sua perna. – Uma mulher como Marcela diz que está apaixonada e você não faz nada?

— Ela me beijou, nem tive ação depois disso.

— E como você está?

— Ela mexe muito comigo, você sabe disso. Eu passei a última noite me roendo de ciúmes de que ela estivesse com alguma mulher. Quando ela

chegou de manhã, ela disse que ia dormir, achei que tinha passado a noite na farra.

— Essa mulher é tua, Angel! Cara, se você deixar ela escapar, eu juro pra você, te dou uns tapas e caso com ela.

— Eu não quero deixar ela escapar, mas como falei pra Nanda, não quero dar tão pouco pra ela. Marcela é uma pessoa incrível, merece muito mais do que tenho a oferecer.

— Ela só quer seu amor e sua pepeca.

— Que horror, Cássia! – riu Angélica.

— Estou falando alguma mentira? Seu dinheiro ela não quer, até porque ela tem mais que você. Nenhum bem material e nem alguma vantagem. Ela só quer você, seu corpinho e seu amor.

— É tão surreal isso ainda. Essa noção de que ela está mesmo apaixonada por mim. A ruiva que ia lá no apartamento quando cheguei, você, são mulheres lindas que ela tinha antes. Eu não sei nem andar de salto alto.

— O salto alto a gente pode resolver agora! Vou te ensinar a andar belíssima em cima de um Louboutin.

— Teria que juntar três meses de salário pra comprar um sapato desses ou mais.

— Que número você calça?

— Trinta e sete.

— Mesmo que o meu. Vem, vou te ensinar – chamou Cássia puxando-a

— Me fala desse tônico. Por que você passa cebola no cabelo?

— Eu tenho alergia grave a produtos químicos, aí faço tratamento capilar só com produtos naturais. É muito bom! O cabelo fica ótimo e não agride o couro cabeludo e nem os fios. Tenho umas receitas de tratamento assim que dão resultados incríveis. Se quiser eu te passo algumas.

— Sério? Tem alguma coisa para crescimento?

— Tenho uma que é muito boa! Essa mesma que estou usando hoje já ajuda muito no crescimento...

Angélica passou o restante da tarde com Cássia. Riu com a amiga enquanto ela tentava ensinar como andar com o sapato de salto. Levou broncas para corrigir a postura e quase torceu o pé ao descer a escada de incêndio, mas tinha que concordar com ela: a elegância que o salto alto dava era indiscutível.

Às cinco da tarde voltou para o apartamento. Cássia havia emprestado um dos seus sapatos para que ela pudesse treinar no apartamento. Guardou o

calçado antes de ir para a cozinha começar a preparar o jantar. Quando o relógio marcou seis e meia da tarde, Marcela chegou em casa. O sorriso foi espontâneo ao vê-la.

— Oi Angel – falou Marcela ao colocar a bolsa sobre a mesa. – Tudo bem por aqui?

— Tudo em ordem – respondeu desviando a atenção por poucos segundos do molho no fogo. – O jantar está quase pronto.

— O que temos de bom hoje? – perguntou a morena se aproximando.

— Macarrão com molho de queijo.

— O cheiro está ótimo. Eu vou tomar um banho e já venho.

Angélica concordou com a cabeça enquanto via a morena ir para a sala. Marcela não teve nenhuma iniciativa para lhe dar o costumeiro beijo, desde que haviam começado a ficar. Tinha certeza de que ela levaria o que tinha dito a tarde à risca. Desligou o fogo antes de sair da cozinha.

— Marcela – chamou quando a morena entrou no corredor.

— Oi – atendeu se virando.

— Como foi seu dia? – perguntou se aproximando.

— Foi bom. Produtivo – respondeu encarando os olhos castanhos.

— Que bom – concordou Angélica encostando-a na parede para depois buscar sua boca em um beijo. – Não demora. – Sussurrou de encontro aos seus lábios.

— Não vou – respondeu Marcela subindo a mão pelo seu corpo. – Não faça nada por impulso, eu vou esperar seu tempo.

— Eu sei, é que você me deixou mal-acostumada.

Marcela sorriu de encontro aos lábios de Angélica antes de voltar a beijá-la. Se desencostou da parede e fez a morena girar lentamente. Deu uma leve mordida em seus lábios para depois se afastar com um sorriso e uma piscadinha na sua direção. Angélica retribuiu o sorriso enquanto via a morena entrar no quarto. Marcela era uma mulher incrível: como dissera Nanda, tinha muita sorte.

Naquela noite descobriram uma nova forma de relação. Durante todo o jantar conversaram sobre o dia de cada uma, depois arrumaram a cozinha juntas e se jogaram no sofá assistindo televisão abraçadas. Não trocaram carinhos íntimos, mas não tinham voltado ao distanciamento que existia antes de ficarem a primeira vez. Estavam seguindo uma sequência: primeiro a cautela, depois a entrega. Naquele momento vivenciavam o conhecimento.

Nos dias seguintes, Angélica passou a prestar mais atenção em Marcela,

no jeito como fazia as coisas, sempre estreitando um pouco dos olhos quando estava prestando atenção em algo ou como simplesmente deixava eles sem foco quando estava dispersa. Aprendeu que ela era uma pessoa completamente independente, que não fazia qualquer coisa porque se sentia obrigada ou no dever e sim, porque era naturalmente livre para fazer o que bem lhe entendesse.

Na quarta à noite anunciou que ia sair com Nanda no dia seguinte. Marcela informou que ia deixar o cartão para que ela pudesse usá-lo e depois de uma longa discussão aceitou, desde que a morena descontasse do seu salário no mês seguinte.

Na quinta terminou de arrumar o apartamento e ficou esperando Nanda chegar. Quando a campainha tocou, se adiantou para recebê-la.

— Oi Cá! – cumprimentou assim que viu a vizinha.

— Vim te chamar para uma tarde na piscina. Você vai sair? – perguntou Cássia ao entrar no apartamento.

— Estou esperando Nanda. Nós vamos sair para comprar roupas.

— Uhhh! Alguma ocasião especial?

— Um jantar na casa dela amanhã, mas não sei como é.

— Um jantar formal pede uma produção formal. Não compra jeans, pelo amor de Deus!

— O que você sugere? – perguntou Angélica sentando-se na ponta do sofá.

— Um vestido, algum conjunto de saia e blusa. Nada espalhafatoso e cheio de brilhos. Algo discreto.

— Vou pedir pra Nanda me dar umas dicas. Ah, deve ser ela.

Angélica se adiantou para abrir a porta para enxergar a morena na soleira. Nanda a cumprimentou com um beijo no rosto, antes de entrar no apartamento. Olhou demoradamente para a morena apoiada na mesa que usava apenas uma camisa com um botão fechado no meio revelando quase todo seu corpo.

— Oi. Cheguei em uma hora ruim? – perguntou se virando para Angélica.

— Não. Essa é Cássia. Mora aqui no prédio. Essa é Nanda – apresentou Angélica.

— Prazer em conhece-la, Nanda. Marcela já me falou de você. Amigas de longa data – se adiantou Cássia ao perceber a desconfiança que brotou nos olhos da morena.

— Sim. Minha esposa e eu a conhecemos há bastante tempo.

— Kathy, não é?

— Isso mesmo. Me desculpe, Marcela é bem reservada com as amizades. Não te conheço por nome.

— Nem iria – respondeu Cássia bem humorada. – Ela não é discreta com as amigas e, sim, com as garotas com as quais ficava. Agora não faço mais parte dessa lista já que ela parou com a vida de libertinagem.

— É. Parece que alguém colocou ela no prumo.

— Angel merece um prêmio, não acha? Até declaração já fez!

— Como assim? Marcela se declarou pra você? – perguntou Nanda boquiaberta.

— Na terça. Ela disse que está apaixonada por mim – respondeu Nanda com um sorriso.

— E você?

— Essa tonta não falou nada! Não é de dar uns tapas nessa criatura?!

— Eu tenho que concordar com Cássia. Como assim, você não falou nada, Angel?!

— Ela me pegou de surpresa, depois me beijou em seguida. Nem esperava que ela fizesse aquilo. Depois já saiu pra trabalhar. Nem tive tempo de qualquer reação – respondeu com um meio sorriso.

— Quero saber disso em detalhes.

— Eu vou para o meu banho de piscina *alone*. Boas compras pra vocês.

— Vamos também? – convidou Nanda. – Assim você me conta o que essa mocinha aqui resolver me esconder.

— Não vou incomodar vocês?

— De maneira nenhuma.

— Vamos, Cá? – chamou Angélica.

— Ok. Minha mãe vai surtar com a fatura do cartão, mas o que eu posso fazer? Estou sendo coagida para sair e fazer compras! Vamos para o meu apartamento e de lá saímos.

Angélica saiu do apartamento com Nanda e Cássia. Passaram no apartamento da amiga por poucos minutos e logo saíram para o shopping indicado por Nanda. Durante todo o caminho foram conversando sobre a declaração que Marcela havia feito e a convivência depois disso. Nanda, que até então tinha ficado desconfiada de Cássia, relaxou ao ver que as duas tinham se tornado amigas. A verdade, é que naquele dia, também tinha ganhado uma nova amiga. Cássia era divertida e alegre, claramente torcia para que Angélica se acertasse com Marcela. Já no shopping andaram por

várias lojas sempre com sorrisos nos rostos.

— Tira uma foto dessa lingerie e manda pra Marcela – falou Cassia ao parar na frente de uma vitrine. – Pergunta se ela quer que você use hoje à noite.

— Não – respondeu Angélica com um sorriso tímido. – Claro que não. Não tenho dinheiro pra comprar isso. Olha o preço! E nem tenho whatsapp pra mandar pra ela também.

— Você não tem whats? E esse celular aí? É pra que? – perguntou Nanda.

— Ele não suporta o aplicativo.

— Vamos resolver isso. Ali, tem uns celulares bem bacanas...

— Deixa eu só falar uma coisa pra vocês duas – falou Angélica segurando o braço de ambas. – Eu trabalho para Marcela e meu salário é para minha família. Eu não tenho a mesma vida que vocês, entende?

— Eu passo no meu cartão. A parcela fica baixinha – falou Nanda. – O que não dá é pra você ficar sem celular né?! Qual é Angel?! Um celular bom hoje custa menos de mil.

— Pra vocês parece ser simples, mas menos de mil, pra mim, é muito.

— Seu aniversário é daqui duas semanas – interferiu Cássia. – Aceita o que Nanda está propondo ou ligo para Marcela e falo pra ela te dar um de presente.

— Você não faria isso...

— Claro que faria! Até parece que não me conhece!

— Tem um que é muito bom. A câmera é ótima, tem uma boa memória e tá a média de novecentos reais. Dividido em dez vezes fica só noventa por mês. Eu sei que cabe no seu salário. Marcela te paga bem.

— Ai meu Deus! Ok! Vamos comprar o celular! Mas oh, é só o celular. Eu sei até onde eu posso comprometer meu salário.

— Tudo bem – concordou Nanda com um sorriso.

Marcela estava analisando os dados que recebera sobre o terreno onde fariam a construção do prédio de Tracy. Já tinha visto aquelas informações antes de fazer a planta, mas revisava junto com Kathy e Fábio os pontos que haviam destacado sobre a fundação.

— O solo admite essa carga, ele é firme. Depois da fundação profunda, colocamos as zapatas nesses pontos – falou Fábio. – Daqui já subimos o muro de arrimo...

— Só um minuto – pediu Marcela ao ver o celular vibrar ao lado. Pegou e desbloqueou para ver a mensagem, mas não reconheceu o número. Abriu o

whatsapp para ver uma selfie de Angélica, Nanda e Cássia. – Meu Jesus!

— O que foi, Marcela? – perguntou Kathy preocupada.

— Olha pra isso – respondeu esticando o celular na direção de Kathy.

— Quem é essa outra?

— Cássia. Mora lá no prédio.

— As três estão no shopping?

— Estão. E estão com os nossos cartões – riu Marcela. – Vou pegar uma pá ali e começar a cavar essa fundação hoje mesmo.

— Vou te ajudar amiga – respondeu Kathy entrando na brincadeira.

— Deixa eu ver – pediu Fábio. Marcela esticou o celular na direção do sócio e amigo.

— Uau! Que trio, hein?! Quem são essas outras gatas?

— A do meio é a mulher da Marcela, Angel. A outra é Cássia.

— Ela não é minha mulher, Kathy – respondeu Marcela recolhendo o celular. – Vai ser, ainda não é.

— Caraca, Marcela, não dorme no ponto, hein?! Muito gata!

— Ela é incrível, meio complicada, mas incrível.

— Por que complicada?

— História longa. Vamos voltar ao trabalho.

Marcela olhou para a foto mais uma vez, com o sorriso permanente no rosto. Pegou uma folha de papel sulfite na impressora ao lado e um marca-texto. Escreveu um simples “se divirtam”, e chamou Kathy para tirar uma foto enviando em seguida. A feição leve que Angélica apresentava indicava que era exatamente isso que ela estava fazendo.

Marcela saiu do escritório as seis da tarde. Assim que chegou no apartamento, escutou o barulho de vozes que vinha do quarto de Angélica. Olhou para as sacolas no sofá e deu um discreto riso ao imaginar o quanto aquela tarde descontraída ia lhe custar na fatura. Andou até o quarto da morena e bateu na porta antes de entrar.

— Clube da Luluzinha, é isso mesmo? – perguntou bem-humorada.

— Estamos tentando convencer a Angel de ir no salão amanhã. Dá um jeito, Marcela – respondeu Cássia se adiantando para dar um beijo no seu rosto.

— Essas meninas não têm limites – riu Angélica. – Já falei que...

— Angel, não. Já te falei que você vai comigo. É só dar um corte nesse cabelo, fazer as unhas, coisa tão simples! – cortou Nanda.

— Nesse papo eu não vou me meter – respondeu Marcela levantando os

braços.

— Deve se meter sim! Ela vai ficar uma tremenda gostosa pra você.

— Ela já é uma tremenda gostosa pra mim – respondeu com uma piscadinha.

— Uiii – riu Nanda. – Eu vou pra casa. Kathy já saiu do escritório também, não é?

— Já. Disse que ia passar no Otávio, mas já ia pra casa.

— Então eu já vou indo. Amanhã eu passo aqui para te pegar a uma da tarde. Sem bater o pé, viu?

— Nanda...

— Vai Angel – orientou Marcela. – O salão que Nanda frequenta é muito bom. Vai ficar mais gata ainda.

— Isso aí, Marcela – aprovou Cássia. – Amanhã continuamos essa reunião de luluzinhas. Tenho que ir pra casa também.

— Espantei todo mundo, é isso?

— Não, Marcela. Eu vou sair para jantar com uma bofe linda e preciso me arrumar pra ela – respondeu Cássia fazendo pose.

— E eu tenho que ir encontrar minha esposa – completou Nanda. – Ah e a Angel tem que te mostrar a lingerie nova que ela comprou hoje. Preta e cheia de rendas. Do jeito que gosta.

— Nanda! – exclamou Angélica envergonhada.

— Já gostei. Boa noite meninas, foi muito bom ter vocês em minha residência – brincou Marcela ao abrir a porta.

— Tchau, Marcela – riu Nanda indo dar um beijo na amiga. – Amanhã a uma, Angel. Esteja pronta.

— Nos vemos amanhã – concordou Cássia se despedindo de Angélica e depois de Marcela.

Angélica acompanhou as garotas até a sala e, depois de pegarem as sacolas, saíram do apartamento. Fechou a porta com um sorriso e se virou para a sala, topando com Marcela apoiada na mesa.

— Não tem problema delas virem aqui, né? Eu...

— Claro que não, linda – respondeu Marcela se adiantando para beijá-la.
– São nossas amigas. Podem vim aqui quando quiserem. Se divertiu?

— Muito. Elas são ótimas.

— Isso que importa. Comprou tudo o que queria?

— Até mais – riu Angélica envolvendo os braços no pescoço de Marcela.
– Até um celular, mas Nanda tirou no cartão dela. Vou pagar a parcela pra

ela.

— Podia ter usado o meu. Não tinha problema – respondeu Marcela conduzindo-a para o corredor.

— Fui coagida a comprar. Cássia falou que se não aceitasse que Nanda comprasse, ia te contar para me dar de presente de aniversário. Não duvido que faria isso.

— Daqui duas semanas. Temos que fazer algo especial.

— Não precisamos fazer nada de especial. Não comemoro aniversário desde que completei quinze anos.

— Vamos fazer sim. Vou pensar em algo – respondeu Marcela tirando a mão do corpo de Angélica para abrir a porta do próprio quarto. Voltou a beijá-la enquanto as mãos corriam pelo seu corpo. Parou quando a perna bateu na lateral da cama. – Daqui em diante é com você.

Angélica sorriu em resposta e se afastou o suficiente para tirar a blusinha que saiu junto com o sutiã. Marcela mordeu um lábio descendo os olhos pelo seu corpo antes de se sentar na beirada da cama. Angélica se posicionou na sua frente e abriu o fecho do short, fazendo ele deslizar por suas pernas. Se encaixou no colo de Marcela voltando a beijá-la com desejo. Se afastou ao mesmo tempo em que enfiava os dedos nos cabelos da morena.

— Me ajuda no banho? – chamou ao dar uma mordidinha no seu queixo. – Preciso de ajuda para esfregar as costas.

Marcela riu em resposta ao perceber que ela usava suas próprias palavras. Se levantou ainda grudada em Angélica indo para o banheiro. Ela podia não estar completa ainda, mas estava ali e, naquele momento, era toda sua.

Capítulo 19

Angélica acordou com o despertador tocando ao lado da cama. Esticou o braço para desliga-lo e sentiu Marcela se mexer ao seu lado, grudando ainda mais no seu corpo. Se virou devagar para ficar de frente para a morena, analisando sua tez suave, a respiração profunda. Se aconchegou contra o seu corpo, abraçando-a ao mesmo tempo em que dava delicados beijos no seu rosto e boca.

— Bom dia – sussurrou assim que conseguiu acorda-la.

— Bom dia – murmurou Marcela envolvendo o braço na sua cintura. – Que delícia acordar com esses carinhos!

— Vamos passar a manhã aqui? Está um friozinho tão gostoso.

— Não chama uma segunda vez que eu fico – riu. – Eu tenho que ir em uma obra agora de manhã. À tarde estou livre.

— A tarde as meninas vão vim aqui para irmos no salão. Vou desmarcar com elas...

— Não, não desmarque. Quero você mais linda ainda no jantar na Kathy. Vou cortar o cabelo também e depois vou estudar um pouco. Preciso me atualizar de umas coisas.

— Tá bom, mas você não tem que sair agora, agora ne? – perguntou Angélica subindo no seu corpo.

— Não. Exatamente agora não – respondeu Marcela com um sorrisinho ao dar um aperto no seu bumbum.

Marcela saiu para a construtora depois de duas horas. De lá iria com Kathy visitar a obra em Santana, já que Fábio tinha ido até Piracicaba fazer a entrega do prédio do amigo do seu pai. Passou a manhã concentrada no trabalho e, quando o relógio marcou uma hora da tarde, foi cortar o cabelo e voltou para o apartamento. Angélica já havia saído com Nanda e Cássia e seguiu para o quarto onde mantinha o material de trabalho. Pegou alguns livros, da época da faculdade, e levou para a sala. Voltou para o quarto e pegou o computador. Parou por poucos segundos na frente da porta do quarto

de Angélica e enxergou o caderno em cima da cama novamente. Deu um suspiro profundo e terminou de chegar até a sala para deixar o notebook sobre a mesa. Mais uma vez se pegou deliberando se devia olhar o caderno dela ou não. Se fizesse aquilo era como se estivesse pegando o celular dela escondida, para fuçar atrás de alguma coisa. Voltou para o corredor e passou a mão no cabelo decidindo-se por ler. Precisava saber exatamente o tanto de sentimentos que Angélica ainda direcionava para a ex babaca.

De posse do caderno, pulou as duas primeiras folhas que já tinha lido dias atrás. Naquelas folhas ela sabia que a morena apenas se lamentava por Andreia tê-la traído com Márcia. A terceira página terminava com um relato angustiante de toda a dor que ela passara depois que havia saído da fazenda, sentindo-se humilhada por ter sido, justamente Marcia, que tivesse proposto outro emprego para ela. Duas páginas se seguiram em branco até que um novo relato começasse. Daquele ponto em diante, não era um desabafo em formato de um diário: era um romance que se passava no século XVIII.

Marcela leu com atenção todas as palavras que ela havia colocado nas primeiras páginas, que identificou como primeiro capítulo. A profundidade da narrativa, os sentimentos magistralmente descritos. A sutileza em descrever as paisagens que compunham o romance, seus protagonistas. Quando deu por si, já estava no quarto capítulo, completamente envolvida com a história. Olhou no relógio que já marcava quatro e meia da tarde. Não tinha tempo para ler tudo e não sabia quando teria outra oportunidade como aquela de continuar a leitura. Mordeu o lábio inferior e pensou no seu pequeno impasse. Levantou da cama e foi para o cômodo da frente, onde deixava a multifuncional. Tirou cópias desde onde começava o romance. Tinha plena consciência de que o que estava fazendo era completamente errado, mas não podia evitar: precisava saber como terminava a história.

Angélica chegou em casa quando o relógio já marcava seis e meia da noite. O material de estudo de Marcela estava espalhado sobre a mesa, mas não encontrou a morena. Seguiu para o corredor e bateu na porta do seu quarto antes de entrar.

— Oi linda — falou Marcela com um sorriso ao recolher as folhas esparramadas pela cama.

— Oi. Ainda estudando? — perguntou se adiantando para dar um beijo nos seus lábios.

— Sim — respondeu Marcela colocando as folhas embaixo do travesseiro.
— Uau! Você está linda!

— Gostou?

— Nossa! Você ficou muito linda! Dá uma volta.

Angélica girou o corpo para que ela pudesse ver a parte detrás do cabelo. Tinha mudado a tonalidade do preto para castanho médio e feito luzes. O corte era desfiado, deixando-o em camadas. Bem mais sofisticado e elegante.

— Ficou muito bom mesmo – reafirmou Marcela. – Você fica linda de qualquer jeito.

— Você também ficou linda. Adoro esse cabelo arrepiado desse jeito.

— Fiz isso para te seduzir – riu Marcela. – Temos que sair daqui uma hora.

— Tá. Eu vou tomar um banho e me arrumar. Me acompanha?

— Se eu entrar naquele banheiro com você não vamos a jantar nenhum. Vai se arrumar, eu vou fazer o mesmo.

— Tá bom – concordou Angélica a beijando novamente. – Até daqui a pouco.

Marcela ficou observando a saída da morena do seu quarto e só depois que ouviu o barulho da sua porta se fechando é que tirou as folhas que havia escondido embaixo do travesseiro. Saiu do quarto e foi até a sala, colocando dentro da bolsa de trabalho junto com papéis do escritório. Só teria chance de retomar a leitura no dia seguinte.

Uma hora depois estava na sala assistindo televisão enquanto aguardava Angélica. Desviou os olhos da tela quando a morena apareceu no corredor. Ficou olhando para ela em contemplação, enquanto um sorrisinho brotava nos lábios.

— Uau!

Marcela levantou do sofá e foi na direção da morena que usava um vestido branco e justo marcando todas as suas curvas. Nos pés, uma sandália de salto alto de delicadas tiras. Os cabelos estavam soltos, com leves ondulações. Nem de longe parecia a tímida garota que buscara no aeroporto quase dois meses.

— Aprovado? – perguntou Angélica diante da cara de boba que Marcela fazia.

— Você está linda! Mais linda ainda.

— Obrigada. Quero ficar à sua altura – respondeu com um riso.

— Só se diminuir alguns centímetros – riu Marcela. – Você sempre está a minha altura. Vamos?

Angélica aceitou a mão estendida e juntas saíram do apartamento. O

trajeto até a casa de Nanda levou quinze minutos. Assim que o carro parou, desceu analisando a fachada do prédio e os jardins na frente. Era mais lindo ainda do que o de Marcela. Em questão de minutos, já estavam frente ao apartamento. Não demorou para que Kathy aparecesse.

— Wow! Marcela, quem é essa gata?! – exclamou Kathy analisando Angélica da cabeça aos pés. – Caralho, Angel!

— Oi Kathy – cumprimentou tímida.

— Marcela tem muita sorte de eu ser casada. Ela teria concorrência muito acirrada.

— E desde quando você é concorrência pra mim, Kathy? – perguntou Marcela ao dar um leve soco no braço da amiga. – Nanda, traz um guardanapo aí que Kathy está babando aqui.

— Oi Marcela. Angel! Uau! O conjunto roupa e cabelo ficou divino mesmo. Bem que Cássia falou!

— Obrigada. Parece que Cássia realmente entende das coisas. Sua casa é linda!

— Obrigada! Vem, deixa eu fazer aquela make bafo em você antes do resto do pessoal chegar – chamou Nanda puxando-a pela mão. – Marcela, fique à vontade, daqui a pouco devolvo sua musa.

— Acho bom – respondeu bem-humorada observando as duas mulheres se afastando. – Tem uma cerveja aí? – perguntou se virando para Kathy.

— Tem, vamos ali pegar. Angel realmente ficou sensacional, hein?!

— Não se empolga, ok?

— Falou a ciumenta.

— Tenho que te contar uma coisa. Fiz algo de errado com ela hoje...

— Não vem me dizer que já foi atrás de alguma garota...

— Não, claro que não. Angel escreve em um caderno e eu sempre fui curiosa de ler o que ela escreve, mas me disse que não ia mostrar. Hoje enquanto ela estava no salão com as meninas, eu li.

— É a privacidade dela, Marcela!

— Eu sei! Mas realmente fiquei muito curiosa. Não consegui segurar – respondeu pegando a lata que Kathy esticava na sua direção. – Ela escreve um romance de época, meio drama, sei lá. Cara, é muito foda! Eu não consegui parar de ler. Quero terminar o restante, mas só na segunda de novo.

— Vai pegar o caderno dela escondida de novo?

— Eu tirei cópias.

— Porra, Marcela! Além de invadir a privacidade da garota, ainda tirou

cópias?!

— Eu sei que é errado, Kathy, mas velho, é muito bom. Eu achava que era um diário, sei lá, queria saber se ela ainda estava escrevendo sobre a ex babaca, enfim, você sabe que nunca fui fã número um de livros, principalmente ficção, mas é realmente bom demais. Me prendeu de forma absoluta.

— Está completo?

— Acho que não. Tem trezentas e poucas folhas, isso a cópia só de um lado. Digitalizado dá bem menos. No caderno é cento e cinquenta e poucas.

— Fiquei curiosa. Me mostra na segunda?

— Mostro.

— Só um minuto – pediu a loira se afastando até a porta.

Marcela abriu um sorriso ao ver Otávio e Isadora, pais da amiga. Já fazia um bom tempo que não os via, geralmente em alguma comemoração que Kathy e Nanda promoviam. Desde que a loira saíra da casa dos pais, pouco tinha voltado lá.

— Oi Marcela! – cumprimentou Otávio.

— E aí? – respondeu ao dar um abraço no homem moreno e um beijo no rosto de Isadora.

— O pessoal ainda não chegou?

— Ainda não. Só Marcela e a namorada – respondeu Kathy zombeteira.

— Marcela está namorando? Quem é a nova iludida? – perguntou Otávio com um riso.

— Não estou namorando. Eu quero namorar ela, mas é um pouco mais complicado.

— Ah, é nessa que você vai gamar. Essas que vem muito fácil você já descarta em seguida – falou Isadora acompanhando a brincadeira. – E onde está ela?

— No quarto com Nanda.

— Tracy e Charlotte?

— Estão estourando por aí. Daqui a pouco chegam. Rodrigo não quis vir?

— Disse que ia sair com a namorada. Não conhece seu irmão?

— Completamente contra a reuniões de família.

— Eu achei que vocês nem iam fazer mais – falou Otávio se sentando no sofá.

— Nanda já tinha contratado o buffet, o cancelamento tinha multa, então já curtimos a noite.

— E como estão as coisas na construtora?

Kathy e Marcela passaram os minutos seguintes conversando com Isadora e Otávio até a chegada de mais convidados. Quinze minutos depois Nanda e Angélica retornaram à sala. Marcela novamente ficou admirando a morena enquanto ela ia na sua direção. Nanda tinha feito uma maquiagem neutra nos olhos e deixado o destaque para a boca pintada de vermelho.

— Uau! Não me canso de dizer que está linda! Deixa eu te apresentar o pessoal. Essa é Isadora, madrastra da Kathy, esse é o Otávio, o pai dela. Essa é Angélica.

— Nossa! Que linda! – falou Isadora admirada. – Muito prazer em conhece-la Angélica. Você é modelo?

— O prazer é meu – respondeu com um sorriso tímido. – Não, não sou. Trabalho para Marcela.

— Tem todo o porte de uma modelo de passarela, não é? – continuou Isadora se virando para Nanda. – Alta, magra, um rosto lindo.

— Tem mesmo. Já falei isso pra ela.

— Onde você arrumou essa joia, Marcela?

— Minha tia e minha mãe que me arrumaram ela. Melhor arranjo na vida que elas poderiam ter feito.

— Como assim?

— Uma história longa. Nadir se aposentou, minha mãe falou que ia arranjar alguém para trabalhar no apartamento direto. Ela falou isso para minha tia Laura e ela me enviou essa joia de Goiás.

— E vocês estão morando juntas? – perguntou Otávio. – Isso já é um casamento!

— Não quero espantar ela.

— Mas vocês... Vocês estão juntas, não é?

— A campainha! – cortou Marcela com um sorriso. – Vamos ver quem é o próximo convidado.

— Deve ser Tracy e Charlotte. São as únicas que ainda não chegaram.

Angélica olhou para Marcela em um agradecimento mudo antes de baixar os olhos para a mão que a morena apertava delicadamente. Tornou a trocar um olhar cúmplice, antes de voltar os olhos para a porta, enxergando as duas loiras que entravam e cumprimentavam Kathy.

— *Hi Darling!* – cumprimentou Tracy ao dar um abraço em Nanda. – Desculpe ser a última a chegar. Os meninos estavam impossíveis. Marcela!

— Oi Tracy! Sempre estonteante!

— Vamos lá querida! Posso acreditar em você! – a loira falou em inglês.

— É para acreditar! Você está linda! – respondeu Marcela, também usando o inglês. – Hi Charlotte! Essa é a Angélica, Angel, essas são Tracy e Charlotte, mães da Kathy.

— Sua namorada? Prazer em conhece-la! – cumprimentou Tracy dando um beijo no seu rosto, sem mudar o idioma.

— Ainda não, mas estou fazendo de tudo para que seja – respondeu Marcela com um sorriso para Angélica. – E ela não fala inglês.

— Oh, sorry! Prazer em conhece-la, Angélica. Marcela finalmente aprendeu a ter bom gosto! Model! You got over this time – finalizou para Marcela.

— O prazer é meu – respondeu Angélica com um sorriso. Deu também um beijo na outra loira que a cumprimentava, mas não entendeu o que ela falava.

Tracy continuou cumprimentando os presentes e Angélica acompanhou, com o olhar, a loira imponente que desfilava pela sala com uma postura impressionante. Por um momento imaginou ela com Marcela e não pode deixar de ficar insegura e enciumada. Nem de longe ela aparentava já ter uma filha com vinte e seis anos. Depois de um tempo deu uma discreta balançada de cabeça: o que tinha acontecido entre Marcela e ela fora há sete anos. Não tinha porquê ficar com ciúmes.

— Não sabia que você fala inglês – falou Angélica se virando para Marcela.

— Comecei a estudar com Kathy para conseguir fazer um curso na Austrália depois da faculdade. Fiquei lá por um ano em intercâmbio. Quando voltei Kathy já estava se formando e abrimos a construtora com o Fábio que era meu colega de turma.

— Que legal. Depois me conta do tempo que ficou lá?

— Conto, sim. O que foi, Tracy? – perguntou Marcela.

— Não falei com você, honey, perguntei para Angélica. Já vi seu rosto em alguma revista? Acompanho muitas revistas de moda, inclusive brasileiras, mas seu rosto é desconhecido para mim – tornou a perguntar a loira.

— Não – riu Angélica.

— Ela não é modelo – esclareceu Marcela.

— Why not? Você é bem mais bonita que muitas modelos que vi na New York Fashion week no ano passado.

— She's my maid and future wife.

— Really?

— I'll explain later.

— Ok. So, tell me the news!

Angélica ficou ao lado de Marcela acompanhando parte do assunto. Charlotte não falava português, e a conversa girou quase toda em inglês. Marcela teve o cuidado de traduzir quase tudo o que estava sendo dito, mas se sentia um peixe fora da água. Foi ali que teve sua primeira epifania: Tracy era o modelo de mulher sofisticada e elegante que queria ser. Era com ela, através de Nanda, que aprenderia a se portar como uma mulher refinada, apagando a imagem da garota tímida e interiorana que carregava. Naquela noite também decidiu que aprenderia inglês para que, em uma próxima reunião como aquela, pudesse se comunicar com todos sem problemas de idioma.

Capítulo 20

O jantar foi servido pontualmente as nove da noite. Marcela pegou a mão de Angélica e conduziu-a até o lugar onde sentariam. Se acomodou ao lado da morena e pegou o guardanapo, mostrando discretamente a ela como fazer. Angélica repetiu seu gesto e aguardou, observando a maneira de todos se portarem a mesa. Tracy estava sentada a sua frente e, analisando os gestos da loira, fez a refeição sem nenhum incidente grave.

Tracy encostou na cadeira estudando a namorada de Marcela à sua frente. Já tinha percebido, desde o começo do jantar, que a garota estava observando seus gestos e repetindo quase automaticamente tudo o que fazia. Nada que chamasse a atenção dos demais, mas bem claro a ela que era uma boa observadora. Angélica era de uma beleza incomum, educada, discreta. Diferente de outras garotas que já tinha visto com Marcela ao longos dos anos que se conheciam, ela não queria impressionar ninguém e menos se sentir mais que alguém, apesar de achar ela uma das mulheres mais bonitas daquela noite, mais até que Nanda, ela parecia se esconder de tanta beleza. Isso ficava claro na sua altura que tentava camuflar cada vez que arqueava o corpo para parecer mais baixa. Se tivesse a altura dela, andaria ereta, exibindo toda a generosidade da natureza.

Todos terminaram de comer e a conversa ainda ficou entabulada na mesa por mais alguns minutos, antes de Nanda convidar todos para ir para a sala novamente. Aproveitou o momento em que Angélica pediu para usar o banheiro para ir falar com Marcela.

— Honey, me diga, você está namorando mesmo com essa garota?

— Ainda não. Ela é meio complicada, mas quero muito.

— Ela é muito linda mesmo. Acreditei realmente que ela era do ramo da moda.

— Tem todo o porte, não é? Mas ela anda com a auto estima baixa. Tem melhorado mais agora que está saindo com Nanda e uma menina que mora lá no prédio.

— Entendo. E onde conheceu ela?

— Ela veio de Goiás. Minha tia que conhecia ela e indicou para trabalhar lá em casa. Vai fazer dois meses.

— Vocês já ficam juntas?

— Já, mas ela não quer compromisso sério.

— Foolish! Usa aquela regata preta e colada que eu adoro. Ela vai ficar louca também.

— Você ainda fica louquinha com as minhas regatas, não é?

— Não seja idiota, Marcela – riu Tracy. – Eu sempre vou ter uma ligeira inclinação por você.

— Queda. Fica mais bonito. Você tem um verdadeiro tombo por mim. Admita.

— Convencida – riu Tracy enxergando, pela visão periférica, Angélica se aproximando. – Se eu não fosse completamente louca pela Charlotte, talvez você ainda tivesse alguma chance.

Marcela riu antes de responder.

— Repita isso até se convencer.

— Já estou convencida disso – respondeu a loira com uma piscadinha antes de se virar para Angélica que se sentava ao lado de Marcela – So, darling, conquistou o coração mais rebelde dessa cidade. Deve estar exultante.

— Estamos nos conhecendo – respondeu sem saber o que dizer.

— Arruma essa postura – corrigiu Tracy. – Estica essa coluna.

Angélica olhou desconfortável para Marcela e depois para Tracy que continuava encarando-a com os belos olhos azuis. Sentiu um frio na espinha pela força que ela emanava apenas com o olhar. Se ajeitou no sofá corrigindo a postura.

— Perfect. Agora tira esse cabelo detrás da orelha. Deixa ele solto, livre, fazendo a moldura do seu rosto.

Angélica tornou a fazer o que Tracy falava com um sorriso tímido no rosto.

— That's it. You so beautiful. God! She's an amazing! – falou Tracy admirada.

— And mine, ok? – lembrou Marcela.

— Don't be stupid – riu Tracy dando um tapa na sua perna. – Sorry, costume misturar o idioma em algumas ocasiões.

— Tudo bem – respondeu Angélica completamente desconfortável.

— Que tal fazermos um programa amanhã? Um cinema ou um concerto na Sala São Paulo? Charlotte está louca para ver Zuill Bailey.

— Um concerto? – perguntou Marcela com uma careta. – Quem é Bailey?

— Um solista americano que Charlotte ama. Toca divinamente um violoncelo.

— Vamos? – chamou Angélica, pela primeira vez, empolgada. – Quer dizer, é caro pra entrar?

— Mude a frase: Interessante! Qual o valor da entrada? – orientou Tracy.

— Sério, Tracy? – perguntou Marcela contrariada pelo tanto de correções que a loira estava fazendo a Angélica.

— Interessante – repetiu Angélica. – Qual o valor da entrada?

— Desta vez serão minhas convidadas – falou Tracy com um sorriso. – Tenho certeza que vamos nos divertir. Depois podemos ir jantar. Já farei as reservas em um restaurante que gosto muito. Certamente irão gostar também.

— Você gosta de música clássica? – inquiriu Marcela a Angélica.

— Não conheço muito, mas eu gosto de orquestras.

— Ok. Conte com a nossa presença amanhã – concordou Marcela diante da empolgação de Angélica. – Que horas começa a apresentação?

— Se não me engano, às oito e meia da noite.

— Me confirme por mensagem. Nós iremos.

— Ok, agora vou dar atenção a minha esposa. Enjoy the meeting!

Angélica ficou olhando a loira se afastar com um sorriso no rosto. Tinha aceitado o convite dela, não porque gostava de música clássica, mas sim pela chance de ficar mais tempo junto a ela e, talvez, criar um laço de amizade onde poderia ser beneficiada com o conhecimento que ela poderia lhe dar.

— Você não ficou chateada com as correções dela, não é? – perguntou Marcela chamando sua atenção.

— Não. Tracy é uma mulher incrível. Tenho muito o que aprender com ela – respondeu Angélica com um sorriso.

O restante da noite passou tranquilamente enquanto se divertiam após o

jantar. Quando o relógio marcou uma hora da manhã, saíram do apartamento de Kathy indo direto para casa. Seguiram para o quarto de Angélica e, depois do banho, se aninharam nos braços uma da outra, resvalando para o sono profundo.

No sábado, Angélica passou a manhã com Marcela no apartamento e na parte da tarde desceram para a piscina junto com Cássia. Somente quando o relógio marcou seis da tarde é que voltaram para o apartamento. Tracy confirmou de se encontrarem às oito e meia no local onde aconteceria o concerto. Depois de uma refeição rápida, Angélica foi para o quarto decidindo o que vestiria. Não havia muitas opções para que ficasse meia hora deliberando. A escolha foi uma calça preta que havia comprado no shopping e uma blusinha também preta. Prendeu só a frente do cabelo, deixando-o todo solto atrás. Se olhou no espelho por um longo tempo antes de dar um sorriso satisfeito. Ainda não estava do jeito que queria: quando recebesse o pagamento, ia separar uma parte para comprar suas próprias maquiagens. Passou apenas um gloss nos lábios e saiu para encontrar Marcela já a esperando na sala. Assim que saiu do corredor, enxergou a morena em pé perto da mesa, mexendo no celular. Ela havia escolhido uma camisa branca e levantado as mangas até o cotovelo, revelando as tatuagens do braço esquerdo. Uma calça e tênis pretos completavam o visual. Estava linda.

— Algum problema? – perguntou Marcela atenta a análise da morena a sua frente.

— Não. Você está linda – respondeu se aproximando para dar um beijo nos seus lábios. – Linda e cheirosa. Adoro seu cheiro.

— Uau! Um elogio sem que eu tenha feito primeiro? Estamos evoluindo – observou a morena com um risinho enquanto sentia os pelinhos se arrepiarem com a leve carícia que Angélica fazia na sua pele, com o nariz enfiado no seu pescoço.

— Boba! Eu sou uma idiota.

— Você é – concordou Marcela. – Espero que não demore para ficar mais espertinha.

Angélica fitou os olhos cinzentos e depois buscou seus lábios em um beijo demorado. Iria ficar mais esperta. Iria inteira para ter uma mulher como Marcela ao seu lado. Já estava trabalhando nisso, mas só daria qualquer esperança real quando se sentisse completa. Ainda não estava inteiramente entregue, desapegada de antigos sentimentos e tinha consciência disso. Tinha também consciência que tudo seria uma questão de tempo. Com dois meses

já tinha evoluído bastante.

— Vamos? – chamou se afastando com um sorriso.

— Vamos.

O caminho até a estação Júlio Prestes demorou quinze minutos. Depois de deixarem o carro no estacionamento, seguiram para o hall principal. Angélica entrou no lugar encantada com o prédio centenário. Grandes colunas que iam do chão até o teto ovalado e as galerias que circulavam o espaço. Imensas janelas davam um ar quase mágico ao lugar.

— Queria tanto que minha mãe visse isso – falou a morena com um meio sorriso. – Ela ia gostar tanto de visitar um lugar como esse.

— Por que não manda fotos? Agora você tem whatsapp.

— Ninguém em casa tem. Essa semana vou pedir pra minha mãe deixar os meninos fazer uma página no Facebook, assim dá para postar e ela vê lá na lan house.

— Não tem internet lá? Um computador em casa?

— Não. Internet pega lá, mas não tem computador.

— Manda pra minha tia. Quando sua mãe for no mercado ela mostra.

— Não vou perturbar a dona Laura com isso. Vou tirar fotos e guardar.

Na próxima semana eu falo com ela e os meninos.

— Qual o nome dos seus irmãos?

— Felipe e Mateus.

— E como eles fazem para estudar?

— Na escola tem. Quando precisam fazer trabalho, eles fazem lá.

— Entendi. Ah, Tracy mandou mensagem. Estão quase chegando.

— Então vou aproveitar e tirar as fotos.

Marcela sorriu diante o entusiasmo de Angélica, acompanhando a morena que começou a fotografar todo o espaço. Pegou o celular para tirar fotos dela e depois algumas selfies juntas. Tracy chegou depois de dez minutos. Mais uma vez a presença da loira chamou a atenção de Angélica: ela parecia desfilar enquanto andava, chamando os olhares na sua direção. Estava extremamente elegante em um macacão branco fluido. Os cabelos presos em um charmoso coque desarrumado.

— Querida! Desculpe chegar atrasada – cumprimentou a loira ao dar um beijo em Marcela e depois em Angélica.

— Está tudo bem – respondeu Marcela cumprimentando Charlotte. – Nós temos tempo. As crianças estão bem?

— Estão ótimas!

— Maravilha! Vamos beber um café enquanto não começa? Vou precisar de um duplo para ficar acordada – riu Marcela.

— Exagerada – falou Angélica acompanhando o riso.

— É sério. Música clássica me dá sono.

— Ainda bem que Charlotte não entendeu essa blasfêmia.

Marcela andou em direção ao café enquanto Tracy ia traduzindo o que foi dito para a esposa. Escolheram uma mesa e, depois de acomodadas, fizeram o pedido. Engataram uma conversa em inglês e novamente não conseguiu participar, mas ficou prestando atenção em tudo, com uma inveja genuína para aprender o idioma.

— Nós estamos falando da construção do prédio – falou Marcela se virando para a morena. – Alguns detalhes que Charlotte está discordando da Tracy.

— Tudo bem. É legal ver vocês conversando assim. Dá vontade de aprender.

— Você pode aprender. A parte de pronuncia eu te ensino. O que sou péssima é em gramática, mas Nanda manja bastante.

— Obrigada. Vou adorar – agradeceu Angélica com um sorriso.

Vinte minutos depois entraram na sala e seguiram para o lugar escolhido por Tracy. Angélica tratou de registrar todo o momento antes da apresentação iniciar. A grandiosidade da sala de concertos, presente entre as dez melhores do mundo, segundo Tracy lhe dissera, era por si só, um grande espetáculo.

Depois do concerto seguiram para o restaurante. Charlotte e Tracy falavam sem parar sobre a apresentação e Angélica e Marcela se limitaram a concordar. Assim que entraram no restaurante, a loira pediu para trocar de lugar com Marcela para ficar ao lado de Angélica.

— Tenho lhe observado, Angel – começou Tracy se encostando na cadeira, baixo o suficiente para que fosse ouvida apenas pela morena. – Percebi que, de forma bem sutil, tem me imitado.

— Sim – assumiu Angélica envergonhada. – Eu achei você uma mulher elegante, sofisticada. Quero aprender algo.

— Tell me your history.

— O que?

— Sorry. Me conte sua história. Como você chegou até Marcela e conquistou uma mulher como ela.

— Não era minha intenção me envolver com ela. Estava machucada com o fim de um relacionamento e não queria gostar dela, até porque ainda não

esqueci minha ex por completo, mas não pude controlar.

— Bem resumido.

— Não é um assunto que eu tenho claro na minha cabeça ainda para falar sobre ele.

— Entendo. E antes dela?

— Morava em Goiás.

— Goiás... É um estado daqui, é isso?

— Isso. Uma cidade pequena no estado de Goiás. Lá eu trabalhava em uma fazenda, namorava com uma mulher que também trabalhava lá. Fui traída, sai do trabalho e estou aqui.

— Você tem uma origem bem humilde, então. Não frequentou boas escolas, faculdade...

— Eu fiz faculdade. Quer dizer, comecei o curso de pedagogia e tranquei por causa de tudo o que aconteceu. Não tive como continuar trabalhando e pagando o curso.

— Ok. Eu ensinei muita coisa para Nanda, primeiro eu quis mata-la, mas depois eu passei a gostar dela – riu Tracy com a lembrança. – Eu gosto muito da Marcela, ela é uma pessoa muito importante pra mim. Se você quiser eu posso te ajudar com algumas coisas, mas não faça isso pela superficialidade. Saber entrar e sair de um carro, quais os talheres usar à mesa em um jantar, isso qualquer um pode aprender. Saber entrar e sair de qualquer ambiente e ser notada e, principalmente, lembrada por sua simpatia, desde os convidados até os serviçais, isso é difícil. Os seus problemas são seus problemas e você não deve repassar para ninguém a responsabilidade de resolve-los.

— Certo.

— Tenha um plano para o futuro. O que você quer fazer da sua vida. Hoje você vai aprender como degustar um escargot, mas tenha em mente onde você quer usar isso: em um jantar de negócios em Paris ou em uma festa sofisticada em uma cobertura em Manhattan. Trace uma meta profissional e pessoal. Agregue isso a pessoa que você irá se tornar. E principalmente, não tenha medo de traçar esses objetivos: sonhe grande, deseje grande. Você pode não conseguir realizar tudo, ninguém consegue, mas se chegar a oitenta por cento do que planejou, já terá atingido bem mais que a maiorias das pessoas. Se desejar pouco, sempre terá pouco. Queira sempre mais.

— Eu ainda não tenho isso definido. Minha ambição sempre foi ter uma vida tranquila na minha cidade, junto da minha família. Trabalhando como professora em alguma escola, casada com a Deia. Eu ainda estou me

encontrando novamente. Aprendendo a pensar em mim e na minha família.

— É importante que você pense na sua família, mas não os coloque em primeiro lugar. Você tem que estar em primeiro lugar. A partir do momento em que você conseguir realizar as coisas que deseja, eles serão beneficiados por efeito colateral. Foque em você, ok?

— Certo.

— E corrige essa postura – censurou Tracy com um sorriso. – Você tem uma altura perfeita. Saiba que todos que te chamaram de girafa na adolescência apenas tinham inveja da sua altura. Não se esconda disso.

— Vou me lembrar – concordou Angélica com um sorriso.

Naquela noite Angélica teve sua primeira aula com Tracy. Durante toda a refeição, a loira foi mostrando a ela para que servia cada talher, cada taça a sua frente, coisas que antes ela considerava apenas uma besteira de gente rica, mas que agora, inserida no meio, lhe fazia falta. A conversa fluiu com facilidade já que haviam contornado o problema do idioma conversando em português e traduzindo para Charlotte o que estava sendo dito. O relógio já marcava uma e meia da manhã quando saíram do restaurante.

— Eu levo vocês em casa – ofereceu Marcela ao entregar o ticket do estacionamento para o manobrista.

— Não se preocupe, honey. Eu já chamei o motorista, já deve estar chegando.

— Tudo bem. Da próxima vez o convite será nosso e não será um concerto. Deixe a Charlotte ciente.

— Para de reclamar, sweet. Eu sei que você gostou da noite.

— Foi ótima sim.

— Ah, não disse? – falou Tracy apontando para o carro que se aproximava. – Angel, sua lição de casa: Na terça quero que me mostre uma meta de um ano, três anos, cinco anos e dez anos. Vamos trabalhar em cima disso.

— Tudo bem – concordou a morena se despedindo de Charlotte.

Angélica ficou observando enquanto a loira se despedia de Marcela e entrava no carro a frente. Logo atrás o manobrista já trazia o carro da morena. Entrou e colocou o cinto de segurança enquanto saiam devagar para ganhar o trânsito.

— Você vai sair com Tracy terça?

— Ela me convidou para ir tomar um chá na casa dela junto com a Nanda. Ela vai me dar algumas aulas.

— Aulas do que?

— De ser tão elegante como ela.

— Ah, meu Deus! Mais uma pupila da Tracy! Você não precisa disso. Quero dizer, é legal que você saiba para que não fique constrangida nos lugares aonde vamos, mas não é uma obrigação, entende?

— Entendo. Eu quero isso. Eu quero me sentir mais segura, expandir meus horizontes.

— Isso que conta. Se é pra você se sentir melhor consigo, é importante que faça.

Angélica se acomodou no banco e esticou a mão para fazer carinho no rosto de Marcela. Não podia sequer imaginar que teria tanto a ganhar com aquela mudança. Que conheceria tantas pessoas bacanas, com tantas coisas boas para ensinar. Se lembrava bem de quando estava arrumando a mala, o medo que sentia, a ideia de que Marcela não fosse uma pessoa legal. Contra tudo o que havia imaginado, ela era bem mais do que poderia supor e ainda tinha mais a acrescentar na sua vida. Só precisava dar esse espaço a ela e estava determinada a fazer isso. Queria ser tudo pra ela, da mesma forma como ela tinha se tornado tudo no seu novo mundo em construção.

Marcela parou no farol e se virou para enxergar Angélica. Deu um beijo na mão que fazia carinho no seu rosto e abriu um sorriso ao ver, pela primeira vez, um brilho diferente no olhar da morena. Um brilho que lhe dava certeza de que tudo daria certo, mesmo que não fosse verbalizado em palavras ainda. Puxou-a para um beijo e se afastou somente quando o farol abriu. Manteve a mão junto a de Angélica durante todo o trajeto, só tirando quando tinha que fazer alguma manobra.

Já no prédio, subiram abraçadas até o apartamento. Assim que passaram da porta, Angélica se virou para beijá-la enquanto abria os botões da sua camisa. Marcela terminou de tirar a peça pelos braços antes de envolver a morena a sua frente. Andaram devagar até seu quarto tirando as roupas pelo caminho, fazendo uma trilha até a cama. Angélica se deitou grudada com Marcela, sentindo seu familiar peso sobre o seu corpo. Mãos e bocas se explorando delicadamente, provando a intensidade do ato. O primeiro gozo mútuo veio com facilidade.

— Fecha os olhos — pediu Marcela em meio a um gemido. — Não abre.

— Tá — concordou com a voz entrecortada.

Angélica fez como o pedido e ficou curiosa quando a morena saiu da cama.

— Não abre – exortou Marcela novamente.

— Ok – respondeu levando as mãos aos olhos.

Minutos depois sentiu o peso da morena novamente na cama. Marcela sentou sobre suas pernas e ficou ainda mais curiosa com o barulho de um saquinho sendo rasgado, mas não iria acabar com a brincadeira que a morena propunha. Sentiu Marcela se abaixando sobre seu corpo novamente, buscando seus lábios em um beijo. Sorriu contra a boca da morena quando sentiu o pênis na sua virilha.

— Uau! – exclamou ao mesmo tempo que abria as pernas. – Eu nunca... Nunca fiz com vibrador...

— É só relaxar – respondeu Marcela de encontro aos seus lábios. – Se se sentir desconfortável é só me falar.

Angélica concordou com a cabeça ao sentir Marcela posicionando o membro na entrada da sua vagina. Ela a penetrou lentamente enquanto beijava seu pescoço e boca. Gemeu alto quando sentiu todo o vibrador dentro do seu corpo. Marcela ficou parada por poucos segundos até que se acostumasse com o tamanho. Deixou as mãos correrem por suas costas, arranhando-a incentivando para que ela continuasse. A morena voltou a se movimentar devagar, entrando e saindo calmamente, aumentando seu prazer. Os gemidos tomaram conta do quarto quando as investidas se tornaram mais intensas. Ergueu as pernas para apoiar os pés nas coxas de Marcela. A morena apoiou as mãos na cama e ergueu o corpo para enxerga-la. Se ergueu o suficiente para ficar próxima ao seu rosto, embalada pelo ritmo das estocadas no sexo. Passou a língua nos seus lábios antes de deixar o corpo tombar na cama, completamente fora da realidade. Enroscou as mãos nos lençóis quando sentiu Marcela se erguer mais até ficar sentada sobre as próprias pernas, puxando seu quadril sem tirar o vibrador de dentro do seu corpo. A morena voltou a investir rápida e precisa até que seu corpo se contraiu totalmente se entregando a um orgasmo intenso.

Marcela se deitou ao seu lado, fazendo carinho e dando delicados beijos no seu rosto. Angélica se virou para enxerga-la toda suada e deu um beijo demorado nos seus lábios. Abraçou a morena apertado se odiando, por um breve momento, por não ter seu coração inteiro para dar a ela.

Capítulo 21

Bom dia Patrícia! – cumprimentou Marcela ao entrar na recepção da construtora. – Kathy já chegou?

— Está na sala dela. Bom dia! Parece animada.

— E estou.

— Algum motivo especial?

— Estou bem de saúde, o trabalho vai muito bem, a família também está ótima! Não é preciso um motivo específico para ficar animada.

— A contar pelo brilho nessa pele e essa disposição, diria que é amor. Manda meus sinceros agradecimentos a Angel! É bem melhor te ver com essa irritante empolgação em uma segunda de manhã do que com aquelas olheiras e ressaca de um final de semana inteiro farra.

— Vou transmitir a ela – concordou Marcela com um riso. – Nanda está com Kathy?

— Não. Ela está sozinha.

— Obrigada.

Marcela seguiu para a sala da amiga e abriu a porta para enxergá-la concentrada na tela do computador a sua frente.

— Bom dia minha loira! – cumprimentou se sentando na cadeira a frente da mesa. – Por que essa ruga de preocupação na sua testa?

— O pagamento de Piracicaba entrou. Vou efetuar os pagamentos e já transfiro as partes para sua conta e do Fábio. Até o final do dia já estará disponível.

— Vai deixar o fundo da construtora?

— Quarenta por cento.

— Quanto vai entrar na minha conta?

— Dez por cento.

— Vai se foder Kathy! – reclamou Marcela. – Eu não tenho os números. Quanto vai entrar na minha conta?

— Vinte e seis e uns quebrados.

— Dividido pelos oito meses de construção... Ok. Está saindo três e pouco por mês.

— É um começo. E agradeça que estamos começando muito bem. No início do mês já cai o de Santana também.

— Eu estou com um salário de trainee.

— Não, não está. Nós estamos com Santana em fase de finalização, o prédio da minha mãe, que está no início, e mais o projeto do City. Calculado por uma média, dá um salário de junior.

— Grande diferença – riu Marcela. – Tá bom né? Acho que até o início do mês meu pai fala alguma coisa da nova loja em Campinas.

— Ótimo Pegamos o pagamento dele e vamos viajar.

— E pra onde você e Nanda querem ir?

— Nanda é louca para ir para a Grécia. E você e a Angel?

— Angel?

— Você não vai deixar sua namorada sozinha aqui, vai?

— Ela não é minha namorada, Kathy. Ainda não.

— Se fossemos viajar amanhã, você iria deixar ela aqui ou iria leva-la junto?

— Pergunta idiota.

— Sua resposta foi idiota. Você sabe tão bem quanto eu que está amarrada a ela. Mas deixando a brincadeira de lado, vamos viajar mesmo? Faz tempo que não fazemos uma viagem bacana.

— Vamos. Podemos ver um destino bacana. Preciso respirar ares diferentes. Acho que a Angel também vai gostar.

— Europa?

— Europa. A gente podia ir para a Islândia. Sou louca pra conhecer aquele lugar.

— Também. Vou ver com Nanda o que ela acha. Podemos nos programar para ir em Janeiro ou Fevereiro. Juntamos uma boa grana e vamos.

— Por mim de boa. Tenho que ver com a Angel, mas ela não colocará objeções. Acho que não.

— De lá podíamos fazer um mochilão de novo, o que acha?

— Aquela eurotrip foi massa demais! Quase três anos já – lembrou Marcela.

— Descemos em Londres, depois Paris, Bruxelas, Frankfurt, Praga, Viena, Milão, Mônaco, Barcelona e Madrid.

— Sete países em quinze dias? Você já tem um roteiro pronto?

— Oito se contar a Islândia. Andei vendo com a Nanda. Já colocamos nos planos para fazer no próximo ano.

— Vinte e cinco dias. Ficaremos dez dias na Islândia.

— Tranquilo. Nanda pode querer bater o pé e esticar um pouco até Atenas, mas iremos no meio do ano.

— No início do ano vamos pegar bem o inverno. Não pode ser em Março ou Abril?

— Pode ser em Março. Começo da primavera. Não quero pegar o verão europeu. Tem que ser mais a época de frio mesmo.

— Não, não vamos. Só um pouco depois do frio. Não precisamos pegar os dias mais frios do ano.

— Ok. Vamos pensando sobre isso, mas já encurta seus gastos pra ir guardando dinheiro – orientou Kathy.

— Fechado! Essa viagem vai ser melhor que a anterior.

— Pelo menos dessa vez você não vai sair pegando uma mulher em cada cidade.

— Desta vez irei muito bem acompanhada – riu Marcela. – Falando nisso, trouxe o texto. Quer ler?

— Quero. Estou me sentindo cometendo um crime, mas me dá ai. Vamos ler os pensamentos da Angel.

Marcela entregou as quinze primeiras folhas para Kathy e depois foi para a própria sala continuar a leitura. Uma hora depois enxergou a loira na sua porta com um sorriso no rosto.

— Quero o resto. Cara! É bom!

— Eu disse pra você que é bom!

— Já imaginou isso impresso? Dá um livro muito top.

— Eu pensei a mesma coisa.

— Faz um pra ela.

— O quê?

— Um livro com o texto dela.

— Como?

— Tem que digitar todo o texto, depois Nanda faz a revisão e diagramação, eu faço uma capa e você manda para uma gráfica.

— Ela vai me matar. Eu invadi o espaço dela.

— Ela vai te matar de qualquer jeito. Você tem que contar pra ela que leu. Contar já com o livro na mão pode amenizar um pouco as coisas. Quem sabe ela não se empolga e manda para alguma editora para fazer uma avaliação?

— Envolver Nanda nisso é foda. Ela está muito amiguinha da Angel. E se ela contar?

— Se eu pedir, ela fica de boca fechada.

— Ok. Vamos fazer isso então. Qualquer coisa se Nanda não puder fazer a revisão, tem revisores que fazem isso, não tem?

— Tem. Você digita?

— Isso é o foda. Digitar tudo isso, mas digito, claro.

— Nós vamos contratar o estagiário essa semana. Vou fazer a entrevista hoje à tarde. Aguenta uns três dias e passa pra ele ou ela digitar.

— Eu vou começando, depois repasso.

— Cara, vai ficar muito foda! Quero um exemplar.

— Eu também vou querer. Tem que imprimir alguns.

— Vamos lançar Angélica Soares no mercado editorial.

— Ela será sucesso! – riu Marcela. – Se eu estiver viva até lá, quero ver ela ganhar algum prêmio de literatura.

— Vamos torcer para que esteja viva até lá – concordou Kathy rindo. – Para de me enrolar e me dá o restante.

Marcela pegou as folhas que já tinha lido e entregou para a amiga. Pensou por um momento na reação de Angélica quando soubesse: não seria boa, claro, mas a leitura já tinha compensado a bronca que levaria.

Angélica terminou o trabalho da casa e olhou ao redor pensando em algo para fazer. Tinha falado com Cássia pelo whatsapp e a amiga ia sair com amigos da faculdade para estudar. Nanda estava no trabalho e não tinha muitas opções. Precisava ocupar a cabeça com algo, pois passara a manhã toda se recordando de como havia transado com Marcela no sábado e passara o tempo todo excitada com a lembrança. Se lembrou do caderno e foi atrás dele. Releu algumas partes e retomou a escrita, jogada no sofá. Quando o relógio marcou cinco da tarde, o guardou e foi tomar um banho para esperar Marcela. Ela havia mandado mensagem informando que já estava a caminho. Foi para a cozinha, ainda usando um roupão, e pensou no que faria para o jantar aquela noite. Estava terminando de temperar a carne quando escutou o barulho da porta. Se virou para enxergar a morena colocando a bolsa em cima da mesa.

— Oi Angel – cumprimentou a morena a distância ao abrir a camisa. Logo a regata branca que ela usava ficou à mostra.

— Oi – respondeu sentindo o corpo corresponder a imagem na sua frente.

— Algum problema? – perguntou Marcela atenta a inercia da morena que

a encarava.

— Sim.

— O que foi?

— Eu... Eu...

— Pode falar – incentivou Marcela, preocupada, ao se aproximar. – O que foi?

— Eu passei o dia todo com tesão. Quero de novo. Igual a sábado.

Marcela tombou ao lado de Angélica respirando fundo. A morena se virou para ficar parcialmente sobre seu corpo enquanto a acariciava inteira. Tirou a cinta e colocou de lado, antes de buscar sua boca em um beijo.

— Devia ter me ligado. Teria vindo para o almoço.

— E não voltaria para o trabalho – respondeu Angélica com um sorriso. – Ainda não estou totalmente satisfeita.

— Vamos resolver isso então. Satisfação aqui tem que ser garantida – respondeu Marcela beijando-a. – Só me dá um minuto para respirar.

— O tempo que quiser.

— Estive conversando com Kathy hoje. Estamos marcando uma viagem para o início do próximo ano.

— E pra onde vocês vão? – perguntou Angélica se acomodando contra o corpo moreno.

— Iremos – corrigiu. – Para a Europa. O que acha? Vamos passar na Islândia que é um lugar que sempre quis conhecer e depois faremos um mochilão começando pela Inglaterra e terminando na Espanha.

— Nossa, deve ser um sonho! Se programem sim. Deve valer muito a pena.

— Você vai comigo, Angel – esclareceu Marcela.

— Como assim?

— Vai Kathy, Nanda, você e eu.

— Eu não tenho como nem ir para a Bahia, quanto mais Europa para fazer mochilão – riu.

— Angel, entenda uma coisa: você está comigo e aonde eu for eu quero que esteja junto. Mesmo que ainda não esteja cem por cento, quero você do meu lado.

— Uma viagem dessas é caríssima! Não é a mesma coisa de ir para Piracicaba. No mínimo uns dez mil.

— Não perguntei preço, perguntei? – riu Marcela. – A não ser que você não queira ir. É diferente.

- Seria um sonho, mas...
- Sem mas. Só me fala que vai.
- Marcela...
- Apenas me diga um sim.
- Sim – riu Angélica. – Você é louca.
- Por você. Cada vez mais.

Angélica sorriu em resposta e a beijou demoradamente. Voltou a se encostar contra seu corpo e pegou sua mão entrelaçando os dedos.

- Quais os países que iremos?
- Islândia primeiro, depois Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália e Espanha. Mônaco também, mas conto como França.
- Surreal isso – riu Angélica.
- O que é tão engraçado.
- Que um dia cogitaria uma viagem para o exterior. É inalcançável pra mim.
- Você tinha uma realidade diferente do que tem agora.
- Minha realidade é a mesma. Ainda trabalho em uma casa de família para ajudar meus pais e pagar meus estudos. A diferença é que essa nova patroa é bem mais generosa que o anterior. Mais gostosa também.
- E seu patrão era gostoso?
- A mulherada da minha cidade gosta. O Zeca cuida bem do corpo, é um fazendeiro rico. Mulherada caia em cima.
- Vamos nos concentrar aqui, está bem?
- Não estou pensando em nada além do Zeca – riu Angélica. – Alias estou sim. Sua respiração já está bem controlada, né?
- Você está me saindo uma bela tarada.
- Você desperta isso em mim. Não tinha tanto tesão antes como tenho quando está por perto.
- Isso é ótimo! – respondeu Marcela rolando para cima de Angélica. – Já estou no ponto novamente.

Angélica voltou a beijá-la enquanto passava a mão por todo seu corpo. Se esfregou na morena sentindo o sexo reagir com a volta da excitação à tona.

- Pega a cinta de novo – pediu ao dar uma mordida no lábio de Marcela.

A morena apenas sorriu saindo de cima do seu corpo por alguns minutos. Se virou de bruços e ficou observando enquanto ela ajeitava a cinta. Marcela voltou para a cama e Angélica se ajoelhou sentindo a morena se encaixar atrás do seu corpo a acariciando inteira. Virou o rosto para enxergá-la quando

ela posicionou o pênis no seu sexo.

— Aí não – falou dando uma mordida na sua mandíbula. – Aí só quero seus dedos.

— Uau Angel – gemeu Marcela diante do seu pedido. – Casa comigo?

Nanda entrou no apartamento e procurou a esposa pelo espaço. Encontrou Kathy lendo algumas folhas no escritório. A loira sorria para o papel a sua frente e parecia tão fissurada no que estava lendo que nem notou sua presença.

— Amor? – chamou ao dar uma leve batida na porta.

— Oi Nanda – respondeu Kathy com um pequeno susto. Recolheu as folhas rapidamente para colocar embaixo do teclado do computador.

— Nossa, o que estava lendo para ficar tão distraída?

— Nada importante.

— Terreno perigoso o da mentira – alertou Nanda ao se aproximar com um sorriso. – O que estava lendo?

— Ok. Eu... Eu não queria te contar agora, mas eu preciso que me prometa que não vai contar nada para Angel.

— Angel? O que ela tem a ver com isso?

— Me promete?

— Prometo.

— Angel escreve em um caderno, Marcela pegou pra ler e tirou cópias.

— Ah meu Deus! Deixa eu adivinhar? Angel não sabe que vocês estão lendo o caderno dela?

— Eu sei que é errado, amor, mas Marcela me convenceu a ler dizendo que é um bom texto e eu concordo com ela inteiramente! É incrível!

— Eu não sei se fico brava ou dou risada desse absurdo!

— Vem cá, linda – chamou Kathy pegando sua mão para fazê-la sentar em seu colo. – Leia o primeiro capítulo. Você é a única pessoa que conheço que deixa de transar para ler um livro. Se não for bom, esquece tudo isso.

— Vai ficar jogando isso na minha cara pelo resto da vida, não é? Foi só uma vez, Kathy.

— Três vezes.

— Era o final. Não tem como parar – justificou.

— Não estou te recriminando. Apenas leia e me diga o que acha, ok?

— Ok. Vocês são malucas! Angel nem sonha que o texto dela tá correndo por aí, não é?

— Não – respondeu Kathy entregando as folhas. – Marcela e eu vamos

fazer um livro dele e, só então, ela vai contar que pegou.

— Vocês vão fazer um livro?! Vocês sabem, ao menos, como isso funciona?

— Sei. Marcela vai digitar, você faz a revisão e a diagramação, eu faço a capa e Marcela manda para a gráfica.

— Eu faço a revisão e a diagramação? Não se esqueceram de algum detalhe? Tipo, perguntar se eu concordo com isso?

— Para amor. Sei que será a primeira a concordar. Leia.

Nanda apenas balançou a cabeça em sentido negativo antes de iniciar a leitura. Se acomodou no colo da esposa e deixou o corpo descansar contra ela enquanto se concentrava nas folhas. Kathy aguardou em silêncio, fazendo carinhos na sua perna e braços. Vinte minutos depois abaixou as folhas para fitar a mulher.

— Me dá o restante. Vai preparar o jantar enquanto continuo.

— Sabia que ia gostar – riu a loira para depois beija-la. – Estão todas aqui. Aproveite a leitura.

Nanda concordou com a cabeça e se levantou para que Kathy saísse. Assim que a mulher sumiu pela porta, retomou a leitura. De fato, era um texto muito bom.

Na terça, Nanda saiu do trabalho às duas da tarde e seguiu para o apartamento de Marcela. Angélica já a esperava na portaria. Assim que parou o carro, a morena entrou cumprimentando-a. Tinha que se segurar ao máximo para não falar do texto que Kathy lhe dera na noite anterior. Fora dormir mais de duas da manhã concentrada na leitura e, pela primeira vez, podia tirar todas as suas dúvidas diretamente com a autora.

— Preparada para encarar Tracy por uma tarde inteira? – perguntou atenta ao trânsito.

— Ela tem sido ótima! Quero aprender muito se ela tiver paciência.

— Ela tem. Tracy é um ser humano raro. Tem uma mente brilhante em economia. Ela e Charlotte construíram um nome sólido no mercado internacional. Só entram em transações que estão acima dos nove dígitos. Fala fluente quatro línguas e arranha no alemão. Ela tem a casa aqui, o apartamento de Manhattan, outro em Paris e quando está cansada de tudo, ela tira férias em uma quinta na Itália. Mulher é chiquérrima.

— Nossa! Não imaginei que fosse tudo isso.

— Mas não é o bem material que conta ali não. Ela é meio estranha, tipo mandona, mas é um amor de pessoa quando ela gosta de alguém. Ela mudou

muito depois que assumiu que gosta de mulher e casou com Charlotte. Antes disso era ela muito autossuficiente. Se achava a rainha da cocada preta em bom português. E extremamente preconceituosa.

— Você disse. Marcela que mudou isso nela.

— Marcela deu um empurrão. Depois que ela se encontrou, tirou a arrogância que usava como uma armadura e conquistou muito mais coisas do que tinha antes.

— O que é uma quinta?

— É tipo uma chácara, fazenda. Alguns familiares da Charlotte moram por lá e elas compraram uma para tirar férias. Não é um abuso?! – riu Nanda.

— Quem pode, pode – respondeu Angélica acompanhando o riso. – Kathy te falou da viagem que ela conversou com Marcela ontem?

— Falou. Nossa eurotrip! Quando fizemos da outra vez foi muito bacana! Creio que será até melhor essa.

— Onde vocês foram?

— Fizemos cinco países. Portugal, depois França, Holanda, Alemanha e Itália. Ficamos na casa da Tracy lá.

— Foi quem?

— Só nós três. Quase fomos presas na Holanda por causa da Marcela.

— Por que?

— Rolo com mulher. Cada cidade que passávamos ela dava jeito de arrumar uma. Em Amsterdã ela ficou com uma menina, só que a garota tinha namorado, ele quis bater nela, entramos no meio, foi uma confusão daquelas. O tipo de coisa que na hora dá raiva, mas que gera boas histórias.

— Imagino a bagunça que fizeram.

— Não tem como não fazer, não é? Mas como ela estará com você, não teremos confusão desse tipo. Espero que dê certo mesmo. Estou louca pra voltar para a Europa. Marcela sugeriu de irmos em Março, no início da primavera lá.

— Não vai ter neve mais, né?

— Vamos ver bastante neve na Islândia. Vamos pra lá primeiro.

— É tão estranho isso. Não me sinto confortável. Não é no interior de São Paulo, é do outro lado do oceano.

— E você vai amar, tenho certeza!

— Sei lá. Acho que só vou acreditar quando estivermos lá.

— Tive essa mesma sensação quando Nanda me chamou para irmos para os Estados Unidos. Foi minha primeira viagem internacional. Uma semana

antes da viagem nem conseguia dormir direito.

— Mas é diferente. Se der tudo certo, eu vou porque Marcela vai pagar...

— Eu não nasci em uma família abastada, Angel. Entrei na USP porque eu queria fazer jornalismo, mas meus pais não tinham condição de pagar uma faculdade e eu não queria trabalhar e estudar. É muito puxado, invejo quem consegue isso. Minha saída foi estudar muito para passar em uma universidade federal perto de casa para conseguir ir pra faculdade e voltar pra casa todos os dias. Não tinha como me manter em uma república se fosse longe. Depois que eu comecei a namorar Kathy que fui entrando devagar no mundo dela. Principalmente depois que ela aceitou a ajuda da mãe. Ela começou a usar o dinheiro que Tracy dava e eu fui beneficiada por tabela.

— Entendi.

— Se você realmente está afim da Marcela e quer ficar com ela, você tem que entender e conviver com o fato que ela tem dinheiro. Ela pode bancar esses luxos. Pode ter certeza que ela não está vendo isso como um gasto e sim como um investimento.

— Investimento?

— Em você – riu. – Ela está investindo em ter uma viagem bacana com alguém que ela gosta. Você não faria o mesmo se estivesse no lugar dela?

— Com certeza.

— É isso.

— Ta bom. Vou parar de besteiras.

— Isso mesmo.

Nanda passou o restante do trajeto falando sobre os lugares que iriam e lugares que já tinham ido. Pela primeira vez, Angélica ficou realmente empolgada com a viagem para fora do país. Seria um sonho realizado. O maior que já tinha sonhado até então.

Capítulo 22

Angélica desceu do carro na frente da vistosa construção. Admirou a casa de dois andares que se projetava no meio de robustas árvores e um belo jardim bem cuidado. Seguiu Nanda para a porta e não demorou para que Tracy aparecesse, elegante, mesmo usando somente um short jeans e uma camisa. O cabelo estava preso em um coque desarrumado e os pés descalços. Mesmo daquela forma tão despojada, parecia pronta para uma festa.

— Hi Sweet! – a loira cumprimentou Nanda. – Angel, bem vinda!

— Obrigada! – agradeceu ao dar um beijo no rosto da loira.

— Venham por aqui. As meninas estão preparando o nosso chá, logo iremos para o jardim.

Angélica acompanhou a loira para dentro da sala, espantada com o tamanho do lugar. Só tinha visto ambientes como aqueles em novela, jamais imaginaria que um dia entraria em uma casa como aquela, a não ser que fosse para fazer a limpeza.

— So, honey, como vão as coisas? – perguntou a loira indicando o sofá para que se sentassem.

— Bem – respondeu Angélica se sentando na ponta do sofá.

— Good. Trouxe o que pedi?

— Sim, está aqui – respondeu a morena ao pegar o caderno de dentro da bolsa.

— Seu caderno! – falou Nanda com um sorriso ao se inclinar para frente. – Quero dizer, um belo caderno.

— É só um caderno – riu Angélica. – Algum problema?

— Não. Nenhum. É que... Tem uma capa bonita.

— Tá – concordou a morena com um sorriso ao procurar a folha onde tinha marcado o projeto que havia rabiscado. – Eu pensei nas metas que me disse, mas ainda não sei ao certo o que fazer para chegar até onde quero.

— Deixe-me ver – pediu Tracy ao esticar a mão. Deu uma rápida olhada para Nanda e depois para Angélica que ia na sua direção. Não tinha passado

desapercebido a empolgação da nora com o simples caderno de Angélica.

— Meu sonho sempre foi ser professora, mas o salário que pagam no Brasil não é lá essas coisas. Não dá pra ir muito longe com ele.

— Vamos ver, daqui a um ano retomando os estudos, daqui três anos, terminando a faculdade e trabalhando como professora. Daqui cinco anos, pós graduada e com especialização na educação infantil, dez anos diretora de escola. Ok. E sua vida pessoal?

— Tá em hiato.

— Não, não está. Você está vivendo e, pelo que sei, vivendo muito bem sua vida pessoal com Marcela.

— Estou numa fase de desapego do meu último relacionamento. Não quero namorar por agora, quero dizer, ta confuso ainda.

— Vocês possuem um idioma lindo, bem estruturado, gostoso de ser falado. Use as palavras do português completas. Não coma as palavras. Está confuso ainda.

— Tá, quer dizer, está bem – concordou Angélica com um sorriso. – Ainda está confuso na minha cabeça.

— Bom, em questões do coração, sou péssima conselheira. Demorei trinta e seis anos para me encontrar. Não irei entrar nesse mérito com você, porém avalie isso, você tem uma pessoa extraordinária completamente apaixonada. Não deixe que um fantasma do passado estrague isso.

— Está certo.

— Voltemos ao projeto. Por que voltar a estudar só daqui há um ano?

— É quando vou ficar mais tranquila. Já vou ter juntado algum dinheiro e vai dar para ajudar a minha família sem me preocupar. Meu pai também já vai ter se recuperado bem.

— Posso? – pediu Nanda.

— Of course, honey – concordou Tracy.

— Vou só reformular sua frase – explicou Nanda com um sorriso. – Será quando estarei mais tranquila financeiramente. Meu pai estará recuperado e terei algum dinheiro guardado. Veja, disse a mesma coisa que você, porém usando outros tempos verbais mais adequados.

— Entendi – assentiu Angélica.

— Comece a estudar o quanto antes. Dinheiro investido em estudos é um dinheiro bem aplicado para o futuro. Não sei como anda o sistema de ensino no Brasil, mas sei que algumas faculdades possuem bolsas de estudos, descontos diferenciados. Daqui há um ano, você terá perdido dois semestres,

por que não aproveita-los desde agora?

— Quanto a bolsas de estudos, São Paulo oferece muitas opções de descontos – emendou Nanda. – O curso de pedagogia é um dos mais baratos que temos por aqui. Dependendo da faculdade e da bolsa que conseguir, você não paga mais que trezentos reais na mensalidade.

— Mais barato que um jantar – observou Tracy.

— Depende do jantar, Tracy – ponderou Nanda. – De qualquer forma, é barato.

— Esse semestre, realmente não consigo. Tenho que deixar minha família bem primeiro. Talvez o próximo.

— Ok. Analise a questão do estudo. É muito importante isso – disse Tracy. – Voltemos aos seus projetos. Senti uma certa timidez neles. Creio que pode bem mais do que passar o restante da vida dentro de uma escola esperando a aposentadoria.

— Ah pode! Com toda a certeza pode – concordou Nanda. – Com o talento que possui, o mundo te espera!

— Como assim? – perguntou Angélica confusa.

— Ah... Bom, basta olhar pra você! É obvio que pode bem mais do que planejou – tentou corrigir. – Você não tem medo de enfrentar o desconhecido, tem vontade de aprender. Tudo isso conta muito.

— Verdade – assentiu Tracy ao mesmo tempo que estranhava tamanha empolgação em Nanda. – Por que não uma reitoria?

— Uma reitoria?

— É uma opção. O que impede, daqui trinta anos, assumir uma reitoria? A única coisa que pode te impedir de alcançar isso, é você. Muitas pessoas têm a terrível mania de se sabotar, não acreditam no seu próprio potencial. Percebo que não tem acreditado muito no potencial que possui, mas todos tem um talento para algo específico. Se conheça para saber quais as áreas onde é limitada e onde tem maior facilidade. Por exemplo: posso mediar uma fusão de trinta milhões de dólares envolvendo seis mil funcionários, mas não posso servir doze pessoas cozinhando para elas. Você nasceu e cresceu em um lugar limitado onde poucas pessoas tem oportunidades. Essa é a sua oportunidade! Você tem pessoas à sua volta dispostas a te ajudar, você possui ferramentas à sua disposição. A internet hoje oferece infinitas oportunidades de ensino, excelentes livros. Encontre algo que te envolva de tal maneira que não consiga parar de estudar e querer conhecer mais. A palavra de ordem hoje pra você é estudo. Estude, ok?

— Tudo bem.

— Vou te recomendar dois livros para leitura: O primeiro é Cem anos de solidão e o segundo é O pequeno príncipe.

— Eu já li o pequeno príncipe. É lindo!

— Sim. Leia com atenção e faça uma análise deles. Me traga por escrito quando terminar.

— Posso dar uma dica também? – pediu Nanda.

— Claro.

— Quando eu estou fazendo alguma coisa em casa, eu assisto palestras. Se vou lavar uma louça, organizar o escritório ou o closet, eu sempre deixo o celular no Youtube e escuto. Eu gosto muito de filosofia, então sempre que posso, escolho algo com esse tema. Posso passar a tarde toda falando nomes de pessoas que pode assistir. É uma aula cada vídeo.

— Uma excelente opção! – concordou Tracy.

— Eu vou procurar. Depois você anota os nomes pra mim?

— Claro.

— O chá está pronto. Vamos para as aulas práticas que eu adoro! – anunciou Tracy.

— Onde é o banheiro? – perguntou Angélica.

— Ali, naquela porta, é o lavabo. Fique à vontade.

— Obrigada.

Tracy assistiu Angélica se levantar e ir até o local onde havia indicado. Assim que a morena fechou a porta, se virou para Nanda.

— Qual o problema com o caderno da Angélica?

— Nenhum – respondeu Nanda com um sorriso.

— Sem mentir para mim, ok?

— Não conta pra ela, por favor! – pediu Nanda. – Ela escreve no caderno. Marcela tirou cópias e passou para Kathy ler e ela me passou. É um texto maravilhoso! Estou louca para ler o final, mas acho que ainda não está completo. Posso?

— Nesse caderno? – apontou Tracy.

— Acho que sim. É um romance ambientado a bordo de um navio negreiro. Você não tem ideia da riqueza de detalhes que ela coloca nas folhas.

— É uma quebra de confiança muito grande o que vocês estão fazendo!

— Eu sei, Tracy, mas concordei com as meninas de que realmente é maravilhoso. Marcela vai fazer um livro e entregar a ela para contar que

fizemos isso.

— Ela tem talento com as palavras?

— Tem um talento incrível! Quero perguntar o nível de pesquisas que ela fez para compor os personagens, a abordagem. De qualquer forma, independente das pesquisas, a sutileza é de alguém que realmente sabe descrever sentimentos.

— Vem aqui – chamou Tracy ao dar uma rápida olhada para a porta.

Nanda atravessou a sala em pulo para se sentar ao lado de Tracy. Pegou o caderno e pulou para as partes escritas. Correu os olhos rapidamente, constatando que era realmente o caderno onde ela escrevia. Pulou para as folhas onde o texto terminava, enxergando mais um capítulo.

— Ela escreveu mais – falou ao mesmo tempo que escutava o barulho da porta. Fechou rapidamente e devolveu para Tracy.

— Depois me estiver digitado me passe. Quero ler também.

— Eu vou fazer a revisão primeiro, te envio depois disso.

— Ok – concordou Tracy com um sorriso. – Seu caderno, Honey – falou olhando para Angélica. – Vamos ao chá? Pode deixar a bolsa aqui.

— E os meninos, Tracy? – perguntou Nanda ao seguir a loira.

— Estão dormindo desde o almoço. Daqui a pouco acordam.

Angélica saiu para os fundos da casa enquanto acompanhando Tracy que falava sobre os filhos, Max e Jason. A mesa, ao lado da piscina, estava servida com variados tipos de pães e bolos. Durante as duas horas seguintes, a loira ensinou várias coisas no tocante a etiqueta. Absorveu tudo o que pode ao mesmo tempo em que passava uma tarde agradável junto com sua anfitriã e Nanda. Quando os meninos acordaram, Tracy deu a aula por encerrada e pegou as crianças trazendo junto a elas. Ficou encantada com os lindos meninos de três anos que a loira apresentava: gêmeos idênticos com todos os traços de Tracy.

Os dias seguintes seguiram sem que Angélica desse conta do passar do tempo. De manhã se dedicava a fazer o seu trabalho e a tarde, quando não tinha algum compromisso com Tracy, se dedicava a escrever e ler. Terminou de escrever o texto que estava fazendo e releu tudo com calma. Pensou, por um momento em digitaliza-lo, mas não iria perder tempo com aquilo. Por diversas vezes tinha imaginado ser escritora, mas era realista nesse ponto: jamais seria alguém vendendo livros em um país como o Brasil, onde a maioria massiva da população não tem o costume de ler. Era uma bela história, mas era sua história e jamais mostraria ela para alguém.

Angélica saiu do quarto com o caderno em punho e o levou para a cozinha. Olhou ao redor procurando algo onde pudesse queima-lo. Pegou uma velha bacia de alumínio e levou para a lavanderia.

— Angel? – chamou Marcela ao entrar no apartamento. Ficou em alerta com a fumaça que vinha da cozinha. Andou até a lavadeira para ver ela agachada no chão enquanto arrancava folhas do caderno. – O que você está fazendo?!

— Ai Marcela! Que susto – falou Angélica com um sobressalto. – Estou queimando o caderno.

— Você terminou o texto? Você disse que só ia queimar quando acabasse.

— Terminei tem uns cinco dias.

— Por que você está fazendo isso?

— É só lixo.

— É... Eu... Eu estou com uma tremenda enxaqueca – mentiu. – Você pode ir na farmácia pra mim?

— Claro. Só vou terminar...

— Agora, por favor.

— Tudo bem – concordou a morena se levantando.

Marcela observou ela deixar o caderno em cima do pequeno tanque, antes de pegar uma vasilha com água e jogar no fogo.

— Daqui a pouco termino. Qual remédio você costuma tomar para enxaqueca? Nunca vi nenhum no apartamento e você nunca reclamou antes.

— Raramente me dá. Aqui o dinheiro. Pega qualquer um que for bem forte. Obrigada Angel – falou Marcela ao beijá-la.

— Já já eu volto – anunciou Angélica indo para a sala e depois a porta.

Marcela ouviu a porta sendo batida e correu para o caderno conferir se ela já tinha queimado todo o texto. Respirou com alívio quando enxergou que somente as primeiras folhas tinham ido para o fogo. Correu para a multifuncional tirar cópias do restante, mas descobriu que não teria folhas de sulfite suficientes. Pensou, por um momento, no entrave e depois pegou o celular tirando fotos.

De volta ao apartamento, Angélica encontrou Marcela jogada no sofá mexendo no celular.

— Prontinho. Vou pegar uma água pra você.

— Obrigada linda.

— A atendente disse que esse remédio é bem forte. Vai te dar um pouco de sonolência, mas mais tarde estará bem.

Marcela pegou o comprimido e a água que a morena esticava na sua direção e colocou na boca. Tomou um gole de água e fez menção de devolver o copo.

— Engole o comprimido, Marcela – censurou Angélica ao perceber que ela havia apenas colocado de lado na boca. – Como você é difícil para remédios!

Marcela olhou para Angélica com um sorriso torto e voltou o comprimido para a língua. Ele já começava a dissolver, deixando um gosto amargo na boca. Esperava que não lhe desse um treco, visto que não tinha absolutamente nada de errado. Engoliu com uma careta antes de devolver o copo.

— Ótimo! Agora vai deitar. Vou preparar um lanche pra você comer antes de te dar sono.

— Vem me fazer companhia? Tenho certeza que um pouco de atividade corporal espanta essa dor rapidinho.

— Com enxaqueca, Marcela? – riu Angélica. – Não senhora. Vai ficar quietinha no seu quarto, com a luz apagada e sem mexer no celular.

— Ok. Você manda! – concordou Marcela com um meio sorriso. – Não precisa se preocupar com o lanche. Vai terminar de fazer sua fogueira santa.

— Amanhã eu termino. Qualquer coisa me chama.

— Obrigada por cuidar de mim – falou Marcela beijando-a. – Te adoro, linda Angel.

Angélica tornou a beijá-la em resposta e ficou assistindo a morena se afastar até o corredor. Quando escutou o barulho da porta se fechando deu um suspiro alto e se levantou indo para a lavanderia. Não ia demorar o dia que pudesse responder aqueles gestos de carinho com toda a sinceridade.

Marcela se jogou na cama e pegou o celular conferindo a mensagem de Nanda. Ela dizia que tinha escutado a música perfeita para ela. Abriu o áudio e escutou a letra com atenção. Marcela sorriu para o aparelho e colocou para tocar mais uma vez. Bossa nova nunca fora seu ritmo favorito, mas tinha que concordar com a amiga. A letra se encaixava perfeitamente em sua situação atual. Colocou para tocar repetidas vezes até ser vencida pelo sono.

O final de semana chegou e com ele o aniversário de Angélica. No sábado saiu para comprar o presente de aniversário e preparar uma pequena

surpresa para ela, juntamente com Nanda e Cássia.

— Eu não sei o que dar para ela – anunciou Marcela depois de andar o shopping todo atrás das amigas.

— Ela é mais fácil, Marcela – respondeu Cássia. – Já te disse, pode ser roupas, sapatos, perfumes...

— Mas não queria algo tão impessoal. Queria uma coisa diferente, que a toque.

— Uma joia? – sugeriu Nanda. – Um conjunto de esmeraldas. Gargantilha e brincos. É lindo.

— É uma ideia, mas eu tenho um salário de júnior. Não posso comprar esmeraldas ainda. Até posso, mas bye bye Europa. – concordou Marcela.

— Pode ser uma semi joia. Não precisa ser esmeraldas e diamantes. Nessa joalheria aqui do shopping tem uns conjuntos lindíssimos que simulam de forma perfeita. Tracy até achou mesmo que um conjunto que tenho eram esmeraldas de verdade.

— Joias e um buquê de rosas vermelhas! Sabe aqueles grandões? Morreria por um desses – completou Cássia.

— Aqueles que aparece num monte de fotos no *Instagram*, né? São perfeitos mesmo. Será que encontro em alguma floricultura agora?

— Com certeza! Vamos ver as opções próximas – falou Cássia acessando a busca pelo celular. – Olha essa floricultura. É aqui perto. Vamos ver as opções... cem rosas, duzentas, trezentas... Gente olha isso! Olha que lindo, Nanda! Eu casava com você na hora se ganhasse um desses!

— Nossa! Muito lindo! – falou Nanda

— Tem o telefone deles? Vou ligar pra ver se possuem a pronta entrega.

— Aqui.

Marcela discou o número indicado e após alguns minutos de conversa acertaram de passar na loja em duas horas. Tempo suficiente para passarem na joalheria.

O retorno para o apartamento ocorreu somente com o cair da noite. Deixou os presentes com Nanda para entrega-los somente no dia seguinte. Facilitaria a surpresa que aconteceria na casa da amiga. Assim que entrou na sala encontrou Angélica sentada a mesa com a feição tensa.

— Oi linda – cumprimentou. – Algum problema?

— O que é isso, Marcela? – perguntou tensa ao apontar o celular.

Marcela sentiu o corpo gelar por um momento. Será que ela tinha descoberto que pegara o texto? Pensou.

— Eu... Eu não queria que soubesse assim. Eu ia te contar de outra forma...

— É obvio que os meninos iam mandar fotos! Minha mãe acabou de me ligar também. O que você está fazendo?

— Ah... É isso – suspirou aliviada. – Eles receberam?

— Você mandou um computador e um celular para eles?! Marcela... Como eu vou explicar isso? Nenhuma patroa jamais faria isso! Eu entendo, meio sem entender, as coisas que faz por mim, mas não é sua responsabilidade minha família!

— Relaxa linda Angel. Deixa eu ver a foto.

Angélica esticou o celular na sua direção e Marcela o pegou para enxergar os dois meninos com enormes sorrisos na foto ao lado do notebook.

— Eles são lindos!

— Por que não me contou? Eu não soube nem o que falar pra ela...

— Porque era uma surpresa, ué – riu Marcela. – Eu pedi para o meu pai enviar da própria loja para a tia Laura entregar pra eles. Se quer saber, paguei o valor que meu pai paga para os fornecedores. Bem abaixo do mercado. A multifuncional não foi?

— Foi também. Você não precisava fazer isso...

— É para o estudo deles, Angel. Você sabe que um computador é importante para que eles possam fazer as pesquisas escolares. Eles já possuem whatsapp?

— Já. Minha mãe disse que a dona Laura já colocou um plano de internet no celular quando foi entregar.

— Eu pedi para ela fazer. É um básico, mais para que eles tenham acesso ao whatsapp mesmo para conseguir falar com você.

— Obrigada – agradeceu Angélica se emocionando ao abraça-la. – Eu não tenho nem como te agradecer por isso.

— Você não tem que me agradecer. Eles têm. Faz uma chamada de vídeo com eles. Tem uma regra nesse presente.

— Tem, é? – perguntou Angélica com um sorriso, enquanto secava o rosto. – Vamos fazer a chamada de vídeo.

Angélica tornou a pegar o celular, foi para o sofá e discou para o novo número da mãe. Esperou cinco toques até que a imagem aparecesse.

— Oi mãe – falou assim que a imagem focalizou. Não pode deixar de emocionar ao vê-la novamente.

— Angélica, minha filha! Que saudade!

— Eu também, mãe! Tão bom ver a senhora! Mesmo que seja assim, por vídeo.

— É muito bom te ver também! Você está bem, minha filha? Você tá diferente, mais bonita ainda com esse cabelo novo.

— Obrigada. Cadê o pai, os meninos? Deixa eu ver todo mundo!

— Os meninos estão doidinhos aqui. Não param de mexer no computador!

— Eu vou ligar na companhia de telefone e pedir internet aí pra casa. Na próxima semana eles já instalam e eles conseguem acessar tudo o que quiserem.

— Tá bom. Vem aqui Vitório! Sua filha aqui.

— Oi pai!

— Oh Angélica! Que saudade!

— Também, pai! Como o senhor está? E a saúde?

— To bem, graças a Deus. Acho que no próximo mês já tenho alta do tratamento. O médico disse que já to pronto pra outra!

— Credo, pai! Vira essa boca pra lá! Fê! Teu! – exclamou ao ver os irmãos. – Meu Deus! Como sinto falta de vocês!

— Filha, eu to conversando aqui com a sua mãe, o que você tá fazendo aí pra sua patroa ser tão boa assim?

— Nada pai – riu Angélica. – Deixa eu mostrar ela pra vocês. Vem aqui, Marcela.

Marcela que até então tinha ficado afastada assistindo o desenrolar da cena, se sentou ao lado da morena.

— Oi pessoal!

— Oxi! É um menino é? – perguntou Vitório.

— Não pai – riu Angélica constrangida.

— É meu estilo, seu Vitório. Um pouco diferente do convencional.

— To vendo! Toda pintada! Não vai se pintar assim não, viu Angélica!

— Não vou me pintar, pai – concordou Angélica rindo.

— Isso é tatuagem, homi – interferiu Amália. – Muito obrigada, viu dona Marcela. Foi um gesto muito bonito!

— Não por isso, mas tem uma regra para os meninos continuarem com o computador. Onde estão eles?

— Aqui. Vem aqui meninos!

Marcela esperou poucos segundos até ter toda a família reunida na frente da tela do celular.

— Oi Felipe, Mateus, é um prazer conhece-los – cumprimentou as duas crianças. – Para que vocês continuem com o computador, as notas da escola têm que ser acima de oito. Vou pedir pra sua mãe enviar o boletim para conferir.

— Ih nem me preocupo. Sou o melhor da minha sala! – respondeu Felipe, o mais velho. – Só tiro dez em matemática!

— Isso é muito bom! Matemática também é o meu forte! Mas é pra tirar em todas as matérias, viu?

— Pode deixar. Vocês estão namorando?

Angélica deu um sorriso constrangido antes de fitar Marcela. A engenheira também a encarava com um sorriso para depois olhar para o celular.

— Foi um prazer falar com vocês – respondeu Marcela se desviando da pergunta. – Não se esqueçam, notas boas!

— Eu vou me esforçar, dona Marcela. – respondeu Mateus. – Vou ser o melhor da minha sala também.

— Isso ai! Até mais dona Amália, seu Vitório.

— Até, dona Marcela. Cuida bem da minha menina ai.

— Fiquem descansados. Sempre farei o melhor pra ela.

— Muito obrigado!

Marcela deu uma piscadinha na direção de Angélica antes de se levantar e sair da frente do celular. Pegou o próprio aparelho do bolso e estava indo para o corredor quando escutou a voz da mãe de Angélica.

— Essa menina tá apaixonada por você, Angélica. Dá pra ver no jeito que ela te olha...

Capítulo 23

Marcela sentou-se na cama com um sorrisinho permeando os lábios. Nem por vídeo mais conseguia esconder que estava completamente louca por Angélica, pela garota que chegara até ela totalmente machucada, desiludida, desacreditada e que lentamente começava a se descobrir uma mulher linda, forte e guerreira. Acreditava que ainda teria muito o que percorrer para que ela conseguisse despertar todo o seu potencial, mas a mudança que ela apresentava em quase quatro meses era notável a qualquer olhar.

Tirou a roupa devagar enquanto pensava no dia seguinte: tinha marcado com Nanda de leva-la ao apartamento no período da tarde junto com Cássia e fariam uma pequena comemoração surpresa. Nanda havia preparado praticamente tudo e, pouquíssimas coisas, seriam feitas no dia seguinte. Não era nada espetacular, mas esperava, de coração, que Angélica gostasse.

Os pensamentos foram desviados dos preparativos de aniversário quando escutou a porta se abrindo. Olhou para a morena que vinha na sua direção com um lindo sorriso no rosto.

— Não ficou chateada pelo que minha mãe falou, não é?

— Não tenho porque me chatear. Ela não falou nenhuma mentira – respondeu puxando sua mão para abraça-la em seguida. – Eu sou apaixonada por você e já te disse isso.

— Eu sei – sorriu Angélica em meio a um suspiro. – Eu gosto de você. Gosto de tudo em você, a pessoa incrível que é. Tenho muita sorte.

— Já é um começo satisfatório. Por enquanto – riu Marcela para depois beijá-la.

— Quer companhia no banho?

— Quero – concordou Marcela fazendo a morena girar em seus braços e caminhar lentamente para o banheiro. – Já pensou no que faremos amanhã?

— Não vamos fazer nada, Marcela. Eu não comemoro aniversário. Já te falei antes.

— Vai comemorar agora. Alguma coisa diferente, não sei. Podemos

descer para o litoral, o que acha? Vamos para o Guarujá e passamos o dia por lá.

— É uma ideia. Quero entrar no mar. Da outra vez só molhei os pés na água. Quero entrar de cabeça.

— Então amanhã descemos para o Guarujá – confirmou Marcela tirando suas roupas lentamente. – Vamos sair cedo, então temos que dormir cedo.

— Temos? – perguntou Angélica se encostando contra o azulejo.

— Não mesmo – respondeu Marcela antes de toma-la em um beijo.

Marcela despertou com um toque suave no seu rosto. Se mexeu na cama atrás do corpo de Angélica e grudou nela, enfiando a cabeça no seu pescoço.

— Bom dia jovem guerreira – sussurrou Angélica ao depositar vários beijos no seu rosto e cabelos.

— Oi? – perguntou Marcela com uma careta. – Jovem guerreira?

— O significado do seu nome. Bom, pelo menos é o que a internet diz.

— Bom dia – respondeu Marcela com um risinho. – Gostei dessa definição. Vamos dormir mais um pouco porque a jovem guerreira está com sono ainda.

— São sete da manhã – insistiu, delicadamente, ansiosa pelo passeio prometido no dia anterior. – Você disse que queria sair cedo para o litoral.

— É – concordou Marcela se apoiando em um braço. Pensou no que poderia inventar novamente para segurar Angélica, sem estragar a surpresa.

— Parabéns minha linda! Que esse seja o primeiro aniversário de muitos que passarei ao seu lado – finalizou beijando-a.

— Obrigada! Que seja o primeiro de muitos – concordou com sinceridade. – Obrigada por tornar esse aniversário menos pesado.

— O que eu disse para os seus pais é verdade, sempre farei o meu melhor pra você.

— Obrigada.

— Bom, vamos nos arrumar. Temos uma descida para o litoral.

— Já vou até de biquíni – se empolgou Angélica.

— Não precisa nem colocar nada por cima.

— Engraçadinha. Vou me arrumar! – respondeu saindo da cama.

Marcela ficou olhando a morena sair do seu quarto e pegou o telefone discando para Kathy. Esperou seis toques até que a voz sonolenta da amiga entrasse na linha.

— Puta que pariu, Marcela! Hoje é domingo!

— Eu sei. Preciso de um favor – falou indo para o banheiro. – Liga no telefone aqui de casa e fala que surgiu alguma emergência, sei lá, que o prédio de Santana desabou e temos que ir para lá agora.

— Oi?

— Ontem eu fiz uma pequena besteira. Propus a Angel para irmos para o litoral comemorar seu aniversário e ela concordou. Agora ela está esperando. Quebra essa.

— Coitada, Marcela! Você é foda! Vai desiludir a garota logo na manhã do aniversário dela?!

— Vai fazer ou não vai?

— Faço, claro. Já tinha que levantar mesmo. Daqui a pouco o pessoal do buffet chega.

— Está tudo pronto?

— Tudo certo. Deixa comigo. Eu vou ligar. Você vai fazer o quê?

— Vou pra sua casa. Depois venho busca-la.

— Ok. Até daqui a pouco então.

Marcela se despediu da amiga e entrou no banho. Em dois minutos escutou o telefone de casa tocando. Por um momento se sentiu mal por aquilo, mas sabia que era por uma boa causa, pelo menos esperava que sim. Torcia para que Angélica gostasse da surpresa.

— Marcela – chamou Angélica depois de três minutos.

— Oi Angel. A porta está aberta.

— Kathy ligou. Precisa que você retorne o contato imediatamente. Um problema com uma obra.

— Hoje? – perguntou fingindo dar um suspiro profundo. – Seja o que for, vai ficar pra amanhã.

— Acho que não. Ela disse que um prédio da zona norte está com um problema estrutural e uma parte ruiu. Mandou te avisar que os cálculos dos pórticos estavam errados. Tinha que ser usado um modelo tridimensional e que os estribos poderiam ser maiores, mas que agora já não podem fazer nada, mas tem que ir pra lá porque a polícia está a caminho e vocês são os engenheiros responsáveis. Passei o recado certo? Tem algum sentido isso?

— Puta merda! – respondeu Marcela se virando de costas sem conseguir conter uma discreta risada. – Tem sentido sim. – Voltou a falar para encarar a morena. – O que não tem sentido é que meus cálculos foram errados. De maneira alguma. Eu vou ligar pra ela e ver o que está acontecendo. Fique arrumada; vou resolver isso e vamos para a praia depois.

— Podemos ir outro dia, não se preocupe com isso. Trabalho primeiro, principalmente em um problema grave como esse.

— Nós vamos. Só vou resolver isso e vamos, ok?

— Está bem. Mas, como disse, podemos ir outro dia.

— Tudo bem. Eu vou ligar pra ela e ver exatamente o que está acontecendo. Me desculpe.

— Não se desculpe. Me leve outro dia – respondeu a morena com uma piscadinha.

Angélica saiu do quarto e seguiu para a cozinha com um leve desapontamento. Tinha ficado ansiosa com a ideia de ir para a praia naquele dia, mas entendia que era um problema de trabalho. Se pôs a preparar o café enquanto revia o que poderia fazer no seu primeiro aniversário, longe da família, mas a mente voltava ao fato de que não poderiam ir para a praia. Podiam ir outro dia. A praia não ia sair do lugar.

Marcela apareceu na sala depois de quinze minutos. Carregava no ombro a bolsa que usava no trabalho.

— Eu já volto, linda Angel. Prometo que vou lhe recompensar por isso.

— Não se preocupe. Não vai tomar café?

— Eu pego algo no caminho. Falei com Kathy, o problema parece ser bem grave. Não posso demorar.

— Espero que tudo dê certo.

— Eu também.

Angélica assistiu Marcela pegar a chave do carro e sair em seguida. Pegou uma caneca de café e voltou para o quarto. Olhou ao redor e deu um longo suspiro indo até o guarda-roupas. Pegou o livro que Tracy lhe indicara naquela semana: A montanha mágica de Thomas Mann. Deixando a frustração de lado, se juntou a Hans Castorp e sua enriquecedora visita a clínica de tuberculosos.

O relógio já marcava dez e meia da manhã quando deixou a leitura de lado para ajeitar as poucas coisas que haviam bagunçado no apartamento. Às onze e quinze já estava de volta ao quarto com o livro nas mãos. Leu mais algumas páginas até parar e refletir sobre uma frase do texto. A reflexão ganhou asas por um longo tempo, enquanto fitava a porta do guarda-roupas e via um novo mundo se desenhando. O impossível misturado com possível, a fantasia com a realidade. Um mundo perdido nos conflitos humanos e um Deus pesaroso por sua criação. Conseguia enxergar o anjo e a culpa que ele carregava por um ato de rebelião, um momento de revolta contra os desígnios

divinos, que culminara na destruição massiva do paraíso que havia sido criado. Criação e evolução andando lado a lado.

Angélica pulou na cama e foi até o quarto da frente atrás de folhas em branco. Descobriu poucas folhas na multifuncional, mas seria o suficiente até que pudesse comprar outro caderno no dia seguinte. Sentou-se à mesa do computador e, depois de colocar o teclado de lado, começou a rabiscar todo o enredo que havia se desenhado na sua mente.

— Angel? – chamou Marcela. A morena estava tão compenetrada no que estava escrevendo que nem notara sua presença.

— Ai Marcela! Que susto! – exclamou ao largar a caneta.

— Você estava tão distraída que nem me escutou chegar – falou o obvio. – Está tudo bem?

— Sim. Estava escrevendo outro texto. Fiquei completamente aérea.

— Um novo livro?

— Livro?

— É. O outro era tipo um livro, não era? – perguntou tentando corrigir a gafe.

— Era. O livro que Tracy me indicou me deu algumas ideias. Coisa boba.

— Deixa eu ver?

— É besteira, Marcela. Deu tudo certo no trabalho? O prédio desabou mesmo?

— Não. Um alerta falso de um morador vizinho descontente com a obra. Já aproveitamos e fizemos outra vistoria. E adoro besteiras – respondeu com um sorriso, indo para o seu lado.

— Depois eu deixo. Se sair algo que preste eu te mostro.

— Eu vou cobrar – avisou Marcela. – Vamos? Agora é uma da tarde. Descemos agora e ficamos em uma pousada lá. Aproveitamos o final da tarde, a noite e amanhã o dia inteiro.

— Já é uma hora? – perguntou surpresa. – Está tarde, podemos ir outro dia.

— Imagina! Vamos?

— Ainda tem que fazer uma bolsa com roupas pra isso, fica tarde, vamos outro dia, é melhor.

— Ok. Vamos almoçar então. Tem um restaurante bacana que eu creio que vai gostar. Servem as melhores massas de São Paulo lá.

— Fechado – concordou Angélica com um sorriso. – Eu vou me trocar e já saímos.

— Vou te esperar na sala – anuiu Marcela para depois depositar um beijo em seus lábios. – Não demora.

Meia hora depois saíram do apartamento. Marcela foi o caminho perguntando sobre o novo texto que ela estava escrevendo e, aos poucos, Angélica foi contando. Não pode deixar de ficar admirada novamente com a criatividade da morena. Se ela escrevesse à risca tudo o que estava falando, teria realmente que convence-la a se arriscar na carreira de escritora.

Marcela parou o carro próximo ao prédio de Kathy. Assim que desceram, Angélica a olhou desconfiada.

— Por que vamos passar na Kathy?

— Tenho que pegar o projeto que ficou com ela. Vou revisa-lo amanhã em casa. – respondeu Marcela olhando para o celular enquanto mandava uma mensagem para a amiga informando sua chegada.

— Ok. Já aproveito e dou um beijo na Nanda.

Entraram no prédio indo direto para o elevador e depois o apartamento da amiga. Assim que ficaram de frente a porta, Marcela apertou a campainha e foi para detrás do seu corpo, colocando as mãos nos seus olhos, tapando-os.

— O que é isso, Marcela? Não acredito que você...

— Angel! – exclamou Nanda ao abrir a porta. – Vem devagar.

— Não acredito que vocês fizeram isso!

— Espero que goste – falou Marcela dando um beijo no seu ombro antes de tirar as mãos dos seus olhos.

— Parabéns Angel! – ouviu o coro e aplausos assim que abriu os olhos.

Angélica abriu um imenso sorriso ao ver as pessoas presentes. Poucos amigos que estavam fazendo a diferença na sua vida. Tracy com Charlotte e os filhos. Otavio e Isadora, Cássia com uma garota que ela não reconheceu e suas anfitriãs. Se virou para Marcela com os olhos marejados.

— Obrigada. Obrigada mesmo. Você é incrível! – falou ao abraça-la e depois beija-la.

— Eh... – falou Marcela se afastando. – Seus pais estão vendo. – Finalizou com um sorriso maroto ao apontar a tela do notebook posicionado em cima da mesa.

— Não acredito! Mãe, pai! – exclamou indo para a mesa. Se abaixou na frente do notebook, passando as pontas dos dedos na tela lentamente, como se pudesse toca-los através da imagem. – Pai, mãe... – Tornou a repetir enquanto se emocionava.

— Você tá escutando a gente? – perguntou Amália.

— Estou sim. Tão bom ver vocês hoje. Meu primeiro aniversário longe de casa.

— Parabéns filha. Que Deus lhe guarde e lhe proteja sempre.

— Amém. Obrigada mãe.

— Parabéns minha filha! Come bastante bolo ai. – falou Vitorio, a todo custo, segurando uma lágrima.

— Já vai estragar a surpresa homi! – ralhou Amália. – Seu pai não tem jeito!

— Ué, já viu festa sem bolo? A dona Fernanda falou que tinha ué.

— Não tem problema! Obrigada pai – respondeu Angélica com um riso. – No próximo estarão comigo. Ou aqui ou ai. Não importa. Passaremos juntos.

— Vamos sim, filha. Agora vai aproveitar a companhia desse pessoal ai que parecem ser muito bons.

— São sim. Extraordinários – concordou a morena olhando para Marcela. – Vocês estão onde?

— Aqui na casa da dona Laura. Viemos só pra te ver.

— Certo. Foi uma surpresa maravilhosa!

— Agradeça a dona Marcela que você tava beijando ai. Não pensa que não vi, viu?! Não é só ela que tá apaixonada, ne?

— Mais tarde conversamos sobre isso, mãe – sorriu Angélica.

— Tá bom. Se cuida ai, filha. Eu te amo.

— Também amo vocês, muito! Manda um beijo para os meninos.

— Mando sim. Tchau filha!

— A benção, mãe, benção pai.

— Deus te abençoe. Hoje e sempre.

— Hoje e sempre – repetiu Angélica mandando um beijo para a tela. Ainda ficou olhando enquanto via a mãe chamar Laura para desligar a chamada. A tia de Marcela a cumprimentou antes de encerrar a chamada pelo *Skype*.

Angélica se abaixou na mesa por poucos segundos tentando conter as lágrimas que brotavam em profusão. Era a primeira vez que passava o aniversário longe dos pais. Pela primeira vez não recebia o abraço cheio de carinho que eles sempre lhe presenteavam. Sentiu a mão de Marcela passando pelas suas costas e se virou para enxergar a morena abaixada ao seu lado. Abraçou-a com força, agradecendo a tocante surpresa.

— Obrigada – sussurrou em meio a um sorriso. – Você não tem ideia do quanto significou pra mim.

— Acho que tenho um pouco – respondeu se afastando para fitar seu rosto e depois beijá-la. – No próximo eles estarão aqui. Te prometo.

Angélica assentiu com a cabeça antes de voltar a abraçá-la com força e se levantar lentamente. Secou o rosto, antes de se virar para as pessoas que a olhavam enternecidas.

— Minha família é tudo o que tenho de mais precioso nesse mundo – disse com a voz ainda embargada pela onda de emoção.

— Não precisa se explicar, honey – falou Tracy. – Mas agora consigo entender a sua sensibilidade.

— Obrigada.

— Ok, agora vamos secar essas lágrimas porque hoje é um dia de comemoração! – falou Nanda se adiantando para abraçá-la com uma caixa nas mãos. – Parabéns, Angel!

— Obrigada! – respondeu correspondendo o abraço para depois pegar a caixa de presente.

Angélica colocou-a de lado para abraçar Cássia que já se aproximava. A mulher que a acompanhava, também a cumprimentou. Um a um todos os presentes lhe desejaram parabéns e entregaram presentes. Tracy entregou um envelope e ficou intrigada com o presente do casal. Não se recordava de ter ganho tanta coisa em outros aniversários. Marcela foi a última a se aproximar com um lindo buquê de rosas e uma caixinha. Pegou o buquê e a beijou demoradamente em um agradecimento por tudo que ela estava lhe proporcionando, principalmente por ter tido o cuidado de incluir os pais na surpresa.

O dia passou leve, descontraído e repleto de boas conversas. Depois dos parabéns e bolo, as pessoas aos poucos foram saindo. Agradeceu a todos a presença e o carinho dispensados a ela. Era uma estranha que fora acolhida, com muito carinho, no ninho.

Quando a noite caiu, voltaram para o apartamento. Tinha sido um dos melhores aniversários que tinha passado. Com toda a certeza ele figurava na sua lista de top dez. Assim que desceram na garagem, Marcela ajudou-a com os pacotes e subiram para o apartamento. Levou-os para o quarto e começou a abrir, feliz igual a uma criança. Nanda havia lhe dado um kit completo de maquiagem, Otavio e Isadora um lindo casaco de couro. Já Cássia tinha lhe presenteado com um belo scapin. O presente de Kathy era um perfume delicioso. Pegou o envelope que Tracy lhe entregara e encontrou um cheque e um bilhete: “Use com sabedoria”. Olhou para o cheque e abriu a boca,

olhando surpresa para Marcela.

— Eu vou devolver – falou ao esticar o cheque na direção da morena.

— Será um insulto se fizer isso – alertou.

— É um valor muito alto! Eu nunca vi também ninguém dar dinheiro de presente. É...

— É comum nos Estados Unidos. Lembre-se que ela é americana e não brasileira.

— Mas...

— Angel, esse valor ela gasta com sapatos e bolsas. Não é um valor alto pra ela. Use esse dinheiro com você. Coloque em uma poupança. É o começo do seu “pé de meia”.

— Eu não tenho conta. Tenho que abrir uma.

— Faça isso. Eu deposito pra você. E temos que abrir uma conta no seu nome. É importante que tenha uma para fazer suas movimentações financeiras.

— Obrigada – agradeceu. – Essa semana eu vejo isso. Agora, o seu presente. Eu adorei o buquê! Tão lindo!

— Que mulher não gosta de flores, não é? Vamos ver se acertei esse.

Angélica abriu um sorriso enquanto abria a caixinha. O sorriso se tornou maior quando enxergou a joia dentro.

— Uau! Que lindo! – exclamou boquiaberta.

— Eu sei que ainda não está preparada para um compromisso, mas eu escolhi esse anel porque quero que simbolize essa relação sem nome que temos. Se quiser usá-lo, claro. Um treino para o futuro.

Angélica não respondeu nada. Esticou a mão direita para que Marcela pudesse coloca-lo no seu dedo anelar. A morena o pegou e colocou para depois dar um beijo na sua mão.

— Um lembrete de que estou aqui pra você. Quando se sentir pronta, eu estou aqui, te esperando.

— Eu estou chegando. Só não quero estragar essa convivência tão gostosa que temos, atropelando com nomes. Nós vamos denominar isso no momento certo. Por ora, saiba que eu também estou aqui, lutando contra meus demônios internos para que, quando chegar até você, eu esteja completa. De corpo e alma.

— Eu tenho esperanças então?

— Todas que possa imaginar. Eu quero você comigo, e cada dia que passa quero mais e mais.

— Tudo no tempo certo.

— Tudo no tempo certo – concordou Angélica beijando-a. – Você é a melhor coisa que poderia ter me acontecido, Marcela, e quero estar à altura do que vê em mim, refletindo tudo o que vejo em você. Uma simbiose de sentimentos reais e verdadeiros.

— Te adoro, goiana linda!

— Te adoro minha paulistana linda! – respondeu Angélica com um sorriso subindo no seu colo. – Obrigada por tudo. Você foi o meu melhor presente.

Marcela beijou-a demoradamente e juntas foram para o seu próprio quarto. Tinha seus próprios receios acerca de denominar sentimentos, mas se fosse explicar para alguém o que sentia pela morena em seus braços, a resposta era simples: podiam ser boas amigas, podiam namorar, casar ter filhos; um caso indefinido onde rolava paixão. O mais queria era que ela a quisesse também e, quem sabe, um dia se tornariam “nós”. * (ver notas)

** Notas – Referência à musica Caso indefinido – Cristiano Araújo.

Capítulo 24

O tempo passou sem que Angélica desse conta. Naquela semana foi com Marcela até o banco onde possuía conta e abriu uma em seu nome. O valor expressivo do depósito, realizado com o presente de Tracy, contribuiu para que tivesse acesso a cartões e algumas facilidades bancárias. Na semana seguinte deram entrada na emissão do seu passaporte e dez dias depois, com o documento em mãos, se permitiu realmente criar expectativa com a viagem internacional. Duas semanas depois, foram para Paraty com Cássia, Roberta, a garota que a amiga estava ficando, Nanda e Kathy, passando uma semana na cidade. Conheceu Trindade, Praia do Sono, Paraty Mirim e Ilha Comprida. Exploraram o centro histórico sendo invadido pelas águas do oceano, tornando-a a Veneza brasileira. Seis dias onde, realmente, viveu um sonho.

As aulas com Tracy se tornaram o momento que mais esperava durante a semana, sendo substituído pela expectativa das aulas de inglês com Marcela, Nanda e Kathy. Um mês depois das primeiras aulas, todas só se comunicavam com ela em inglês, para que fosse se habituando e conhecendo o idioma pelo método de associação e não de tradução. Se dedicava ao máximo absorvendo tudo como uma esponja: em dois meses aprendera mais que em dois anos dentro de uma escola tradicional.

Cássia assumiu um namoro no início de Setembro com Roberta. Um mês depois anunciou o rompimento, visto que o ciúmes exacerbado da outra, minou todo o interesse que nutria por ela. Gostava dela, mas gostava mais da sua liberdade e autonomia, por isso decidiu que não entraria em nenhum outro relacionamento.

No final do mesmo mês, Nanda terminou a revisão e diagramação do livro de Angélica e enviou uma cópia para Tracy. Kathy havia feito uma bela capa, um desenho, remontando uma pintura renascentista, de um navio envolto em gigantes ondas em alto mar. Marcela pesquisou sobre impressão e cotou orçamentos para poucos exemplares.

Tracy, apaixonada pelo texto, traduziu para o inglês na íntegra,

repassando a Charlotte. A esposa também ficou encantada e tomou a frente para receber um feedback profissional, enviando-o a Savannah, uma amiga e agente literária em Nova Iorque.

Novembro chegou e, com ele, o aniversário de Marcela. Angélica pensou no que poderia fazer e que ela fosse gostar. Tanto Cássia quanto Nanda e Kathy informaram que ela sempre havia comemorado em boates ou em algum barzinho, reunindo todos os amigos. Já havia encomendado o presente que daria, três semanas antes e, na manhã do dia catorze, foi com Nanda até o estúdio do artista na Rua Augusta.

— Estou ansiosa para ver – anunciou assim que entraram na aconchegante recepção.

— Até agora estou impressionada com a sua criatividade no presente! Tenho certeza que ela vai amar!

— Eu espero que sim. Pelo feedback que tive de outros compradores, ele sempre entrega um trabalho espetacular.

— Olá Angélica, bom dia! – cumprimentou Pablo, um artista argentino fixado em São Paulo. – Vamos dar uma olhada na tela?

— Claro. Estava dizendo à Nanda que estou ansiosa em ver o resultado!

— Eu acredito que tenha ficado à altura da ocasião – falou o artista guiando-as para o estúdio. – Segui à risca o que me pediu e incluí alguns elementos que marcam minha assinatura. Aqui está.

Angélica trocou um sorriso com Nanda antes de pararem na frente do cavalete. A tela estava coberta com um tecido e, numa reverência quase teatral, Pablo o tirou para que a pintura ficasse exposta.

— Uau! – exclamou com admiração. – Caramba! Ficou incrível!

— Nossa, nem sei o que dizer, que perfeito! – exclamou Nanda embasbacada. – É... É fascinante! Que trabalho incrível! Meus parabéns!

— Obrigado – anuiu Pablo. – Consegui suprir suas expectativas? – perguntou voltando-se para Angélica.

— Você foi além. As nuances ficaram impressionantes! Sensacional! Obrigada por fazer um trabalho tão lindo!

— Eu não consigo parar de olhar – riu Nanda. – Marcela vai pirar. Com certeza ela pira! Passa tanto realismo, sentimento, sensibilidade. Perfeito. A única palavra que posso descrever. Perfeito!

— Aproveite que já está aqui e encomende o seu – recomendou Angélica.

— Com toda a certeza vou querer um também. Vou colocar acima da cama. Tracy vai ficar louca também. Ela adora arte!

— Já tem mais alguns compradores – riu Angélica. – Você emoldura e embala, por favor?

— Claro! Meu assistente fará isso.

— Ótimo. Vamos acertar o restante do valor.

Angélica seguiu para as cadeiras apontadas por Pablo e pagou o restante que havia ficado. Tinha mexido em um valor considerável do presente que Tracy havia dado, mas valera cada centavo. Primeiro porque era para Marcela, a mulher mais gentil e carinhosa que tivera a sorte de conhecer, segundo porque a pintura ia além do valor em moeda: era um valor sentimental e isso, nenhum dinheiro no mundo poderia pagar.

Saíram do estúdio depois de uma hora. Pararam para o almoço em um restaurante e só depois seguiram para o apartamento. Marcela estava no trabalho e não tiveram dificuldades para levarem a tela até o apartamento, escondendo-a embaixo da cama.

— Já pensou no que vai fazer amanhã? – perguntou Nanda se encostando no sofá.

— Já. Vou rouba-la só pra mim – riu Angélica.

— Hum uma comemoração romântica e íntima?

— Mais ou menos. Quero fazer algo especial, diferente.

— Se precisar de alguma ajuda é só falar.

— Obrigada, mas já providenciei tudo.

— Bom, vou para casa. Qualquer coisa me mande um whatsapp – anunciou Nanda. – E me conte a reação dela quando ver a tela.

— Pode deixar. Conto sim. Obrigada por ter ido até o estúdio comigo.

— Sempre as ordens.

Angélica abriu a porta para a amiga e depois foi para o quarto, entrando em um banho demorado. Se vestiu e seguiu para a cozinha, começar a preparar o jantar.

Marcela se encostou na cadeira no escritório olhando para o pacote a sua frente. A gráfica tinha entregado os livros três dias antes, mas decidira leva-los para Angélica naquela noite. Sabia que ela ia ficar possessa por ter pegado o texto e havia decidido entregá-lo um dia antes do seu aniversário, na esperança de que a data comemorativa ajudasse a amenizar a ira da morena.

Abriu a caixa e pegou três exemplares e colocou na bolsa. Pendurou-a no ombro antes de sair, topando com Kathy e Fábio na recepção.

— Eu vou indo. Se eu morrer essa noite, foi um prazer imenso trabalhar com vocês. Minha parte da construtora fica diluída entre os dois.

— Para de drama, Marcela – censurou Kathy. – Angel é tranquila. Ela vai ficar um pouco nervosa, mas eu acredito que não vai te matar.

— Grande ajuda! – debochou. – Bom, oremos pela minha integridade física. Se eu sobreviver, até amanhã!

— Até amanhã, rainha do drama! – riu Fábio. – Fala pra ela autografar o meu e me entregar no barzinho, sábado.

Marcela apenas assentiu e saiu do escritório rumo a garagem e depois o trânsito. Estava realmente apreensiva de chegar em casa e contar para Angélica o que tinha feito, principalmente que não ficara somente com ela, mas que o seu texto já havia atravessado fronteiras, sem o seu conhecimento. O trânsito, incrivelmente leve naquela tarde, contribuiu para que chegasse ao apartamento em menos de meia hora.

A casa estava com o habitual aroma da refeição sendo preparada. Enxergou a morena parada rente a pia, na sua frente, o celular estava ligado e ela assistia alguma palestra enquanto cortava os vegetais.

— Oi Angel – chamou sua atenção. O coração estava levemente disparado no peito, típico de alguém prestes a confessar um crime.

— Oi linda – respondeu a morena virando-se para fitá-la. Deixou o que estava fazendo e se adiantou para beijá-la. – Como foi seu dia?

— Tenso. Preciso conversar algo com você.

— Algum problema?

— Depende do ponto de vista. Tem alguma coisa que vá queimar no fogo?

— Eu vou desligar – respondeu Angélica adotando uma postura também tensa. Marcela nunca antes tinha chamado ela para uma conversa com tanta seriedade. Nem mesmo quando chegara, oito meses antes.

Marcela seguiu para o sofá com a bolsa e se sentou esperando a morena se posicionar ao seu lado. Assim que Angélica se sentou, fitou-a com um meio sorriso para depois passar as mãos nos cabelos.

— Está me deixando nervosa, Marcela – avisou Angélica. – Algum problema?

— Ah... Você sabe que sempre prezei ser honesta com você, sempre fui o mais transparente possível, mas não tenho sido cem por cento

transparente com você nos últimos meses.

Angélica sentiu o corpo retesar aos poucos enquanto soltava um longo suspiro. Por instante fugaz, a mente viajou para o passado, no momento em que Andreia confessava sua traição. Afastou o pensamento e se concentrou na morena a sua frente.

— O que aconteceu? – perguntou somente.

— Eu passei o dia ensaiando como te contar isso. Aliás, passei a semana ensaiando isso. Eu não sei como te contar.

— Existe outra?

— Não, claro que não. Jamais faria isso com você. Se eu me interessar por outra, coisa que acho quase impossível, eu te conto. Não iludo ninguém. Tenho tudo o que quero com você.

— O que é então? Algum problema que podemos resolver juntas?

— Eu te escondi algo – respondeu em meio a um suspiro. – Bom, chega de meias palavras, eu vou te mostrar que é melhor.

Angélica ficou olhando Marcela abrir a bolsa e pegar um livro de dentro. Ela o segurou por poucos segundos antes de se adiantar e depositar um beijo nos seus lábios.

— Eu fiz o que fiz porque acredito em você. Tenho uma fé maior no seu potencial do que você mesma – falou esticando o livro na sua direção.

Angélica o pegou com o rosto confuso e olhou para a capa enxergando o título: Eu acredito em você e seu nome figurando como autora.

— O que é isso?

— Veja a primeira página.

Angélica o abriu para ler a primeira folha, que seria uma apresentação, mas na verdade era uma declaração:

“ Eu poderia começar esse texto te pedindo desculpas por invadir sua privacidade, mas a verdade é que não me sinto culpada por isso. Me sentiria se tivesse tido o desatino de deixar você destruir Tebogo e suas aventuras, me sentiria culpada se toda a luta desse incrível personagem se perdesse para sempre no fogo e ficasse gravado apenas na sua memória. Tebogo merece ser lido e conhecido por mais pessoas, pelo mundo.

Comparo a coragem e determinação desse complexo personagem a sua própria coragem e determinação. Arrancado de suas terras, lançado a própria sorte em um mundo desconhecido, um mundo de abusos e privações, encontra forças o suficiente para renascer, ressurgir. Ao coordenar uma

rebelião em um navio negreiro, Tebogo reflete sua própria rebelião contra o seu destino: me recuso a abaixar a cabeça. E você se recusou. Você não se entregou, lutou bravamente contra você mesma, contra suas dores, contra um cenário caótico, mas você se recusou a se curvar diante da dor e da desilusão, se tornou dona do seu destino, senhora de si.

O orgulho que sinto de poder ter uma pessoa tão especial ao meu lado é inenarrável. Por quantas noites fiquei acordada enquanto velava seu sono? Em todas as vezes meu único pensamento foi: eu tenho muita sorte: ao meu lado dorme uma mulher linda, humilde e batalhadora. Por diversas vezes me perguntei se sou merecedora de ter uma mulher com tal grandeza ao meu lado. Ainda não tenho essa resposta, mas igual a Tebogo, luto todos os dias, mas a luta é para manter essa joia preciosa ao meu lado, para me tornar sua estrutura assim como se tornou a minha.

Que Tebogo viva no nosso imaginário, que atravesse fronteiras, que seja grande, imponente, mas que nunca se esqueça do seu real valor e isso, linda Angel, reflete exatamente o que és. Uma grandeza de espírito, uma inspiração para muitos, mas que, tenho certeza, jamais esquecerá seu real valor.

Longa vida a Tebogo!

Longa vida ao amor!

Longa vida a nós!

Eu te amo.

Marcela”.

Angélica terminou de ler com o rosto banhado em lágrimas. A garganta apertada não permitia que falasse algo. Olhou para Marcela e depois folheou o livro, reconhecendo suas próprias palavras. Um texto que ela julgava perdido para sempre, transformado em um livro impresso, uma realização que jamais havia cogitado de fato.

— Você... Você leu meu caderno – falou por fim.

— Li.

— Quando?

— Quando voltamos da casa dos meus pais. Você estava com Cássia e peguei pra ler. Deixei a leitura de lado nas duas primeiras folhas porque só falava da outra. A segunda vez que peguei ele, foi no dia do jantar na casa da Kathy. Eu precisava saber o quanto ainda escrevia sobre ela e descobri o

livro. Tirei cópias e digitei com a ajuda do Leandro, estagiário do escritório.

— Quer dizer que mais pessoas leram?

— Sim. Nanda, Kathy, Tracy, Charlotte e uma agente literária em Nova Iorque.

— Oi? Marcela!

— Eu sei... Eu sei... Foi errado! Só que teve uma terceira vez também que peguei ele. No dia que estava queimando o caderno. Quando eu pedi para comprar um remédio, só queria que saísse de casa para que eu pudesse salvar o restante do texto.

— Era a minha privacidade!

— Eu sei. Estou com Almozsaaadiel também – confessou com uma careta.

Angélica deixou os ombros caírem com a revelação enquanto soltava um suspiro audível. Se virou para Marcela e a fitou demoradamente em silêncio. Existia uma dualidade de sentimentos naquele momento: uma extrema chateação por Marcela ter invadido sua privacidade, mas ao mesmo tempo, uma enorme felicidade por ver que Tebogo, um personagem que nascera de um momento de dor profunda, não havia se perdido.

— Você não imagina a vontade que eu estou de te matar! – disse, por fim, com um sorriso enquanto as lágrimas de felicidade voltavam aos olhos. – Ficou lindo!

— É um texto incrível, Angel! Você tem um tremendo talento! Já tinha visto com Tebogo, mas com Almozsaaadiel, você conseguiu se superar! – falou Marcela abraçando-a. – Você tem que considerar realmente ter uma carreira de escritora. Isso é um dom que você está renegando!

— Vocês são suspeitas...

— Ok, concordo com você de que eu sou suspeita, Nanda e Kathy, mas Tracy não. Pra ela se dar ao trabalho de traduzir um texto inteiro para o inglês é porque ela realmente gostou. Você já a conhece, sabe que não é de meias palavras. Mais ainda Charlotte que enviou para um agente literário americano. Se fosse algo mediano, ela não faria isso.

— Eu não sei o que dizer...

— Eu vi o tanto que você gosta de escrever, não é uma obrigação, é paixão. Quando se faz algo com paixão é um passatempo, uma diversão.

— E é realmente isso! Meu passatempo! Não algo... Algo que era para estar com um agente literário em Nova Iorque! Tem noção do quanto isso é surreal?! Alguém, da qual eu não faço a mínima ideia, estar lendo algo meu?!

— Agora imagina uma legião de fãs de Angélica Soares? Você sendo reconhecida por onde passar?

— Isso é uma fantasia.

— Que pode se tornar realidade. O que impede? Talento de sobra você tem. Podemos mandar para uma editora, só para uma análise profissional. Aliás, ele já está passando por uma análise profissional com Savannah, acho que é esse o nome que Kathy disse.

— Ela pode não dar nem retorno com um feedback, Marcela! Sejam realistas.

— E se ela der? Se ela gostar do texto?

— Eu não...

— Se Savannah der um retorno falando que o texto é bom, me promete que vai pensar seriamente sobre isso? Sobre levar a carreira de escritora a sério?

— Ok. Eu prometo que vou pensar com carinho sobre o assunto.

— Já é um começo.

— Agora, não menos importante, e essa “apresentação”? – perguntou com um sorriso.

— É o que sinto. É tudo o que vejo em você, o que sinto por você.

— Você realmente gosta de mim, não é?

— Não deixei isso claro ainda? – riu Marcela para depois beijá-la. – Eu gosto de muitas pessoas, Angel, agora você, e posso dizer isso com cem por cento de confiança, você é meu amor. A mulher que quero sempre do meu lado. Eu te amo. Confia no que sinto por você!

— Que bela reviravolta na minha vida! Quem diria que em São Paulo me esperava uma mulher tão linda e apaixonante?

— Quer namorar comigo?

Angélica olhou-a demoradamente. Sabia que o dia daquela derradeira pergunta chegaria. Por diversas vezes tinha imaginado aquele momento e como seria, mas agora que tinha se tornado real, é que conseguia ver o tamanho do significado. Mordeu um lábio inferior ao mesmo tempo que fazia uma análise no seu coração. Pegou a mão de Marcela e deu um beijo cheio de carinho. Tinha que ser honesta consigo mesma.

Capítulo 25

Eu seria uma maluca se te dissesse um não – respondeu Angélica com um amplo sorriso antes de buscar a boca de Marcela em um beijo. Sentiu os braços da morena envolver seu corpo e puxa-la lentamente para se encostar no sofá. Se afastou para encarar os olhos cinzentos que a olhava de forma apaixonada. – Uau! Eu tenho uma namorada linda!

— E você já parou para imaginar a minha sorte? Tenho uma namorada linda, inteligente, dedicada...

— Ah não! Não vamos ser um casal grudento, não é?

— Não mesmo – riu Marcela. – Tenho uma certa urticária dessas pessoas que ficam cheias de “inhos” para falar.

— Sério amorzinho? Vem me dar um beijinho! – zombou Angélica.

— Espera aí goiana!

Angélica tentou se desviar dos ataques de cócegas que Marcela fazia em seu corpo. A bolsa de trabalho e o livro foram parar no chão enquanto se afastava rindo. Marcela prendeu-a contra o estofado e enfiou a mão por dentro do short para apertar seu bumbum.

— Gostosa – sussurrou de encontro seus lábios. – Gostosa e só minha.

— Só sua – concordou Angélica fazendo a camisa que a morena usava sair pela cabeça.

Angélica desceu as unhas pelas costas de Marcela, pressionando-a contra o seu corpo. Estava na hora de começar um novo capítulo na sua vida, uma nova fase no seu recomeço, um novo amor, uma história.

Deixou o corpo repousar, exausto, sobre o de Marcela enquanto a morena a acariciava inteira. Se ergueu o suficiente para beijá-la antes de se afastar e encara-la com um sorriso bobo nos lábios.

— Você está com carinha de apaixonada – sinalizou Marcela sorrindo. – Não devia ficar suspirando assim enquanto me olha.

— Nós seremos um casal grudento – riu Angélica antes de dar uma mordida no seu lábio inferior. – Talvez eu esteja te olhando assim porque

estou apaixonada. Eu estou lhe entregando o meu coração, muito cuidado com o que vai fazer com ele.

Marcela abriu um sorriso de orelha a orelha. Esperara por aquelas palavras durante seis meses.

— Se cuidar bem do meu, que já lhe entreguei, eu cuido bem do seu. Uma troca justa, não acha?

— Muito justa, senhora Marcela – concordou Angélica beijando-a. Se esticou para fora do sofá para resgatar o livro do chão e depois se acomodou novamente em Marcela. – Ele ficou tão lindo! Você é maluca, sabia?! Não mexe mais nas minhas coisas.

— Se você me prometer que não vai inventar de queimar nenhum texto antes que eu tenha lido, prometo não invadir mais sua privacidade.

— Quando você pegou o segundo?

— Tem umas três semanas, eu acho.

— Eu já terminei ele. Depois eu te mostro. Está com quem mais?

— A mesma gangue: Nanda, Kathy, Tracy e Charlotte. Tracy já está traduzindo ele também. Todo mundo está ansioso para saber se ele passou por cima dos princípios com os quais foi criado para se entregar ao pecado original.

— Não dou spoilers. Vocês são malucas! Obrigada! Ficou incrível!

— Temos que acertar outra coisa – falou Marcela se mexendo.

Angélica se levantou para que Marcela pudesse se sentar. Assistiu a morena pegar a camisa do chão e coloca-la cobrindo sua nudez.

— O que foi? – perguntou somente abraçando as próprias pernas.

— Eu não gostaria que você continuasse trabalhando aqui. Quero dizer, quero você aqui, é obvio, mas como a minha namorada que mora comigo e não como minha funcionária. Tudo continua do mesmo jeito na questão financeira, mas...

— Não – cortou Angélica. – Eu não quero que assuma minhas despesas e as despesas que tenho com a minha família sem que exista o vínculo trabalhista. Entendo se quiser me demitir, mas eu vou procurar outro emprego, não vou ficar sendo bancada por você.

— De certa forma, e olhando de forma prática, não vai mudar muita coisa, eu sei que estando em casa você vai manter tudo organizado aqui, mas não como uma obrigação de trabalho, entende o que estou querendo dizer?

— Sim. Como disse, não vai mudar em nada. Deixa como está. Não vou me sentir bem sendo sustentada por você. De certa forma você me sustenta,

mas é diferente – Angélica deu uma pausa para dar uma risada em seguida. – Que confusão!

— Imagina explicar isso para alguém.

— Resuma da seguinte maneira: Nos conhecemos no trabalho, mas evoluímos para um namoro, mas ainda sou sua funcionária.

— Ok, não vamos discutir isso agora. Mais pra frente conversamos sobre isso. Vamos conversar sobre outra coisa muito importante: Quero substituir esse anel no seu dedo. Amanhã vamos escolher alianças e sem discussão nesse ponto.

— Nem uma pequena argumentação?

— Nenhuma. É meu presente de aniversário para nós. Não vai me negar isso, não é?

— Não. Eu vou adorar escolher uma aliança com você. Nada muito grande.

— Eu quero uma roda de caminhão. Que seja vista a um quilometro de distância – riu Marcela se adiantando para beijá-la. – O que acha?

— Acho que o compromisso já está estampado na nossa testa, principalmente no coração. Não precisamos de exageros.

— Touché! – respondeu Marcela puxando-a do sofá para ganharem o corredor. – Eu te amo. Se eu não te fizer a mulher mais feliz do mundo, vou passar o resto da minha vida lutando para isso.

— Não vamos fazer planos para o futuro. As coisas mudam num piscar de olhos. Vamos viver o agora, o presente. Tenha certeza que já está fazendo um belo trabalho quanto a isso.

Marcela concordou beijando-a demoradamente enquanto ganhavam o quarto. Caíram na cama se amando sem pressa, curtindo, pela primeira vez o ato sexual como namoradas. Fizeram uma pausa para o jantar e depois voltaram para a cama conversando bobagens, se amando. Quando o relógio marcou meia noite, Angélica saiu da cama prometendo voltar em seguida. Três minutos depois, a morena apareceu abrindo a porta toda para passar com o quadro.

— Uau! Quer ajuda?

— Não, eu consigo – respondeu com um sorriso. – Deixou o quadro aos pés da cama antes de subir e tomar Marcela em um beijo apaixonado. – Parabéns minha linda! Que esse seja o primeiro de muitos aniversários ao seu lado.

— Obrigada! E virão muitos, pode ter certeza!

— Seu presente. Espero que goste.

— Bom, já deu para perceber que é um quadro. Vamos ver.

Marcela saiu da cama e se abaixou na frente do embrulho rasgando-o para enxergar o quadro. Abriu um sorriso ao contemplar a imagem: Era uma pintura em tons preto, cinza e branco de uma foto das duas. Kathy tinha tirado aquela foto quando tinham ido até Paraty. Estava abraçada a morena, com a cabeça apoiada em seu ombro, à beira da praia, em Trindade. Não era possível ver o rosto por completo das duas e não era necessário: o sentimento de carinho implícito no gesto, deixava a pintura uma obra prima.

— Uau! Que lindo! É incrível, Angel! Essa foto nossa é muito linda, reproduzida dessa forma, então?! Incrível!

— Toda pintura traz uma mensagem – falou Angélica indo para o lado da morena. Juntas se sentaram sobre o tapete na frente da tela, aninhadas nos braços uma da outra. – Essa, em específico, traz uma mensagem de paz, de cuidado. Nem todo porto é feito de madeira, ferros e concreto, às vezes ele é feito de carne e osso, e é essa mensagem que quis te passar com essa pintura. Você se tornou meu porto. O mar representa todas as infinitas possibilidades que me fez enxergar e as pedras ao fundo, todo o caminho tortuoso que passei para chegar até você. E hoje, com toda a sinceridade, passaria novamente para ter você e todas as infinitas possibilidades que me apresenta. Você não é só uma namorada linda, você é uma pessoa extremamente generosa, amiga, companheira. Independente de qualquer coisa que venha acontecer no futuro, é esse presente, esse momento que ficará eternizado na minha memória.

— Eu te amo – respondeu Marcela da única forma apropriada naquele momento. – Agora eu sei porque nunca me amarrei antes. Sem saber, eu estava te esperando, a única mulher que conseguiu despertar isso em mim, que me fez abrir mão de uma vida de libertinagem.

— Eu te adoro tanto! – respondeu Angélica beijando-a.

— Você me disse que não quer fazer planos para o futuro, mas eu quero lembrar dessa cena daqui vinte anos e contar para nossos filhos como recebi o quadro, nós duas nuas, não só de corpo, mas de alma, sentadas no chão, de madrugada e admirando a pintura, viajando na brisa, no barulho das ondas.

— Eles irão rir da nossa cara.

— Bem provável – concordou Marcela com um riso. Depositou um beijo nos cabelos de Angélica antes de voltarem a admirar o quadro. Fora o presente mais belo e com maior significado que recebera na vida. Faria de tudo para fazer jus àquele presente.

No dia seguinte, Marcela informou que não ia trabalhar na parte da manhã. Se curtiram por um longo tempo na cama, fixaram o quadro na parede da sala e depois foram até o shopping. Como já de costume, andaram de mãos dadas pelos corredores, mas agora com outro significado: tinham uma relação declarada e a felicidade por tornarem isso oficial, estava estampada nos rostos de ambas.

Na joalheria não houve grandes discussões acerca da aliança. A vendedora mostrou alguns modelos e o escolhido fora uma peça de tamanho médio com uma zircônia. Saíram da loja e seguiram para um restaurante para o almoço.

— Não teremos grandes surpresas com a troca de alianças – observou Marcela pegando a caixinha assim que o garçom se afastou depois do pedido das bebidas. – Eu sempre pensei que um dia que eu fosse entregar uma aliança para alguém, seria no estilo mais piegas o possível, dentro de um buquê de rosas ou em uma taça de champanhe, certamente estaria ajoelhada e pediria para ser minha namorada, mas não precisamos disso, não é?

— Já tivemos nossos vários momentos piegas – riu Angélica. – É a simplicidade que traz a intensidade do momento.

— É – concordou Marcela ao pegar a mão de Angélica e colocar a aliança. – Simples como o amor.

— Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure — recitou Angélica repetindo o gesto, colocando a aliança em Marcela. Deu um beijo cheio de carinho na morena a sua frente. Se havia sido fechado uma porta no passado, a janela que fora aberta em seguida, era sem dúvidas, um portal do paraíso. Seu paraíso particular.

Marcela entrou no escritório depois das duas da tarde. Kathy já havia mandado várias mensagens para saber se iriam juntas fazer a vistoria do prédio de Tracy. Recebeu os cumprimentos e felicitações dos funcionários antes de ir para a sala da amiga e sócia.

— Uau! Então sobreviveu ao ataque de fúria Angelical! – debochou Kathy ao ver a morena entrar no escritório.

— Minha Angel não é tão brava como imaginei – respondeu Marcela com um riso.

— Parabéns Marcela! – disse a loira indo abraça-la. – Que tenha o mínimo de juízo para conservar... Que porra é essa?! – interrompeu ao ver a aliança no dedo da amiga.

— Agora é oficial. Estamos namorando!

— Velho! Puta que pariu! Você, Marcela Brandão de aliança?! Meu Deus, tem tanta coisa que eu quero fazer da minha vida ainda antes que o mundo acabe!

— Depois eu que sou a dramática – riu Marcela. – Eu amo aquela mulher, Kathy, o que posso fazer?!

— Ser feliz com ela. É o mínimo que se espera.

— Já sou. Ela me deu um presente lindo, um quadro daquela foto que tirou em Paraty, aquela que está na minha sala.

— Nanda me disse que ela mandou fazer uma pintura. Eu achei muito original, de um cuidado e delicadeza impressionantes.

— É. Minha linda, delicada e cuidadosa.

— Marcela, vai pra casa. Vai curtir seu dia com ela nessa bolha de amor que criaram. Amanhã faremos essa visita.

— Não posso. Ela me mandou vir trabalhar e só voltar às seis da tarde.

— Hum... Mais uma surpresa?

— As comemorações vão até a meia noite.

— Amém. Na ida para o prédio, passamos em um mercado para comprar uma catuaba pra você.

— Vai se foder, Kathy. Vamos para essa visita?

Marcela passou o restante da tarde com Kathy fazendo a vistoria do prédio e acertando detalhes da construtora com ela e Fábio. Tinha entrado outros grandes trabalhos e estavam apertados quanto a prazos para que fossem entregues na data. Quando o relógio marcou cinco e meia, se despediu dos amigos e voltou para o apartamento. Chegou cinco minutos adiantada e ficou esperando na porta até que o relógio apontasse as seis.

Entrou na sala já dando de cara com o espaço todo decorado com velas e pétalas de rosas. Deixou a bolsa sobre o sofá enquanto escutava o barulho de salto para Angélica aparecer em seguida, linda em um vestido negro e justo delineando todas as suas curvas. Abriu um sorriso e ficou admirando-a por alguns segundos.

— Uau! Nunca achei que seria tão bom voltar pra casa – falou se adiantando para beijá-la. – Você está linda!

— Obrigada. Você tem quinze minutos para tomar um banho.

— Temos algo importante para acontecer em quinze minutos? – perguntou subindo a mão por baixo do vestido.

— Sim. Tenho que fazer você gozar com um oral primeiro antes de iniciarmos os trabalhos.

Marcela deu um sorrisinho sacana antes de beijá-la novamente para depois ir apressada para o quarto. Assim que passou pela porta, parou admirando a arrumação do cômodo, sentindo o corpo todo corresponder a imagem que tinha à sua frente: todo o quarto seguia a mesma decoração da sala com a inclusão de itens que foi analisando um a um. Uma alga de pelúcia, géis de massagem, outros vidros que não fazia a menor ideia para que serviam e um vibrador de dupla penetração.

— Seja lá o que eu tenha feito de bom nessa vida, obrigada pela recompensa! – agradeceu olhando para o teto, antes de ir para o banheiro.

Marcela tomou o banho mais rápido da sua vida e saiu para a sala vestindo apenas uma cueca e uma regata. Encontrou Angélica encostada na mesa bebendo uma taça de vinho. Ela já havia se livrado do vestido e usava apenas uma lingerie extremamente sexy.

— Nossa! Que delícia! – exclamou ao beijá-la. Subiu as mãos pelo seu corpo acariciando-a inteira. – Cheia da maldade hoje...

— Cheia de tesão desde a hora do almoço – respondeu Angélica abrindo as pernas assim que a mão de Marcela entrou por dentro da calcinha. – Feliz aniversário minha linda.

— E que feliz aniversário – gemeu Marcela ao sentir a umidade na sua mão. Penetrou-a com dois dedos movimentando-os lentamente, indo ao delírio com o barulho que chegava ao seu ouvido. – Que gostosa, Angel...

— Senta ali – falou Angélica apontando uma cadeira posicionada no meio da sala.

Marcela obedeceu com um sorrisinho e se sentou no lugar indicado. Ficou assistindo enquanto a morena ia até o aparelho de som para ligar, deixando uma música, em volume baixo, tocar no apartamento.

— Seu outro presente – falou Angélica beijando-a antes de começar a dançar lentamente.

Marcela ficou olhando-a fascinada enquanto Angélica dançava sensualmente na sua frente. Mordeu os lábios várias vezes, foi para a ponta da cadeira e voltou a se encostar. Passou a mão no cabelo, ansiosa em tocar a morena que exibia o fio dental cravado no bumbum. Foi ao delírio quando ela se sentou no seu colo, de costas, rebolando sensualmente. Segurou-a pelo quadril acompanhando seus movimentos, sentindo sua própria umidade atravessar o tecido da cueca. Uma mão acariciou suas costas inteira enquanto ela se inclinava para frente fazendo pressão no seu sexo com o bumbum arredondado. A morena se virou de frente e voltou a se esfregar no seu corpo

acompanhando o ritmo da música, subindo e descendo provocante enquanto o sexo deslizava sobre o tecido da regata. Angélica ficou de pé e se inclinou o suficiente para passar os seios pelo seu rosto antes de voltar a se sentar de costas. Novamente a pressionou contra seu corpo, correspondendo ao ritmo mais apressado com que ela se movia. Mais uma vez ela se inclinou para frente e com a visão do bumbum encaixado no seu corpo se entregou a um gozo.

Angélica sorriu ao perceber que Marcela havia gozado. Se ajoelhou na sua frente antes que a morena retomasse o folego e puxou a cueca para sair por suas pernas. Beijou suas pernas, subindo para as coxas e depois o sexo todo ensopado no gozo. O abocanhou com desejo, ouvindo os gemidos de Marcela chegar até seus ouvidos como música. Ergueu os olhos para enxergar a morena se contorcendo de prazer, segurando sua cabeça firmemente. Deixou a língua correr para a vagina e, com uma entrega absoluta, Marcela novamente gozou demoradamente na sua boca. Ainda ficou chupando-a lentamente enquanto ela retomava o folego devagar. Subiu com a boca grudada em seu corpo enquanto as mãos iam levantando a regata até sair pelos braços. Sentou-se novamente no colo de Marcela, buscando sua boca para um beijo molhado e exigente.

— Eu tenho uma coisa para te contar – sussurrou Marcela passeando a boca pelo seu pescoço. – Amanhã é meu aniversário também.

Angélica deu um discreto riso antes de responder.

— Então vamos já virar a madrugada comemorando.

— Excelente ideia. E aquele acervo lá no quarto?

— Nunca usei nenhum deles, mas tenho muita curiosidade para testar todos.

— Melhor já começarmos então. Prometo me dedicar ao máximo para que sinta os benefícios de todos.

— Não quer comer primeiro?

— A única coisa que quero comer agora me será servida na cama.

Angélica sorriu de encontro aos lábios de Marcela, antes de voltar a beijá-la. Juntas ganharam o quarto e se jogaram na cama. Marcela desceu pelo seu corpo e se deleitou com o prazer que ela lhe proporcionava com um oral. Quando estava quase gozando, Marcela pegou uma bolinha explosiva e inseriu na sua vagina para voltar a chupá-la. O prazer subiu um tom com o objeto em seu corpo. Não conseguiu conter um gemido mais alto quando ela deflagrou no seu corpo, aquecendo o canal vaginal. Marcela concentrou a

boca no seu clitóris e a penetrou com dois dedos, investindo rápida, intensificando o efeito do gel. Em minutos o corpo se contraiu inteiro para explodir em um orgasmo intenso.

Marcela não deu tempo que se recuperasse e pegou suas mãos, prendendo-a com a algema de pelúcia. Novamente desceu pelo corpo moreno beijando-a inteira. Sem dúvidas, aquele era seu melhor aniversário.

Capítulo 26

Vamos Angel? – chamou Marcela batendo na porta do quarto de Angélica.

— Entra, linda – respondeu Angélica se analisando na frente do espelho.

Naquele sábado iriam para a comemoração oficial com os amigos, do aniversário de Marcela em um barzinho e queria estar à altura. Sabia que seria avaliada por todos, afinal, como dissera Cássia, era a primeira namorada em muito tempo que Marcela assumia.

— Está pronta? Uau! Linda!

— Gostou? Não está exagerado? Não quero parecer vulgar.

— Você tem um corpo lindo, tem mais é que mostrar mesmo – respondeu Marcela analisando a calça de um tecido leve, imitando couro, e o top cropped revelando discretamente sua barriga. Tudo justo o suficiente para destacar suas belas curvas. – Essa roupa está perfeita!

— Ok, então estou quase pronta – respondeu a morena ao terminar de passar o batom. Se sentou na beirada da cama para colocar o peep toe de salto alto.

— Que mulherão da porra! – exclamou Marcela com um sorriso. – Que altura é esse salto?

— Quinze centímetros. Estou com um metro e noventa e dois.

— Eu dou conta. Acho que é a Cássia – falou ao escutar a campainha.

— Eu só vou pegar o celular e já vou.

Angélica assistiu Marcela sair do quarto e se olhou novamente no espelho. Deu um meio sorriso satisfeita com o resultado. Estava realmente muito bonita. Pegou o celular e tirou algumas fotos na frente do espelho e selfies. Enviou a que achou mais bonita para o celular da mãe e passou perfume para depois sair do quarto.

Amália estava terminando de fazer as compras quando o celular vibrou com uma mensagem. Pegou o aparelho para ver o que tinha sido enviado: certamente era a filha, já que, geralmente, era ela que lhe mandava mensagens. Abriu o whatsapp e enxergou uma foto ainda carregando.

Terminou de passar a compra e seguiu para o balcão de atendimento onde Laura conversava com algumas funcionárias.

— Boa noite, dona Laura – cumprimentou chamando sua atenção. – Eu vou deixar a compra para entregar amanhã, mas pode ser à tarde? Tenho uma consulta médica de manhã e não sei o horário que chego de volta.

— Boa noite, Amália! Pode sim. Já deixo avisado com os meninos da entrega. Está tudo bem? Angélica deu notícias recentes?

— Ela me mandou uma mensagem agora, mas é foto. Não baixou ainda.

— Deixa eu colocar o wifi do mercado aí. Baixa rapidinho.

Amália estendeu o celular na direção da mulher e esperou por poucos segundos até que ela liberasse o acesso com a senha.

— Pronto. Deixa eu ver a foto?

— Aqui. Olha como ela tá linda!

— Angélica está muito bonita mesmo! Nem parece aquela garota que saiu daqui quase um ano atrás.

— Oito meses e treze dias – respondeu Amália com um meio sorriso. – Sinto tanta falta da minha menina. Sei que ela está bem, mas sinto saudades da minha filha.

— É normal. Você manteve ela por tempo demais embaixo da sua asa. Agora ela foi ganhar o mundo! E essa aliança? Ela e Marcela já assumiram namoro?

— Aliança? – perguntou Amália estreitando os olhos para ver os detalhes da foto.

— Aí no dedo dela. Ela tá usando aliança de compromisso.

— Em vez de sossegar o facho, já vai arrumar namoro! Tô vendo essa aliança não.

— Dá aqui – pediu Laura. Mandou a foto para o próprio whatsapp e abriu no computador ao seu lado. – Maior dá pra ver melhor. Aqui, ó. É aliança de compromisso sim! Espero que ela e Marcela tenham assumido namoro. Estava tão na cara que as duas iam ficar juntas.

— Esses adolescentes não sossegam né? Sempre arrumando um jeito de se meter em confusão!

— Ela é uma mulher linda, tem vinte e cinco anos, os hormônios todos a flor da pele. Marcela também é adulta, responsável. Espero realmente que estejam juntas.

— É Angélica? – perguntou uma terceira voz. – Amália se virou para enxergar Maria e Antônia olhando para o computador. – Como ela está linda!

Nem parece a mesma!

— Eu sei que a senhora não tem culpa das cachorradas da sua filha, dona Maria, mas eu não quero que Andreia saiba um A do que está acontecendo com Angélica, nem onde ela está.

— Não vou falar nada. Eu não aprovei o que ela fez com Angélica. Ela agiu muito errado mesmo. Não passei a mão na cabeça dela.

— Consentiu e escondeu da gente toda a cachorrada que ela estava fazendo, já é um erro bem grave.

— É passado, senhoras – amenizou Laura. – E de certa forma foi até bom que isso tenha acontecido. Olha como essa menina mudou para melhor.

— Tem males que só vem pra bem, né dona Laura? – falou Amália se virando para o computador. – Ela tá estudando inglês com as meninas lá. Já ta quase falando igual a eles. Ano que vem ela disse que volta a estudar a faculdade. Tão planejando uma viagem para a Europa. Olha que chique! Minha filha nas Europas!

— Marcela está amando essa garota, se ela puder, ela dá o mundo para Angélica. Também, só sendo maluca para não amar uma mulher como ela, olha essa foto! Tá uma modelo de revista!

— Ela tá namorando? – perguntou Antônia.

— Está – afirmou Amália mesmo sem ter certeza. – Com a sobrinha da dona Laura.

— Olha essa outra foto aqui – falou Laura acessando o Facebook da sobrinha. Mostrou uma foto onde as duas apareciam com outras amigas na praia. – Aqui elas estão em Paraty, uma cidade no Rio de Janeiro. Essa tatuada aqui, que está com Angélica, que é minha sobrinha, a Marcela.

— Olha o tamanho desse sorriso! – falou Antônia com genuína alegria. – É tão bom ver ela assim, feliz. Da última vez que vi ela tava tão abatida. Torci e torço por ela muito mesmo. Gosto muito dessa menina.

— Obrigada dona Antônia. Ela está bem agora. Sacudiu a poeira e está vivendo a vida dela.

— Eu fico muito aliviada em saber que ela está bem. Ela está no Rio de Janeiro, então? – perguntou Maria.

— Em São Paulo – respondeu Amália. – Ela me manda cada foto linda dos lugares que vai visitar. Olha essa daqui, é ela e a dona Marcela em um teatro eu acho – falou esticando o celular.

— É o museu do Ipiranga – corrigiu Laura. – Já fui lá. Um lugar realmente lindo!

— Que ela tenha muita sorte – desejou Maria. – Ela merece ser feliz. Ela merece muito mais do que essa cidade pode oferecer.

— Merece sim. Ela merece o mundo – concordou Amália com zelo de mãe.

— Fecha essa foto – pediu Antônio ao ver Andreia entrar no mercado.

— É melhor mesmo – concordou Amália acompanhando o olhar. – Então ficamos acertadas assim, dona Laura, amanhã, na parte da tarde, a senhora me envia as compras.

— Mando sim – concordou para depois se virar para Maria e Antônio. – Como eu posso ajuda-las?

Amália agradeceu e se afastou antes que Andreia tivesse chance de lhe desejar boa noite. Sua filha estava bem agora, mas tinha sido por causa da falta de honestidade dela que Angélica tinha ido embora com uma dor profunda.

O barzinho escolhido por Marcela para a comemoração do seu aniversário estava localizado em Pinheiros. Assim que chegaram, a morena já avistou alguns amigos em uma mesa, incluindo Kathy e Nanda. Recebeu os cumprimentos de quem ainda não tinha visto e apresentou Angélica. Não soube precisar o que foi mais engraçado: a cara de surpresa por estar namorando e usando aliança, ou o embasbacamento por sua beleza, ou o conjunto dos dois. Sentaram-se à mesa e Angélica foi alvo de várias perguntas e piadas acerca de Marcela. Com o passar das horas, outros amigos chegaram e, por volta das vinte e duas horas, a mesa já estava completa e a conversa fluía com facilidade.

— Boa noite, pessoal – falou Tatiane chamando a atenção de todos a mesa. – Que interessante ver todos reunidos! Alguma comemoração especial?

Angélica desviou os olhos de Nanda para enxergar a ruiva que Marcela ficava assim que chegara em São Paulo. Trocou um olhar com a morena antes de voltar a encara-la.

— É o aniversário da Marcela – respondeu um dos seus amigos. – Quanto tempo, Tati!

— Parabéns, Marcela – falou a ruiva com um sorrisinho. – Pelo visto não estava tão enganada, não é? O que uma dose de “ryca vírus” não faz, não é? A empregada perfeita para estar ao seu lado.

— Você não é bem-vinda aqui, Tatiane – respondeu Marcela sem se levantar. – Se nos der licença, estamos curtindo uma noite com pessoas queridas.

— Você é uma ridícula.

— Mais alguma coisa?

Tatiane apenas deu uma risada antes de sair de perto da mesa. Angélica suspirou fundo e tomou um gole do coquetel a sua frente.

— Amor, não se chateie com isso... – pediu Marcela.

— Não se preocupe linda. É apenas inveja por não estar no meu lugar – respondeu para depois beijá-la.

Marcela explicou superficialmente a cena que havia se desenrolado para os amigos e voltou a curtir a noite com os presentes. Depois de um tempo, Angélica saiu para o banheiro junto com Cássia e Nanda. Estava terminando de lavar as mãos quando viu a imagem de Tatiane surgir no espelho.

— Estava só se fazendo de desentendida. Mais ligeira do que tinha imaginado.

— Já faz tanto tempo isso – respondeu calmamente. – Ainda está fissurada na Marcela?

— Mulheres como ela tem aos montes por aí. O que acho realmente incrível é você se fazer de coitadinha só para conquistá-la.

— Obviamente você não sabe do que está falando. Não tenho nem como argumentar e, de verdade, não vale a pena.

— Algum problema com essa garota, Angel? – perguntou Cássia ao parar ao seu lado.

— Uh a Caipira tem até defensoras agora? – debochou Tatiane.

— Como pode ver uma pessoa totalmente desequilibrada. Nada que valha a pena perder a paz. Vamos voltar para a mesa?

— Vamos sim, Angel, deixa a recalcada engolindo o próprio veneno – concordou Nanda. – Desde a primeira vez que a vi, já percebi que não tinha muita coisa na cabeça.

— Isso, vai embora com o rabinho entre as pernas. Saiba que quando Marcela chegar tarde em casa, é porque ela estava comigo.

Angélica parou o trajeto no meio com um meio sorriso. Se virou para a ruiva que debochava da sua cara e tentou conter o sangue que começava a ferver por suas provocações.

— Mais uma vez sem nada para falar? Tão notório em uma pessoa interiorana...

Tatiane não terminou o que tinha para falar. Em segundos sentiu Angélica grudar no seu pescoço e jogá-la contra a pequena parede entre os reservados.

— Sabe qual a vantagem de ser uma garota interiorana? Sabemos pegar

galinhas pelo pescoço – falou controlando o tom de voz. – Se me provocar mais uma vez, eu te mostro como depenamos uma.

— Vamos, Angel, relaxa. Não vale a pena sujar suas mãos com esse tipo de gente – entrevistou Nanda segurando seu braço ao mesmo tempo que tentava afastá-la da garota. – Claramente se trata de uma pessoa sem o mínimo de noção.

— Está avisada – falou Angélica para depois soltá-la e sair do banheiro com as amigas.

Ainda andou alguns passos antes de se virar para as amigas e caírem na gargalhada.

— Isso merece uma rodada de tequila! – exclamou Nanda. – Caraca! Achei que ia quebrar a menina no meio!

— Ela é insuportável! Como Marcela ficava com ela?! – falou Angélica balançando a cabeça. – Acho que foi um lapso, não é possível!

— Ela estava pensando com outra coisa.

— Quero nem saber no que ela estava pensando – riu.

Angélica se virou para o balcão pediu as tequilas. Sem demora o barman colocou a dose na frente das três. Depois de virarem em um gole, pediram outra que também viraram em seguida. De posse da terceira dose, voltaram para a mesa mais alegres que o normal. Marcela deu uma piscadinha na direção da morena já percebendo que ela estava quase bêbada. Se lembrava bem de como ela ficava com algumas doses a mais na cabeça e, dessa vez, não teria problema nenhum em transar com ela alcoolizada. Sua intenção foi confirmada quando a mão de Angélica, que acariciava sua perna por baixo da mesa, subiu para sua virilha apertando-a sobre o tecido da calça. Trocou um sorriso com a namorada projetou o corpo mais pra frente para que ela tivesse espaço. Puxou-a para um beijo para depois cochichar no seu ouvido.

— Já transou em um banheiro de balada?

— Nunca – respondeu Angélica. – Que tal me mostrar como é?

— Vem comigo – falou se levantando. – Já voltamos.

Cássia trocou um olhar com Nanda e voltou a atenção ao que uma amiga de Marcela falava. Sabia bem o que significava aquela saída das duas. O melhor era se concentrar na morena ao seu lado para que ela também tivesse a chance de gozar aquela noite.

Amália olhou para Laura com o rosto surpreso. Não podia ser verdade o que ela estava dizendo. Ela teria que repetir para ter certeza de que era verdade.

— A senhora tem certeza, dona Laura? Ela disse isso mesmo?

— Sim. Marcela me pediu para conversar com vocês para aceitarem o convite dela de irem passar o Natal e o Ano novo em São Paulo com Angélica e ela. No caso, vocês vão no sábado, dia quinze desse mês e voltam só em Janeiro.

— Vai Amália. A gente dá um jeito de pagar a sua passagem. De ônibus até lá deve gastar uns trezentos reais. Com o dinheiro que eu vou receber do seu Fernando, a gente consegue pagar. Eu cuido dos meninos aqui.

— Nossa, ver minha filha no final do ano...

— Não – cortou Laura. – Vocês não entenderam. Marcela vai pagar a passagem dos quatro. É pra ir vocês e os meninos. Ela faz a reserva da passagem, que é de avião, e vocês vão.

— Vou nada. Ando naquele bicho, não dona Laura. E não precisa também a dona Marcela gastar com a gente desse jeito. Fica muito caro.

— Pra Marcela não é. Ela está fazendo isso para ver Angélica feliz. Ela vai gostar muito de ter vocês lá com ela.

— Dá pra aceitar desse jeito não. É muito caro. Se for pra mim ir, como o Vitório falou, fico muito agradecida se puder ficar na casa dela lá, mas ir todo mundo não. É muita despesa.

— Vamos resolver isso. Espera.

Laura pegou o celular e ligou para Marcela. Passou a breve conversa que tinha tido com os pais de Angélica e colocou o telefone em cima da mesa com o viva voz ligado.

— Estão te ouvindo, Marcela.

— Oi dona Amália, seu Vitório! Tudo bem com vocês?

— Tudo bem, graças a Deus. Eu to conversando aqui com a sua tia e ela me disse dessa sua ideia – falou Amália. – É muito gasto, dona Marcela.

— Não se preocupem com questão de valor. Não vai impactar em nenhuma conta minha – esclareceu Marcela. – É meu presente de Natal para a Angel. Aceitem, por favor.

— Mas você já parou para calcular o gasto menina? – perguntou Vitório. – É quase dois mil reais!

— Cinco mil, oitocentos e quarenta e oito reais. Já fiz as contas e cabe no meu orçamento – respondeu Marcela.

— Meu Deus do céu! É claro que não!

— Não pensem na questão de valor. Pensem na felicidade da Angélica quando der de cara com vocês na sala do apartamento. Eu reservo a passagem

pra vocês, é só apresentar o documento com a confirmação no balcão da companhia aérea.

— Eu não entro em um avião! Nem sonha com isso – protestou Vitório.

— Não ando naquele bicho também não, dona Marcela.

— É uma viagem muito longa de ônibus. São dezoito horas, de avião é três horas contando com o embarque.

— Prefiro as dezoito horas vivo.

— Então vocês vêm, posso confirmar? – perguntou Marcela aproveitando a brecha.

— Mesmo de ônibus é muito quatro passagens. O Vitório falou aqui, eu posso ir, a gente consegue pagar a minha passagem...

— Seu Vitório, dona Amália, não se preocupem com o valor. Eu entreguei o prédio do meu pai no final de Novembro e entramos na finalização de outro na sexta passada. Ambos me renderam um bom pagamento. Tenho dinheiro guardado também. Isso não é o problema.

— Mas se você gastar todo o dinheiro que recebeu do pagamento, como vai...

— Eu recebi bem mais que cinco mil. Fiquem despreocupados.

— Quanto você recebeu?

— Isso é pergunta que se faça, homi?! – perguntou Amália em choque. – Precisa responder não dona Marcela. Vitório não tem noção das coisas, não.

— Eu vou responder para que vocês parem de pensar no valor das passagens – falou Marcela, passando os valores. – Dinheiro não é um problema mesmo. Quero muito que venham. É meu presente pra ela.

— E quanto dá as passagens de ônibus? – perguntou Vitório pensativo.

— Eu vou ver aqui. Dá dois mil. Tenho certeza que a Angel vai gostar mais da presença de vocês aqui do que se eu comprar uma joia pra ela com esse valor.

— Angélica me disse vocês estão namorando – falou Amália. – Você gosta mesmo da minha filha pra gastar todo esse dinheiro pra fazer ela feliz né?

— Eu amo sua filha, dona Amália. Faço qualquer coisa pra ver ela feliz. Eu quero passar o resto da minha vida com Angélica, mas faço o pedido oficial para o senhor aqui.

— Uma mulher de culhões. Gostei. Nós vamos menina. Pode avisar pra ela que vamos.

— Não, não. Ela não pode saber! É surpresa. Não conte para os meninos

porque eles podem deixar escapar pra ela. Só vocês dois e meus tios que sabem. Eu já vou transferir o dinheiro para vocês, aí já compram de ida e de volta. Eu estou vendo aqui, tem um que vai sair dia quinze. Tem poucos assentos disponíveis, importante que já comprem a passagem hoje ou amanhã. A volta vocês compram para o dia quatorze de Janeiro.

— Pode deixar dona Marcela. Me liga quando fazer o depósito que já vou lá fazer a compra – afirmou Amália.

— Ótimo. Vou fazer a transferência agora. Saindo aí da minha tia já podem ir pegar o cartão e passem no débito lá. É perigoso andar com esse valor no bolso.

— Aqui não é São Paulo, não, dona Marcela – riu Vitório. – A gente compra hoje depois Amália te manda um comprovante.

— Não precisa de comprovante. Só preciso do horário de desembarque de vocês para ir busca-los na rodoviária. Certeza mesmo que não querem vim de avião?

— Absoluta. Muito obrigado, dona Marcela. Que Deus te abençoe grandemente.

— Obrigada. E por favor, não contem para a Angel. Será uma bela surpresa.

Marcela se despediu da tia e desligou a chamada. Amália se virou com um enorme sorriso no rosto.

— Essa menina não existe, né, dona Laura. Tão boa!

— Marcela é muito gente boa. Angélica deu foi é muita sorte.

Capítulo 27

Bom dia, linda Angel – falou Marcela ao ver a namorada se mexer na cama ao acordar lentamente.

— Bom dia – sussurrou Angélica ao se acomodar contra o corpo da namorada. – Já amanheceu?

— Já. São oito da manhã.

— Nossa, está cedo ainda. Vamos dormir mais um pouco – falou passando o braço ao redor da sua cintura. Escorou a cabeça no seu colo, curtindo o carinho que Marcela fazia em seu rosto.

— Eu não posso, amor. Tenho que fazer uma coisa agora cedo.

— Hoje é sábado linda. Você não tem nada o que fazer agora de manhã.

— Tenho sim – respondeu Marcela erguendo seu rosto para beija-la. – Eu prometo que te compenso mais tarde.

— Mas você tem que sair agora, agora?

— Daqui a pouco. Meu compromisso é as dez da manhã.

— Quanto suspense só pra falar que tem uma reunião na construtora – riu Angélica virando-se de costas para encaixar o bumbum na virilha de Marcela. – Que tal um desjejum?

— Não se nega um desjejum assim – sussurrou Marcela ao passar a boca pelo seu pescoço.

Angélica deu sorriso acompanhado de um baixo gemido ao sentir a mordida que Marcela dava em seu ombro. Ficou se esfregando na morena enquanto suas mãos percorriam seu corpo. Talvez ela pudesse se atrasar um pouco para o compromisso.

Marcela saiu da cama quando o relógio já marcava nove e vinte da manhã. Correu para um banho rápido e trocou de roupa. Angélica assistia toda a sua movimentação da cama, ainda enrolada no lençol, e se adiantou para beija-la.

— Assim que terminar lá eu volto.

— Já vou te esperar na cama.

— Não fala isso, amor – sorriu Marcela. – Fábio e a esposa vão vim pra cá. Como eu sei que é capaz mesmo de me esperar nua, é bom que esteja apresentável para os convidados. Não quero que meu sócio fique de olho grande em você.

— Ok. Eu seguro o tesão para quando forem embora.

— Isso. Agora eu tenho que ir. Te amo. Até daqui a pouco.

— Até linda.

Marcela deu um demorado beijo nos lábios de Angélica para depois sair apressada para o estacionamento do prédio. Esperava que o trânsito ajudasse para não chegar atrasada.

Vinte minutos depois já estava estacionando o carro na rodoviária do Tietê. A família de Angélica tinha embarcado na tarde do dia anterior e a chegada estava prevista para às dez horas da manhã. Entrou rápida na imensa rodoviária e procurou a plataforma de desembarque. Estava ansiosa para conhecer os pais de Angélica. Era a primeira vez, em muito tempo, que conhecia os pais de alguma garota com quem estava namorando. Se lembrava de ter feito isso somente com Priscila, nove anos antes, quando ainda contava com seus vinte e um anos. Não pode deixar de suar frio, mesmo com toda a segurança que tentava transparecer.

O ônibus parou na plataforma com quinze minutos de atraso. Ficou observando as pessoas descerem e irem pegar as bagagens. Acenou quando viu Mateus aparecer. O garoto acenou de volta e logo apareceu Felipe, Amália e por último Vitório. Agora entendia de onde Angélica tinha herdado tanta altura: o pai da morena se destacava sobre todas as outras pessoas presentes.

Esperou por alguns minutos enquanto eles pegavam as bagagens para depois irem ao seu encontro.

— Bom dia, dona Marcela – cumprimentou Amália estendendo a mão.

— Bom dia! Finalmente é um prazer conhece-los pessoalmente! – respondeu puxando-a para um abraço. – Seu Vitório.

— Bom dia! A senhora é tão pequena, toda magrelinha. Angélica não está cuidando bem da senhora não? – perguntou Vitório analisando-a.

— Ela cuida – riu Marcela ao abraça-lo. – E não me chamem de senhora, dona. É só Marcela.

— Tá bom, menina.

Marcela também abraçou os irmãos de Angélica antes de indicar a saída para eles, seguindo para o estacionamento.

— Como foi a viagem? – perguntou para Vitório que havia se acomodado ao seu lado no banco da frente.

— Foi boa. Dormi a maior parte do tempo. Nem vi o caminho passar.

— Ficou acordando todo mundo com o ronco dele, Marcela – falou Mateus se inclinando para frente no meio dos dois assentos.

— Olha o respeito moleque. Eu não ronco.

— Ronca sim, Vitório. Toda hora tive que ficar te cutucando – respondeu Amália.

— Tá vendo que são todos contra mim, né? To perdido com essa mulher!

Marcela riu enquanto guiava o carro para a saída do estacionamento. Durante toda a viagem de volta foram falando da noite que passaram na estrada, Amália que tinha entrado no ônibus errado em uma parada e só voltou ao carro certo porque Felipe fora busca-la. Antes de chegar no apartamento fez uma rápida parada na padaria perto do prédio para comprar o café da manhã para eles.

O relógio já marcava onze e quinze da manhã quando pararam na porta do apartamento. Pediu para que todos fizessem silêncio e entrou na sala enxergando o lugar vazio.

— Angel? – chamou para localizar a morena ao mesmo tempo que colocava as sacolas na mesa.

— Estou no quarto, linda – respondeu a morena de volta. – Chegou cedo. O pessoal não veio com você?

— Não – respondeu Marcela indo para a entrada do corredor.

— Hum. Então nem vou terminar de arrumar a cama. Quero bagunçar ela de novo – respondeu aparecendo na porta.

Marcela abaixou a cabeça com um sorriso antes de voltar a encara-la.

— Vem aqui. Tenho um presente pra você.

— Um presente? – perguntou Angélica desconfiada.

— É. Seu presente de Natal.

— Mas já? Ainda é dia dezesseis – respondeu a morena se aproximando para abraça-la e depois beija-la.

— Eu sei, amor, mas acho que vai gostar. Vem.

— Eu gosto de tudo o que faz, linda – concluiu Angélica indo para a sala abraçando Marcela por trás.

— Segura a onda, amor. Seu pai é grande demais pra eu apanhar dele agora.

— O que meu...

Angélica parou de falar ao ver toda a família parada no meio da sala. Olhou com um sorriso incrédulo para Marcela e voltou a olhar para eles.

— Não acredito, Marcela! Mãe, pai! – exclamou correndo para abraçá-los. – Eu nem acredito que vocês estão mesmo aqui! – falou se entregando as lágrimas de felicidade. – Mãe...

Marcela ficou assistindo com um sorriso satisfeito enquanto Angélica se emocionava junto com a mãe. Ela os abraçou por um longo tempo antes de se virar na sua direção.

— Coisa sua, não é?

— Eu pensei no que te dar de presente de Natal e cheguei à conclusão de que nada material seria superior a esse momento.

— Não mesmo. Obrigada linda – agradeceu sem se desgrudar da mãe. – Meu Deus, que sonho!

— Marcela que arrumou tudo pra gente vim e ainda fez prometer que não te contaria – falou Vitório dando outro abraço na filha.

— Eu vou arrumar as coisas para o nosso café, vocês devem estar com fome depois de uma viagem dessas – falou Marcela indo pegar as sacolas na mesa.

— Eu te ajudo, linda...

— De maneira nenhuma. Eu arrumo aqui. Vai curtir sua família.

Angélica saiu do lado da mãe e foi até a morena abraçando-a com carinho.

— De verdade, obrigada mesmo. Não poderia ter feito algo melhor nesse fim de ano. Se superou.

— Aproveite. Eles ficarão um mês conosco.

— Eu vou sim. Obrigada!

— Gente fiquem à vontade aqui, vocês estão na casa da sua filha. Nada de ficarem cheios de dedos.

— Obrigada menina – agradeceu Amália.

— Vem, vou mostrar o meu quarto onde vocês podem deixar as malas – chamou Angélica puxando a mão do pai. – Nossa! Que coisa boa ter vocês aqui!

— Você está tão diferente filha! Mais bonita, olha esse cabelo mais grande, bem cuidado – falou Amália analisando-a

— Tá nem parecendo mais aquela menina que corria pela rua lá de casa com as pernas de saracura.

— Ai pai! Que lembrança – riu Angélica. – Esse é meu quarto. Eu vou

ver com Marcela, mas é certeza que vocês usarão ele. Depois eu vou ver onde os meninos vão ficar. Acho que aqui no escritório.

— Você já não usa esse quarto faz tempo né?!

— Mãe! Depois...

— Depois eu vou ter uma conversinha com a menina Marcela – falou Vitório. – Tem que me pedir primeiro essas coisas, não só ir chegando e pronto!

— Pai! Ela é um amor de pessoa.

— Alguém que faz as coisas que ela faz por você é uma boa pessoa mesmo – concordou Amália. – Você teve é sorte! Duvido que a outra...

— Mãe – cortou Angélica. – Não. Independente do que tenha acontecido, é passado e é lá que ele deve ficar. Vamos aproveitar esse momento para matar as saudades, falar de nós. Senti tanto a falta de vocês!

— Tá é certa. Casona bonita! Olha essa altura Vitório! – exclamou Amália indo para a janela. – Dá pra ver a cidade inteira!

— Bonito, não é? – falou Angélica se posicionando atrás dos pais. – A noite fica mais bonito ainda.

— Muito lindo!

— Troquem de roupa, fiquem mais confortáveis enquanto eu ajudo Marcela a arrumar as coisas para comermos. Ali naquela porta é o banheiro. Quando terminarem vão lá pra sala.

— Tá bom, filha.

Angélica deu um beijo na cabeça dos irmãos antes de sair do quarto com o sorriso ainda instalado no rosto. Encontrou Marcela na cozinha pegando xicaras no armário.

— Como eu posso te agradecer, hein? – perguntou abraçando-a por trás. – Que surpresa incrível!

— Já está me agradecendo – respondeu Marcela deixando seu rosto passear pelo de Angélica. – Sua felicidade já é o melhor pagamento. Onde eles estão?

— Se trocando. Daqui a pouco voltam pra cá.

— Quero que eles se sintam confortáveis aqui. Me ajude nessa tarefa, ok?

— Pode deixar – respondeu Angélica puxando seu rosto para beijá-la.

Marcela abandonou as xicaras no balcão do armário para se virar enlaçando a morena em seus braços. Aprofundou o beijo se encostando no móvel enquanto suas mãos acariciavam as costas da morena.

— Depois eu vou lá na Kathy buscar dois colchões de camping para os

seus irmãos. Na segunda providencio colchões decentes.

— Se Kathy não precisar deles por esse tempo, não precisa de outros.

— De qualquer forma é bom ter sobrando aqui. Quando vierem nos visitar, já tem lugar onde podem dormir.

— Vai coloca-los no escritório? Ou prefere deixá-los no meu quarto com meus pais?

— Eles ficam no escritório. Não vamos tirar a privacidade dos seus pais.

— Ok.

— Seu pai não vai encrencar de você dormir comigo, não é?

— Qual é linda? Eles sabem que dormimos juntas. Está com medo do sogro, é? – riu Angélica.

— É claro! Você já deve ter notado que seu pai é bem grande!

— Um metro e noventa e quatro de altura. Um exagero, não é?

— Seus irmãos não ficarão para trás. O Felipe é mais alto que eu.

— Ele já está com quase a minha altura. Quando reencontra-lo já estará mais alto que eu.

— E eu serei o pequeno Pokémon da família – riu Marcela voltando a beijá-la. – Hoje vamos deixa-los descansar. Amanhã vamos leva-los para um turismo. Já vai pensando em um lugar onde eles vão curtir.

— Tem tantos! Podemos ir na Paulista, depois algum shopping no cinema. Paranapiacaba, Ibirapuera, Museu da Imigração, o do Ipiranga. Mas tem dois lugares em especial que quero levar os meninos: no Hopi Hari e na praia.

— Então, eu estava vendo com Kathy de passarmos a virada em Ubatuba. Ela disse que queria ir pro Rio, mas já passei a virada em Copacabana, na areia, e não curti muito e, pegar entradas para uma festa agora, é deixar metade do fígado na portaria.

— Em Ubatuba seria um bate e volta?

— Não. Não dá tempo. As estradas congestionam todas até porque pega feriado prolongado. Iriamos na sexta e voltamos somente na outra sexta. Eu tenho um amigo que tem uma casa lá e pelo que conversei com ele, vai ficar fechada porque ele não aluga e, esse ano, vai passar a virada em Miami.

— Ele libera a casa pra você?

— Libera. Só temos que abastecer com a despesa e manter organizado.

— Perfeito então – concordou Angélica voltando a beijá-la. – Vou adorar! Minha família, Kathy e a Nanda, você! Vai ser tudo!

— Vai sim – concordou Marcela passando os braços ao redor do seu

corpo para um abraço apertado. – Vou passar mal com as marquinhos de biquíni que vai ficar sem poder reproduzir com a língua.

— Daremos um jeito de reproduzir todas como quiser – respondeu Angélica voltando a beijá-la. Se afastou quando escutou a pigarreada forte do pai às suas costas.

— Cês duas hein? Hum.

— Oi pai – falou Angélica com um sorrisinho. Era a primeira vez que ele a via beijando uma mulher, apesar de saber, há dois anos, sobre sua orientação sexual. – Se acomodem à mesa. Vou ajudar Marcela.

— To de olho em como tá ajudando.

— Você sossega, Vitório – censurou Amália.

Marcela deu uma mordida no lábio inferior contendo uma risadinha. Era a primeira vez que tinha o sogro dentro da própria casa. Sabia que aquela era a primeira de muitas saias justas.

Angélica se acomodou ao lado de Marcela à mesa junto com os familiares. A conversa girou sobre o restante da família que estava em Goiás, seus tios e primos. Estavam finalizando o café quando Mateus trouxe outra saia justa para a mesa.

— Oh Ge, a Andreia perguntou de você semana passada. Queria saber onde você tava, se tava namorando.

— Ah, mas se vem falar comigo... – começou Amália.

— Por isso mesmo que ela não vem falar com a gente, ia ouvir...

Angélica deu um gole no leite enquanto o pai e a mãe continuavam a falar sobre Andreia. Olhou para Marcela que se mantinha concentrada em brincar com a ponta da faca nos farelos de pão no prato a sua frente com a feição visivelmente tensa.

— Pessoal, parou – pediu Angélica ao apoiar os pulsos na mesa. – Teu, não existe nada que impeça que vocês mantenham amizade com ela. Sei que gostam dela e ela de vocês – falou para o irmão mais novo. – Só não existe a necessidade de contar as coisas que estão acontecendo comigo para ela e nem me informarem coisas que ela faça. Ela é passado. Vamos esquecer isso, ok?

— Aposto que a dona Maria já foi contar da foto sua que eu mostrei pra ela...

— Mãe, eu não quero saber, ok? Assunto encerrado, tudo bem?

— É melhor – concordou Felipe. – Não gostei do que ela fez.

— E ficar me lembrando disso não é uma opção – enfatizou Angélica. – Mas vocês não têm que ter raiva dela, Felipe. Ela é uma boa pessoa. Agiu

errado sim, mas todo mundo erra e nem por isso vamos sair apedrejando todos.

— Não gostei do que ela fez do mesmo jeito – tornou Felipe. – Se tivesse me contado...

— Meu defensor! – cortou Angélica com um riso. – Eu sei que se importa comigo, Fê, e obrigada por isso. Mas como disse, vocês dois principalmente, não tem que ficar com raiva, isso não é bom. Já passou.

— Tá bom, mas eu contei que você ta namorando. Fiz mal? – perguntou Mateus voltando a tomar leite.

— Não. Não fez. É sinal de que cada uma está seguindo a vida. Agora vamos mudar de assunto. Amanhã nós vamos fazer turismo! Tem cada lugar lindo nessa cidade para conhecermos!

— Por que não vamos hoje? Vamos aproveitar! – falou Felipe empolgado.

— Vocês precisam descansar, dormir direito depois da viagem. Amanhã aproveitaremos o dia todo!

— Ah....

— Daqui a pouco eu vou na casa da minha sócia. Quer ir comigo? – perguntou Marcela voltando a conversa.

— Posso?

— Claro! Vamos os dois.

— Fechado!

Angélica trocou um olhar cúmplice com Marcela e terminaram a refeição. Assim que a morena saiu para o quarto, foi atrás dela. Tinha certeza que ela tinha ficado incomodada com a conversa levantada pelo irmão mais novo.

— Linda, me desculpe pelo Mateus...

— Não tem que se desculpar, amor. Eu sabia que em algum momento o assunto da sua ex ia vim à tona. Só não esperava que fosse logo no nosso primeiro café, juntos.

— Ele tem onze anos. Não tem muita noção...

— Eu sei. Mas eu gostei da sua resposta e é isso que importa. Principalmente o fato de não ter se chateado. Me diz bastante coisa.

— E o que diz pra você? – perguntou Angélica abraçando-a.

— Que você está superando.

— E sabe o porquê disso?

— Hummm deixa eu adivinhar – riu Marcela beijando-a.

— Usando suas palavras, eu tenho tudo o que quero com você. Quero

mais, mas tudo no seu devido tempo.

— Uau! Um sino tocou lá no futuro.

— Vários sinos – concordou Angélica voltando a beijá-la.

Marcela abraçou-a apertado. Tinha dito a verdade a Angélica: tinha ficado receosa de que ela inventasse de perguntar sobre a ex ou quando o assunto viesse, de que teria um replay do que viveram depois da casa dos seus pais. O fato de ela reagir de forma tão madura com a conversa lhe deu mais certeza de que todos os sentimentos da morena em seus braços estavam sendo direcionados a ela.

Capítulo 28

Se Angélica pudesse classificar os melhores dias da sua vida, com toda a certeza, os dias que estava passando com os pais em São Paulo ficaria no topo da sua lista. Durante os primeiros dias tinha ficado receosa com demonstrações de carinho com Marcela, mas depois que o pai tinha pegado as duas aos beijos mais de três vezes, resolveu relaxar. Fizeram turismo na primeira semana quase todos os dias e pode perceber o quanto os pais haviam gostado de Marcela, principalmente seus irmãos que sempre estavam juntos com a morena aonde quer que ela fosse.

No Natal, os pais de Marcela foram passar a data com a filha. Por um momento, Angélica tinha ficado preocupada que a diferença de nível social fosse criar algum tipo de situação, mas a cumplicidade imediata nascida entre Paulo e seu pai, fez com que seus receios sumissem. Lucia também havia se entendido muito bem com sua mãe, sem brechas para qualquer desentendimento.

Outra grande saia justa foi trazida pelo seu pai depois do almoço de Natal. Estavam todos reunidos na sala conversando, enquanto tomavam sorvete, quando o pai puxou o assunto.

— Seu Paulo, eu já percebi que o senhor é um homem direito, sua esposa também, mas a menina Marcela está em dívida comigo.

— É mesmo, Vitório? E qual é?

— Tá namorando com minha filha sem pedir permissão.

Marcela deu um discreto riso ao passo que Angélica quase se engasgou com o sorvete.

— Pai, por Deus, não faz isso!

— Ah, mas ele está certo, Angélica – concordou Lúcia. – Não se pode tirar a filha de alguém de dentro de casa sem permissão.

— Isso é muito anos vinte!

— Mas eu quero ver ela de joelhos! – exclamou Paulo com um riso. – Filho meu não faz essas coisas. Quer dizer, filha, mas a sua também tem que

pedir pra mim.

— Mas a sua que é o homem da relação.

— Não existe homem da relação, pai – corrigiu Angélica com um sorriso.

Marcela que até então tinha se limitado a rir apenas observando, resolveu se manifestar.

— Eu falei para o senhor que ia pedir de forma oficial e vou. Vem aqui pai – chamou depois de se levantar e ir em direção à porta.

— Olha, o negócio é sério – riu Amália ao ver Marcela ensaiando a fala.

— Claro que é – confirmou a morena. – Vamos lá. Você abre a porta, amor.

— Tudo bem – concordou Angélica se levantando.

— Espera – pediu Marcela indo até a cozinha. Olhou ao redor por meio minuto antes de abrir a geladeira e pegar um pé de alface. – Agora sim.

Angélica riu com os outros enquanto a namorada ia para fora do apartamento com o pai. Assim que escutou a batida foi abrir, tentando segurar o riso.

— Oi Angel, seu pai está em casa?

— Está na sala te esperando.

— Eu trouxe essas rosas para você e meu pai junto comigo para pedir sua mão oficialmente.

— São lindas rosas. Entrem, eles estão na sala. Vou colocar a rosa na geladeira para comermos no jantar.

— Você é muito bonita Angélica. Faço gosto desse namoro – falou Paulo tirando o chapéu imaginário para um aceno com a cabeça.

— Obrigada, senhor – agradeceu Angélica pegando a barra do vestido imaginário para uma reverência.

— Ah, menina Marcela! Senta aqui e me conta quais são suas intenções com minha filha. Bom que já trouxe seu pai também.

— Vocês são tão bestas – riu Lúcia.

— Não interrompe meu desempenho, mãe – pediu Marcela. – Eu vim aqui junto com meu pai para pedir sua autorização para namorar sua filha. Já ficamos tem sete meses, coloquei uma aliança no dedo dela há quarenta e cinco dias, mas quero sua aprovação.

— O que acha disso, seu Paulo?

— Faço gosto. É uma boa menina, de família. Eu aprovo.

— E quais são suas intenções com ela?

— Passar o resto da minha vida com ela. Fazer de tudo para deixa-la bem

e confortável. Quando não puder fazê-la feliz, quero estar ao lado dela ajudando-a a segurar o momento difícil, mas com a consciência tranquila de que não fui eu quem causou suas lágrimas.

— O negócio ficou sério – observou Vitório.

— É sério, seu Vitório – respondeu Marcela com um sorriso. – Eu amo Angélica e quero ficar com ela enquanto ela me quiser – finalizou olhando para a morena ao seu lado.

— Vai ter que me aguentar um bom tempo – respondeu Angélica. – Uns cinquenta anos para começar.

— Hum... Acho que com oitenta anos já não consigo dar conta mais. Já dá trabalho hoje...

— Marcela! – exclamou Angélica ao mesmo tempo em que dava um leve tapa na sua perna. – E então, pai?

— Como disse seu pai, menina Marcela, faço gosto também.

— Opa! E onde está o champanhe para a comemoração? – Perguntou Lúcia com um sorriso. – Espero que agora você sossegue, Marcela!

— Já sosseguei. Nove meses atrás.

— Então vai pegar o champanhe.

Lúcia ficou olhando a filha que ia até a cozinha com Angélica. As duas ficaram algum tempo conversando ao pé do ouvido com sorrisinhos bobos nos lábios. Se virou para Amália ao seu lado.

— Quando Marcela nos contou que gostava de meninas foi um baque muito grande. Eu não aceitei de imediato.

— A gente já sabia, não é? Nós é que fechamos os olhos – falou Paulo.

— Já, mas não queríamos ver. Desde pequena ela sempre preferiu as coisas de garotos, roupas de meninos. Quando colocava um vestido nela, só faltava rasga-lo. Eu e Paulo fechamos os olhos durante a infância e adolescência dela. Com dezessete anos ela nunca tinha falado de meninos e menos apresentado algum garoto para nós. Foi quando ela nos apresentou Kathy, acho que já conhecem ela, a sócia dela na construtora. Quando eu vi Kathy a primeira vez, eu gelei. Achei que elas eram namoradas. Kathy sempre teve um estilo mais masculino, Marcela ainda tinha cabelo grande, coisas que hoje vejo que são bobas, mas que naquela época me travaram. Cinco meses depois ela contou, sem nenhum preambulo, que gostava de garotas durante um jantar. Fiquei um mês sem falar com ela. Eu tenho uma amiga que é psicóloga e quando falei pra ela que ia mandar Marcela para consultas, ela me disse que primeiro ia me tratar e, depois se visse algo de

errado com Marcela, ia conversar com ela. Isadora veio falar comigo. Isadora é madrastra da Kathy. Ela também é psicóloga, tem uma visão de vida e esclarecimento impressionantes. Foi quando ela me disse a coisa mais simples e óbvia de todas: “Marcela é sua única filha. Você prefere perde-la a respeitá-la?” Depois disso foi um processo longo de conversas para entender a coisa mais simples da vida: Somos educados a respeitar qualquer um na rua, por que não respeitar minha própria filha?

— Não é fácil para os pais também, né dona Lucia. A gente cria uma ideia de vida para os nossos filhos, mas eles nunca vão seguir porque eles não são iguais a gente. Eu lembro que quando a Angélica me contou, ela contou primeiro pra mim, depois pro pai, ela disse apenas que estava namorando. Têm três anos disso. Achei que era um rapazinho, mas aí ela falou que era com a Andreia. Meu único medo foi de alguém fazer mal pra ela na rua, tratar ela mal, mas nunca duvidei do meu amor por ela. É minha filha, independente de qual seja suas escolhas, eu vou amá-la do mesmo jeito.

— Eu precisei de alguns meses de consultas para enxergar isso. Seu esclarecimento foi bem maior que o meu, mas enxerguei. A única coisa que falo pra Marcela que não faço por ela, é ir visitá-la na cadeia por algo de errado que tenha feito. Isso ela já sabe.

— Não vou ser presa, mãe – se intrometeu Marcela se juntando a família novamente. – Tenho pavor de me imaginar atrás das grades.

— Bom, já que ninguém vai cometer nenhum crime, vamos brindar – falou Paulo pegando a taça que Angélica estendia na sua direção. – Bem-vinda à família Angélica.

— Bem-vinda à família, Marcela – completou Vitório.

Angélica um olhar cúmplice com Marcela antes que ela lhe desse um beijo no pescoço. Ver ambas as famílias reunidas entre risos era uma clara afirmação do que seu coração já sentia.

Os pais de Marcela foram embora no dia seguinte. Antes de irem já deixaram marcado de levar os pais de Angélica para Piracicaba antes de voltarem para Goiás. No dia vinte e sete foram para Ubatuba com Kathy e Nanda onde passaram a melhor virada de ano da sua vida. À beira do mar, fez uma prece, de que fosse capaz de amar Marcela o tanto que ela lhe amava.

Os dias seguintes foram repletos de paz e diversão. Levaram os irmãos no Hopi Hari e, depois, no Wet’n wild. Foi com a mãe comprar roupas e uma dezena de outras coisas que ela escolheu no Bom retiro e, no último final de semana em São Paulo, foram para Piracicaba, na casa dos pais de Marcela

com Kathy e Nanda. Pela primeira vez, Angélica tinha passado as melhores férias que poderia imaginar. Tinha certeza que tinha o mesmo significado para a família. Foi com Marcela e Kathy levar os pais na rodoviária e, com o coração apertado, se despediu prometendo que eles voltariam para o seu aniversário.

— Nossa, parece que a casa ficou tão vazia – observou Marcela depois de dispensar a chave do carro na mesa.

— Vou sentir falta deles aqui. Foram dias incríveis!

— Foi sim. Seus pais são ótimos, os meninos não ficam atrás.

— Em breve nos veremos outra vez – falou Angélica indo abraça-la. – Eu tenho uma coisa para te contar. Me inscrevi no vestibular ontem. A prova é daqui quinze dias.

— Que coisa boa, amor! – exclamou Marcela feliz. – Pedagogia mesmo?

— Não. Jornalismo.

— Uau! Uma jornalista! Acho que nunca dormi com uma.

— Não que você saiba, não é? – respondeu Angélica dando uma beliscada na sua cintura. – Vamos ver se eu passo na prova.

— Passa sim. Você é inteligente, aplicada. Vai se sair muito bem.

— Veremos. Me ajuda com o estudo em matemática? Sou péssima com números.

— Claro, amor. Só que quero um pagamento antes.

— Hum, e qual é?

— Já faz tempo que não te escuto gemer despidoradamente de prazer.

— Uau! Isso eu pago com juros, correção monetária e qualquer índice que quiser. Só tem que me fazer gozar gostoso.

— Vou me esforçar ao máximo.

Angélica sorriu de encontro aos lábios de Marcela. Sem dúvida seria um próspero ano novo.

Nos dias seguintes se dedicaram ao estudo de matemática, matéria onde Angélica tinha maior dificuldade. No dia da prova, Marcela levou-a até a faculdade e ficou esperando-a em um barzinho próximo. Dois dias depois recebeu a confirmação da sua aprovação no curso. Não havia passado entre os primeiros, mas havia passado e era isso que contava. Naquela mesma semana fez a matrícula e ficou na expectativa do início do curso, dali há duas semanas.

— Você vai perder alguns dias de aulas – falou Marcela fazendo carinho no rosto de Angélica. Estavam acomodadas no sofá curtindo um chuvoso

domingo de Fevereiro.

— Vou, mas as aulas começam mesmo depois do Carnaval. Vou perder uma semana antes e uma semana depois, mas eu pego a matéria com alguém na sala.

— É importante que faça isso. Essa semana eu vou transferir um dinheiro para a sua conta.

— Por que?

— Tem que apresentar renda para se manter nos países que vamos. O cartão do seguro viagem não chegou ainda, não é?

— Ainda não.

— Tem que ligar no banco e pedir a liberação de uso do seu cartão no exterior. Se tiver um bloqueio lá complica um pouco.

— Amanhã eu já ligo. Vão pedir os países que vamos?

— Depende do atendente que pegar. Alguns pedem para deixar registrado, outros não. Uma vez liguei e não pediram. Outra vez pediram, mas se pedirem, você informa. Essa semana vamos comprar uns casacos de frio para os primeiros dias lá. Nanda quer ir em Toronto comprar roupas.

— Toronto?

— Temos uma conexão em Toronto. Dezesete horas morgando sem fazer absolutamente nada. Talvez seja até uma boa ideia. Contando a passagem na imigração, transporte até a cidade e volta para embarque, ainda temos doze horas livres.

— Tudo isso é tão surreal ainda – riu Angélica. – Onde que eu poderia imaginar que daria uma passadinha em Toronto para comprar roupas a caminho da Islândia? Jamais na minha vida!

— Só um minuto, linda – pediu Marcela ao pegar o celular. Atendeu em inglês, ao reconhecer o número de Charlotte. – Oi Charlotte... Estou bem e você. As crianças?... Bom. Sim... Sério?... Isso é sério?... Uau! É claro! Eu falo com ela... Tudo bem... Vamos na próxima semana e voltamos dia 20 de Março... Tudo bem. Muito obrigada!

— O que foi?

— Lembra da Savannah, amiga da Charlotte?

— Sim, a que leu o meu texto.

— Isso. Ela quer conversar com você. Charlotte disse que ela quer essa conversa pessoalmente, quer te conhecer.

Angélica se sentou lentamente no sofá enquanto encarava Marcela.

— O que isso quer dizer?

— Ela apresentou seu livro para duas editoras americanas e ambas ficaram interessadas em publicar seu texto.

— Marcela isso é... Sejam realistas. É muito complicado publicar um livro no Brasil. Por que uma editora americana se interessaria em publicar um livro meu?

— Porque é bom. Aborda um tema interessante. É claro que estamos falando de um mercado extremamente competitivo e você é uma completa anônima, mas trabalhando isso, divulgação, eventos, internet, você cria um nome. Dependendo da conversa que tiver com ela, terá uma assessoria constante de uma profissional.

— Ok, me diga a verdade: vocês estão pagando por essa publicação? Você ou Tracy?

— Não. E não é uma publicação ainda. Ela quer te conhecer, conversar com você. Isso é seu talento falando por você. A única coisa que vou pagar é nossa viagem para Nova Iorque depois que voltarmos da Europa. Isso depois que você tiver pensado no assunto de forma clara e objetiva, se estiver realmente disposta a levar a carreira como escritora a sério.

— Marcela isso é... Uau!

— Eu no seu lugar, não pensaria duas vezes sobre esse encontro, mas isso tem que ser uma decisão sua. Se formos para Nova Iorque encontra-la, será uma viagem à trabalho, a primeira que pode se transformar em várias. Ou que pode dar em nada também, mas vale a pena arriscar.

— E se não der em nada?

— Você terá conhecido o Central Park, a Times Square, a Estátua da Liberdade. Pensa com carinho essa noite e, amanhã, eu ligo para Charlotte informando se vamos ou não. Se topar, daremos entrada no seu visto amanhã mesmo. Tenho que renovar o meu também.

— E se eu não conseguir o visto? É complicado entrar nos Estados Unidos.

— Você consegue, amor. Primeiro porque você vai à trabalho, Savannah envia um documento vinculando sua estadia no país à trabalho, segundo porque já possui vínculo trabalhista aqui comigo, terceiro porque já terá seu passaporte carimbado pela união europeia, quarto porque já vai com a passagem de volta. Não crie empecilhos.

— Isso tudo é muito surreal, linda! Eu não... Nossa! Eu nunca nem tinha pensado em sair de Goiás e agora tudo isso acontecendo de forma tão rápida! Eu vou para a Europa e depois para os Estados Unidos, entende como isso

soa louco na minha cabeça?

— E eu estou do seu lado para te apoiar sempre. Eu sempre estarei contigo para te orientar no que for necessário, te guiar, te trazer para o chão, caso resolva ir para as nuvens de forma demasiada. Eu confio tanto em você, no seu talento, nas coisas incríveis que pode fazer.

— Eu posso te devolver o dinheiro da passagem depois? Digo, não de imediato, mas deixa eu ficar com essa dívida com você?

— Pode. Se tudo der certo lá, você vai ganhar muito mais dinheiro que eu. Quem vai passar a bancar nossas viagens será você e não eu mais.

— Desculpa, mas eu tenho que falar isso. Caralho! Que loucura!

— Você tem que se concentrar na faculdade, vai se ausentar bastante nas primeiras aulas, mas depois quero foco total nos estudos, ok?

— É claro! Gente... Eu to besta – riu Angélica. – Linda eu... Eu não estou acreditando! Eu estou nervosa! Já imaginou? Um livro meu impresso? Pessoas comprando ele para ler? É tão... Uau!

— Surreal – completou Marcela. – Pode se tornar uma realidade. Eu vou investir o quanto for necessário para que se torne uma realidade, apesar de acreditar que o seu texto se venda sozinho. Tenho apenas duas coisas importantes.

— Quais?

— Quero estar ao seu lado a cada lançamento que fizer, e não quero que me troque por alguma fã.

— Não te troco por ninguém nesse mundo! Não consigo nem imaginar isso.

— Nem mesmo se Andreia entrar por aquela porta agora e pedir para voltar com você?

— Nem mesmo ela. Eu a amei profundamente, mas ficou no passado. Você é meu presente e quero que seja meu futuro também.

— Estamos fazendo planos para o futuro?

— Estou imaginando o lançamento do meu livro na BookFair em Frankfurt. Quando isso acontecer, você estará do meu lado.

— Ok, começou a falar grego – riu Marcela. – O que é a Bookfair de Frankfurt?

— O maior encontro editorial do mundo.

— Já andou pesquisando, mocinha?

— Já. Tracy me disse, assim que começamos com as aulas, que eu tinha que sonhar grande. Quando me mostrou o livro, me permiti sonhar, de forma

utópica na ocasião, mas esse convite para uma conversa com Savannah soa como uma luzinha no fim do túnel. Por que não? Se eu tiver um livro aprovado no mercado americano, o que me impede de chegar a Frankfurt?

— Absolutamente nada. Você pode chegar aonde quiser ir. Tudo depende da sua força de vontade.

— Eu vou chegar. Vou te dar um motivo real para que tenha orgulho de mim. Tenho certeza que tudo vai dar certo.

— Isso! Coragem, determinação e ação. É isso que diferencia as pessoas.

— Eu vou ser grande, Marcela, seja na literatura ou seja no jornalismo. Tracy me perguntou onde eu quero estar daqui dez anos. Minha resposta mais objetiva hoje: eu terei um nome de respeito, reconhecido pelo meu trabalho, mas acima de tudo isso, quero te levar para algum lugar paradisíaco para comemorar nosso aniversário de casamento – falou ao mesmo tempo que verbalizava sua segunda epifania.

— Wow! Adorei tudo! Principalmente a última parte! Prepare seu bolso para me levar para quinze dias na Tailândia.

— Eu não esperava falar isso por tão cedo, mas não posso negar o que sinto – falou Angélica pegando suas mãos. – Eu te amo e eu vou fazer o impossível para fazer jus à sua fé inabalável por mim.

— Eu também te amo, linda! Independente do que resultar a conversa com Savannah, você vai conseguir tudo o que quiser. Eu acredito em você.

Angélica beijou Marcela demoradamente sentindo-se reconfortada pelo amor que sentia e, pela primeira vez, verbalizado. O passado parecia um borrão distante. O que viria a seguir era o seu futuro e ele parecia mais brilhante e alcançável do que nunca.

Capítulo 29

Angélica desceu no aeroporto e ajeitou a mochila nas costas enquanto Marcela ia com o motorista do UBER pegar a mala. Se lembrava bem de quando tinha estado ali a última vez, quando chegara de Goiás completamente assustada e com medo. Parecia que fora há anos, e não apenas meses. Muita coisa havia mudado naqueles dez meses que se passara, mas a principal mudança tinha sido ela mesma: se lembraria sempre da garota tímida que tinha chegado naquela tarde de sábado, mas jamais tornaria a ser ela novamente.

Marcela pegou sua mão e juntas entraram no imenso saguão. Kathy já havia mandado mensagem de que estavam na frente do balcão da companhia aérea esperando-as para fazer o despacho da mala. Abriu um sorriso quando viu as amigas abraçadas, ambas também com mochilas, travesseiros de pescoço e somente uma mala.

— Pronta a viagem? – perguntou Nanda depois de cumprimentá-la.

— Estou nervosa – admitiu Angélica. – Acho que só vou acreditar mesmo quando desembarcar em Reykjavík.

— Nossa viagem é longa. Só a conexão em Toronto já quebra as pernas – falou Kathy com um suspiro.

— É muito tempo mesmo, mas vamos fazer essas horas passar rapidinho em um tour por lá.

— Não se empolga, linda. Nós vamos comprar as roupas de frio e, duvido, que gaste menos de duas horas escolhendo.

— Sem contar que vamos chegar lá às seis da manhã. Vamos tomar um bom café da manhã, comprar as coisas, almoçar – completou Marcela.

— Amores, se situem comigo: vamos chegar em Toronto às seis da manhã e o outro voo é só às onze da noite. Dá pra fazer tudo isso e sobra tempo.

— Só que tem que passar pela imigração, não é? – perguntou Angélica. – Mah disse que demora.

— Mah? – repetiu Kathy arqueando uma sobrancelha. – Ok. Demora realmente. Temos que fazer isso com umas duas horas de antecedência.

— Dá tempo de qualquer jeito. Confiem em mim.

— Já começou a despachar as malas. Se quiserem fazer qualquer coisa antes de entrarmos para a área de embarque, o momento é agora – falou Kathy atenta ao balcão. – Vamos, Mah? Temos que despachar as malas?

— Vai se foder, Kathy – respondeu Marcela com um riso. – Só a Angel pode me chamar assim.

— Vamos no banheiro Angel – chamou Nanda. – Vocês querem alguma coisa?

— Um chocolate quente – pediu Kathy.

— Eu quero um cappuccino. Se passarmos primeiro na fila, vamos espera-las no portão de embarque.

— Tudo bem. Já voltamos linda – respondeu Angélica para depois dar um beijo nos seus lábios.

Angélica seguiu com Nanda para o banheiro próximo e, depois, um café. Quinze minutos depois estavam de volta ao lugar de onde haviam saído. Marcela e Kathy estavam terminando o despacho das malas e se juntaram a elas seguindo para o portão de embarque. Angélica pegou o passaporte e a passagem sem conseguir conter o sorriso fixado no rosto. Assim que entraram na sala de espera, foram para a pequena fila que já se formava para entrar na aeronave. Atravessou o finger com o coração começando a acelerar, já dentro da aeronave, seguiu na frente olhando a numeração do assento e em poucos minutos já estava acomodada na poltrona. O coração parecia uma bateria com a ideia de, novamente, viajar de avião, principalmente em uma viagem tão longa. Marcela ao seu lado percebeu sua tensão.

— Está nervosa?

— Segunda vez que entro em um avião. Estou apavorada – assumiu com um discreto riso.

— Calma amor, eu estou aqui do seu lado e vou segurar sua mão durante toda a decolagem, a viagem se quiser, o pouso.

— Obrigada linda – agradeceu Angélica ao dar um beijo nos seus lábios. – Vem cá, vamos tirar uma foto para minha mãe.

Angélica tirou a foto e enviou em seguida para, depois, Marcela repetir a mesma foto no seu celular enviando para os pais. Meia hora depois o embarque foi encerrado e prenderam o cinto de segurança enquanto o avião começava a taxiar a pista. Como prometido, Marcela segurou sua mão

durante toda a decolagem. Olhou pela janela enxergando São Paulo e suas luzes noturnas se diminuírem conforme a altitude. Se virou para a morena ao seu lado e a beijou com carinho. Assim que o avião ganhou altitude, Marcela se acomodou contra o seu corpo e escolheram um filme na tela posicionada no encosto do banco da frente. Encostou sua cabeça contra a da morena e durante um longo tempo ficaram namorando, antes que fosse vencida pelo sono.

Angélica acordou com a movimentação de Marcela ao seu lado. Ainda estavam voando e, depois de poucas palavras, foram para o banheiro. De volta a poltrona, identificou que já era quatro e meia da manhã, mas não fazia ideia se já estava adequado ao fuso horário.

— Onde será que estamos agora? – perguntou baixinho ao mesmo tempo que olhava pela janela e enxergava apenas as estrelas.

— Sobre o Atlântico. Logo chegaremos a costa americana. Só temos mais uma hora de voo.

— Essa hora aqui está certa?

— Sim. Estamos uma a menos que o Brasil. Lá agora é cinco e meia da manhã. Não vejo a hora de aterrissar. Minhas pernas estão travadas.

— Daqui a pouco acaba a primeira parte. Ainda bem que o outro voo é mais rápido.

— Ainda bem – concordou Marcela ajeitando o travesseiro para voltar a se acomodar contra o corpo de Angélica.

No restante do trajeto ficaram acordadas, trocando carinhos enquanto Marcela falava sobre sua expectativa da viagem. Ficou animada quando a morena informou que haviam entrado no espaço aéreo americano. Vinte minutos depois avião começou o pouso e Angélica sorriu ao ver os matizes do amanhecer tomarem conta da visão que tinha da janela. Em pouco tempo já estavam no solo.

Angélica saiu olhando tudo ao redor, encantada por estar em um novo país pela primeira vez. Marcela também ia analisando tudo com atenção, pois também era a primeira vez que passava pelo Canadá. Saíram em direção a alfandega e, depois, a imigração. Angélica, que até então achava que já conseguiria se comunicar em inglês, descobriu que não conseguia acompanhar o ritmo com que as pessoas falavam. Marcela, Nanda e Kathy ajudaram-na com as traduções e, duas horas e meia depois saíram do aeroporto. Por indicação de Kathy e Nanda, que já tinham estado no país anteriormente, seguiram para o Eaton Centre. O shopping ainda não tinha

aberto e escolheram um café próximo.

— Estamos fazendo tudo errado – falou Marcela com um suspiro ao se encostar na cadeira.

— Por que? – perguntou Kathy ao lambear um dedo cheio de molho.

— Se formos comprar agora de manhã, vamos passar o resto da tarde puxando mala pela cidade. Já basta as mochilas, não?

— Ah, alguém me deu ouvidos! Estou falando isso desde o Brasil – falou Nanda abrindo os braços. – Tem que comprar a tarde e já vamos para o aeroporto depois.

— É. Se formos andar por aqui não dá pra ser com outra mala a tira colo – concordou Angélica.

— Meu único receio é de perdermos a hora de embarque. Se perder a conexão é uma dor de cabeça para pegar outro voo. Sem contar que as malas já terão ido.

— Amor, não vamos perder. Veja, agora são nove e meia da manhã. Vamos fazer um tour curto, só pras meninas conhecerem Toronto e, depois, almoçamos no próprio Eaton. Depois do almoço, nós vamos às compras, saímos daqui umas seis da tarde, isso contando que vou demorar muito em decidir um casaco, e se pegarmos muito trânsito, oito horas da noite estaremos no aeroporto de volta. São três horas para passar por toda a burocracia. Impossível que não dê tempo.

— Dá tempo sim – concordou Marcela. – Kathy, minha loira, não precisamos das exatidões dos números agora. Estamos de férias!

— Ok. E aonde iremos?

— Qualquer lugar, pra mim, é novidade – riu Angélica.

— Pra mim também. Vocês já estiveram aqui antes. O que indicam?

— Vamos na Casa Loma? Pegamos o metrô aqui no Quenn e descemos na Saint Clair. É Saint Clair que fica perto lá? – perguntou Nanda mais para si que para a esposa.

— Melhor Dupont. Daquela vez andamos uns dez minutos até chegar lá.

— Ok, então vamos terminar de comer para irmos!

Quinze minutos depois o pequeno grupo saiu do café indo para a estação de metrô. Não demorou para que já estivessem caminhando para o lugar indicado por Nanda. Angélica ficou embasbacada assim que viu que a casa era, na verdade, um castelo.

— Uau! Que lindo! – exclamou ainda do lado de fora.

— Muito lindo mesmo – concordou Marcela. – Olha essa construção!

Magnifica!

— Vamos ver por dentro – falou Nanda com um sorriso ao entregar os ticket's. Vocês vão ficar mais bobas ainda!

E Angélica ficou. Desde as suítes até o estábulo, os túneis, a torre, nada passou despercebido aos seus olhos. A casa havia sido construída no início do século XX por Sir Henry Pellatt, remontando um castelo medieval. Marcela ficou mais interessada na história de E. J. Lennox, arquiteto responsável pela robusta e milionária obra. Registraram tudo em fotos e, somente quando o relógio marcou duas da tarde é que voltaram para o Eaton Centre para o almoço e depois as compras. Sete e meia da noite já estavam de volta ao aeroporto. Despacharam a segunda mala e fizeram todo o tramite legal. Às dez da noite estavam sentadas esperando o horário do voo de conexão até Reykjavík.

Angélica entrou no avião e, diferente de São Paulo, estava mais relaxada. Aquele trecho também era bem mais curto, apenas cinco horas de viagem, diferente das quase dez para chegar até Toronto. Vinte minutos depois o avião taxiava a pista para alçar voo.

A chegada em Reykjavík trouxe uma nova experiência: assim que saíram do avião, já sentiu os ossos congelar por causa do intenso frio. Tinham pegado oito graus em Toronto, mas não fora o suficiente para prepara-la para os quatro graus negativos da cidade. Abraçou Marcela para tentar se esquentar no seu corpo enquanto o ônibus levava os passageiros da pista até o terminal onde a calefação controlou seu corpo todo trêmulo. Uma hora depois já saíram do aeroporto em direção a cidade. Fizeram o check-in no hotel e subiram para o quarto reservado a elas. Kathy e Nanda ficariam em outro ao lado.

— Nossa! Não acredito que vou poder tomar um banho! – exclamou feliz depois de tirar o pesado casaco.

— Vamos tomar um banho demorado, depois vamos sair para tomar café e começar a explorar a cidade – informou Marcela. – Se prepare para os dias mais incríveis e frios da sua vida!

— Vou me preparar! Pra quem sempre viveu no interior de Goiás, com um clima médio de trinta graus, isso aqui é a Antártica.

— Nós vamos encarar frios maiores. Quando formos para o norte, aí sim vamos sentir um frio absurdo!

— O que tem no norte para compensar tanto frio?

— Além das belas paisagens? A Aurora Boreal. Eu espero que aconteça

quando formos. Não é sempre, mas espero que tenhamos sorte.

— Uau! Vamos pegar um frio de quantos graus negativos?

— Uns dez a quinze.

— Meu Deus! É muito frio!

— É, mas vale a pena – respondeu Marcela abraçando-a. – Mas a única coisa que quero pensar agora é no banho demorado que estamos precisando, afinal, foram mais de trinta horas de viagem.

— Mas valeu essas horas todas. Eu estou na Islândia! Tem noção do que é isso?! – exclamou Angélica feliz.

— É a nossa primeira viagem internacional juntas. Quero que seja inesquecível – respondeu Marcela beijando-a. – Agora vamos para aquele banho quente e demorado.

Duas horas depois saíram do quarto e desceram para a recepção do hotel. Kathy e Nanda ainda demoraram meia hora para aparecerem. Seguiram para o Café Loki e escolheram uma mesa à janela admirando Hallgrímskirkja. Riram enquanto tentavam pronunciar o nome, chegando a conclusão de que quase tudo ali era praticamente impronunciável. Depois do café, seguiram para a catedral e depois caminharam até Solfar Sun antes de finalizarem o tour no Harpa. Angélica foi o caminho todo com os olhos brilhando com cada novidade que via, as construções, as pessoas, o Atlântico norte. O sorriso estava paralisado no rosto enquanto admirava as montanhas de Engeyjamf cobertas de neve à distância. Jamais poderia imaginar que um dia estaria em um lugar como aquele, vendo tantas coisas incríveis, com uma mulher tão incrível como Marcela.

Nos dois dias seguintes alugaram um carro para facilitar a locomoção aos lugares que iam. Visitaram a Blue Lagoon e depois The Golden Circle. Angélica ficou abismada com gêiseres: uma coisa fora estudá-los na escola, mas ver um em atividade foi uma experiência única. Na terceira noite, depois do dia em Kópavogur, se juntaram a um grupo de turismo e partiram direção ao norte. As temperaturas não estavam tão agressivas quanto Marcela havia informado, mas oito graus negativos, fez com que Angélica novamente imaginasse que estava na Antártica. A busca pela Aurora Boreal chegou ao fim no meio do caminho, um espetáculo que não sabia explicar em palavras: era único, mágico. Ficou admirando o esplendor do céu com a nítida sensação de estar em um sonho. Tinha certeza que jamais se esqueceria daquela emoção impossível de ser traduzida em palavras.

Nos dias seguintes entregaram o quarto de hotel e viajaram por toda a

costa sul até Höfn. A impressão que tinham, é que estavam fazendo um tour por algum planeta próximo. A terra inóspita, desabitada e paisagens de filmes medievais completaram a constante sensação de estar em um sonho. Visitaram vulcões, praias de areia preta e desolados desertos. Nenhum lugar no mundo poderia se comparar àquilo. Angélica tinha convicção disso.

Voltaram a Reykjavík um dia antes de irem para Londres. Angélica estava triste por deixar um país tão lindo como aquele, mas havia outros sete esperando-a.

Em Londres, a primeira parada foi para despachar uma mala com pesados casacos usados na Islândia para o Brasil. Reduziram tudo o que puderam de bagagens para não terem muitos transtornos. Pegaram um hostel apenas para tomar banho e descansar por algumas horas. Exploraram tudo o que a cidade tinha a oferecer. Ali, Nanda, Kathy e Marcela já estavam mais familiarizadas com o ambiente e guiaram-na para os principais pontos turísticos. A primeira parada foi no palácio de Westminster e, depois, Buckingham. Andaram na London Eye e passaram a noite em Pubs. No dia seguinte, foram até a Abbey road por insistência de Kathy, para que tirassem uma foto andando pela faixa de pedestres. Angélica não entendeu muito bem o significado daquela foto, mas Nanda explicou que se tratava do mesmo lugar onde os Beatles haviam feito uma foto para a capa de um álbum. A morena apenas deu ombros: não via tanta importância assim, mas se era importante para a amiga, era isso que contava. Outra parada foi o museu de cera e, por último, a casa de Sherlock Holmes. Havia tirado mais fotos naqueles doze dias que se passaram que em toda a sua vida.

De Londres, seguiram de trem até Paris e Angélica não soube dizer qual foi o ponto mais alto da cidade no primeiro dia: se fora o Louvre ou a Torre Eiffel. Em comum acordo, decidiram esticar mais um dia em Paris para as visitas nos castelos próximos. Foram para Versailles, Clos Lucé e Amboise. De Paris partiram para Bruxelas e se embebedaram com a cerveja, considerada a melhor do mundo. Suprimiram Frankfurt da lista, indo direto para Praga. Durante os dois dias na cidade teve a nítida sensação de ser transportada à idade média. Em Viena ficaram dentro do Ringstrasse, saindo apenas para visitar o Palácio Schönbrunn. De lá fizeram uma parada não programada em Soelden para esquiar. Angélica ficou com medo de subir em um esqui, mas Marcela ficou ao seu lado, junto com o instrutor, transmitindo segurança. Depois de uma manhã inteira, conseguiu andar em uma pista para iniciantes. Nanda e Kathy haviam sumido, indo para a pista diamante.

Marcela, apesar de já dominar um pouco da técnica, ficou ao seu lado o tempo todo. Somente no fim do dia que ela se afastou por uma hora para ir para a pista com maior dificuldade.

Em Milão, ficaram apenas um dia e seguiram para Roma de trem. Era a primeira vez das quatro na cidade e seguiram à risca os destinos indicados aos turistas, desde o Coliseu, a praça São Pedro, Pantheon e Panteão de Agripa. A parada seguinte foi em Mônaco. Curtiram o dia passeando pela cidade-estado e curtiram a noite fervescente na Côte D'Azur. No dia seguinte, o passeio foi de iate pela costa e Angélica teve a oportunidade de mergulhar no Mediterrâneo. A noite pegaram um voo em direção à Madrid. Ficaram um dia explorando a cidade e no seguinte foram para Toledo. Com a recordação do imponente Alcazar de Toledo, a inesquecível viagem de vinte e sete dias chegou ao fim.

O grupo desembarcou em São Paulo pela manhã. No aeroporto se despediram de Kathy e Nanda, antes de pegarem um táxi de volta para o apartamento.

— Nossa! Em casa! – exclamou Marcela assim que abriu a porta do apartamento.

— Estou anestesiada ainda – falou Angélica ao dispensar a mochila no sofá. – Foi tudo tão incrível!

— Foi a melhor viagem que já fiz até hoje – confessou Marcela ao abraça-la. – Obrigada por ter tornado tudo tão especial.

— Você está brincando, não é? Eu que tenho que te agradecer! Aliás, acho que nunca vou conseguir te agradecer devidamente. Você não tem ideia do que essa viagem significou pra mim. Ter você comigo, me mostrando que o mundo é bem maior do que eu imaginava, isso não tem preço.

— Já te falei que sempre vou fazer o possível e o impossível para te ver feliz?

— Minha linda, meu amor, obrigada por tudo. Você é incrível. Eu te amo – falou Angélica para depois beijá-la. – Agora vamos tomar aquele banho demorado, comer e descansar. Eu estou exausta!

— Vamos. Eu vou pedir alguma comida pra gente. Acho que ainda sobrou alguns trocados na conta.

— Quanto gastou nessa viagem?

— Foi investimento com retorno garantido. Não se preocupe com isso. Daqui duas semanas volto a ter dinheiro de novo – riu.

— Não estou preocupada com isso. Aliás, de certa forma, vamos segurar

os gastos por um bom tempo.

— Nem tanto. Final da outra semana já entra o pagamento final da Tracy e início do próximo a primeira parte do City. Estou pensando em trocar o carro com ele.

— Você não precisa trocar de carro por agora. É importante que volte a guardar para ter um fundo emergencial.

—É. Sexta vamos para Nova Iorque. Não se esqueça.

— E vai dar? – perguntou Angélica preocupada. – Você gastou demais. Eu posso falar com Charlotte e fazer uma conferência por vídeo com Savannah se ela concordar.

— As passagens já estão compradas, amor. Se esqueceu?

— Não, mas vai gastar para ficar lá.

— Não se preocupe, ok? Se preocupe em arrumar as malas na quinta porque nosso voo sai na sexta de manhã. Vamos ficar na casa da Tracy lá. Nem vamos gastar com hotel.

— Tudo bem – concordou Angélica voltando a abraça-la. – Agora vamos para o nosso banho. Estou louca para tirar o resto de energia que ainda tem.

— E como pretende fazer isso? – perguntou Marcela com malícia.

— Te dando um banho bem gostoso, depois outro de língua. Você me faz gozar com um oral, depois me pega gostoso, de quatro. Quando estiver toda suada, me encaixo no seu colo cavalgando bem devagar... Faz tempo que não sinto você me comendo gostoso com a cinta.

— Uau, Angel! Quero te ouvir gemer alto enquanto se desmancha de prazer nos meus braços...

Angélica sorriu de encontro aos lábios de Marcela para beijá-la em seguida. Seguiram pelo corredor até o quarto enquanto falava obscenidades, aumentando o tesão de Marcela. De fato, era muito bom voltar para casa.

Capítulo 30

Angélica entrou na faculdade ainda perdida com o tamanho da instituição e a localização da sua sala. Olhou mais uma vez para o papel nas mãos e depois de cinco minutos localizou a porta no segundo andar. A aula já havia começado e bateu para entrar.

— Bom dia, professor. Me desculpe pelo atraso. Posso entrar?

— Claro – respondeu o homem de aproximadamente sessenta anos – Seu nome é...

— Angélica Soares.

— Ah, achamos que era uma desistência do curso. Perdeu três aulas minhas já.

— Eu não estava no país, mas vou recuperar a matéria que perdi.

— Ótimo. Sente-se.

Angélica assentiu com a cabeça e seguiu para uma cadeira vazia quase no fundo da sala. Se sentou e deixou a bolsa de lado para abrir o caderno e copiar as informações que estavam no quadro. Depois de um tempo se virou para a garota sentada ao seu lado.

— Oi – cumprimentou baixo. – Você pode me passar o que perdi da matéria?

— Claro – concordou a loira com um sorriso. – Aqui. Se prometer que não vai sair do país novamente até a aula de amanhã, eu deixo você levar para copiar em casa.

— Não vou – riu Angélica. – Obrigada. Meu nome é Angélica.

— Andreia, muito prazer.

Angélica deu um meio sorriso com o nome da colega de sala e se concentrou no que o professor falava. Depois de duas horas e meia, ele anunciou o intervalo de meia hora. Pegou a bolsa e saiu para o corredor indo direto para a lanchonete que tinha visto. Não demorou para deduzir que não daria tempo de comprar algo e comer com tranquilidade.

— As filas são imensas, não é? – falou Andreia parando ao seu lado.

— São. Achei que daria tempo de comer com calma, mas pelo visto não vai dar.

— Já está com o seu RE?

— Sim.

— Tem um boteco aqui na frente que tem uns lanches bons. Quer ir lá?

— Vamos. Aqui não vai dar tempo de comprar e comer.

— Lá é de boa. Podemos apenas pegar e comer aqui no pátio.

— Ok – concordou Angélica saindo ao lado da loira. Analisou-a discretamente, os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo, o alargador na orelha, uma camiseta mais ajustada no corpo exibindo uma imagem da Marvel, tênis esportivos nos pés. Uma típica bofinho.

— Você disse que estava fora do país para o professor. Onde esteve?

— Em uma Eurotrip.

— Uau! Sonho em fazer isso um dia.

— Foi maravilhoso! Um sonho realizado!

— Foi sozinha?

— Com minha namorada e um casal de amigas.

— Nunca erro – riu Andreia.

— No que? – perguntou Angélica com um sorriso.

— Em reconhecer uma sapa quando olho para uma.

— Seu radar é preciso – concordou.

— Faz tempo que estão juntas?

— Onze meses. Namoro oficial tem cinco.

— Ainda estão curtindo a fase de duas horas no telefone antes de dormir.

— Moramos juntas.

— Sapatão raiz ainda por cima! Conhece e já casa!

— É uma história complicada – riu Angélica. – E não somos casadas. Moramos juntas apenas.

— Tudo bem. Dê o nome que quiser. Vai pedir o quê?

— Um salgado e um suco. Deixa eu ver...

Angélica se concentrou em escolher e fazer o pedido para o atendente enquanto Andreia fazia o mesmo. Foram para o caixa e em pouco tempo caminhavam de volta ao prédio da faculdade.

— Já fizeram a distribuição de grupos na semana passada. Se quiser, pode se juntar a nós.

— Obrigada. Depois me passa no que estão trabalhando para me atualizar. Garanto que pego rápido.

— Ainda temos dez minutos para me matar de inveja. Por onde passaram na viagem?

Angélica riu e encarou os olhos verdes enquanto narrava sua inesquecível viagem com Marcela e as amigas. Voltaram para a sala e continuaram a conversa até a retomada da aula. Na saída, seguiram juntas até o portão e logo enxergou o carro da namorada.

Marcela ficou observando enquanto Angélica se despedia da garota com estilo bem masculino. Não precisava forçar a imaginação para saber que a nova amiga da namorada era lésbica também. Sentiu o corpo ficar tenso quando ela segurou a cabeça de Angélica e deu um beijo na sua bochecha para depois esticar o caderno na direção da morena. Ela apenas acenou e seguiu em direção ao carro.

— Oi amor – cumprimentou Angélica com um beijo em seus lábios, depois de entrar no carro. – Achei que estivesse na construtora.

— Deveria estar?

— Pelo que me disse sim. Não ia fazer a vistoria da nova obra?

— Quis te fazer uma surpresa – respondeu encarando-a. – Como foi a primeira aula?

— Foi boa. Já estavam me tratando como desistência, mas falei que vou recuperar a matéria.

— Muito bom. Esse caderno?

— É da Andreia. A menina que saiu comigo. Vou copiar a matéria que perdi hoje à noite.

— Bom que já está se entrosando.

— Ela é muito bacana! Já me incluiu no grupo de estudos e amanhã vai me passar algumas coisas do trabalho.

— Prestativa também.

— E você está com ciúmes – concluiu Angélica. – Para de besteira.

— Eu vi como ela te beijou, Angélica! Não precisa dar um beijo daquele jeito em uma colega de turma!

— Ela me deu um beijo no rosto...

— Enquanto segurava sua mandíbula e parte da nuca.

— É sério, Marcela? Vai fazer uma cena de ciúmes por causa de um beijo no rosto de uma pessoa que conheci hoje?

— Ela ficou afim de você. Posso apostar nisso.

— Mas eu não fiquei afim dela e, acho que é isso, que deveria contar, não é?

— Ficaram conversando somente na aula?

Angélica deu um discreto riso enquanto balançava a cabeça em sentido negativo. Apoiou o braço na janela antes de voltar a olhar para a namorada dominada pelo ciúme.

— Saímos para comer na hora do intervalo. Fomos naquele barzinho ali – respondeu ao apontar para o lugar.

— Eu vou te deixar no apartamento.

— É melhor.

Angélica seguiu o caminho até o apartamento em silêncio, enquanto Marcela fazia o mesmo do seu lado. Nunca antes tinha passado por uma situação de ciúmes como aquela e não sabia como lidar, mas uma coisa era certa: não havia dado motivos para que a namorada ficasse com aquela cara emburrada ao seu lado. Assim que o carro parou na frente do prédio, Marcela apenas destravou as portas sem fazer menção de descer também.

— Não vai almoçar comigo? – perguntou Angélica ao soltar o cinto de segurança.

— Estou sem fome – respondeu sem olhar para ela.

— Você está sendo injusta. Não te dei motivos para me tratar desse jeito.

— Eu estou chateada, Angélica. Não gostei daquela garota, não gostei do fato de ter saído com ela...

— Marcela, eu não saí com ela. Atravessamos a rua que tem na frente da faculdade até o barzinho para comprar um salgado e um suco, depois voltamos para a faculdade e, nesse meio tempo, o meu assunto com ela foi sobre o nosso namoro e a viagem que fizemos.

— Você falou sobre mim?

— Falei e ela insiste que não somos namoradas, mas sim, casadas. Sapatão raiz foi a expressão que ela usou – falou Angélica se inclinando no banco. – Meu amor, não faz isso. Eu jamais faria algo para te magoar. É com você que eu estou e é com você que eu quero ficar. Eu te amo, confia no que sinto por você.

— Eu confio em você Angel, o que não confio é naquela loira te despejando atenções.

— Ela não vai fazer nada a não ser que eu dê condições para que ela faça algo. Te garanto em cem por cento que isso não vai acontecer porque eu não preciso – insistiu Angélica ao fazer carinhos no seu rosto. – Usando suas palavras, eu tenho tudo o que quero com você. Não preciso de mais nada.

— Me desculpe, eu... Eu fico doente só de imaginar alguém te tocando

que não seja eu – admitiu Marcela puxando-a para um beijo. – Eu nunca senti esse tipo de ciúmes também. Eu sei que não é uma coisa boa, mas eu vou aprender a dominar, te prometo.

— Nosso primeiro desentendimento e é por um motivo bobo – riu Angélica. – Não combina com você ser insegura, senhora Brandão.

— Não sou insegura. Sou cuidadosa, é diferente.

— Sei – concordou Angélica. – Desce desse carro. Temos uma reconciliação a fazer.

Marcela abriu um sorriso ao mesmo tempo em que tirava o cinto de segurança. Subiu para o apartamento junto com Angélica, seguiram direto para o quarto e saiu de volta para o trabalho somente às duas da tarde. Não conseguia cogitar a ideia de perde-la, era algo completamente fora de questão.

No dia seguinte, Marcela novamente levou Angélica na faculdade e foi busca-la. Mais uma vez viu a namorada se despedindo da loira e uma outra garota morena junto a elas. Da mesma forma como o dia anterior, a loira deu um beijo em Angélica segurando seu rosto. Fez o mesmo com a morena antes de se afastar. Devia ser somente o jeito com que ela cumprimentava as pessoas. Pelo menos tentou se convencer daquilo.

Na quinta feira, Angélica anunciou que ia sair para almoçar com Nanda e Cássia depois da aula. Novamente saiu do prédio ao lado de Andreia e Jéssica, que fazia parte do mesmo grupo de estudo e havia se aproximado no dia anterior. Assim que passou do portão, enxergou as amigas em uma conversa animada.

— Tchau meninas! Até terça eu acho. Provavelmente não venha na segunda.

— Não se esqueça de trazer o que pedi, por favor! – pediu Andreia fazendo um sinal de prece com as mãos.

— Pode deixar, não vou esquecer, mas isso se encontrar fácil lá. Já disse que não vou dedicar a manhã inteira procurando – respondeu Angélica com um sorriso.

— Você encontra em qualquer farmácia, fique tranquila! Até segunda! – respondeu a loira fazendo menção de se afastar.

— Terça.

— Pode ser. Tchau lindona!

Angélica acenou em despedida e seguiu para as amigas que a observavam atentamente. Cássia desviou os olhos do seu rosto para acompanhar a colega

que descia a rua, mas Nanda continuou a fita-la enquanto a cumprimentava com um beijo no rosto.

— Tchau lindona? – perguntou com um meio sorriso.

— Desencana Nanda. Ela trata todo mundo assim.

— E quem é essa deusa grega que não apresentou pra gente? – perguntou Cássia sem desviar os olhos da rua.

— É Andreia.

— Espera, a Andreia?

— Claro que não. É uma colega da faculdade

— Angel... Angel... Chama essa mulher de volta aqui! Você tem que lembrar que tem uma amiga solteira que arrasta um bonde por uma bofe como ela.

— Quer que eu chame mesmo?

— É claro! Que pergunta idiota!

— Ok, desculpe! – respondeu ao levantar os braços. Pegou o celular e discou para a colega que já ia à distância. – Oi Andreia, sabe minhas amigas que estão aqui na frente? Isso, a morena de vestido florido? Essa mesma. Vem falar um oi pra ela. Ok, estamos te esperando – Angélica desligou o celular e abriu um sorriso para Cássia. – Pronto. Ela está voltando.

— Você foi muito indelicada! Tenho certeza que não é dessa forma que Tracy lhe ensinou.

— Me perdoe, Cá! Prometo não cometer outro disparate desse tipo – debochou Angélica.

— Mas a bicha é boa mesmo, não é? – falou Nanda ao avistar a loira novamente. – Até eu se fosse solteira. Que imã pra mulher gata você tem, hein?!

— Ela é muito bonita mesmo – concordou Angélica. – Parece ser gente boa também. Não tem como conhecer alguém em três dias. Marcela já teve uma crise de ciúmes por causa dela.

— Totalmente compreensível – falou Cássia com um sorriso. – Duvido que se não tivesse alguém como Marcela, não estaria batendo palmas pra ela também. E faria isso sem usar as mãos. É que você já foi direto no top de linha, nem tem como olhar para outra coisa.

— Cá! Que coisa horrorosa!

— Para Angélica! Não vem bancar a puritana – riu Nanda. – Eu bateria. Você também, não duvido disso.

— Meu Deus! – riu Angélica ao ver a colega se aproximar. – Oi Andreia.

Desculpa minha indelicadeza em não apresenta-las. Nanda e Cássia. Essa é Andreia.

— Não tem problemas. Muito prazer Cássia – respondeu a loira dando um beijo em seu rosto. – Prazer, Nanda.

— O prazer será todo meu – respondeu Cássia. – Nós vamos almoçar agora. Vamos também?

— É claro – respondeu a loira com um sorriso. – Se não for um incomodo pra vocês.

— Não é – respondeu Angélica. – Vamos então?

— Vamos. Eu deixei o carro aqui na rua lateral – respondeu Nanda apontando para o local.

Angélica seguiu ao lado de Nanda enquanto Cássia foi despejando atenções para a loira ao seu lado que retribuía à altura o seu interesse. Três minutos depois e já acomodadas no veículo, saíram em direção ao restaurante que Nanda havia escolhido.

— Bom, Andreia, você é a nova na turma – falou Nanda olhando pelo retrovisor. — Vai passar por uma sabatina.

— É sério? – perguntou a loira com um riso. – Vou responder as básicas então: tenho vinte e um anos, moro com meus pais ainda, sou do signo de escorpião e sou hetero. Tenho esse estilo porque sou skatista.

— Oi? – perguntou Cássia com uma careta.

— Brincadeira.

— Palhaça – riu. – Não tem nem como falar que você é hetero. Não com esse... Aí deixa eu ficar quieta.

— Fala, Cá – insistiu Angélica no banco da frente.

— Não faz isso amiga!

Andreia riu e encarou a morena ao seu lado. Cássia era muito bonita. Não faria mal algum tempo de diversão com ela.

No restaurante, escolheram uma mesa próxima a uma janela. Assim que se sentaram, Nanda atendeu uma ligação de Kathy e a convidou para se juntar a elas. Depois de cinco minutos de conversa se despediu da mulher para voltar a se concentrar na conversa da mesa.

— E aí, minha loira? – falou Marcela colocando a cabeça na porta da sala de Kathy. – Vamos almoçar?

— Vamos. As meninas estão perto daqui. Quer se juntar a elas?

— Não. Deixa o trio parada dura se divertir sem nós.

— Um quarteto. Tem uma tal de Andreia com elas. Colega da Angel – falou Kathy vendo a amiga ficar pálida. – Algum problema?

— O que essa garota está fazendo junto delas? Olha...

— Calma, olha o ciúmes. Você não sabe o que aconteceu.

— Eu sei o que aconteceu, a Angel convidou ela para saírem juntas! – respondeu Marcela nervosa. – Em que restaurante elas estão?

— Você não vai aparecer lá nervosa desse jeito para criar uma cena de ciúmes. Relaxa, Marcela! Angélica é louca por você!

— Eu não gosto dessa garota, Kathy, uma bofinho com jeitinho de conquistadora barata.

— Igual a você, esse é o seu problema.

— Qual restaurante elas estão?

— No da Alameda. Espera que eu vou com você. Nanda chamou para se juntar a elas, digo que já estávamos saindo e resolvemos ir, ok? E se fizer cena de ciúmes lá vai arrumar briga comigo.

— Eu vou pegar minhas coisas.

Marcela seguiu nervosa para a sala pegar o celular e a carteira. Cinco minutos depois já estavam no carro da amiga a caminho do restaurante informado por Nanda. Kathy estacionou o carro e logo entraram no lugar. Não demorou para encontrar a mesa e as quatro sorridentes mulheres. Cássia estava sentada ao lado da loira que, dessa vez, estava com o cabelo solto, e Nanda e Angélica do outro lado.

— Segura a emoção, ok? – alertou Kathy mais uma vez antes de se aproximarem.

Angélica que viu primeiro a namorada e a amiga se aproximando. Abriu um imenso sorriso e se levantou para recebe-la. Não pode deixar de notar sua feição tensa. Obviamente por causa de Andreia.

— Oi amor – falou mantendo o sorriso no rosto. – Que bom que vieram! – finalizou beijando-a.

— Oi linda – respondeu Marcela ainda tensa. – Oi meninas.

Kathy também cumprimentou a esposa antes de ir dar um beijo nas outras ocupantes da mesa.

— Você não – falou quando chegou a vez de Andreia. – Não beijo homens.

— Ah, qual é? Uma bofe gostosa assim me negando um beijo? – brincou Andreia.

— Muito prazer, eu sou a Kathy.

— Andreia.

Marcela que até então apenas observava a loira se adiantou para cumprimentá-la também. Pouco depois se acomodaram à mesa.

— Você não está com ciúmes, não é? – perguntou Angélica baixinho no seu ouvido.

— Eu disse que ia me controlar. Estou tentando não voar no pescoço dela.

— Relaxa amor. Cássia está afim dela. Ela pediu que eu as apresentasse e fez o convite do almoço.

— Cássia?

— É. Se parar de ser ciumenta, vai ver o tanto de atenções que estão despejando uma para outra.

Marcela concordou com a cabeça e beijou Angélica antes de voltar a atenção para a amiga. De fato, era bem evidente que Cássia e Andreia haviam se curtido. Resolveu tentar relaxar enquanto se entrosavam na conversa. A loira era espirituosa e animada, sempre com uma piada pronta que, aparentemente, parecia a coisa mais divertida que Cássia já tinha escutado na vida. Confirmou quando a amiga e Andreia sumiram por mais de quinze minutos. O rosto vermelho de ambas indicava que haviam dado uns bons amassos. Sabia bem como Cássia ficava depois de uma boa pegada.

— Vocês podem se beijar aqui na mesa. Prometo que não vou zuar a ponto de chamar a atenção do restaurante inteiro.

Andreia riu sem graça ao passo que Cássia respondeu com sua habitual segurança.

— Se fizermos aqui na mesa, o que fizemos lá dentro, certamente seremos expulsas.

— Andreia não dorme no ponto, hein! – zuiu Kathy. – Bem-vinda à turma!

— Quero os detalhes sórdidos – riu Marcela.

— Só se contar os seus detalhes sórdidos primeiro. – desafiou Cássia.

– Eu sei que a Angel é uma tarada de mão cheia no que diz respeito à você.

— Cássia!

— É? Fale mais sobre isso.

— Não. São momentos de confidencia das garotas. Nanda também não fica atrás.

— Ah, não me inclua nessa!

— Essa eu conto – respondeu Kathy. – Adora reproduzir as cenas de

sexo que lê em livros.

— Kathy!

— Oh amiga! Vou te dar o kama sutra de presente! – riu Marcela.

— Já tenho dois em casa. Inclusive um para lésbicas que é maravilhoso!

— Eu quero ver – falou Angélica com genuíno interesse. – Me empresta, amiga!

— Vamos tomar aquela gemada, Kathy? – chamou Marcela. – Você também, Andreia. Essa garota é difícil.

— E como você sabe? – perguntou a loira desconfiada.

— Nós já ficamos – quem respondeu foi Cássia. – Muito tempo atrás.

— Precisamos trocar algumas figurinhas então, Marcela.

— Vou te contar os podres dela.

— Vai se ferrar, Marcela – brigou Cássia jogando um guardanapo na sua direção.

Angélica riu com as amigas enquanto sentia Marcela relaxar com a presença de Andreia. Tinha certeza que elas se entenderiam quando a namorada baixasse a guarda. Torcia também para que aquele primeiro contato entre Cássia e a loira evoluísse para outros encontros. Ficavam muito bem juntas.

Capítulo 31

Angélica desembarcou no JFK com o dia escurecendo. Marcela seguiu ao seu lado até passarem pela imigração e alfandega. Pegaram um táxi e seguiram direto para a casa de Tracy, porém o pesado trânsito de Nova Iorque naquele horário, permitiu que Angélica tivesse um vislumbre da gigantesca megalópole que sempre via em filmes, mas que jamais havia cogitado visitar.

Marcela foi apontando para os locais, informando a Angélica sobre os lugares que passavam. Uma hora depois já estavam em Upper East side onde Tracy mantinha o apartamento. Assim que entraram, Angélica já teve um vislumbre do impecável espaço.

— Uau! Que apartamento lindo!

— Bonito, não é? – concordou Marcela ao deixar a pequena mala de lado. – Tracy sabe viver muito bem!

— Estou vendo. Um bom gosto impressionante! Ela mantém alguém aqui para arruma-lo? Faz tempo que ela está no Brasil.

— Mantem, mas não vão nos incomodar nesses dias que estaremos aqui. Ela já deixou os funcionários avisados.

— Ok. Pra que lado fica o quarto aqui?

— Não sei. Vamos descobrir – riu Marcela.

— Não frequentou aqui? – perguntou Angélica com um meio sorriso.

— Não. Quando vim visita-la, ela já estava com Charlotte. E foi há muito tempo. Nem precisa ficar com esse sorrisinho.

— Sei...

— Sabe sim que Nanda e eu já te contamos de quando eu fiquei com ela. E temos que nos apressar. O encontro com Savannah é daqui duas horas.

— Eu estou nervosa – confessou Angélica. – É surreal estar aqui para falar de um texto que eu achei que já havia sido apagado. Só você mesmo!

— Só relaxa. O que tiver de ser, será. Nada de ficar muito tensa.

— Meio difícil, mas vou tentar – respondeu Angélica. – Eu vou

começar a me arrumar.

— Vamos. Vou te ajudar no banho para ficar relaxada.

— Acho justo – falou Angélica com um sorriso.

Marcela pegou a mala que havia sido deixada em um canto e seguiu ao lado de Angélica para o andar superior. Encontraram o quarto e depois de separar a roupa que usaria, tomaram um banho demorado.

O restaurante escolhido pela agente literária fora o Grazie, um local pequeno e aconchegante. Assim que chegaram, foram encaminhadas para a mesa onde Savannah já esperava.

— Oi, meu nome é Angélica, Prazer em conhece-la – cumprimentou Angélica, pouco segura do seu inglês.

— O prazer é meu! – respondeu Savannah também cumprimentando Marcela. Então, vocês são um casal?

— Sim, minha namorada – confirmou a morena.

— Tudo bem, o que vocês vão beber?

— Água com gás, por favor – pediu Angélica. Não iria colocar uma gota de álcool na boca naquela noite.

— Bourbon Cure – respondeu Marcela.

Savannah concordou com a cabeça e fez os pedidos. Assim que o garçom se afastou da mesa, voltou sua atenção para Angélica.

— Eu li o seu livro e achei muito bom! Algumas coisas terão que mudar, mas nada drástico – começou Savannah. —Eu li somente porque a Charlotte me pediu e foi a melhor coisa que fiz.

— Me desculpe. Eu não falo inglês muito bem, se puder falar um pouco mais devagar – pediu Angélica, constrangida por conseguir acompanhar a agente.

— Of course – concordou Savannah.

Savannah voltou a repetir o que havia dito. Angélica acompanhou atentamente e o que não havia entendido, Marcela traduziu baixo no seu ouvido. Durante um bom tempo, Savannah explicou que não era comum avaliarem algo de alguém de fora do país, porém como havia sido um pedido de Charlotte, ela havia dado uma atenção especial. Algumas coisas teriam que ser mexidas no texto para se adequar ao cenário americano, mas a própria editora faria essas alterações com o seu consentimento. A ideia era fazer uma grande divulgação na internet aliado a distribuição física e e-book. A primeira distribuição seria feita nos estados onde existiam uma maior concentração de brasileiros, reforçando a ideia de ser uma escritora brasileira como nicho e,

dependendo das vendas, expandiriam para outros estados. Seria feito também uma parceria para publicação em português, mas isso se tivesse uma boa aceitação no mercado americano. Como havia ressaltado várias vezes, Angélica estava fazendo o caminho contrário: ao invés de publicar no seu país de origem, a ideia era lança-la no mercado internacional e, só depois, iria para o Brasil. Informou também que o contrato já iria com a autorização para tradução para o espanhol. A ousada ideia, era vende-la em todos os países latino-americanos.

Angélica escutava tudo com atenção, mas parecia que não estavam falando de algo seu, e sim, de outra pessoa, em outro lugar e tempo. Era surreal demais que estivesse recebendo aquela proposta um ano depois de ter saído de Goiás, do mundo que até então, julgava ser o seu mundo. Jamais imaginaria, naquela ocasião, que pudesse ter uma oportunidade como aquela. Havia saído do seu cômodo mundo na pequena cidade onde nascera, conhecido pessoas extraordinárias que a tinham pego pelas mãos e levado até aquele momento. Havia conhecido as pessoas certas que lhe abriram as portas. Se recordava da oportunidade que Zeca supostamente estava lhe fazendo para ser babá e agora alguém lhe oferecia a oportunidade de ganhar as américas. Há pouco mais de um ano se sentia a pior pessoa do mundo, humilhada, sendo sujeitada à uma situação deprimente e agora se sentia exultante, dona de si e com uma oportunidade única de se tornar alguém que jamais imaginara. Não importava se ia estourar em vendas ou não: o que importava era aquele momento único, aquele simples segundo onde apenas tinha que dizer sim.

— Yes – falou com um sorriso, sem conseguir conter os olhos marejados. – Eu aceito.

— Ótimo! Vamos comemorar a um brilhante futuro! – falou Savannah animada.

Angélica se virou para Marcela com um enorme sorriso. A namorada deu um beijo demorado em seus lábios antes de voltar a atenção para Savannah que fazia o pedido de um champanhe.

O restante do jantar passou com uma Angélica anestesiada. Savannah explicou pormenores do contrato, questão de direitos autorais e tudo o mais que ainda estava meio nebuloso para ela. Marcela tranquilizou-a de que procurariam um advogado que faria uma análise do contrato antes da assinatura.

Duas horas depois se despediram deixando acertado que Savannah

enviaria o contrato para que pudesse analisar e discutiriam as mudanças do texto por vídeo conferência. Assim que entrou no taxi, se virou para Marcela e a abraçou apaixonada beijando-a demoradamente. A morena envolveu-a nos seus braços e não viu o percurso que o carro fazia pela quinta avenida e depois a sétima até a Times Square. O motorista se virou para elas e pigarreou para chamar a atenção, informando que já haviam chegado ao destino. Se separaram aos risos e desceram na movimentada avenida.

Angélica foi caminhando devagar, embriagada com a quantidade de luzes, a cacofonia que tomava conta do ar e as centenas de pessoas transitando por ali. Seguiu o tempo todo de mãos dadas com Marcela, curtindo a gelada noite, admirada com tudo o que via. Seguiram pela Broadway por longos minutos, se empanturraram com comida de rua e encerraram a noite em uma balada. Uma noite que Angélica considerou perfeita.

No sábado, Marcela acordou cedo e preparou o café para as duas levando para a cama. Angélica estava com sono, mas a expectativa de conhecer alguns pontos da cidade foi maior que a vontade de continuar na cama. Fizeram uma parada rápida para comprar o perfume que Andreia havia pedido e depois, seguiram para o Battery Park para pegar a balsa até a Estátua da Liberdade. No final da tarde, voltaram para Manhattan e exploraram a cidade a pé por um longo tempo antes de ficarem exaustas.

No domingo o passeio se concentrou no Central Park, pois não iriam se afastar muito do apartamento de Tracy, já que o voo de volta estava marcado para às dez horas da noite. Foram para o Museu de História Natural e depois o Castelo Belvedere. Ficaram durante um longo tempo namorando à beira do lago antes de finalmente voltarem ao apartamento. Angélica arrumou a mala e a bolsa, mas não se sentia triste com a partida. Sabia que em breve voltaria àquela cidade.

Nas semanas seguintes, Angélica se dedicou em terminar a terceira história que estava escrevendo. Conforme haviam acordado, Savannah enviou o contrato e Tracy indicou o escritório do seu advogado para fazer a aprovação. Depois de acertado os trâmites iniciais, Angélica se dedicou à dominar o inglês e à faculdade de jornalismo. Seu texto começou a ser divulgado na internet através de trechos vinculados com uma forte propaganda do novo lançamento da editora. O namoro com Marcela seguiu tranquilo e sem impasses depois que Cássia e Andreia assumiram namoro. O quarteto havia se transformado em um sexteto.

O final do semestre chegou e com ele boas notas de aprovação. Tracy, que até então ainda lhe ensinava algumas coisas, voltou para Nova Iorque no final de Junho informando que ela estava pronta, não havia mais nada que ela pudesse lhe passar. Segundo suas palavras, quem iria ensiná-la a partir daquele ponto era o mundo e ela estava preparada para receber essas lições. Sentiria falta da sua grande mentora.

No seu aniversário, os pais marcaram presença. Marcela os trouxe novamente para que pudessem comemorar a data todos juntos. Fizeram uma grande farra no apartamento de Kathy e três semanas depois recebeu uma ligação de Savannah informando que o lançamento do livro seria em Setembro em Nova Iorque. Angélica ficou uma noite inteira sem dormir, ansiosa com o grande dia. Aos poucos a ansiedade foi substituída pela expectativa e a expectativa por uma grande dor de barriga quando Savannah passou sua agenda de compromissos na cidade.

— Eu não vou conseguir, amor – falou ao mesmo tempo em que chorava copiosamente. – Tem noção do que é isso? Eu vi os views no site da editora, tem um monte de gente que falou que vai. Eu tenho que dar entrevistas! O que eu vou falar?! Meu Deus! Foi um grande erro tudo isso!

— Amor, calma – respondeu Marcela ao abraça-la. – Respira, isso é só nervosismo.

— Vão tirar fotos minhas! Já tem fotos minha na internet!

— Eu sei, e eles tem que fazer isso para que as pessoas vejam a mulher linda que possui uma mente tão brilhante! Respira fundo. Você vai se sair muito bem. Calma!

— Eu vou esquecer como falar em inglês, você viu daquela vez, eu achava que conseguia, mas você teve que traduzir pra mim. É imperativo dessa vez que eu fale inglês e eu não sei nada!

— Você sabe, amor. Você conversa muito bem e sabe disso. Faz tempo que não traduzo mais nada pra você.

— Se alguém comprar o livro eu vou ter que autografar! Marcela! Por que alguém vai querer que eu assine um livro? Eu não vou saber escrever nem meu nome!

— Você vai autografar porque é seu livro. São seus leitores que vão querer ter a sua assinatura na sua obra.

— Tracy e Charlotte já estão falando pra todos que conhecem lá! Elas conhecem um monte de gente, Marcela! Eu não vou conseguir...

Marcela deu um discreto riso enquanto apertava a morena em seus

braços. Sabia que Angélica teria alguma reação provocada pelo nervosismo quando a produção do livro saísse da teoria e se tornasse algo físico, mas não imaginou que seria naquela magnitude.

— Amor, presta atenção: você é uma escritora nova. Não terá filas para autógrafos. Não vai ter tanta gente como imagina, as entrevistas é mais para que as pessoas te conheçam. Savannah marcou esses encontros porque precisa te divulgar e quanto mais pessoas lerem a seu respeito, mais seu livro aparece, entende? Não é nada gigantesco. Tenho certeza que vai tirar de letra.

— Você vai ficar do meu lado, não vai?

— É claro que vou. Não vou sair do seu lado pra nada. Confia em mim. Vai dar tudo certo.

— Tá bom.

— Eu te amo. Tudo vai ficar bem. Te prometo.

— Eu espero que sim – respondeu Angélica secando as lágrimas antes de voltar ao banheiro.

O dia vinte de Setembro marcou uma nova fase na vida de Angélica. Desembarcaram no JFK e seguiram direto para o apartamento de Tracy. As amigas acompanharam a viagem e também ficariam instaladas na casa da loira. Andreia e Cássia logo se desvincularam do grupo para irem conhecer a cidade, já Kathy e Nanda ficaram o tempo todo do seu lado, tentando deixá-la mais tranquila. Naquela noite cumpriu seu primeiro compromisso, uma entrevista para a própria editora que aconteceu na casa de Tracy. Assim que o câmara informou que já estava gravando, uma nova Angélica surgiu aos olhos de todos que a observavam, uma mulher segura, que discorreu sobre o livro com uma calma e domínio absolutos.

No dia seguinte, puderam ver a mesma transformação enquanto Angélica conversava com um portal de literatura americana no escritório da editora. Na parte da tarde, deu outra entrevista, mas apenas foi fotografada na quinta avenida para compor a matéria. Na livraria onde aconteceria o lançamento, conversou com algumas pessoas antes de ir para o local onde sua mesa estava preparada. Parou na frente do espaço admirando com profundo encantamento. A capa que Kathy havia feito sofrera pequenas alterações e o título havia mudado para *The King*. Tebogo havia virado rei. Estava saindo para reivindicar suas terras.

Marcela foi a primeira que se aproximou da mesa para pegar seu autógrafo. Abriu um sorriso para a namorada e assinou o livro antes de se levantar para tirar uma foto. Beijou seus lábios com carinho em um

agradecimento mudo. Se estava em uma livraria em Nova Iorque fazendo um lançamento, tinha sido tudo por causa daquela mulher linda que tivera a imensa sorte de encontrar.

As amigas foram as próximas a pedir autógrafos seguidas por Tracy e Charlotte. O sorriso ficou preso no rosto quando um homem que não conhecia se aproximou com o livro nas mãos. Tyler, seu nome. Jamais esqueceria.

A noite foi um sucesso absoluto, além do que Savannah havia previsto. Por se tratar de uma autora desconhecida, acreditou que não teriam tantas pessoas participando, mas às nove e meia da noite, uma pequena fila se formou na frente da mesa. Angélica atendeu a todos com uma simpatia única, tirando fotos, rindo, conversando sobre o livro. Savannah observava tudo com atenção, dando suporte quando necessário. Em vinte anos como agente literária, já tinha lançados muitos nomes no mercado: tinha certeza absoluta que estava presenciando o nascimento de uma estrela.

Nas semanas seguintes, as primeiras críticas, sempre positivas, começaram a aparecer, entrevistas no Brasil, mas o ponto alto para Angélica foi quando recebeu uma ligação do jornal da cidade onde nascera. Tinha saído de cabeça baixa e voltava estampando uma matéria em um jornal de circulação regional como uma estrela em ascensão.

Nos meses seguintes, as vendas alcançaram o ponto esperado pela editora. Aproveitou o aniversário de Marcela e comemoraram com uma viagem pelo nordeste. Na volta, recebeu a informação de Savannah de que fariam outras noites de autógrafos nos Estados Unidos: outra em Nova Iorque, uma em Miami e outra na Califórnia, todas antes do findar do ano.

Mais uma vez, Angélica seguiu para os Estados Unidos junto com Marcela, pela primeira vez custeado pela editora. Já não ficava tão nervosa quando tinha que conversar com alguém sobre o livro, mas a expectativa estava sempre presente. Nova Iorque teve presença maior de leitores, mas perdeu para Miami onde teve seu primeiro grande público, na sua grande maioria, brasileiros que comemoravam a entrada de uma escritora conterrânea no mercado americano. Em Los Angeles, depois de mais uma noite de autógrafos bem-sucedida, foi comemorar em um restaurante com Savannah e Marcela.

— Tenho novidades que não quis compartilhar antes – anunciou Savannah. – Primeiro, queremos já começar a trabalhar em Angels falls. A editora pediu a publicação dele em Junho do próximo ano, mas isso vamos

sentar com calma em Nova Iorque e discutir os detalhes.

— Perfeito – concordou Angélica.

— Agora vamos ao queridinho que estamos trabalhando: The king será publicado no Brasil em Março. Estou em contato com uma editora de lá e já firmamos contrato. Provavelmente seu lançamento lá será em Abril, mas vou confirmar a data.

— É sério? – perguntou Angélica com um imenso sorriso. – Que incrível! Publicar em casa! Esperei tanto por essa notícia!

— Tenho outra: fechamos parcerias na Europa. Por enquanto será uma tímida inserção no Reino Unido, França, Espanha e em Portugal.

— Meu Deus! Uau!

— Não terminei – falou Savannah rindo da cara abobalhada que Angélica fazia. – México, Argentina e Chile também irão vender El rey del mar.

— El rey del mar – repetiu Angélica tentando a todo custo conter uma lágrima.

Estava na hora de aprender a falar espanhol.

Capítulo 32

Angélica se sentou na cadeira posicionada na varanda e ficou olhando a paisagem de concreto à sua frente. Ficou durante um longo tempo refletindo sobre sua vida, tudo o que acontecera desde que havia chegado à São Paulo. Parecia que fora no dia anterior que havia visto aquela paisagem pela primeira vez e não dois anos atrás. Seu envolvimento com Marcela, as aulas com Tracy, depois as aulas de inglês. Sua primeira viagem com a morena para Paraty. Marcela revelando que havia pegado seu texto escondido seguido do pedido de namoro, a viagem internacional pela Europa, depois Estados Unidos para encontrar Savannah, já com uma leve expectativa sobre o livro. Toda sua vida havia virado de cabeça para baixo em dois anos. Com vinte e quatro anos, prestes a completar vinte e cinco, jamais imaginaria que aos vinte e sete anos já teria um nome despontando no mercado literário, já teria viajado tanto para os Estados Unidos a ponto de se acostumar com Nova Iorque.

O lançamento no Brasil foi mágico. Amigos e família reunidos para prestigiar-la em um dos momentos mais importantes da sua vida. A assinatura de Angels Fall com a editora já tinha sido realizada e, novamente em Setembro, voltaria a viajar para divulgação e noites de autógrafos. Com Angels Fall, além dos Estados Unidos, fariam noites de autógrafos na Europa e na América do sul. Aquele era o momento onde tinha que se lembrar da garota que realmente era: uma garota do interior, apaixonada pelas coisas simples da vida como um banho de rio, o cheiro da terra molhada. Tinha percorrido um longo caminho, ainda tinha muito mais pela frente, mas jamais se esqueceria que o dia mais feliz que tivera na infância fora quando sua mãe, pela primeira vez, permitiu que ela tomasse banho de chuva na rua, até então, de chão de terra. Essa era sua origem, essa era a pessoa que era: alguém que fora educada a compartilhar e nunca acumular.

O barulho da porta do apartamento desviou sua atenção da paisagem. Se virou para enxergar Marcela aparecer na sala e dispensar a bolsa de trabalho

na mesa antes de ir ao seu encontro.

— Oi amor – falou ao depositar um beijo nos seus lábios. – Curtindo a tarde?

— Me lembrando de quem eu sou – respondeu sincera. – Chegou mais cedo hoje.

— Sim. Hoje foi o dia de entrega do City, só fui fazer a entrega com Kathy e depois vim embora. Se lembrou de quem é? – perguntou Marcela ao se abaixar na sua frente.

— Sim. Me trouxe grande nostalgia, mas também um profundo agradecimento.

— Isso é ótimo! Como foi a volta para a faculdade?

— Ótimo! Estou pensando em como ficará as aulas depois de Setembro. Minha vida vai virar uma loucura em Setembro e outubro.

— É. Vamos viajar bastante. Eu não vou poder te acompanhar em tudo, você entende, não é?

— Mesmo a contragosto eu entendo. Você não pode deixar a construtora só nas costas da Kathy e do Fábio.

— Exatamente, mas estarei ao seu lado nos Estados Unidos. Vou dar uma fugida para o Uruguai também, mas os dias que passará na Europa já me complica um pouco.

— Eu sei. Luiz veio aqui hoje. Disse que temos que mudar os dias das aulas de espanhol para quarta e sexta. Me parece que ele teve um problema com a filha.

— Já começou de hoje?

— Sim.

— Tudo bem. Tenho duas coisas para te contar – falou Marcela ao puxar uma poltrona para se sentar à sua frente. – Três na verdade.

— Lá vem – falou Angélica desconfiada. – O que foi?

— Primeiro, temos que arrumar alguém para trabalhar aqui em casa. Eu estou te demitindo.

Angélica deu uma sonora risada antes de voltar a fitar a namorada.

— Devo arrumar minhas coisas então?

— Deve. Aquele quarto seu não tem sentido faz tempo. Eu pensei em transformar ele no seu escritório, assim você terá o seu próprio espaço de criação.

— É interessante – concordou Angélica. – Dá pra fazer uma espécie de closet com escritório. Minhas coisas não cabem no seu.

— Não mesmo – riu Marcela. – Dá pra fazer isso. Eu abro uma porta adjacente ao nosso quarto, coloco uma divisória de pvc ou vidro, o que achar melhor.

— Ok. Ideia aceita. Depois eu te entrego minha carteira para dar baixa. Já tem ideia de quem contratar para trabalhar aqui?

— Cássia disse que a mulher que trabalha lá pediu indicação de um trabalho para a cunhada, eu acho. Elas moram perto, ali no Alpina. Só uma condução.

— E qual a segunda coisa?

— Quero reformar a casa dos seus pais.

— Marcela, não é necessário, quero dizer, eu quero fazer isso, mas mais pra frente, quando juntar um bom dinheiro com a venda dos livros.

— Amor, eu já trabalho com isso. Faço o projeto de reforma, repasso para uma empresa lá e em um mês eles já fazem tudo o que é necessário fazer. Nesse meio tempo, alugamos uma casa para os seus pais e seus irmãos.

— Bom, pelo que te conheço, já calculou gastos, tempo e, provavelmente, já sabe até qual empresa contratar, não é?

— Sei – concordou Marcela com um sorriso.

— Eu vou pagar uma parte e não quero discussão acerca disto.

— Tudo bem senhora marrenta. Tenho carta branca?

— Tem. Só tem que convencer dona Amália de sair de casa.

— Essa é a parte onde você entra – riu Marcela. – Preciso da sua ajuda com eles.

— Agora você foge, não é? Os sogros são seus!

— E os pais são seus. Me ajuda, amor!

— É claro, linda. Maluquinha! – falou Angélica beijando-a. – E qual a terceira?

— Esbornia! – exclamou Marcela feliz. – Kathy, Andreia e eu compramos o pacote do Barretão! Três dias: sexta, sábado e domingo de encerramento.

— Barretos... – repetiu Angélica encarando Marcela.

— Não curtiu? Achei que gostasse dessa pegada mais peão, sertanejo.

— Eu gosto mesmo. Barretos é uma festa incrível. Nunca fui, mas sempre escutei coisas muito positivas.

— E qual é o problema? – perguntou Marcela desconfiada.

Angélica deu um meio sorriso para a namorada.

— Pra mim não é um problema, mas pode ser pra você.

— Por que pra mim? – perguntou Marcela confusa.

— Andreia monta em touros. Ela já havia sido convidada para Barretos dois anos seguidos. Provavelmente foi novamente.

— Andreia não tem coragem de montar num bezerro... Espera, a sua ex?

— É.

Marcela se encostou na poltrona ao mesmo tempo em que observava Angélica atentamente. Por aquela, realmente não esperava.

— Tem algum receio de encontra-la novamente? – perguntou sentindo o corpo todo tenso.

— Nenhum, mas eu conheço minha futura esposa o suficiente para saber que ela pode não querer que eu a veja novamente.

— Você pode fazer o que quiser, Angélica. Não sou ninguém para mandar quem você pode ver ou não!

— Viu?! – falou Angélica com um sorriso para ir se sentar no seu colo. – Eu não tenho interesse em vê-la, amor, porém é uma possibilidade. Se ela aceitou competir, será inevitável que eu a veja na arena.

— Vamos descobrir isso. Qual o nome dela? – perguntou Marcela com o celular na mão.

— Andreia Braga.

Marcela concordou com a cabeça e jogou o nome na pesquisa do Google. Logo as informações surgiram na tela: Andreia Braga, a primeira mulher a competir em touros em Barretos. Baixou a foto para ver a morena toda parruda ao lado de um cavalo.

— Ela toma hormônio? – perguntou Marcela com uma careta. – Olha o tamanho dessa mulher!

— Até onde eu saiba não – respondeu Angélica ao olhar para a foto que Marcela mostrava. Andreia não havia mudado nada. Parecia a mesma de dois anos atrás. A aliança no dedo direito indicava que ela e Marcia ainda não tinham casado. Já não era mais do seu interesse. Ela era o passado.

— Não dá nem pra dar uns tapas nessa criatura. É chegar de voadora e sair correndo.

— E por que você daria uns tapas nela? – perguntou Angélica rindo.

— Porque eu não gosto dela. É sua ex! Já é um excelente motivo para não gostar dela.

— Boba! Eu tenho sorte de ela ser minha ex.

— Por que sorte?

— Porque se fosse atual, jamais teria conhecido uma pessoa como você.

— Tentando tirar o corpo fora, né? – falou Marcela beijando-a.

— Só digo verdades – respondeu Angélica correspondendo o beijo. – Eu não quero que isso seja um problema para nós ou que te traga algum tipo de insegurança.

— Não vai não – tranquilizou Marcela guardando o celular. – De qualquer forma, ela não vai te ver. Nós ficaremos na arquibancada, milhares de pessoas transitando pelo parque. É impossível que Deus resolva me sacanear e coloque ela na nossa frente.

— Provavelmente ele não estará de tão bom humor.

— Vamos torcer por isso – respondeu Marcela envolvendo seu corpo com os braços. – Futura esposa, é?

— É. Minha linda e brilhante futura esposa – respondeu Angélica se levantando apenas para se virar e sentar de frente a Marcela, ainda no seu colo. Puxou o vestido para que ele ficasse solto sobre suas coxas.

— Fazemos um bom par – respondeu Marcela dando um beijo no seu queixo antes de beijar sua boca demoradamente.

Angélica afastou o corpo sem desgrudar da boca devidamente sincronizada com a sua. Pegou a mão de Marcela e a guiou para debaixo do vestido. A namorada deu uma leve mordida no seu lábio inferior ao sentir a intenção de Angélica. Deu uma rápida olhada nos prédios ao redor e voltou a se concentrar na morena, afastando a lateral da calcinha.

— Você fica excitada quando fico com ciúmes, não é?

— Muito – gemeu Angélica no seu ouvido.

Marcela apenas deu uma mordida no seu pescoço antes ao mesmo tempo que acariciava seu sexo. Os dedos deslizaram com facilidade para a vagina. Abafou os gemidos de Angélica com a boca enquanto sentia a namorada se entregar inteira ao prazer, rebolando na sua mão. A morena se afastou para fitar seus olhos, ainda se movimento nos seus dedos, e deu uma mordida no seu queixo ao mesmo tempo que as mãos abandonavam sua nuca para ir abrir sua calça, Projeteu o corpo para frente para que ela tivesse mais espaço e logo sentiu sua mão invadir seu sexo em uma masturbação rápida. As bocas voltaram a se encontrar com luxúria e em pouco tempo ambas se entregavam ao gozo. Agora, que tinha certeza de um dos gatilhos da namorada, talvez devesse criar cenas de ciúmes mais vezes.

Marcela parou o carro na frente do hotel onde ficariam e olhou a

movimentação ao redor. A festa do peão de Barretos agitava a cidade e havia lotado o hotel. Kathy e Nanda desceram do veículo atrás junto com Cássia e Andreia. Seguiram para a recepção e, depois do check in, subiram para o quarto apenas para deixarem as bolsas. Não demorou para que as seis estivessem reunidas novamente para irem em direção ao parque.

Por mais que Marcela tentasse demonstrar naturalidade, Angélica sentiu uma certa apreensão na namorada desde que haviam entrado no parque, tensa com a ideia de estar no mesmo lugar que sua ex. Por sua vez, não podia negar que a ideia de ver Andreia mais uma vez, mexia com ela. Não de forma romântica, mas havia amado a ex profundamente. Era um sentimento, que por mais que tivesse sido superado, jamais seria esquecido.

Quando se aproximou o momento em que as atividades na arena dariam início, seguiram para o local e se acomodaram nas arquibancadas. As primeiras provas começaram e Angélica sorriu satisfeita: já fazia muito tempo que não via um espetáculo como aquele.

Angélica trocou um olhar com Marcela assim que foi anunciado a montaria em touros. Acompanhou com um sorriso os peões que entravam na arena. Deu uma mordida no ombro de Marcela quando sentiu a namorada ficar tensa ao enxergar Andreia no meio deles.

— Vamos comprar bebidas? – chamou ao dar um beijo no seu pescoço.

— Não quer ver a montaria? Depois vai começar o show.

— Voltaremos a tempo.

— Ok, vamos.

Angélica teve o cuidado de ir na frente e se perder na saída da arena, atrasando ainda mais o retorno. Pelos alto falantes escutou que Andreia era a segunda da noite a montar. Quando voltaram para a arena novamente, já tinha passado a montaria da ex namorada e pode curtir o resto da noite tranquilamente depois de sentir Marcela relaxar.

No dia seguinte, novamente foram para as arquibancadas para assistirem a montaria de um lugar mais próximo da arena, já que Kathy havia amado o espetáculo.

— Que nossas mulheres não nos escutem, mas olha aquela mulher perto dos cercados ali – falou Cássia no ouvido das amigas se certificando que Andreia estava entretida com Kathy e Marcela. – É aquela que te falei ontem, Nanda.

— A gostosona que montou?

— Essa mesma. Você perdeu, Angélica. Pensa numa mulher gostosa? É o triplo.

— Onde? – perguntou Angélica já certa de quem iria encontrar.

— Ali, oh – apontou Cássia.

Angélica deu um discreto sorriso ao mesmo tempo em que enxergava Andreia no brete.

— Uau! – exclamou Nanda – Realmente ela é muito gata. E que corpo, hein!

— Fala sério, não é? – concordou Cássia. – Dá pra montar muito ali. Vem dizer que não curtiu, Angel?

— Ela é bonita mesmo, porém lhe falta alguns atributos.

— Onde falta algo naquela mulher?! Por Deus Angel? Tá cega? Aquele jeans apertado... Ave Maria! Ovulei.

— Ovulei – concordou Nanda.

— Vai ou não vai, Angel?

— Aquela é Andreia, meninas.

— Eu sei, anunciaram o nome dela ontem... Espera, a sua ex?! – perguntou Cassia com os olhos arregalados.

— É.

— Filha da puta! Acredito nisso não! Só nas tops de linha! – exclamou Cássia. – Agora eu entendo porque ficou na bad por ela. Eu choraria por um ano inteiro se perdesse o sexo com aquela mulher.

Angélica deu uma sonora risada antes de se virar para a amiga.

— Não farei comparativos, pois seria injusto dada a história de cada uma, mas eu tenho o melhor sexo da minha vida com Marcela.

— Vem me dizer que aquela mulher deixa a desejar na cama?!

— Digo que cada um é diferente. A entrega mutua com Marcela é melhor que algo unilateral, porém, como disse, cada um é cada um. O que não pode ser extremamente satisfatório pra um, pode ser pra outro. Quanto ao desempenho da Marcela, você sabe do que estou falando Cá.

— Sei amiga – respondeu a morena suspirando fundo. – Mas não posso concordar porque não quero apanhar de você.

Angélica riu com as amigas e voltou os olhos para a arena quando foi informado que Andreia era a próxima a montar. A torcida era gigantesca. Não pode deixar de ficar feliz por ela: a vida de Andreia sempre fora aqueles oito segundos.

Andreia pulou do touro, depois que o sinal ecoou pela arena

informando o termino do tempo, e rolou para o lado das arquibancadas onde estavam. Olhou para a morena tão próxima, o riso de satisfação depois da montaria era o mesmo, uma criança deixada solta em um parque de diversões.

Angélica acompanhou a morena com o olhar enquanto ela se virava para as arquibancadas. Quando seus olhos se encontraram, se lembrou da última vez que havia encarado ela daquela forma. Parecia tão distante, um filme da sessão da tarde dos anos noventa. Conseguiu se livrar do olhar de Andreia quando a morena se virou ao ser anunciado a nota. As amigas continuavam a tagarelar sobre Andreia e Marcela olhava atentamente para o seu rosto. Abriu um sorriso para a namorada e foi ao seu encontro, ficando de costas para a arena.

— Vai ter o seu momento de ciúmes? – perguntou ao envolver os braços no seu pescoço.

— Devo ter? – perguntou Marcela séria.

— Deveria – respondeu Angélica mordendo seu lábio inferior. – Podemos ir para o estacionamento, aí eu te acalmo bem gostoso...

— Tarada – riu Marcela baixando a guarda. Beijou Angélica demoradamente antes de abraça-la apertado. A babaca na arena que se ferrasse, era com ela que a bela morena iria para cama naquela noite.

O restante da noite passou sem impasses. Depois do show, ainda andaram pelo parque antes de irem para o hotel. Durante a final, não conseguiram chegar perto da arena. A festa de encerramento foi única, a belíssima queima de fogos por dez minutos, a apresentação dos esportistas que haviam competido, um verdadeiro espetáculo aos olhos.

Naquela mesma noite pegaram a estrada de volta a São Paulo. Durante um bom tempo, Angélica foi pensando no fato de ter visto Andreia novamente. Diferente do que achava, que se sentiria magoada ou ressentida, não sentira nada. Estava feliz por ela ter participado de Barretos, era a sua confirmação como esportista, mas nada além disso. O coração não havia saído de compasso, não tinha sentido saudades ou vontade de abraça-la. Era a certeza que precisava de que havia ficado no passado. A pessoa ao seu lado naquele momento, era quem preenchia todo ele. Marcela havia, com maestria, tomado todo o seu coração.

As semanas seguintes foram repletas de trabalho. Com o lançamento de Angels Fall, sua vida havia virado de cabeça para baixo. The king seguia firme, conquistando novas fronteiras. Já havia sido traduzido para mais três

idiomas. Além das publicações em português, espanhol e inglês, agora ele também era vendido na França, na Itália e no Japão. Em Setembro embarcou para os Estados Unidos com Marcela, para fazer o lançamento do novo livro. Além de uma quantidade maior de compromissos na cidade de Nova Iorque, a livraria que recebeu o lançamento, teve o triplo de público. Na mesma semana foi para Miami, Los Angeles e Detroit. Na semana seguinte foi para a Europa, mas não pode contar com Marcela ao seu lado. Quem acompanhou sua viagem para o lançamento do livro foi Cássia. A amiga ficou maravilhada com tudo o que via. Era a mesma empolgação que tivera mais de um ano antes.

A volta para casa aconteceu em Outubro, mas apenas por uma semana: a segunda parte do lançamento seria na América do Sul que incluía México, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Nanda acompanhou nos quatro primeiros países, mas estava mesmo ansiosa por encontrar Marcela: depois de dez dias longe da namorada, a saudade era a pior parte.

— Marcela chega hoje à tarde – falou com empolgação para Nanda. – Não vejo a hora.

— Kathy disse que viria também. Vou até ligar para ela e saber se já fez a mala. Daqui vamos passar dois dias em Punta Del Este e depois Cabo Polonio.

— Será ótimo!

— Eu vou ligar pra elas! Já volto.

Angélica assentiu com a cabeça e ficou olhando a amiga sair do quarto. Sorriu para Savannah ao seu lado que já desmontava a mala de viagem e deu alguns passos para ver Montevideu. A cidade estava ensolarada, trazendo boas vibrações.

— Recebi os dados da editora – falou Savannah que havia se concentrado no celular. – Angels Fall entrou na lista dos cinquenta mais vendidos de ficção nos Estados Unidos!

— Tem um mês que foi lançado lá – falou Angélica sem acreditar. – Ainda não deu tempo de...

— Angel, você é sucesso! É claro que deu tempo! Tem livros que entra no top dez na primeira semana de lançamento. Sabe o que isso significa? Que meu trabalho dobrou. Quero tradução de Angels Fall para toda a união europeia e Ásia. Se prepare para conhecer a China em breve!

— Uau! – riu Angélica de nervoso. – Caramba!

— Eu vou te fazer uma das escritoras mais lidas no próximo ano.

Quero seu livro no top dez do The New York Times. E quero novidade! Onde está Where's happiness?

— Finalizei semana passada. Eu só preciso de tempo para dar uma última lida antes de te passar. É que comecei a trabalhar em outro e deu uma atrasada – confessou com uma careta.

— Hum, no que está trabalhando agora?

— Uma distopia. Será uma trilogia.

— Wow! Sempre vende muito bem!

— Mas ainda estou estudando, a ideia é que seja uma história que se passe no século vinte e cinco, humanidade dizimada por uma invasão alienígena, poucos sobreviventes em cavernas. Por um lado corre o desenrolar de uma rebelião e por outro, a luta de uma mãe para recuperar o filho que foi levado por patrulhas aliens.

— Bem interessante. Vejo esse texto como um roteiro de cinema. Desenvolva ele com calma e depois me apresente. Quem sabe não é sua porta de entrada para Hollywood?

— Hollywood?

— Sim. Alcançando Hollywood, o mundo é seu. Pode só escrever receitas de bolos depois que todo o mundo vai comprar. Você tem histórias diferentes. Alguns escritores são conhecidos por uma obra em específico, você está criando um nome. Ninguém vai lembrar primeiro de Angels Fall, o seu nome vem como lembrança em primeiro plano.

Angélica riu enquanto via Nanda retornar ao quarto. A expressão da amiga estava tensa. Podia jurar, pelos olhos vermelhos, que havia chorado.

— Algum problema, amiga? – perguntou Angélica.

— Nenhum. Não consegui falar com Kathy. Patrícia disse que elas estão em reunião. Podemos conversar por um minuto, Savannah?

— O que aconteceu, Nanda? – perguntou Angélica desconfiada.

— Está tudo bem, amiga.

Angélica concordou com a cabeça, mas não estava convencida de que tudo estava bem. Assim que as duas mulheres saíram do quarto, pegou o celular e discou para Marcela, caindo diretamente na caixa postal. A segunda tentativa foi para Kathy e apenas chamou. O terceiro foi para Patrícia, mas só chamou também. Cássia e Andreia não saberiam informar se realmente elas estavam em reunião. Andou de um lado para o outro, nervosa, e parou quando escutou o retorno de Savannah e Nanda.

— O que aconteceu? – perguntou séria.

— Senta aqui, Angel – chamou Savannah.

— Ok – concordou indo para o lugar indicado. – O que aconteceu?

— Marcela sofreu um acidente de carro.

— Eu sempre falei pra ela parar de dirigir rápida, mas não me escuta!
– falou sem conectar realmente o que havia sido dito. – Como ela está? Não vai poder viajar, não é?

— Ela foi retirada das ferragens e encaminhada para o hospital. O estado dela é grave. Será operada de emergência daqui a pouco.

— Grave quanto? – perguntou Angélica sem perceber o rosto banhado em lágrimas.

— Ela está entre a vida e a morte. Temos que voltar para o Brasil agora.

Capítulo 33

Entre a vida e a morte – repetiu Angélica incrédula. – Vocês não acham que é um pouco exagerado...

— Angel, eu não posso te esconder o que realmente está acontecendo lá. Nós vamos no primeiro voo para São Paulo, mas pelo que Kathy falou... Pode... Pode não dar tempo... – falou Nanda se entregando as lágrimas. – Amiga...

— Como pode não dar tempo?! Nanda, ela está em um hospital! Está sendo cuidada por médicos, não está? Como pode não dar tempo?

— Ela está sendo operada para conter uma hemorragia interna, eu não sei direito. Isso é o principal ponto agora, mas ela teve traumatismo, algumas fraturas, duas foram expostas. Teve uma parada cardíaca no helicóptero de resgate...

— Ela não pode me deixar, Nanda! Ela não pode fazer isso! – exclamou Angélica se rendendo ao desespero.

— Já tem um carro nos esperando – falou Savannah ao desligar o celular. – Estou tentando contato com as companhias aéreas. O próximo voo sai em uma hora e meia. Se correremos, dá tempo de pegar esse voo.

— Minhas coisas estão arrumadas ainda – falou Nanda se virando para agente e, depois, a amiga. – Angel, você tirou alguma coisa das suas bolsas?

Angélica apenas balançou a cabeça em sentido negativo e abaixou a cabeça enquanto chorava desesperada. Deus não podia fazer aquilo com ela! Não com Marcela.

— Angel, toma esse comprimido. É um calmante leve que eu tomo para dormir. Vai te ajudar a não ficar tão desesperada. Não vão te deixar embarcar nesse estado – falou Savannah se abaixando na sua frente com o comprimido e uma garrafinha de água.

Angélica apenas concordou com a cabeça e pegou o comprimido da mão da mulher e colocou na boca. Fez esforço para que passasse pela garganta apertada e entregou a garrafa de volta. Saíram do hotel depois de dez minutos

indo para o aeroporto. Savannah e Nanda cuidaram do embarque e, depois, já estavam acomodadas nas poltronas do avião. Nanda explicou a situação para um passageiro que ia ao lado de Angélica e pediu para trocar de assento. O homem concordou de imediato e se acomodou ao lado da amiga, puxando-a para os seus braços. Havia falado com Kathy depois que tinham saído do hotel, mas a esposa não tinha informações novas a respeito de Marcela. Ainda estava em cirurgia para conter a hemorragia interna e nada havia sido acrescentado ao quadro.

O avião decolou com vinte minutos de atraso. Durante todo o percurso de volta ao Brasil, Angélica foi com o pensamento concentrado em Marcela, na lembrança do seu sorriso, seu bom humor, pedindo a Deus para cuidar de Marcela. O telefone de Nanda começou a tocar, indicando uma chamada pelo whatsapp, e saiu devagar dos braços da amiga, rezando baixinho para ser uma boa notícia.

— Meu Deus, Kathy! – falou Nanda sem conter as próprias lágrimas. – Paulo e Lúcia já estão vindo?

— Me fala, Nanda! – pediu Angélica aflita.

— Espera amor – pediu a morena. – Calma, a cirurgia terminou, mas vai para outra. Ela teve uma fratura no crânio e tem outro sangramento que precisa ser controlado. Está fazendo pressão no cérebro...

Angélica se dobrou sobre o próprio corpo em agonia. A dor que sentia começou a sair em soluços altos. Savannah pediu uma água com açúcar para uma das aeromoças e imediatamente foi atendida.

— Bebe um pouco, vai te fazer bem.

Angélica olhou consternada para a mulher abaixada ao lado da fileira de poltronas. Nada faria bem pra ela naquele momento, aquele exato momento onde a mulher que amava estava lutando pela vida em uma sala de cirurgia.

O pouso em Guarulhos aconteceu depois de uma hora. Saiu rápida para encontrar Cássia já as esperando. Savannah iria depois, pois ficaria para pegar as malas. O trajeto até o hospital pareceu uma eternidade. Assim que a amiga parou na frente, desceu de um pulo para entrar na recepção. Nanda seguiu ao seu lado, no telefone com a esposa. Em pouco tempo encontraram Kathy.

— Eu preciso ver ela Kathy! Como ela está? Acabou a cirurgia? – perguntou desesperada.

— Calma, Angel! Não tem como ver ela agora. A cirurgia ainda está acontecendo, eu não tive nenhuma outra notícia do centro cirúrgico.

— O que aconteceu com ela, Kathy?

— Ela estava indo para fazer a vistoria do prédio antes de irmos para o aeroporto. Um caminhão perdeu o controle, ali nas juntas provisórias, acertou ela em cheio. Prensou o carro contra o guarderreio. Quase foi parar dentro do rio.

— Que horas foi isso?

— Nove da manhã.

— Por que não avisou antes?! São oito horas da noite, Kathy!

— Porque eu não sabia, Angel. É claro que falaria assim que soubesse, como falei. Eu recebi a ligação do hospital às onze da manhã, pegaram um cartão da construtora na carteira dela. Vim pro hospital, depois Nanda ligou... Tiveram que resgatar ela de helicóptero porquê de ambulância não daria tempo...

— Tudo bem amiga – falou Angélica abraçando-a quando viu suas lágrimas. – Vai ficar tudo bem. Marcela é forte. Vocês conhecem ela mais do que eu, ela vai sair dessa.

— Vai sim – concordou Nanda abraçando as duas.

Pouco tempo depois, Cássia se juntou às amigas e ficaram de mãos dadas em silêncio, cada uma imersa na sua própria oração, pedindo pela vida de Marcela.

Os pais da morena chegaram ao hospital depois de quarenta minutos. Havia pegado um intenso engarrafamento na entrada de São Paulo, atrasando ainda mais a chegada. Lúcia estava em estado de completo desespero e Angélica abraçou-a demoradamente, tentando transmitir um pouco de conforto, que nem mesmo ela sentia. Paulo foi pedir informações sobre a saúde da filha, mas nenhuma informação havia saído do centro cirúrgico. Mais minutos de angústia se passaram antes que o médico aparecesse.

— Conseguimos conter o sangramento, mas não temos como afirmar se teve algum dano colateral. Durante a cirurgia ela teve outra parada cardíaca e ficou durante dez minutos sem sinais. Com a hipóxia, que é a falta de oxigênio no cérebro, danos irreversíveis podem ocorrer.

— Que tipo de dano, doutor?

— Coordenação motora, visão, fala.

— Meu Deus! – exclamou Angélica para ser amparada por Kathy. – Podemos ver ela agora?

— Não. Ela vai ficar na UTI em coma induzido. Amanhã o cirurgião

ortopedista fará a cirurgia na perna e no braço. A clavícula também foi comprometida, mas não sabemos a dimensão. O importante agora é tira-la desse risco de morte.

— Ela ainda corre risco de vida?

— Sim. As primeiras quarenta e oito horas são cruciais. Se passarmos desse período, vamos tira-la do coma para avaliar sua situação. Por hora, sugiro que descansem, ela está bem cuidada, sendo observada constantemente para qualquer alteração. O que podemos fazer agora é esperar que a natureza cumpra seu papel na recuperação. E agradeçam: é um milagre que ela esteja viva.

— Nós vamos passar das quarenta e oito horas – afirmou Angélica convicta. – Nós vamos passar.

O médico apenas assentiu com a cabeça e voltou para a porta do centro cirúrgico. Angélica abraçou os pais de Marcela por um longo tempo antes de se virar para as amigas. Mais uma vez elas tinham se mostrado de uma amizade ímpar.

— Vão pra casa descansar, eu vou ficar aqui...

— Eu tenho que ir porque Savannah está lá com as nossas malas – respondeu Nanda.

— Savannah – falou Angélica apertando os olhos. Tinha se esquecido completamente da sua agente.

— Eu deixei tudo acertado com ela. Ela foi pra minha casa com as malas.

— Obrigada Nanda.

— Vai pra casa, filha – falou Lucia. – Você estava viajando a trabalho, teve que vim às pressas, deve estar exausta...

— Eu não vou sair daqui – respondeu Angélica resoluta. – Enquanto eu não ver Marcela acordada, eu não saio desse hospital. Eu estou com as chaves do apartamento, se quiserem ir descansar...

— Não sairemos daqui também – falou Paulo. – Se acontecer alguma coisa com Marcela...

— Não vai acontecer nada com nossa filha, Paulo.

— Não vai mesmo – concordou Angélica. – Vamos passar a noite sentados nesses sofás, acabando com o café da lanchonete até amanhã – falou antes de se virar para a amiga. – Obrigada Cá.

— Eu vou ficar com você, amiga.

— Não precisa, você...

— Não discute Angel. Alguém precisa ir buscar esses cafés que irão

tomar até amanhã. Não se preocupe.

— Obrigada amiga.

— Eu vou ficar com o celular do meu lado direito. Qualquer coisa você me liga – falou Kathy ao se despedir.

— Pode deixar – respondeu Angélica enquanto abraçava Nanda.

Angélica ficou olhando enquanto Nanda e Kathy se afastavam pelo corredor. Voltou os olhos para os sogros e a amiga: seria uma longa e angustiante noite.

As horas se arrastaram sem que conseguisse pregar os olhos. Ficaram o tempo na sala de espera, torcendo para que não tivessem notícias da UTI naquela noite. Quando o relógio marcou quatro da manhã, Lúcia resvalou para o sono nos braços do marido e Angélica e Cássia aproveitaram a calmaria da noite para irem comer alguma coisa na lanchonete. A sensação que tinha era a de que estava presa em grande pesadelo, implorando para ser acordada por alguém. Pegou um lanche para os sogros e voltou para a sala e espera. Depois de poucas palavras, se encostou na cadeira e fechou os olhos, mas a mente ficou ativa a todo o momento, com o pensamento fixo em Marcela.

O dia chegou e agradeceu em silêncio por terem passado aquela primeira noite. Nanda, Kathy e Savannah chegaram às oito horas da manhã e Cássia anunciou que ia para casa. Lúcia e Paulo iriam com ela e voltariam na parte da tarde.

— Nós vamos ficar aqui Angel. Vai pra casa também, tomar um banho, tentar dormir um pouco...

— Não adianta, Nanda. Eu não vou sair desse hospital.

— Angel, uma hora você tem que ir se alimentar direito, tomar um banho, dormir. Você vai entrar em colapso se ficar aqui direto!

— Depois que o médico passar a avaliação da noite, e depois também que ela fizer a cirurgia do braço e perna.

— Ok – desistiu Nanda. Sabia que não conseguiria demover a amiga. – Tudo bem. Vamos tomar um café então, comer algo que sustente.

— Vamos. Logo temos que voltar. A enfermeira disse que o médico faz a avaliação entre nove e dez horas.

— Me liga, filha? – pediu Lúcia. – Qualquer coisa, qualquer alteração me liga?

— É claro, Lúcia! Eu ligo assim que tiver notícias.

A informação que Angélica estava esperando, veio somente às onze da

manhã. O médico informou que Marcela havia passado a noite bem e entrado em um estado estabilizado. Ainda corria risco, mas não era tão latente como o dia anterior. As cirurgias na perna e no braço seriam feitas no período da tarde e, na manhã seguinte, seria tirada do coma. Angélica ficou no hospital até às oito da noite, quando os sogros voltaram. As operações ortopédicas foram realizadas com sucesso, sem nenhuma ocorrência grave e, com alívio absoluto, um segundo médico confirmou a conduta do primeiro: Marcela seria retirada do coma na manhã seguinte.

Angélica foi para o apartamento, mas entrar naquele espaço com a consciência do que estava acontecendo com Marcela, era demasiadamente dolorido. Ficou um longo tempo abaixada ao lado da cama, acariciando o lado que ela sempre dormia sem conseguir conter as lágrimas em profusão. Como queria ela ali, como queria tira-la de toda a dor e sofrimento pelo qual havia passado, que passaria ainda na recuperação. Nunca antes havia experimentado tanto medo de perder alguém, como havia provado com Marcela. Um absoluto pânico, a ponto de perder a razão do que estava acontecendo ao seu redor.

Depois de um banho, foi para a cozinha atrás de alguma coisa para comer. Lúcia havia feito o jantar e havia sobras na geladeira. Colocou um pouco em um prato e esquentou no microondas. Se forçou a comer algumas garfadas, mas não tinha apetite para nada. Deixou a comida de lado e saiu para a varanda para observar a cidade e seu manto de luzes. Se sentou na poltrona e ficou durante um longo tempo perdida nas lembranças que cada espaço daquele apartamento possuía, cada lugar onde sempre escutava a voz alegre e otimista da namorada. Era isso, Marcela era otimista demais para desistir tão fácil.

Nada era fácil.

Mais uma vez se entregou a um choro profundo, colocando para fora toda sua dor.

À meia noite estava de volta ao hospital. Não conseguia ficar longe. Era impossível ficar em casa e descansar enquanto Marcela estivesse em um leito de UTI. Lúcia a repreendeu, mas no fundo admirou a atitude da morena: era latente o amor que a outra possuía por sua filha, seu cuidado, sua preocupação de uma sensibilidade notável. Era reconfortante saber que sua filha seria bem cuidada.

Na manhã seguinte o médico informou que o pico mais grave de risco havia sido superado. Angélica sentiu que um peso fora tirado das suas costas

e abraçou Lúcia aliviada.

— Como será o processo depois que ela sair do coma, doutor?

— Vamos fazer uma nova avaliação. Vamos ver se os sinais estão ok, coordenação. Como já havia sido dito aos senhores, ela ficou sem batimentos por dez minutos, teve um coágulo grave, temos uma grande chance de alguma parte do corpo ficar comprometida.

— Não importa como seja, desde que ela esteja conosco, isso é o mais importante – falou Angélica.

— Ok, eu vou acorda-la. Trago mais notícias em breve.

Angélica se virou com um sorriso para os sogros, o primeiro há dois dias, um sinal de esperança que se desenhava a frente depois de tantos momentos obscuros. Quarenta minutos depois o médico apareceu na recepção novamente, sua feição parecia tensa.

— Quem é Angel? – perguntou ao parar junto a família.

— Sou eu – falou Angélica se adiantando.

— Nós a acordamos, mas está muito agitada chamando o seu nome. É uma lembrança, um ponto muito positivo. Ela está sedada novamente, mas somente para não comprometer as cirurgias que foram feitas. Vou acorda-la novamente. Vamos?

— Eu posso vê-la?

— Sim, foi a primeira pessoa que ela lembrou, importante que veja um rosto conhecido.

— Fala pra ela que a gente tá aqui?

— Claro, Lúcia. Eu vou falar.

Angélica saiu ao lado do médico e logo uma enfermeira apareceu vestindo-a adequadamente para entrar na UTI. A profissional orientou sobre o estado que Marcela estava, mas não devia passar nenhum tipo de emoção exaltada para não deixa-la agitada. A morena apenas concordou com a cabeça e saiu atrás da mulher até a sala indicada. Entrou apreensiva para enxergar a cama e Marcela em seguida. Levou a mão à boca por cima da máscara tentando controlar suas emoções. A namorada estava com o rosto inchado, vários hematomas, tubos conectados ao seu corpo, um ferro saindo da sua perna. Respirou fundo várias vezes antes de se aproximar da mesa e abaixar para pegar sua mão delicadamente e dar um beijo demorado, mesmo por cima da máscara. Outro enfermeiro aplicou algo no acesso do braço e em poucos minutos, Marcela voltou a acordar. Ela ficou um tempo quieta acostumando a visão.

— Marcela, sou o doutor Natanael. Consegue me ouvir.

A morena virou os olhos na direção do médico e fez um leve aceno de cabeça, quase imperceptível a um olhar menos atento.

— Angel... – falou baixo ao mesmo tempo que tentava se mexer. – Angel...

— Oi amor – respondeu Angélica se inclinando sobre a cama para entrar no seu campo de visão. – Eu estou aqui linda.

— Angel... Eu perdi seu lançamento. Me desculpa – falou num sussurro.

— Isso não tem o menor problema, amor. Eu estou aqui com você – respondeu se inclinando para acariciar seu rosto. – Fica quietinha porque o médico vai te avaliar, você não pode se mexer para não comprometer os procedimentos que foram feitos.

Marcela concordou com um leve aceno de cabeça ao mesmo tempo que tentava levantar o braço para toca-la. Angélica percebeu sua intenção e se abaixou para repousar o rosto na mão da namorada.

— Consegue nos enxergar nitidamente? – perguntou o médico ao jogar um feixe de luz nos seus olhos.

— Um pouco embaçado.

— Ótimo. Sente o rosto da sua namorada na sua mão?

— Sim.

— Sente isto?

— Sim. Está doendo muito.

— Você passou por quatro cirurgias em tempo muito curto, duas de alto risco. Teve duas paradas cardíacas, na última foi ressuscitada depois de dez minutos.

— Me fodi inteira pelo visto – sussurrou tentando fazer piada.

— É, se fodeu – concordou o médico com um riso. – Mas agora está tudo sob controle. Nós vamos aumentar a dose de morfina para que essa dor passe. Você teve muita sorte.

— Eu vou ficar com alguma lesão?

— Muito cedo para afirmar, a coluna foi afetada, mas não tem nenhuma lesão grave, porém ainda é cedo, mas já podemos descartar a fala e a visão.

— Ok.

— Sua mãe e seu pai estão aí fora, estão muito preocupados com você – falou Angélica voltando a se erguer para fitar a namorada.

— Fala pra eles que não abro mão da minha herança.

— Boba! Eu te amo. Eu estou do seu lado, sempre vou ficar.

— Eu sei. Amo você. Obrigada por estar aqui.

— Me agradeça não fazendo eu estar aqui. Quero sua dedicação para uma recuperação total – Angélica tirou a máscara rapidamente para dar um leve beijo nos seus lábios. – Minha linda, minha vida.

Marcela deu um esboço de um sorriso e apertou levemente a mão da namorada na sua. Sairia em breve daquele hospital.

Angélica saiu da UTI aliviada. Assim que tirou a roupa esterilizada, saiu para encontrar o médico esperando-a.

— Marcela está ótima. Melhor do que tinha previsto. Não está confusa, o que seria até normal dado o trauma, a fala, apesar de muito baixa, está bem, isso é só uma questão de recuperar a força, ela está fraca, visão, audição em perfeito estado. Os reflexos estão muito bons.

— Ela é guerreira, doutor, a pessoa mais positiva e otimista que conheço na vida. Ela vai se recuperar rápido. Tenho certeza.

— Vamos torcer por isso.

Angélica entrou na recepção e deu um abraço demorado em Lúcia. Falou tudo o que tinha visto de Marcela, que tinha acordado bem e sem nenhuma lesão aparente. A mãe de Marcela foi a próxima a entrar para ver a filha e, por último, seu pai. Angélica ligou para os amigos para informar o seu estado de saúde. Era um dia de comemoração. Um dia em que, definitivamente, Marcela renascera.

Capítulo 34

Angélica saiu do hospital somente no final do dia e seguiu direto para o apartamento junto com os sogros. Só poderiam voltar a ver Marcela na visita da noite que ia acontecer entre as oito e nove horas da noite. Teriam algum tempo para tomar banho e para o jantar antes de irem para o hospital novamente.

No apartamento, ligou para Savannah passando as últimas notícias do que estava acontecendo com a namorada, mas o real intuito daquela chamada era resolver sua vida nos próximos meses.

— Marcela terá um longo período de recuperação – falou ao se sentar na cama. – Eu não vou ficar longe dela nesse processo.

— Eu entendo sua preocupação, Angel, entendo a necessidade de ficar ao lado de Marcela. Eu não vou marcar nada por enquanto, mas mais pra frente temos que retomar sua agenda de compromissos.

— Enquanto ela não estiver recuperada em cem por cento, eu não vou sair do lado dela. Eu sei que isso pode ser um inconveniente para você e para editora, mas eu quero ficar do lado dela.

— É claro. Eu faria o mesmo se fosse com o meu marido. Entendo perfeitamente sua posição. Como disse, não vou marcar nada. Só não abandone sua carreira, ok? Eu posso segurar por dois meses, três, mas mais do que isso é muito arriscado.

— Eu não posso te passar prazos, não sei quanto tempo vai demorar a recuperação dela, pode ser rápida, coisa de dois meses, mas pode demorar.

— Vamos por partes, ok. Primeiro se concentra nela. A principal parte do lançamento foi quase concluída, ficamos em falha apenas no Uruguai, mas já acertei tudo com eles. Daqui um mês voltamos a conversar, ver se é possível marcar a noite de autógrafos em São Paulo. Volto a repetir, se concentra nela, depois vemos o que podemos fazer.

— Obrigada Savannah.

— O pagamento do acerto com a editora foi feito hoje. Mande

mensagem de texto, mas creio que nem viu, não é?

— Peguei o aparelho apenas para avisar para alguns amigos sobre o estado de saúde de Marcela.

— Tudo bem. Já foi transferido. Mande os dados de vendas até o dia trinta de Setembro.

— Mais tarde eu vejo com calma. Vou voltar para o hospital daqui a pouco para a visita da noite e quando voltar pra casa, eu vejo.

— Ok. Qualquer coisa que precisar, me liga. Diga a Marcela que desejo melhoras.

— Obrigada Savannah. Direi sim.

Angélica desligou a chamada e andou até o pequeno escritório que fora feito no seu antigo quarto. Abriu o computador para verificar a conta e abriu um sorriso ao ver o saldo. Com a conversão de dólares para reais, se tornava o primeiro pagamento que recebia acima de oito dígitos. Adoraria comemorar aquele momento com Marcela. Sentir seu abraço apertado e sua voz lhe dizendo que aquilo era apenas o começo. Conhecia a namorada o suficiente para saber que aquelas seriam exatamente suas palavras.

— Algum problema, Angel? – perguntou Lúcia da porta.

— Nenhum. Estava falando com Savannah – respondeu se virando para a sogra. – Ela avisou sobre o pagamento dos livros que foram vendidos. Estava pensando em como seria bom comemorar com Marcela aqui. Nada disso teria acontecido se não fosse por ela e... Agora ela não está aqui para comemorar comigo – finalizou secando uma lágrima.

— Logo ela estará, filha. A pior parte já passou. Temos que esperar sua absoluta recuperação agora – respondeu Lúcia abraçando-a.

— Não vejo a hora.

— Quando vai retomar seus compromissos?

— Quando a Mah ficar bem. Por enquanto está em hiato.

— Você não pode parar sua vida agora, Angel. Sua carreira está no começo, tem que dar uma atenção...

— Só existe uma carreira por causa da sua filha, Lúcia. Não vou deixá-la no momento que precisa de mim. Eu quero ficar com ela, estar ao seu lado para atender qualquer necessidade que ela tenha. É minha vontade.

— Você realmente a ama, não é?

— Mais do que imaginei que poderia amar alguém. Eu sou capaz de me anular por ela, não de uma forma negativa, dependente, é na definição de que nada disso tem sentido sem ela. Eu quero tê-la do meu lado a cada conquista,

mas pra que isso aconteça, eu vou ficar do lado dela agora.

— Está certa, filha. De qualquer forma temos que contratar uma enfermeira para te ajudar. Coisas como banho, higiene...

— Se for um senhor de sessenta anos, tudo bem.

— Ciúmes de alguém dando banho em Marcela?

— É estranho te responder isso – riu Angélica. – Mas sei que ela não... Dispensa ninguém.

— Nem me fala! Marcela sossegou com você. Antes era uma tristeza saber qualquer coisa da vida dela, mas tenho certeza absoluta que ela não cogita isso.

— Eu sei que não. Eu confio no que ela me diz. Uma das qualidades incríveis dela é que não engana ninguém. Você e Paulo criaram uma pessoa honesta e sincera, qualidades raríssimas hoje. Fizeram um bom trabalho.

— Obrigada. Me ajuda a preparar o jantar? Paulo foi buscar algumas coisas na padaria, mas me parece que resolveu ir direto no produtor.

— Vamos – concordou Angélica com um sorriso.

Durante a meia hora seguinte, Angélica ficou na cozinha conversando com Lúcia a respeito de Marcela. Paulo chegou pouco depois e acompanhou a esposa na narrativa. A sogra contou todas as histórias que se lembrava da infância da namorada, como a vez que ela resolvera ir embora da escola sozinha: tinha fugido sem que ninguém a visse e havia caminhado por um quilometro inteiro, atravessando avenidas movimentadas com apenas cinco anos. Na época havia pensado em processar a escola, mas conhecia a filha que tinha. Marcela havia sido mestre em deixa-la com os nervos à flor da pele.

Depois do jantar, foram se arrumar para voltarem ao hospital. Lúcia e Paulo entraram juntos e, depois de meia hora, Angélica entrou. Se aproximou da cama com o coração apertado por ver Marcela naquele estado, mas feliz por ela estar viva e era essa segunda parte que deixava transparecer no seu rosto.

— Oi amor – falou se abaixando sobre a cama para dar um leve beijo em seus lábios.

— Oi linda – respondeu Marcela ainda com a voz fraca, porém mais firme do que da última vez que a vira. – Esse lugar é tão chato!

— Eu imagino que sim, mas logo você sai daqui. Amanhã seus pais e eu iremos conversar com os médicos para ver sua transferência de hospital. Haviam dito que não podia por causa do risco das cirurgias e também porque

estava em coma induzido. Talvez, agora que o quadro está melhor, possamos te mudar. Ai poderá ficar com acompanhante.

— Seria ótimo! Eu nem sei porque me trouxeram pra cá.

— Porque foi acidente de carro. Com o risco que apresentava precisaram te levar para o hospital mais próximo, nem tinham como saber que possui condições de pagar um hospital, enfim, aqui é um bom hospital, mas se podemos ir para um melhor, vamos para um melhor.

— Está certa. As enfermeiras de outro são mais gostosas.

— Está querendo outra fratura, senhorita? – perguntou Angélica franzindo a testa ao fazer cara de brava.

— Adoro quando faz essa cara nervosinha! É brincadeira amor.

— Eu sei, você não é maluca. A rachadura da sua cabeça te deu alguns parafusos a mais, não neurônios a menos.

— É – riu Marcela. – Você namora com uma criatura do doutor Frankenstein.

— Seu apelido, de agora em diante, será Frankie. Minha Frankie carequinha!

— Você gemendo gostoso no meu ouvido: vai Frankie, mais forte Frankie!

— Palhaça – riu Angélica com o bom humor da namorada. – Adoro seu humor! Ah, falei com Savannah hoje. Olha, o extrato da minha conta.

Marcela pegou o papel que a namorada estendia e levantou na altura dos olhos. Tentou abrir um largo sorriso ao ver os números.

— Está em dólar pelo que estou vendo aqui, não é?

— É. São as vendas dos últimos três meses de The King e Angels Fall.

— Qual a cotação do dólar hoje?

— Três reais e nove centavos.

— Já fez a conversão, não é?

— Já, mas vou deixar uma parte na conta em dólar mesmo. Uma parte como um fundo emergencial, outra para as despesas que teremos e a última vou enviar para os meus pais.

— Ótimo! Não mexe no seu dinheiro para pagar contas de hospital, ok? Eu tenho guardado e sabe bem disso. Além do mais, tenho certeza que meu pai vai assumir as contas. Se o conheço bem, ele não vai deixar que pague nada.

— Não se preocupe com isso, amor.

— Eu estou falando sério, Angel.

— Eu também – respondeu Angélica com um sorriso.

— Ah, se eu não te conhecesse – suspirou derrotada. – Parabéns amor! Esse é o primeiro pagamento de muitos que virão ainda. Você vai ganhar seu primeiro milhão antes dos trinta. Tenho certeza disso.

— Já imaginou? – riu Angélica.

— Já. E tenho absoluta certeza disso.

Angélica se abaixou sobre a cama e buscou os lábios da namorada em um beijo demorado e cuidadoso. Ficaram namorando por vários minutos antes que a enfermeira aparecesse para tira-la da UTI. Se despediu de Marcela e saiu para o corredor com o sorriso permanente no rosto. Tinha mais certeza ainda de que tudo daria certo.

No dia seguinte, chegou ao hospital uma hora adiantada para a visita, para conversar com o médico a respeito da transferência de Marcela. O quadro, apesar de ter estabilizado, ainda era delicado e não poderia assinar a transferência naquele dia. Angélica transmitiu a notícia durante a visita da manhã, e na parte da tarde foi atrás do hospital que Nanda havia indicado. Depois de entender toda a burocracia envolvida na transferência da namorada, voltou para o apartamento. Durante a visita da noite, o tempo voou, e, quando novamente foi convidada a se retirar da UTI, informou a Marcela que tentariam a transferência no dia seguinte novamente.

O médico liberou Marcela pra ser transferida depois de cinco dias. O corpo ainda estava fraco, porém já apresentava uma boa estabilidade. No novo hospital, ela poderia ficar com acompanhante o tempo todo.

— Nossa! Não acredito que não vou ficar mais sozinha – suspirou aliviada. – Era tão ruim quando iam embora.

— Oh, minha linda, agora você não vai mais ficar sozinha – respondeu Angélica ao dar um beijo nos seus lábios. – Vai ter que me aguentar direto.

— Vamos fazer um jantar à luz de monitor cardíaco. Será épico!

— Jamais esqueceremos desse momento tão romântico!

— Por ai – riu Marcela.

Marcela foi transferida depois de duas horas. No novo hospital, a equipe médica já aguardava sua chegada e, depois de dar entrada, passou por uma nova bateria de exames. Angélica já havia autorizado todos os procedimentos necessários para que a namorada fosse bem atendida, e no começo da noite estavam acomodadas no quarto de UTI. O espaço era bem mais aconchegante que o anterior e transmitia uma maior tranquilidade para a recuperação. Depois de instalada, Marcela se virou para Angélica, esticando a mão,

chamando-a junto a cama. A morena abandonou a bolsa na poltrona e seguiu para o lado da namorada.

— Oi linda. Está tudo bem? Está com dor? – perguntou Angélica preocupada.

— A mesma sensação horrível dos últimos dias. Nada que não tenha me acostumado – respondeu com um sorriso. – Obrigada por estar aqui comigo, por todo seu desprendimento e preocupação por esses dias.

— Você não tem que me agradecer, amor. Tenho certeza absoluta que faria o mesmo se fosse uma situação contrária.

— Eu já teria infartado se estivesse no seu lugar – respondeu Marcela com um discreto riso. – Obrigada por sua força. Foi de suma importância para mim.

— Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença – respondeu Angélica beijando seus lábios. – Não importa como seja, eu te amo.

Marcela concordou com um leve aceno de cabeça e colocou a mão na nuca de Angélica ao mesmo tempo que dava um beijo demorado em seus lábios.

— Olá mocinhas! – cumprimentou a alegre enfermeira interrompendo-as. – Com um tratamento desse vai se recuperar em dois dias!

— É o que espero – concordou Marcela com um riso.

— Meu nome é Carolina, vou te acompanhar nos turnos da noite. Será eu e Débora, além do corpo de enfermagem. Vamos tirar todas essas ataduras para que a médica possa te avaliar. O resultado dos seus exames já está com ela e daqui a pouco vem te ver.

— Ótimo – concordou Angélica se afastando da cama.

Ficou observando enquanto a enfermeira trabalhava no corpo de Marcela e conversava sobre o acidente e, depois, o hospital. Assim que Carolina terminou de ajeita-la, a médica apareceu, uma mulher de aproximadamente cinquenta anos, sorridente e bem-humorada.

— Olá Marcela! – cumprimentou ao se aproximar da cama. – Meu nome é Isabel, e serei responsável pela sua estadia em nossa aconchegante UTI. Espero que não se acostume com esse lugar, ou serei obrigada a te expulsar daqui.

— Fique descansada. Não vou me acostumar mesmo!

— Ótimo. Você deve ser Angélica. Muito prazer.

— O prazer é meu, doutora – respondeu Angélica ao esticar a mão.

— Bom, vamos a sua avaliação. Vamos te observar por essa noite, irei

diminuir a dosagem dos analgésicos. Você teve traumas muito graves, porém seu corpo está reagindo muito bem ao tratamento. Se a resposta continuar positiva, vamos te tirar da UTI amanhã à tarde ou início do dia seguinte. Você pode sentir alguma dor de início, mas não pode ser intensa. Se isso acontecer, voltamos com a dosagem anterior, ok?

— Ok.

Angélica ficou ao lado da cama enquanto a médica passava o resultado dos exames e a conduta que iria aplicar. Depois de quinze minutos ela saiu do quarto e abriu um sorriso para a namorada. Tudo agora era questão de tempo.

Angélica passou a noite lendo para Marcela, conversando bobagens até que ambas fossem vencidas pelo sono. Acordou com a movimentação da enfermeira do dia que trocou a sonda da namorada e cuidou da sua higiene. Observou com atenção tudo o que ela fazia para que pudesse aprender como cuidar de Marcela. Provavelmente, em casa, ela não precisaria de sonda, mas era importante saber para qualquer eventualidade. Durante todo o dia, Lúcia ficou como acompanhante. Foi na visita da noite, mas não poderia ficar novamente porque Paulo ia passar a noite com a filha. Por mais que quisesse ficar o tempo todo com ela, sabia que também tinha que deixar os pais de Marcela passar um tempo com ela.

Na manhã seguinte, para alívio de todos, Marcela saiu da UTI. Tinha ficado dez dias em tratamento intensivo para afastar qualquer risco que corria e agora, vencido a parte mais crítica, ficaria no quarto onde tinha maior liberdade, inclusive para o uso de aparelhos eletrônicos.

— Te trouxe um presente – falou Angélica assim que entrou no quarto. – Sua recompensa por ter saído da UTI.

— Presente! O que é?

— Eu vou abrir pra você – respondeu se sentando ao lado da cama. – Eu não sei como vai conseguir manusear com esse braço imobilizado e o outro com acesso, mas tenho certeza que dará um jeito.

— É o que estou imaginando? – perguntou Marcela ansiosa. – Um celular?

— Precisa de outro, não é?

— É. Como vou tirar selfies no leito hospitalar?! Não tem como ficar sem!

— Boba – riu Angélica terminando de abrir a caixa do aparelho. – É um igual ao que possuía.

— Amor, esse telefone é caro... Você usou meu cartão, não usou?

— Gostou do aparelho, Marcela? – perguntou Angélica séria.

— Adorei! É claro que gostei!

— Isso que importa. Hoje as meninas vêm te ver. Não podiam entrar na UTI, mas agora podem te visitar.

— Saudade daquelas cabeçudas! Já está com chip?

— Sim. Já tem plano de internet também. Baixei alguns aplicativos, já tem o básico para uma plena recuperação: Netflix e Whatsapp.

— De suma importância, fato – concordou Marcela com um riso. – Vem aqui, vamos tirar uma foto para que elas me conheçam careca.

Angélica se acomodou ao lado de Marcela e tiraram várias fotos para enviar para as amigas. Ficaram um longo tempo mexendo no aparelho, conversando com as amigas, e depois foram assistir filme.

No dia seguinte, Paulo voltou para Piracicaba, mas Lúcia permaneceu no apartamento. Revezavam entre o dia e a noite e os dias passaram sem que dessem conta. No vigésimo dia depois do acidente, Marcela teve as sondas retiradas e pode, por fim, se levantar com ajuda de muletas. O que queria mesmo era retirar o fixador de Ilizarov, mas o médico informou que demoraria muito tempo para que pudesse se ver livre dos ferros que cobriam sua perna direita. Com vinte e cinco dias depois do acidente pode, por fim, ter alta hospitalar.

Capítulo 35

Angélica empurrou a cadeira de rodas que Marcela usava para dentro do apartamento e parou na sala para ajudá-la a se levantar. Logo Lúcia apareceu com a muleta e auxiliou a namorada encaixa-la no braço. Marcela deu alguns passos vacilantes antes de ficar estável no apoio.

— Como é bom voltar pra casa! – exclamou olhando ao redor enquanto se virava lentamente. – Não via a hora de voltar!

— Bem-vinda ao lar, amor – falou Angélica com um sorriso.

— Obrigada amor. Pelo menos em casa eu vou poder me esticar.

— Não vai, não senhora – corrigiu Lúcia. – Você escutou o médico, não pode ficar forçando andar ainda por causa clavícula. Mais pra frente você vai ter mais firmeza para se movimentar.

— Cama o dia inteiro? – Perguntou Marcela com uma careta. – Não dá gente...

— Eu te faço companhia – cortou Angélica com uma piscadinha.

— Dá – corrigiu Marcela. – Dá pra ficar na cama o dia inteiro.

— Vocês duas não vão aprontar! Ela está de recuperação, Angel!

— Imagina, Lúcia – respondeu Angélica com um sorriso. – Vou cuidar dela, só isso.

— Sei. Olha... Vai sentar no sofá, Marcela. Já deixei o almoço pronto para quando chegassem.

— Eu tenho que ir na farmácia buscar os remédios – anunciou Angélica. – Vou lá rapidinho e já volto.

— Almoça primeiro.

— Tem um remédio que ela precisa tomar depois das refeições. É rápido. Cinco minutos daqui.

— Tudo bem. Vai lá e vamos te esperar para o almoço.

— Já venho – concordou Angélica ao pegar a carteira na bolsa e sair do apartamento em seguida.

Lúcia ficou olhando para a morena que saía pela porta e só depois que

ouviu o barulho do elevador é que se virou para a filha já acomodada no sofá.

— Marcela, é sério. Toma cuidado na sua recuperação...

— Eu vou tomar, mãe, não se preocupe.

— Segura o fogo por alguns dias. Você ainda está muito debilitada para fazer...

— Ah não, mãe. Não vou falar sobre isso com você. Estranho pra caramba.

— Vai falar sim – respondeu Lúcia ao puxar um pufe de um canto para que a filha pudesse apoiar a perna com o fixador. – Eu imagino que vocês duas devem ter um fogo danado. Você sabe que não pode ficar se esforçando. Depois vocês podem transar quando quiserem, mas tem que tomar cuidado agora.

— Mãe para!

— Ué? Vocês não transam?

— É sério, mãe. Para. Eu vou me cuidar, ok? Ninguém tem mais interesse de se ver livre de tudo isso do que eu.

— Um voto de confiança, viu? – alertou Lúcia. – Se eu escutar o menor gemido que for do escritório, eu entro naquele quarto.

— Acabou? – perguntou Marcela com uma careta.

— Como está se sentindo?

— Enjoada. A cabeça está doendo um pouco.

— Daqui a pouco você toma um analgésico, antes do almoço, e depois o remédio que tem que tomar mesmo.

— Ok.

Lúcia ainda olhou de soslaio para a filha antes de sair de perto para ir esquentar o almoço. Como havia dito, Angélica voltou rápida para o apartamento com duas sacolas nas mãos. Depois de dar o remédio à Marcela, foi colocar uma roupa mais confortável para ficar em casa.

No primeiro, depois da longa internação, Marcela recebeu alguns amigos. Cássia apareceu no apartamento com Andréia e no período da noite, a visita foi de Nanda e Kathy.

— Está deixando de ser minha carequinha – observou Kathy ao ver os cabelos já fazendo uma espessa camada negra na cabeça de Marcela.

— Achei prático pra caramba. Vou manter ele batidinho assim. O que acha, amor?

— Eu acho que ficou super bem. Ainda mais gata.

— Como o amor é cego! – falou Nanda com uma careta. – Ela está zuada

Angel!

— Eu não achei mesmo – respondeu Angélica com um riso. – Lúcia também não acha.

— Não mesmo. Ficou charmosa.

— Você não vale, Lúcia. É mãe.

— Verdade – concordou Kathy. – Aliás a opinião das duas não vale. Eu, como sua amiga há mais de dez anos digo: está zuada.

— Vai se fuder, Kathy – riu Marcela. – Como estão as coisas na construtora?

— Estava conversando com Fábio hoje. Vamos contratar um engenheiro. Enquanto não tirar esse fixador, não tem como visitar obras, correr atrás de algumas coisas.

— Mas eu tiro rápido.

— Não tira amor. O médico disse que no mínimo uns quatro meses.

— Eu não quero ficar parada, Kathy.

— Marcela, já disse lá no hospital e volto a repetir, não vamos te deixar na mão. Sua parte nas obras serão repassadas normalmente.

— Eu sei, Kathy. O problema é que vou enlouquecer dentro desse apartamento se não tiver nada o que fazer. Vou acabar decorando as séries da Netflix. Dá pra fazer as plantas. Contratem o novo engenheiro, mas eu consigo projetar daqui.

— Relaxa, Marcela. Você está em um descanso prolongado. Quando voltar, vou tirar férias de uns três meses.

— Isso mesmo, Kathy – apoiou Lúcia. – É pra você descansar e se recuperar. Se precisar de dinheiro sabe que seu pai e eu podemos te ajudar.

— A questão não é dinheiro. Eu ainda tenho guardado. Tenho, amor?

— Tem. Não mexi no seu dinheiro.

— Angel... Não acredito que você pagou a conta do hospital com o seu.

— Qual é a questão amor? – perguntou Angélica com um sorriso para desviar o assunto.

— Por que você deixou, mãe?

— Quando seu pai foi lá, a recepcionista disse que não havia mais nada a ser acertado – respondeu Lúcia dando ombros.

— Amor, para. Continue o que estava falando – pediu Angélica.

— Que vou enlouquecer. Já estava quase ficando pirada.

— Vai jogar vídeo game, fazer origami, sei lá – respondeu Kathy.

— Angel vai te manter ocupada... – completou Nanda.

— Já falei pras duas. Nada de farra por enquanto.

— Oh, amiga! Ta ferrada – riu Kathy.

— Literalmente – respondeu Marcela acompanhando o riso ao apontar a perna.

— Vamos ver mais pra frente. Dependendo de como for sua recuperação podemos conversar sobre isso depois. Agora se preocupe em ficar boa – respondeu Kathy.

Marcela apenas revirou os olhos em resposta e tornou a se concentrar na conversa que agora girava em torno do acidente e dos dias que havia ficado no hospital. Depois de uma hora as amigas foram embora e Angélica a acompanhou até o quarto para ajuda-la no banho. A namorada tirou sua bermuda com cuidado por causa dos ferros e depois a camiseta.

— Voltamos ao banho de chuveirinho – suspirou Marcela apoiada na parede. – Não vejo a hora de poder tomar um banho decente.

— Em breve amor. Semana que vem você já tira essa tala do corpo se o médico der carta branca.

— Espero. Você devia ter me dito que tinha pago o hospital. Eu vou transferir...

— Nem completa – respondeu Angélica se abaixando para tirar sua cueca. – Eu sei que se precisar, para alguma eventualidade, você vai me dar.

— É claro, mas...

— Mas nada, Mah – respondeu dando um beijo nas suas coxas. – E também não usei tudo. Não ficou tão caro quanto você está imaginando.

— Quanto, Angel?

— Nada com o que se preocupar – respondeu dando outro beijo em suas coxas.

— Angel... – sorriu Marcela ao sentir a boca da namorada explorando suas pernas. – Não me provoca assim. Isso é maldade.

— Maldade é o tempo que estamos sem fazer nada. Trinta e um dias contando com a viagem. Mas eu tenho paciência.

— Nem me fala! To subindo pelas paredes – concordou Marcela.

— Melhor mudar de assunto – riu Angélica beijando-a.

— Melhor.

Angélica deu banho em Marcela e depois foram para o quarto terminar a higiene com lenços umedecidos onde não podia ser molhado. Novamente a ajudou a se vestir e depois pegou o secador de cabelo e secou o fixador e a perna lesionada. O passo seguinte foi higienizar os pontos de inserção do

aparelho com um cotonete e água oxigenada.

— Isso não te dá agonia? – perguntou Marcela.

— No começo me deu de olhar as enfermeiras fazendo – respondeu Angélica ao levantar a cabeça para a namorada. – Agora não mais. Apreendi direitinho – completou com um sorriso.

— Minha enfermeira aplicada e linda. Desse jeito tiro esse troço em dois meses.

— Com uma paciente gostosa desse jeito, como não ser aplicada?

— Mesmo toda parafusada?

— Mesmo parafusada – respondeu Angélica dando um beijo no seu joelho para voltar a se concentrar na limpeza do aparelho.

— Posso entrar? – perguntou Lúcia da porta.

— Entra, mãe.

— Já está fazendo a limpeza, Angel? – perguntou Lúcia ao ver Angélica sentada no chão a frente de Marcela.

— Já. Estou quase acabando – respondeu ao ver a sogra se abaixar ao seu lado. – Só falta essas duas inserções aqui.

— Você lavou a mão direitinho, não é?

— Lavei, passei álcool – falou apontando para o vidrinho ao lado.

— Ótimo. Não dói, Marcela?

— Não. Já me acostumei com ele.

— Tá bom. Quando terminarem aí, vamos jantar.

— Já vamos.

Lúcia saiu do quarto e Angélica terminou de fazer a limpeza do aparelho. Se levantou e levou os cotonetes usados para o lixo do banheiro. Pegou a muleta ao lado e ajudou Marcela se levantar e se apoiar nela. Seguiram para a cozinha e, depois do jantar, ficaram um tempo assistindo televisão junto com Lúcia antes retornarem ao quarto para se deitar.

— Vamos mudar de lado – falou Angélica ao se atentar aos lados que dormiam. – Eu vou ficar bem do lado da perna com o aparelho e não é uma boa ideia.

— Melhor evitar que dê um chute nela – concordou Marcela se sentando na cama. Angélica se adiantou e pegou a muleta para coloca-la de lado.

Marcela se deitou e Angélica colocou um travesseiro embaixo da sua perna antes de ir para o banho. Resgatou o celular de lado e ficou mexendo por longos minutos até escutar a porta do banheiro e a namorada aparecer em seguida, enrolada em uma toalha.

— Vem aqui – chamou quando ela fez menção de ir para o closet.

— Qual a sua intenção, mocinha? – perguntou Angélica se aproximando da cama.

— Me lembrar de cada detalhe do seu corpo.

— Amor...

— Tira a toalha – pediu com um sorrisinho.

Angélica sorriu em resposta e se afastou da cama por alguns centímetros. Tirou a toalha do corpo e se exibiu para a namorada, dando uma volta completa devagar.

— Gostosa! Vem aqui.

— Não amor. Eu sei como você está, eu também estou louca pra fazer um amor gostoso com você, mas vamos esperar. Na próxima semana você já tira as faixas da clavícula. Só mais uma semana.

— Droga! – suspirou Marcela. – Mais uma semana.

— Vai passar rápido. É melhor esperar essa semana do que se adiantar e ter alguma complicação, não é? – falou Angélica recolhendo a toalha.

— É – concordou Marcela ao ver a morena se afastar para o closet. Depois de alguns minutos ela já estava acomodada na cama ao seu lado.

— Como está indo a venda dos livros? Alguma novidade?

— Vou ligar para Savannah amanhã. Esses dias fiquei afastada.

— Você não pode deixar seu trabalho de lado, amor, nem a faculdade.

— Eu não deixei. Quer dizer, deixei de participar da divulgação, mas Savannah me disse que segura as pontas por algumas semanas. Além do mais estou escrevendo. Quando vinha pra casa me dedicava a escrever. Quanto a faculdade, Andreia tem me passado o conteúdo, a partir da próxima semana eu volto a estudar. Como sua mãe estará aqui de manhã, posso ir despreocupada.

— Não quero que desvie o foco por mim. E vai voltar com a divulgação.

— Não vou viajar, linda. Somente quando estiver bem.

— Você não pode fazer isso, Angel. Abandonar tudo agora é...

— O que eu quero fazer porque não vou sair do seu lado. Não precisa nem perder seu tempo argumentando – respondeu Angélica se apoiando em um braço para encarar Marcela. – E não estou abandonando. É uma pausa.

— Nesses dias que vou ficar de molho, vou fazer suas páginas nas redes sociais, te divulgar em grupos literários. Temos que fazer o seu site também. Eu sei que é resistente quanto a páginas sociais, mas é importante que tenha.

— Eu sei. Está na hora mesmo. Savannah já tinha conversado comigo

sobre isso.

— Ótimo! Já sei qual será minha ocupação nos próximos meses.

— Como está se sentindo?

— Cheia de tesão acumulado – respondeu com um suspiro.

— Vamos voltar a falar dos livros – riu Angélica.

— Você ri, né? Situação não está nada favorável.

— Eu sei que não – concordou Angélica beijando-a. Deixou a mão escorregar pela barriga da namorada até o cós do short. Apoiou o cotovelo no colchão enquanto a mão escorregava para dentro da cueca em uma leve carícia no sexo. – E se eu fizer algo bem de leve?

— Acho que vai ajudar na minha recuperação. Quanto mais relaxada eu estiver, melhor, não é?

— É – concordou Angélica mordendo o seu lábio inferior.

Marcela ergueu a cabeça o suficiente para beijá-la enquanto a mão a masturbava lentamente. Ajeitou a perna boa para que Angélica tivesse mais espaço e de imediato sentiu a mão da morena penetrá-la. Gemeu baixo no seu ouvido enquanto os movimentos se tornaram mais intensos, e com todo o tesão acumulado gozou na mão de Angélica ao mesmo tempo em que abafava seus próprios gemidos com a boca grudada no pescoço da morena.

Angélica se afastou com um sorriso, ainda acariciando Marcela por dentro das roupas. Voltou a beijá-la demoradamente sentindo seu próprio corpo reagir a cada contato. Se afastou para tirar as roupas e apoiou as mãos entre a cabeça de Marcela para deixar os seios na altura do seu rosto. A morena começou a beijá-los e sugá-los enquanto passava a perna sobre o seu corpo com cuidado. Se ajeitou, ajoelhada na cama, e subiu devagar para que Marcela pudesse ir beijando sua pele. Abafou o gemido com o punho quando finalmente ficou com a cabeça da namorada entre suas pernas. A morena conduziu seu corpo, segurando seu quadril com a mão boa. Rebolou na sua boca, se segurando para não deixar o peso do corpo repousar sobre a cabeça de Marcela. Gemeu baixo quando sentiu dedos penetrando-a e a boca se concentrando no clitóris. Não demorou para que se entregasse a um gozo demorado.

Marcela a sugou lentamente antes que Angélica saísse de cima do seu corpo com o mesmo cuidado com que se ajeitara. A morena se acomodou ao lado e a beijou demoradamente antes de fitar seus olhos.

— Está tudo bem?

— Agora sim – respondeu com um sorriso. – Está tudo bem.

— Boba. Estou falando sério, não bati em algum lugar...

— Está tudo bem, amor – cortou Marcela beijando-a. – Praticamente não encostou em mim.

— Acho que desse jeito não tem problema repetirmos mais vezes, não é?

— Nenhum problema – concordou Marcela com um sorriso.

E repetiram várias vezes até o dia da consulta com o médico ortopedista que fez a avaliação da clavícula e a retirada das faixas que cobriam seus ombros e tronco. O braço ainda ficaria imobilizado por mais uma semana até completar os quarenta dias com o gesso.

Lúcia voltou para o interior depois de duas semanas, despreocupada. Tinha observado Angélica atentamente durante o tempo que haviam passado juntas e sabia que ela cuidaria bem da recuperação de Marcela. Na mesma semana, Savannah entrou em contato informando sobre o andamento dos livros.

— Tenho novidades – anunciou na videoconferência.

— Precisamos de novidades – falou Marcela ao lado de Angélica.

— Coisa boa? – perguntou a morena com um sorriso.

— Muito boas por sinal. Angels Fall entrou na lista dos vinte mais vendidos de ficção dos Estados Unidos.

— Que maravilha! – exclamou Angélica feliz. Por mais que seu trabalho tivesse dado uma pausa, o trabalho de Savannah continuava a todo vapor.

— Tomei a liberdade de autorizar a tradução dele para mais dez idiomas.

— Dez? – repetiu Angélica incrédula.

— Estou negociando com outros países também. Alguns já farão o lançamento de The King também. Eu preciso de você, Angel. Preciso do seu rosto, entrevistas, participações em programas. Angels Fall já se tornou um best seller.

Capítulo 36

Marcela...

— Angel, não. Eu não posso deixar você desistir de tudo por minha causa – falou Marcela pela milésima vez. – Eu sei que quer ficar do meu lado e aprecio isso demais, mas não chegamos nesse ponto para você colocar tudo a perder.

— Como eu posso realizar um bom trabalho com o pensamento em você? Preocupada com as suas necessidades aqui?

— Eu já estou bem melhor, amor. A única coisa que ainda está me impedindo de ter total liberdade é só o fixador. Hoje completou quarenta e cinco dias do acidente, minha recuperação está indo muito bem...

— Mas você não pode se esforçar, Marcela. Tem que limpar o aparelho com cuidado, seu braço, mesmo sem o gesso, tem que tomar cuidado, fazer a fisioterapia...

— E eu vou fazer tudo isso. Eu prometo que vou me cuidar. Não quero que arrisque sua carreira por mim. Tudo o que fez até agora foi maravilhoso, não tenho nem como expressar em palavras, mas agora é hora de você retomar as rédeas da sua vida. Eu vou me sentir a pior pessoa do mundo se perder algum contrato importante por minha causa.

— Me promete que não vai fazer nenhuma arte enquanto eu estiver ausente?

— Prometo amor, mas eu faço isso, se me prometer que vai se dedicar ao máximo ao seu trabalho.

— Eu vou conversar com Lena, podemos pagar um bônus para que ela fique aqui até mais tarde, depois do seu jantar ou até mesmo durma aqui por alguns dias.

— Não precisa nada disso, amor. Eu compro comida fora, vou roubar um prato na casa da Cássia.

— Sua cara fazer isso – riu Angélica. – Eu vou ligar para Savannah. Fique ciente que estou fazendo isso com o coração apertado. Vou conversar

com Kathy para te levar na fisioterapia.

— Kathy ou o Fábio. Qualquer um dos dois podem me ajudar.

Angélica anuiu e pegou o celular para fazer a chamada para sua agente. Com o seu consentimento, o primeiro compromisso já ficou marcado para dali a cinco dias em Nova Iorque, na própria editora

Durante os dias que antecederam a viagem, Angélica cuidou de toda a logística com os amigos para que Marcela ficasse bem assistida em sua ausência. Lena, a mulher que haviam contratado no seu lugar para cuidar do apartamento, teria que seguir o horário de trabalho até as cinco da tarde e já deixar o jantar de Marcela pronto em um prato no microondas para que ela tivesse o trabalho somente de esquentar. Cássia, Kathy, Fábio e Nanda se revezariam para leva-la para a fisioterapia e consulta médica.

— Meu amor, o que é isso? – perguntou Marcela com um meio sorriso ao ver a lista que Angélica tinha colocado na geladeira para Lena.

— Sua rotina. Tem que ser seguida à risca: o horário dos seus remédios, verificar se você tomou mesmo o remédio porque te conheço bem. Horário da sua consulta na segunda, sua fisioterapia. Tem que tomar banho enquanto ela estiver aqui para secar o aparelho.

— Te falei que tenho trinta um anos? Que faço trinta e dois daqui vinte dias? – perguntou ao beijar seus lábios.

— Te falei que se eu desconfiar que não seguiu tudo o que está escrito ali, eu volto da viagem e só saio desse apartamento depois que tirar o aparelho?

Marcela abriu os braços em rendição antes de um riso. Abraçou a namorada apertado para depois beijá-la demoradamente. Ia sentir saudades da sua companhia e cuidado constante.

No dia marcado para a viagem, Kathy foi leva-la no aeroporto com Marcela. De posse da mala, entraram no imenso saguão e seguiram para o balcão da companhia aérea apresentar a reserva feito por Savannah e retirar a passagem. Minutos depois já estavam na fila para fazer o despacho da mala.

— Em breve eu estou de volta – falou Angélica depois de entregar a mala. – No máximo dez dias.

— Não é pra cancelar nenhum compromisso, ok? Nem pra falar para Savannah não marcar algo que seja importante. Me promete que vai se dedicar?

— Prometo – respondeu Angélica seguindo para o portão de embarque. – Se cuida amor. Se cuida mesmo.

— Eu vou me cuidar, linda. Prometo.

Angélica deu um abraço demorado em Marcela e um beijo em seus lábios. Se despediu de Kathy e voltou a beijar a namorada. Se afastou lentamente para o portão e entregou a passagem e o passaporte. Se virou e acenou para Marcela mais uma vez antes de sumir na área de embarque.

— Festa no puteiro? – perguntou Kathy ao se virar para Marcela.

— Festa no puteiro – concordou a morena com um riso. – Só que tem que levar o puteiro lá pra casa. Daqui a pouco ela liga para saber se já estou em casa.

— Não duvido – respondeu Kathy acompanhando o riso. – Então vou te deixar no apartamento e depois voltar para a construtora.

— Me leva pra lá? – pediu Marcela. – Quero ver o pessoal, me colocar por dentro do que vocês têm feito.

— Se a Angel resolver me matar, vou dizer que a ideia foi sua.

— E foi mesmo – respondeu Marcela com uma careta.

Durante os dez dias seguintes, Marcela seguiu à risca o que Angélica havia recomendado. A saudade da namorada começou a apertar no peito. Mesmo que se falassem todos os dias, ainda não era o suficiente para aplacar a falta que a morena fazia. Passou o tempo lendo, jogando videogame ou conversando com os amigos pelo celular.

Angélica desligou o celular para enxergar Savannah acenando na sua direção. A agenda de compromissos estava bem corrida, pois estavam aproveitando o tempo que dispunham para fazer o material de divulgação nos países que passariam a comercializar seus livros, incluindo entrevistas, fotos e releases. Foi apresentada para escritores influentes e participou de dois grandes eventos literários: um em Nova Iorque e outro em Toronto. Se lembrava bem de quando tinha estado no Canadá quase dois anos antes, encantada por pisar em solo estrangeiro pela primeira vez e agora voltava para fazer a divulgação do seu livro. Teria sido perfeito se tivesse Marcela ao seu lado naquele momento.

A volta para o Brasil durou pouco tempo: Passou o aniversário de Marcela ao seu lado. Diferente dos outros dois aniversários, passaram junto com os amigos e os familiares. Havia trazido seus pais de Goiás e os pais da morena. Contratou o buffet que Nanda sempre utilizava os serviços para um jantar sofisticado.

— Ficou tudo perfeito amor – falou Marcela ao pegar sua mão e depositar um beijo.

— Fico feliz que tenha gostado – respondeu Angélica com um sorriso. –

Vamos ao seu presente.

— Hum... Adoro presentes!

— Já venho – respondeu ao sair da mesa e ir para o corredor.

— O que ela aprontou dessa vez, Nanda? – perguntou Marcela assim que a namorada sumiu do seu ponto de vista.

— Não faço ideia. Não me falou nada. Você sabe Cá?

— Não, mas tenho uma suspeita – falou com tom de mistério.

— O que é?

— É ruim de eu falar, Marcela! Não mesmo!

Marcela revirou os olhos e logo escutou o salto de Angélica retornando para a sala. A namorada parou ao seu lado com a enorme caixa na mão.

— Primeiro, feliz aniversário, meu amor – falou depositando um beijo nos seus lábios. – Espero que goste.

— Que grande! Obrigada linda – falou ao pegar a caixa. Kathy e Cássia ajudaram a tirar algumas louças da mesa para que pudesse colocar a caixa. – Como consegue esconder essas coisas sem que eu veja?

— Eu trouxe ontem à noite enquanto estava dormindo. Kathy quem me deu uma ajudinha.

— Ah loira safada! Me escondendo as coisas! – riu Marcela ao rasgar o embrulho.

— Como eu não sabia disso? – perguntou Nanda com curiosidade.

— Porque eu não sei do que se trata – respondeu Kathy rindo. – Eu só indiquei alguns profissionais. Você me enganou Angel!

— Me desculpa – falou com uma cara sapeca.

— Ok, vamos descobrir o que é isso – falou Marcela se levantando para tirar a tampa da caixa.

Assim que tirou a tampa que cobria a caixa, descobriu uma maquete. Olhou com curiosidade para Angélica, antes de voltar os olhos para a peça a frente. Lúcia se aproximou para ver o presente da morena e, da mesma forma que a filha, ficou olhando confusa.

— Ok, é uma maquete de um apartamento... Esse apartamento – falou Marcela olhando para a disposição dos cômodos. Deu um riso ao perceber os detalhes. – Um cachorro aqui na sala, um gato deitado na cozinha, essa sou eu aqui no quarto. Que bonitinha! Tem até o fixador na perna! Meu Deus, amor! De onde tira essas ideias?!

— Tem mais detalhes – falou dando um beijo no seu ombro.

— A aliança! Que bonitinha! Só que está dourada e na mão errada – falou

desviando os olhos para o closet. – Você aqui, linda até em biscuit. A sua aliança aqui também está dourada e na mão esquerda. – falou com uma cara desconfiada ao começar a entender o significado do presente. – Meu escritório virou um quarto de criança... Amor... – falou se virando para encarar a morena.

— Tem mais um detalhe.

Marcela se virou novamente para a maquete com os olhos já marejados. A mesa de jantar era, na verdade, uma caixinha em couro preto. Abriu para encontrar as duas alianças de ouro.

— Angel... – murmurou Marcela sem conseguir segurar uma lágrima de emoção. Se virou para a namorada posicionada atrás do seu corpo.

— Quer casar comigo?

A resposta de Marcela foi abraça-la forte e depois um beijo apaixonado seguido de um sussurrado sim contra seus lábios.

— Pra quem não escutou, ela disse sim – falou com um sorriso para os presentes, antes de voltar a beijar Marcela.

Angélica pegou a aliança dentro da caixinha e fez a troca no dedo direito da noiva. Marcela secou o rosto sem muito sucesso e fez o mesmo na sua mão. Sob os aplausos dos presentes, trocaram mais um beijo. Havia esperado por aquela mulher, não por dois anos e alguns meses, havia esperado por ela toda a sua vida.

Os garçons logo apareceram com champanhe para um brinde. A mãe foi a primeira a ficar ao lado das duas, dando um abraço apertado em ambas.

— Sua casa não é mais em Goiás, minha filha. Você está em casa aqui – falou Amália segurando a mão das duas. – Cuidem uma da outra. Vocês merecem toda a felicidade do mundo.

— Obrigada mãe – falou Angélica abraçando-a novamente. – Eu disse que ia voltar um dia, mas eu não vou mais. Você está coberta de razão. Minha casa é aqui.

— Eu sei. Que Deus abençoe grandemente as duas. Cuida bem da minha filha, Marcela.

— Eu sempre farei o meu melhor pra ela. Sempre.

Angélica sorriu para a noiva antes de receber um abraço apertado do pai de Marcela. Sem dúvida, havia encontrado o lugar onde realmente pertencia: junto a mulher que amava com todas as suas forças e, que tinha plena consciência, era correspondida na mesma proporção.

Os dias escoaram na lacuna no tempo. Passaram o ano novo em Paris e

Marcela voltou para o Brasil sozinha, pois Angélica tinha uma agenda de compromissos para cumprir na Europa e na Ásia, e ela tinha consultas e a fisioterapia para realizar no Brasil.

Como a viagem de Angélica era mais longa daquela vez, colocou em ação o plano que tinha engendrado desde Agosto do ano anterior: com a ajuda dos amigos, foi para Goiás sem que Angélica soubesse para cuidar da reforma da casa dos pais da noiva. Assim que saiu do desembarque em Rio Verde, já encontrou a tia esperando-a no saguão do aeroporto.

— Oi Marcela – cumprimentou Laura ao abraça-la. – Que bom ter você por aqui!

— Obrigada, tia!

— Você sabe que Angélica vai lhe matar quando descobrir que viajou pra cá, não é?

— Ela vai ficar um mês viajando. Dá tempo de fazer tudo o que é preciso na reforma do seu Vitório. Quando ela descobrir, será tarde demais – riu.

— Temos uma pequena viagem ainda de duas horas até a cidade.

Marcela concordou com um aceno de cabeça e saiu do aeroporto junto com a tia. Durante a viagem foram conversando sobre o acidente que tinha sofrido, sua recuperação, o noivado surpresa durante seu aniversário. Assim que chegaram na cidade, almoçou com os tios, antes que ela a levasse até a casa dos sogros.

— Minha nossa senhora! O que você tá fazendo aqui, menina?! – perguntou Amália assustada ao vê-la parada na porta.

— Surpresa – respondeu Marcela com um sorriso para abraça-la em seguida. – Estou aqui a trabalho, e sei que será um grande trabalho mesmo.

— Oxi, tá construindo alguma coisa por aqui?

— Só se a senhora me permitir. Seu Vitório, onde está?

— Tá fazendo um bico hoje.

— Angel já não pediu para ele parar de trabalhar? – perguntou entrando na pequena sala.

— Ali não para, não, dona Marcela. É até bom, é a distração da cabeça dele. Só ficar em casa parado não vai ajudar em muita coisa, só vai me atrapalhar.

— Está certo. Bom, eu preciso me adiantar porque tenho um prazo curto. Tenho que voltar para São Paulo antes que Angélica volte de viagem...

— Ela tá em uma viagem longa, né, menina. Me disse essa manhã que vai para a Austrália também.

— Ela me disse ontem. Os livros começaram a serem vendidos lá também tem um mês.

— Quem diria minha filha... Do outro lado do mundo.

— Angélica Soares é sucesso. O rei negro abriu as portas para o mercado americano, Anjos caídos se tornou um best seller. O próximo é Onde mora a felicidade e depois tem outro que ela está trabalhando ainda. Por enquanto ela deu o nome de Sombras do amanhã, mas acho que a editora vai pedir a troca. Vamos ver.

— Que sorte ela teve, ne?

— Ela é competente, dona Amália. Tem uma criatividade excepcional, sabe escrever muito bem. Não poderia ser de outra forma. Ela nasceu com esse dom.

— Verdade. Mas o que você veio construir aqui, menina?

— Sua casa.

— O que?

— Quero reformar sua casa.

— Menina Marcela, é claro que não...

— Seguinte, eu já conheço toda a negação que vocês fazem quando o assunto é fazer algo para beneficia-los. Eu já tenho a empresa contratada e o material comprado. Já investi o dinheiro e preciso que vocês decidam se querem ficar em um hotel durante a construção ou se preferem que eu alugue uma casa por um mês.

— Marcela...

— Amanhã os pedreiros já vão vim pra cá. Vou estudar o terreno agora a tarde, vou fazer a planta a noite e se estiverem de acordo com o desenho, já iniciamos.

— Mas...

— Sem discussão dessa vez.

— Eu vou chamar Vitório. Você é doida, menina!

Marcela deu um riso e ficou olhando a mulher pegar o telefone e discar para o telefone do marido. Enquanto aguardava sua chegada, deu uma caminhada ao redor da casa analisando o terreno. Era uma área seca, um terreno firme sem indícios de brejo ou marcas de alagamento. Analisou as casas ao lado e terreno ao redor: a inclinação fazia uma drenagem natural. Não tinha nenhum obstáculo que pedisse uma maior demanda de fundação.

— Menina Marcela! – falou Vitório ao vê-la. – O que você está fazendo aqui? Que história é essa de construir aqui?

— Oi seu Vitório. Então, como disse a dona Amália, já está tudo certo. Só preciso saber se vão ficar em um hotel ou em uma casa alugada. Temos quer ver hoje se for a casa, amanhã enquanto o pessoal começa a mexer aqui, já tiram o que quiserem de dentro.

— Mas menina... Isso é caro demais, pelo amor de Deus! Não tenho como pagar isso.

— Já está pago, seu Vitório. Angélica e eu já havíamos conversado sobre isso antes do meu acidente. Como ela está viajando, tenho um mês para fazer isso, ou seja, temos um tempo curtíssimo!

Vitório ainda contestou a decisão de Marcela, mas não havia meios de demove-la. Depois de duas horas de conversa, ficou acertado que iriam alugar uma casa. Laura passou a indicação de uma amiga que tinha três cômodos para alugar e Marcela foi com ela e Amália até a casa. Depois de tudo acertado, ficaram de fazer a mudança pela manhã.

Marcela voltou para a casa da tia e se colocou a fazer o projeto para a casa dos pais de Angélica. Havia conversado com a noiva algumas vezes durante o dia e principalmente no início da noite e ficou aliviada ao saber que os pais não tinham contado nada para ela. Falaria no dia seguinte: não ia esconder por muito tempo.

No dia seguinte foi para a casa dos sogros de manhã. Os irmãos de Angélica estavam animados com a construção, Amália extremamente agitada e Vitório completamente perdido. Mais ainda, quando apresentou o projeto e explicou exatamente o que seria feito. Praticamente entrou em desespero quando a máquina parou na frente da casa.

— Você vai derrubar tudo menina? – perguntou assustado.

— A maior parte não dá para aproveitar. Esse cômodo dá pra manter, mas o restante ainda é de tijolos, não suporta a fundação, colunas. Quando começar a bater no solo, elas irão cair sozinhas.

— Eu confio que vai me devolver minha casa, menina – falou Amália esperançosa. – Eu espero isso.

— Vou sim, dona Amália. Não se preocupe. Já construí prédios com mais de dez andares. Um sobrado é mais fácil.

— Tá certo. Chamei o pessoal pra ajudar na mudança. Daqui a pouco o caminhão chega.

— Ok. Vamos começar a nivelar o quintal. Não vamos perder tempo.

Marcela saiu para falar com o mestre de obras da empresa contratada. Já havia conversado com eles sobre aquela obra desde o ano anterior e por conta

do acidente tinham cancelado a data, porém a empresa havia ficado a disposição para quando pudesse retomar o projeto. Explicou tudo o que tinham que fazer aquele dia e, depois de alguns minutos, um grupo de dez homens que compunham a equipe, começou a trabalhar. Ao meio dia a casa já estava vazia e já cortado a água e a luz, começaram a demolir a antiga residência.

A notícia da construção se alastrou pela cidade como rastilho de pólvora. Logo todos estavam sabendo que Angélica e a mulher estavam construindo uma nova casa para os pais. Todos já sabiam da carreira que a morena estava fazendo fora do país e aquela construção era a confirmação de que ela tinha se dado muito bem na vida.

Marcela estava observando o trabalho da máquina quando sentiu o celular vibrar no bolso. Pegou o aparelho e olhou a tela, reconhecendo o número de Angélica. Deu um suspiro profundo antes de atender.

— Oi amor!

— Oi minha linda! Eu liguei em casa, mas só chama. Você e Lena saíram?

— Eu dei folga pra Lena por vinte e oito dias – respondeu se afastando da casa. – Eu estou viajando.

— Como assim, Mah? – perguntou Angélica surpresa. – Você foi para a casa dos seus pais?

— Não – respondeu respirando fundo. – Estou na casa dos seus pais.

— Oi Marcela? Você está em Goiás?

— É.

— Como assim, Marcela? E a fisioterapia, as consultas?! Meu Deus, Marcela! O que você está fazendo aí?

— Vim fazer a reforma que havíamos conversado.

— Meu amor! Você não disse que ia fazer isso a distância?!

— Sim, vamos por partes. Eu conversei com o médico e o fisioterapeuta. Eles me disseram que não tinha problema viajar desde que continue a fazer os exercícios e as caminhadas. Depois retomo na clínica. Minha próxima consulta é daqui quinze dias, já estou com a passagem comprada para ir passar com o médico e depois já volto. E não tinha como fazer a distância. A antiga casa dos seus pais teve que ser demolida por inteiro. Não tinha condições de construir em cima daquelas bases. Começamos a demolição agora.

— Começamos? Marcela, mesmo que você já consiga andar normalmente

com o fixador, você não pode entrar em uma construção! Tem tanta coisa que pode enroscar na sua perna...

— Amor, calma. Eu estou tomando cuidado. Relaxa, ok?

— Me promete, Marcela? Se sentir qualquer coisa você vai no hospital? Márcia que é a médica aí da cidade. Qualquer coisa passa com ela.

— Do seu passado?

— É. A própria.

— Não vai acontecer nada, amor. Relaxa, tá bom?

— Tudo bem, também não posso te dar uns puxões de orelha por telefone. Vou conversar com a minha mãe e sua tia para ficarem atentas pra te segurar quando ficar andando demais.

— Lembre-se de que o médico falou que quanto mais eu me movimentar é melhor. Não atrofia os músculos.

— Eu sei. Bom, toma cuidado, por favor.

— Eu vou tomar amor. Como está a viagem?

Marcela ficou alguns minutos conversando com Angélica antes de se despedirem. Olhou para a casa que terminava de ser demolida e o caminhão que se aproximava para recolher o entulho. Ajeitou os óculos escuros no rosto e voltou para a frente da casa.

Os dias seguintes foram repletos de trabalho. Acompanhou de perto a construção, fazendo a supervisão de cada passo da obra. Tinha ficado receosa de que a empresa não desse conta do prazo que havia estipulado, mas estavam fazendo um excelente trabalho. Outro receio que também tinha tido era de encontrar com a ex babaca, mas tinha tido sorte até então: não topara com Andréia em nenhum momento. Voltou para São Paulo para a consulta e na volta a cidade, a nova casa já estava parcialmente levantada. Havia colocado laje oito dias antes e já podiam tirar as escoras de canto para começar o reboco. Foi com Amália e Vitório escolher os pisos, janelas, e portas, mas descobriu no primeiro momento que não era uma boa ideia. Os sogros de imediato foram nos mais baratos e de material inferior. Voltaram para casa sem comprar nada e no dia seguinte voltou sozinha na loja para fazer as compras. Quando o relógio marcou duas horas da tarde, já estava de volta ao mercado da tia. Iria almoçar primeiro antes de voltar para a obra.

— Já estão bem adiantados então? – perguntou Laura para a sobrinha sentada em uma cadeira dentro do balcão de atendimento.

— Está dentro do prazo. Já estamos fazendo o quintal, a edícula. Na próxima semana o paisagista vai vim fazer o orçamento do jardim.

— Vai ficar uma casa linda.

— Vai sim. A Angel já se empolgou e comprou todos os móveis novos.

— Onde ela está agora?

— Coréia do Sul.

— Uau! Coréia do Sul?

— É. Já conheceu mais países que eu. Dias atrás estavam na China.

— Mas tem mercado lá?

— Segundo a Savannah tem. Eles consomem muitos produtos americanos. Algo que está em alta nos Estados Unidos, logo fica em alta lá.

— Entendi – respondeu Laura se virando para atender uma funcionária. – O que foi Cristina?

— O caixa cinco está com o mesmo problema. Você disse que queria ver quando se repetisse.

— Claro. Só um minuto Marcela.

A morena apenas assentiu com a cabeça e pegou o celular para mandar uma mensagem para Angélica, mas desistiu ao consultar o fuso horário. Lá ainda era duas e meia da manhã e, com toda a certeza, a noiva ainda estava dormindo.

— Boa tarde – falou uma voz feminina. Levantou os olhos para sentir o corpo todo gelar em seguida. – Você está trabalhando aqui?

— Andreia... – falou devagar encarando a ex de Angélica. Deu um meio sorriso incrédulo ao observar a morena tão de perto. – Pena que estou completamente impossibilitada de te dar a voadora.

— Não entendi – respondeu Andreia confusa. – A gente já se viu antes?

— Eu te vi em Barretos ano passado. Torci tanto pro touro, mas não tive sucesso – falou Marcela com um sorriso.

— Você é...

— A sobrinha da Laura, Marcela.

— Namorada da Angélica – afirmou séria.

— Noiva – corrigiu Marcela.

Andreia observou a mulher à sua frente, toda tatuada, cabelos na moda, roupas caras. Era bonita.

— Como Angélica está? – perguntou somente.

— Bem.

— Mande lembranças minhas pra ela.

— Não mesmo.

— Eu sei o que você deve pensar de mim...

— Que você não teve o mínimo de responsabilidade com os sentimentos dela? – cortou Marcela. – Que você foi uma grande filha da puta traindo ela daquele jeito? É, eu penso isso. Estou errada?

— Não. Eu errei mesmo. Errei muito feio.

— Mas você sabe que foi bom? Foi horrível encontra-la do jeito que a encontrei, emocionalmente destruída, sem um pinga de autoconfiança, se achando a mulher mais sem atrativos do mundo, mas se não fosse pela sua grande estupidez de trocar uma mulher tão linda como ela por outra, eu não teria tido a chance de conhece-la. Ela também não teria tido todas as oportunidades que tem agora. Foi um longo trabalho para fazer ela voltar a acreditar em si mesma, mas ela voltou. Mais do que isso, ela conheceu o potencial que tem, porque até então, acredito, ela não demonstrava isso.

— Eu vi as fotos dela na internet. Se tornou uma escritora de sucesso.

— Está linda, não está? Uma mulher brilhante!

— Tá sim – concordou Andreia. – Eu não quis causar tanta dor a ela. Na verdade, eu não pensei direito. Eu podia ter feito diferente.

— Podia. Perdeu uma grande oportunidade de ser honesta, mas como disse, se não fosse sua babaquice, eu não teria tido chance de conhece-la, ela não teria a oportunidade de estar na Coreia do Sul hoje fazendo divulgação dos livros dela.

— Eu desejo sorte para ela. Que consiga alcançar tudo o que não pude dar – falou Andreia vendo Márcia se aproximar. – Terminou de pegar as coisas, Galega?

— Já. Tem como fazer o pedido das bebidas? – perguntou Márcia olhando para Marcela.

— Eu não trabalho aqui. Aguardem que minha tia logo volta.

Marcela se afastou respirando fundo para conter todos os palavrões que ainda estavam presos na ponta da língua, mas não faria aquilo. Angélica certamente não iria gostar daquele tipo de atitude. Iria se concentrar nas coisas boas que estavam acontecendo e que tinha a grande sorte de compartilhar com Angélica.

Capítulo 37

Marcela olhou para o quadro de informações no aeroporto com um sorriso instalado no rosto. O avião vindo da Espanha já estava no solo. Foi para a frente do portão de desembarque e esperou pacientemente por vinte e cinco minutos até que Angélica aparecesse empurrando o carrinho com as duas malas de viagem. Assim que a viu, a noiva abriu um imenso sorriso indo em sua direção.

— Oi amor – falou ao abraça-la apertado, beijando-a demoradamente. – Nossa! Que saudade!

— Oi amor – respondeu Marcela se afastando para entregar o buquê de rosas. – Pra você.

— Que lindas, amor! Obrigada! Oi Kathy – cumprimentou a amiga. – E essa mulher te deu muito trabalho?

— Não muito. Ficou a maior parte do tempo da sua viagem em Goiás.

— Ainda vamos conversar sobre isso. Você esperou eu viajar para ir aprontar! Depois acertamos isso.

— Valeu a pena. A casa dos seus pais está ficando linda – falou Marcela ao empurrar o carrinho para o estacionamento. – No começo dessa semana já subiram as colunas do segundo andar e algumas paredes. Até o final da semana já vamos colocar a laje.

— Minha mãe deve estar em pânico, não? Ter que sair da casa dela, imagino como está agoniada.

— Um pouco. Não vou mentir – concordou Marcela. – Mas depois que ela viu a parte de baixo e o quintal já pronto, ficou mais tranquila.

— Não vejo a hora de ficar tudo pronto. Vou pra lá ajudar ela com a mudança, comprar coisas novas para a casa dela. Quero que seja do jeito que ela sempre sonhou.

— Você vai pra lá? – perguntou Marcela com um meio sorriso.

— Por que não? É um momento especial para minha mãe, minha família. Quero fazer parte disso.

- Está certa – concordou Marcela.
- Você vai comigo, não vai?
- É claro, amor. Faremos isso juntas.

Angélica assentiu com um sorriso e, depois de alguns minutos, já estavam acomodadas no carro de Kathy. Durante a curta viagem até o apartamento, foi narrando sobre o tempo que havia ficado fora, quase quarenta dias viajando para a divulgação dos livros. Savannah, sua assistente e Angélica haviam trabalhado em ritmo acelerado para darem conta da agenda de compromissos que a agente havia feito. Nos diversos países percorridos, tiveram um bom público em livrarias e eventos literários. Havia voltado com uma bagagem de conhecimento indiscutivelmente maior e mais ampla. Tinha conhecido culturas diferentes, pessoas de diferentes etnias que haviam somado de forma irrefutável na sua visão de mundo.

Assim que desceram na frente do prédio, se despediram de Kathy e subiram para o apartamento. Para Angélica, era um alívio estar em casa novamente.

— Bom dia, Lena – cumprimentou a funcionária. – Como vão as coisas por aqui? Marcela lhe deu muito trabalho?

— Bom dia, Angel! Bem-vinda de volta! Se comportou sim. Bom, pelo menos nos dias que fiquei aqui. Tive umas férias não programada.

— Devia imaginar que ela ia aprontar alguma coisa – riu Angélica. – Pode ir pra casa hoje. Eu assumo daqui.

— Já? Não quer que eu prepare algo?

— Não. Está tudo certo. Obrigada.

A mulher assentiu com a cabeça e saiu para o lavabo. Se virou para enxergar Marcela encostada na mesa com um sorrisinho nos lábios.

— Por que dispensou ela agora?

— Porque eu fiquei muito tempo fora para controlar meus gemidos.

— Adoro – respondeu Marcela abraçando-a para descer as mãos pelo seu corpo. – Estou com muitas saudades de ouvir você gemendo alto no meu ouvido.

— É? – sussurrou Angélica ao dar uma mordida no seu lábio inferior. – Vamos ver como está a sua performance com a cinta.

— Uau! Vai indo para o quarto. Já te encontro.

Angélica concordou e depositou outro beijo nos lábios da noiva antes de se afastar pelo corredor. Marcela ainda ficou por alguns minutos na sala, aguardando a saída de Lena para depois ir encontrar a morena. Assim que

entrou no quarto, já enxergou a porta do banheiro aberta e o barulho do chuveiro. Entrou no pequeno cômodo para enxergar o corpo esguio de Angélica através do vidro embaçado pelo vapor do chuveiro. Tirou as roupas e logo se juntou a noiva, beijando-a demoradamente, acariciando seu corpo por inteiro. Angélica se virou contra o azulejo e logo sentiu o corpo de Marcela grudar no seu enquanto sua boca explorava seu pescoço e ombro. A exploração desceu por parte das costas e voltou para o pescoço. A mão que massageava seu seio desceu pela pele e se alojou no seu sexo em uma lenta masturbação. Deu um passo para trás e inclinou o bumbum para Marcela. Gemeu alto ao sentir dedos penetrando-a. Com o outro braço, a noiva enlaçou sua cintura e, acompanhando ao ritmo das estocadas no sexo, se entregou ao primeiro gozo.

Marcela e Angélica passaram o dia na cama. Saíram apenas para comer e voltaram para o reduto particular que haviam criado. Conversaram durante um bom tempo, se amaram, dormiram aconchegadas nos braços uma da outra provando que, independente das distâncias que Angélica percorresse, sempre encontraria seu abrigo nos braços da mulher que amava.

Um mês depois do retorno de Angélica, a casa dos seus pais ficou pronta. Fez a liberação de entrega dos móveis e eletrodomésticos que havia comprado e a empresa que colocaria os móveis planejados começou a trabalhar na residência. Foi com Marcela para a cidade onde havia passado toda a sua vida, animada: já faziam quase três anos desde que havia saído dali, era bom voltar para sua terra querida, mesmo que agora fosse apenas a passeio.

Angélica desceu na frente da casa dos pais olhando, admirada, o trabalho que Marcela havia feito. O sobrado de dois andares se destacava no lugar onde sempre tivera a casa simples onde crescera. Logo a mãe apareceu enchendo-a de abraços e beijos, extremamente animada com a casa nova. O pai também não ficava atrás, mas ao contrário da mãe, estava perdido com os trabalhos que ainda estavam sendo feitos na finalização.

— Eu não vejo a hora de terminar tudo isso. Todo dia tem alguém diferente batendo em alguma coisa aqui – resmungou em um canto.

— Calma, pai! Só mais uns dois dias e acaba tudo.

— Verdade, seu Vitório. O pior já passou.

— Eu queria ter visto a cara que o senhor fez quando a máquina parou na frente da casa – riu Angélica.

— Quase teve um treco, Ge!

— Imagino. Além de vim ajudar a mãe a terminar de arrumar as coisas aqui, vim também por outro motivo: Vou levar os meninos para São Paulo por alguns dias.

— Por que, filha?

— Tirar o passaporte e o visto. Em julho vamos passar alguns dias na Disney.

— A gente vai viajar pra fora? – perguntou Felipe sem acreditar.

— Vamos. Quero levar a mãe e o pai também.

— A gente vai ver neve?

— Não, Teu! Lá será verão no período que iremos, mas podemos ir em outra ocasião. Podemos ir para o Canadá.

— Nossa Ge! Você vai ser a melhor irmã do mundo!

— Eu sou a melhor irmã do mundo! – respondeu a morena rindo.

— Pode levar os meninos, filha, mas a gente não vai, não. Não entro em um avião nem que me pague.

— Nem eu – se manifestou Vitório de um canto.

Angélica balançou a cabeça em sentido negativo enquanto ria descontraída com a família. Daria trabalho convencer os pais de entrar em um avião.

Durante os cinco dias seguintes, Angélica ajudou a mãe a arrumar tudo na nova casa. Teve algum trabalho para fazer ela se desapegar de alguns itens velhos, mas, por fim, convenceu-a de manter somente as coisas que havia comprado recente. Enquanto esteve na cidade, a mente vagou por tudo o que tinha vivido ali, por toda a vida que tinha tido naquelas terras. Por mais que tivesse boas lembranças, sabia que não fazia mais parte daquele lugar. Não queria e não havia mais espaço para ela ali. Havia expandido seus horizontes para além do continente, não cabia mais naquela cidade de doze mil habitantes.

Um dia antes de voltarem para São Paulo, foi com a mãe fazer compras no mercado de Laura para manter a despesa abastecida por algum tempo. Estava escolhendo massas quando uma garota de aproximadamente dezoito anos se aproximou.

— Angélica Soares? – perguntou tentando esconder sua empolgação.

— Oi – respondeu Angélica se virando para a garota. Não se recordava de conhece-la.

— Oi! Nossa, é você mesmo! Meu nome é Alessandra – falou com um sorriso imenso. – Eu tenho seus dois livros. Não vejo a hora de sair o novo! A

gente pode tirar uma foto?

— Claro – respondeu com um sentimento totalmente inédito. Era a primeira vez que alguém a abordava fora de algum evento literário e não sabia ao certo como devia agir.

Se posicionou ao lado da garota e sorriu para a câmera do celular. Alessandra logo pegou um caderno e pediu que autografasse ali mesmo, já que não estava com os livros. Angélica assinou o caderno e ainda ficou algum tempo conversando com a garota antes que ela se afastasse feliz. Não podia ter tido melhor confirmação do seu trabalho: ser reconhecida na cidade onde havia nascido e crescido foi um dos pontos mais altos daquele ano.

Angélica se despediu dos pais e entrou no carro junto com os irmãos e Marcela. Enquanto o motorista ia guiando a caminho da rodovia, deixando sua cidade para trás, a mente se concentrou no futuro que se desenhava a frente. Havia muita coisa que ainda queria fazer. Estava apenas começando.

Os irmãos ficaram em São Paulo durante vinte dias. Depois de feita a documentação, voltaram para casa e Angélica foi para Nova Iorque com Marcela acertar os últimos detalhes de *Where's happiness?*, que estava previsto para lançamento em Agosto. Na volta, Marcela tirou o fixador, e cobriu toda a perna esquerda com uma tatuagem. O desenho escolhido foi um anjo em uma montanha, uma homenagem a Angélica e Angels Fall.

— Quero conversar uma coisa com você – falou Marcela acariciando o corpo da noiva repousado sobre o seu.

— O que foi linda?

— Você tem uma ocupação até o dia treze de Junho.

— Hum, o que tem dia treze de junho? – perguntou Angélica ao dar um beijo no seu queixo.

— Nosso casamento – respondeu Marcela encarando seus olhos. – Preciso que me ajude a organiza-lo.

— Nosso... Nosso casamento?

— Você me pediu em casamento. Espero que não tenha voltado atrás – falou Marcela com uma piscadinha.

— Claro que não voltei atrás! Jamais voltaria atrás, mas... Tem algum motivo especial para ser no dia treze de Junho?

— Eu queria fazer em Maio, no dia que chegou aqui, mas não vai dar tempo de preparar as coisas. Prefere outra data?

— Não. Está perfeito. Dia treze de Junho me tornarei a senhora Soares Brandão – riu Angélica se ajeitando sobre Marcela para fitar seu rosto.

– Uau! Nossa... Nosso casamento...

— É. Nosso casamento. Você conseguiu me levar para o altar, goiana.

— E você conseguiu fazer eu te amar. Obrigada por toda a paciência que teve comigo, por tudo o que fez para chegarmos nesse momento. Eu te amo.

— Também te amo – respondeu Marcela beijando-a demoradamente.

– Temos que acertar algumas coisas...

— Tem que acertar muita coisa – respondeu Angélica se sentando na cama. – Temos que ver onde o casamento vai acontecer, se será de dia ou noite. Praia, campo, ou na cidade. Tem o buffet, lista de convidados, os convites. Não vai fazer despedida de solteira, viu?! Minhas damas! Não abro mão da Cássia e da Nanda. Acho que duas está bom, não é? A decoração... Quero flores azuis. Meu vestido! Ainn meu vestido será lindo! Claro que tem que ver o clima do dia...

Marcela olhou para Angélica com um sorriso permanente no rosto enquanto ela continuava falando excitada sobre os detalhes do casamento. Com toda a certeza ela seria uma noiva neurótica com o grande dia.

De fato, Angélica se tornou uma noiva tensa e ansiosa para que tudo saísse em perfeita ordem. Decidiram que fariam a cerimônia em uma chácara, perto da capital Paulistana. Cássia e Nanda foram suas fiéis escudeiras, ajudando-a em tudo para não sobrecarrega-la. Para somar a ansiedade com o grande dia da sua vida, um artista nacional anunciou seu livro em rede nacional em horário nobre. Os convites para entrevistas no Brasil começaram a aparecer ao mesmo tempo que Angels Fall caia na graça do público brasileiro. Savannah, atenta a movimentação do mercado, aproveitou o gancho e trabalhou todo o destaque que Angélica já tinha no cenário americano e divulgou massivamente ambos os livros.

— Eu não consigo, Marcela – falou entre lágrimas enquanto andava de um lado para o outro dentro do apartamento. – Eu tenho que ir ver as flores da decoração amanhã, mas eu tenho que ir pro Rio para participar do programa! As flores vão murchar todas! Eu cresci vendo essa mulher na televisão e agora ela vai me entrevistar!

— Amor, respira! Respira fundo! Você está muito tensa! – falou Marcela parando-a no meio da sala. – Nós vamos para o Rio amanhã e, depois, vamos ver as flores. Elas continuarão com o produtor, não irão murchar.

— Falta vinte dias, Marcela! Não dá tempo de fazer tudo o que ainda

falta! Tenho que fazer a última prova do meu vestido na sexta, você tem que ver a sua roupa. O alfaiate não falou que ia ficar pronta até quinta? Minha agenda está uma loucura! No sábado tenho que ir para Fortaleza. Tem a participação na rádio hoje à tarde e eu nem sei qual é o cardápio do casamento! Eu tenho que fazer as cartas de agradecimento dos presentes que estão chegando. Minhas redes sociais estão às moscas! Sabia que ontem saiu uma notícia em um site falando do nosso casamento?! Por que estão fazendo isso? E ainda por cima tem a fotografia e a filmagem...

Marcela suprimiu a vontade de rir e apenas abraçou Angélica apertado, beijando-a demoradamente.

— Você me mostrou a matéria. Você é uma pessoa pública agora. Uma escritora nacional, autora de um best seller, lésbica e está aparecendo na mídia. Você é notícia. Quanto ao cardápio do casamento, já escolhemos duas semanas atrás. Não dá tempo de mudar mais nada. Além do mais ele está perfeito! Andréia está trabalhando nas suas redes sociais, não está às moscas.

— Vai dar tudo certo, não vai?

— Vai sim. Eu estou aqui para te ajudar para que tudo dê certo.

— Ok – respondeu Angélica respirando fundo. – Eu vou me arrumar. Tenho que chegar na rádio às duas da tarde. Não esquece da sua fisioterapia.

Marcela ficou olhando Angélica se afastar pelo corredor com um sorriso no rosto. A noiva surtaria até o dia do casamento. Tinha certeza.

No dia anterior ao casório, os pais e os irmãos chegaram de Goiás. Não conseguiu dormir durante a noite e, no dia seguinte, Cássia e Nanda passaram no apartamento às sete e meia da manhã para levar Angélica e a mãe ao salão onde se arrumariam.

— Te encontro no altar – falou Marcela dando um beijo demorado em seus lábios. – Até lá meu amor.

— Nos vemos no altar – concordou Angélica abraçando-a apertado.

Marcela se virou para Kathy assim que as mulheres saíram do apartamento. Suspirou fundo antes de abrir um sorriso.

— É hoje!

— É tão surreal isso – falou a amiga com sinceridade. – Que seu casamento é hoje. Quem diria que a maior piranha dessa cidade ia aposentar as chuteiras?!

— Vai se fuder, Kathy – exclamou Marcela se jogando no sofá. – Andréia demora para chegar?

— Mandeí mensagem e me disse que já estava a caminho.

— Ok. Assim que ela chegar, vamos sair. Quero acompanhar a arrumação da chácara. Se alguma flor sair do lugar a Angel surta.

— Ela já está surtada desde o dia que falou do casamento.

— Nem me fala! E ainda casou de ser reconhecida no Brasil às vésperas do casamento, Savannah não deu trégua.

— Imagino. Ainda bem que ela sobreviveu – riu Kathy.

— Tracy já chegou?

— Ontem à noite. Estão na casa, vão de lá para a chácara. Vai viajar amanhã?

— É. Passaremos a noite no Reinassance e amanhã à tarde embarcamos para Turcos e Caicos.

— Tracy lacrrou com essa lua de mel. Sensacional!

Marcela ainda ficou um tempo conversando com Kathy antes que Andreia chegasse e se juntasse a elas. O pai e os irmãos de Angélica também se juntaram na conversa e, depois de uma hora, saíram em direção à cidade próxima onde seria realizado o casamento.

Durante toda a manhã, Marcela se dedicou a cuidar de todos os detalhes para que Angélica tivesse o dia como havia planejado. Quando o relógio marcou uma hora da tarde, foi se arrumar em um dos quartos da chácara. Terminou de se vestir e se olhou no espelho com um sorriso nos lábios. Aquele dia era a confirmação de que a espera de três anos tinha valido a pena.

O carro parou na chácara e Angélica desceu ao lado da mãe, totalmente apreensiva com o momento único que estava prestes a viver. Caminhou com cuidado até encontrar o pai já a esperando próximo do caminho que a levaria até o altar. Assim que a música começou, arrumou o vestido justo com um decote tomara que caia. A cerimonialista ajeitou a cauda de voal que saia do arranjo no cabelo solto e deu um sorriso para o pai enquanto enlaçava seu braço. Assim que apareceu no caminho, de imediato viu Marcela esperando-a no pequeno altar. Sorriu para ela e começou a caminhar devagar enxergando todos os rostos queridos de familiares e amigos. Amigos da faculdade, Otavio e Isadora. Tracy com Charlotte, Savannah, Lena e o marido, os pais de Cássia. A cada passo a mente viajou em um ponto do passado, quando ainda era uma garotinha sonhando com o casamento, sua mãe lhe dizendo para arrumar um homem bom para se casar. O primeiro e único namorado que havia tido, a primeira garota que havia beijado no colégio. Andreia, sua primeira e única namorada antes de Marcela,

sua fuga de Goiás totalmente desacreditada no amor. A primeira vez que vira Marcela no aeroporto, sua timidez em falar com ela, a primeira demonstração de interesse genuíno que ela havia feito, seu cuidado desde o primeiro momento em que percebera sua dor, todas as lágrimas que ela havia secado. Cada passo em direção a ela, revia sua vida passar como um filme. A fé inabalável que ela tinha tido no seu potencial, toda a ajuda que recebera para chegar até ali. Cada pessoa presente ali tinham-na pego pelas mãos, mostrado o caminho, incentivado a segui-lo. Fez um esforço hercúleo para não chorar quando chegou perto das amigas. Kathy e Nanda, Cássia e Andreia. Elas não faziam ideia do tamanho do significado que tinham na sua vida. Parou na frente de Marcela com o coração palpitando dentro do peito.

— Estou te entregando minha filha, menina Marcela. Cuida bem dela.

— Por toda a minha vida, seu Vitório – respondeu a morena ao abraça-lo.

Angélica deu um abraço demorado no pai antes de se virar para Marcela. A morena depositou um beijo na sua testa, selando o que já havia sido escrito: Sua felicidade morava onde Marcela estivesse.

Os anos passaram como um piscar de olhos. Depois da lua de mel, se concentrou no lançamento de *Where's happiness?*, que foi abraçado pelo público e crítica. No ano seguinte, deu uma pausa nos compromissos para se concentrar na trilogia de *Shadows of Tomorrow*. Quando completou vinte e nove anos, fez o lançamento da trilogia consolidando-a como um nome da literatura contemporânea. No ano seguinte foi convidada a participar da Bookfair. A menina interiorana havia conquistado o mundo.

Sete anos depois.

Angélica seguiu pelo corredor do hospital até a porta indicada pela recepcionista, levemente apreensiva. Desde que havia ido embora da cidade, não tinha visto mais Márcia e reencontra-la depois de tanto tempo era um sentimento dúbio: ao mesmo tempo em que a loira não fazia mais a menor diferença na sua vida, ainda sentia a necessidade de vê-la uma última vez, afinal, se não fosse por ela, não teria percorrido uma trajetória de sucesso.

— Oi dona Márcia – falou Angélica com um sorriso ao fechar a porta. O uso do tratamento que lhe dispensava quando ainda trabalhava na fazenda

era apenas uma pequena graça.

Parou na frente da mesa analisando a loira, da mesma forma que ela o fazia. Marcia havia mudado bastante. Os longos cabelos loiros foram substituídos por um corte long bob médio e estavam em loiro mais escuro. Marcas de expressão mais acentuadas por conta dos anos passados e a ação do tempo em um clima tão seco como o da cidade, o corpo de quem havia gestado duas crianças.

— Angélica – falou Márcia com um sorriso se desenhando em seu rosto – quase não te reconheci.

— Estou um pouco mudada – assumiu dando a volta na mesa para dar um beijo no rosto da loira – não quero te atrapalhar com o seu trabalho. Seus filhos? – perguntou apontando para o porta retratos em cima da mesa.

— Sim. O Luan e o Marcos.

— São lindos. A cara da Andréia. Inseminação artificial? – perguntou se sentando a sua frente cruzando as pernas.

— Sim – respondeu a loira evidentemente confusa – eu confesso que estou surpresa por te ver. Soube que se tornou uma grande escritora radicalizada na América do norte e Europa. Inclusive um dos seus livros será adaptado para o cinema.

— Fui bem-sucedida sim e por mais irônico que isso pareça, eu tenho que te agradecer.

— Me agradecer?

— Se você não tivesse aparecido, ainda estaria vivendo nessa cidade, vivendo o meu sonho de ser uma professora em uma escola primária.

— E com Andréia – completou Márcia desconfiada.

— Talvez sim, talvez não. Você me mostrou que eu amava sozinha naquela relação. Outra coisa que você também me proporcionou foi conhecer minha esposa. Ela me ama de verdade.

— Eu fico feliz que tenha encontrado alguém. Você é casada então?

— Há sete anos. Demorei um pouco para me recuperar. Transformei a dor em palavras e as palavras me abriram as portas para o mundo. Obrigada de verdade, sem você nada disso teria acontecido.

— Devo levar isso como uma ironia?

— Não estou sendo irônica, muito pelo contrário, estou sendo sincera. Quem seria Angélica Soares hoje se não tivesse passado por tudo o que passei? A vida as vezes toma caminhos muito estranhos para nos mostrar que aquilo que ela nos prepara é bem maior que nossas pequenas ambições. Eu

espero de coração que você e a Andréia estejam tão felizes como eu estou. O passado ficou para trás.

— Estou realmente feliz em te ver tão bem. Eu sinto muito pelo que te fiz

passar.

— Não sinta. Eu não sinto mais. Como disse o passado ficou para trás. Como prova disso te trouxe um exemplar do terceiro livro que publiquei. Espero que aprecie a leitura. Não vou te atrapalhar mais. Até qualquer dia Márcia. Fique bem.

— Até.

Angélica saiu do consultório e sorriu para a enfermeira que a esperava com Sombras do amanhã na mão. Autografou o livro e tirou uma foto com a mulher antes de se afastar pelo corredor. Tinha sido bom revê-la. Era uma porta fechada na sua vida.

Na saída do hospital avistou o carro com o motorista que a esperava. Caminhou para o veículo e abriu a porta, mas se deteve ao ver Andreia se aproximando do prédio ao lado de um dos filhos. Ficou encarando-a até que seus olhos se encontrassem. A morena ficou por um longo tempo a analisando antes de se aproximar.

— Olha mãe! É a mulher do seu livro! – exclamou o menino saindo do lado de Andreia para ir na sua direção. – Oi moça! Eu sou o Luan. Eu já vi foto sua.

— Oi pequeno! Meu nome é Angélica – respondeu se abaixando para fita-lo de frente. – Você é muito bonito.

— Obrigado. A mãe disse que é uma grande mulher. É grande mesmo!

— É – riu Angélica. – Sou grande. Se obedecer suas mães será tão grande como eu.

— Tá bom.

— Oi Angélica – cumprimentou Andreia depois de se aproximar. – Me espera na recepção, Luan.

— Tá bom, mãe. Tchau moça!

— Tchau! – respondeu Angélica acenando na direção do menino que ia correndo para dentro do hospital. Voltou os olhos para Andreia analisando-a tão de perto. Pouca coisa havia mudado nela a não ser as expressões comum da idade. Não tinha mais vinte e nove anos. Pelas suas contas, já tinha feito quarenta anos.

— Visitando a cidade?

— Vim ver meus pais. Já tinha algum tempo desde que os tinha visto a última vez.

— Você mudou bastante.

— Não tenho mais vinte e quatro anos, não é? Mudanças são comuns.

— Você está linda. Mais ainda que nas fotos.

— E você anda vendo fotos minhas? – perguntou Angélica com um meio sorriso.

— Vi algumas.

— Ok. Bom, você não mudou muita coisa. O tempo foi generoso.

— Eu sinto muito por tudo...

— Não precisa completar. Não guardo mágoas e nem rancor. Se olharmos por outra perspectiva foi a melhor coisa que poderia ter feito por mim.

— Sua mulher me disse isso uma vez.

— Marcela? – perguntou Angélica franzindo o cenho.

— Já tem anos isso. Quando construíram a casa dos seus pais – respondeu Andreia com um meio sorriso. – Ela não estava enganada.

— Bem o estilo dela. Espero que não tenha se chateado. Apenas uma ferrenha defensora minha.

— Eu percebi.

— De qualquer forma, todos estão bem. Eu encontrei minha esposa, você continua com a Márcia. Não foi tão ruim no final das contas. Quanto ao passado, se carrega algum tipo de culpa, não faça isso. Aconteceu o que tinha para acontecer. Pense no efeito como se fosse um caos. Onde nós estaríamos hoje?

— Não sei. Talvez felizes?

— Tenho minhas dúvidas. Não existia final feliz para nós.

— Pode ser.

— Boa sorte Andreia.

Andreia assentiu com a cabeça e se adiantou para dar um beijo na testa de Angélica.

— Obrigada Anjo.

Angélica sorriu em resposta e entrou no veículo. Pediu para o motorista deixá-la na casa da tia da esposa. O pensamento se concentrou por alguns minutos em Andreia. O que havia nascido às margens do Araguaia, também havia sido finalizado ali. Sua vida era outra, outras pessoas, outro amor. Seu amor, Marcela.